

O MORDOMO



SUSPENSE

NO HOTEL CAVENGREEN,
ALGUÉM FEZ O *CHECK-OUT*.
PARA SEMPRE.

ABBY CORSON

ASA

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

O MORDOMO



1
2
3
4
5
6
7
8
9
10

NO HOTEL CAYENHOREN,
ALGUÉM FEZ O CHECK-OUT.
PARA SEMPRE.

ABBY CORSON

83

Capa

Ficha Técnica

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29

Capítulo 30

Capítulo 31

Capítulo 32

Capítulo 33

NOTAS E AGRADECIMENTOS

Abby Corson

O MORDOMO

Tradução
Salomé Castro

ASA

Ficha Técnica

Título: O Mordomo
Título original: The Concierge
Autor: Abby Corson
Edição: Carmen Serrano
Tradução: Salomé Castro
Revisão: Rui Miguel Rodrigues
ISBN: 9789892362403

Edições ASA II, S.A.
Uma editora do grupo Leya
Rua Cidade de Córdova, n.º 2
2610-038 Alfragide – Portugal
Tel. (+351) 21 427 22 00
Fax. (+351) 21 427 22 01

©2024, Abby Corson

Publicado originalmente em 2024 pela Ultimo Press, uma chancela de Hardie Grant Publishing.
Publicado por acordo com Ultimo Books em associação com a Bold Type Agency Pty Ltd, Australia.

© 2024, Edições ASA II, S.A.

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor.

Este livro segue o Novo Acordo Ortográfico de 1990.

www.leya.com

Para Philip

Capítulo



Uma batida. Duas batidas. Três batidas.

Lamento, mas tenho de bater três vezes na cabeça quando tenho um pensamento mau ou intrusivo. Desta vez, estava a pensar em como tudo teria sido pior se o meu pai ainda estivesse vivo.

Podes apagar esta parte da transcrição, Helen. Na verdade, deixa-a ficar. Acho que acrescenta autenticidade à narrativa.

Suponho que seria apropriado explicar que estou a falar para um gravador de voz e que a encantadora Helen vai passar a minha história a computador, para você a ler. Ela terá uma certa dose de liberdade criativa – solucionando os momentos em que eu não saiba bem o que dizer ou fique ligeiramente confuso –, mas eu pedi-lhe para preservar o máximo possível, para não se perder nenhuma das partes importantes. Este é o meu relato do homicídio no Hotel Cavengreen, é melhor deixar isso claro desde já.

Uma batida. Duas batidas. Três batidas.

Isto era eu a recordar o momento em que encontrei o corpo.

Nota para Helen: lembra-me de te lembrar de me perguntares, antes de publicar, se ainda quero que todas as batidas na minha cabeça constem do relato. Sei que já falámos antes sobre a importância da minha POC para a história, mas é melhor termos outra conversa sobre o assunto quando estiveres a passar isto a computador.

Deve estar a perguntar-se porque é que eu não consigo escrever o meu próprio livro e preciso da ajuda de Helen. Sou um homem de setenta e três

anos, sabe? E, antes que o diga, também conheço muitas pessoas de setenta anos que sabem usar computadores; só que eu não sou uma delas. Prefiro o clássico papel e caneta. Quando Helen e eu falámos pela primeira vez sobre escrever a minha história, ela olhou para a minha caligrafia e sugeriu que eu usasse o gravador de voz. Aparentemente, é mais fácil decifrar o meu sotaque do Yorkshire do que os meus gatafunhos. Mas não me sinto ofendido. Além das ocasionais linhas e círculos em mapas para assinalar passeios e bares locais aos hóspedes do hotel, não é frequente usar caneta e papel para outra coisa que não sejam os meus próprios lembretes. Comprar leite e coisas do género.

E quanto ao facto de bater na cabeça, é algo que sempre fiz. Uma forma de lidar com a situação depois de o meu pai ter começado a bater-me quando eu tinha oito anos. Normalmente não conto as batidas em voz alta. Mas fá-lo-ei para Helen, para que ela possa decidir se quer incluí-las no livro ou não. São sempre três batidas. Tudo é feito em séries de três. Acender e apagar os interruptores três vezes antes de sair de uma divisão. Três apertos no volante antes de arrancar com o carro. Três toques num copo antes do primeiro gole. Três voltas à maçaneta para encontrar a temperatura correta. (Isto só funciona nos meus lavatórios em casa, não nos novos e elegantes lavatórios automáticos do hotel). E quando encontrei o corpo, lembro-me de pestanejar três vezes antes de correr para pedir ajuda. A pausa enquanto o fiz foi uma das coisas que os fizeram suspeitar que tinha sido eu. Supostamente, era tempo suficiente para matar alguém. Falaremos disso mais adiante.

Bem, isto pode embaraçá-la um pouco, mas quero começar por agradecer a Helen por transformar as minhas divagações num livro. É uma boa rapariga, a Helen. Conheço-a há um batalhão de anos. Ela e a minha irmã mais nova andaram juntas na escola. Helen organizou o funeral quando ela morreu. Tudo, até as tulipas roxas e a pequena fotografia da minha querida Josie no livreto funerário.

Este livro foi ideia de Helen. Há alguns anos, ela mudou-se para Londres para trabalhar numa editora fina e perdemos o contacto durante algum tempo. Mas, tal como todos os outros, ela regressou ao Norte, pelo ar fresco do campo, quando se reformou; e reacendemos a nossa amizade. Ela diz que faz qualquer coisa por um bom livro. Suponho que foi por isso que se ofereceu para me ajudar. Sente falta do trabalho. E ainda bem; eu não iria muito longe sozinho.

Helen deu-me uma lista do que falar e por que ordem, pois sabe como deve ser um livro. Começo por falar um pouco sobre o meu passado, depois o meu trabalho no hotel e, em seguida, passo para o homicídio e para como vim aqui parar. Deve estar a perguntar-se onde fica «aqui». Por uma questão de diversão, não vou dizer já. Posso estar numa cela de prisão, ou na minha casinha de campo nos Dales, ou numa qualquer praia da Costa do Sol. (Doulhe uma pista: não estou em Espanha.)

Última coisa para este capítulo. O meu nome é Hector. Hector Harrow.

Capítulo



Helen apareceu agora mesmo à porta para me dizer que não preciso de introduzir o capítulo dando uma visão geral do que ele contém. Suponho que acabei de revelar a minha localização. Helen não entra e sai de celas de prisão a torto e a direito. Por isso, confesso: estou em casa. Na minha sala de estar, para ser exato. Num grande cadeirão Chesterfield castanho-avermelhado, a segurar uma chávena de chá preto sem leite, e a contemplar o meu pequeno jardim, com um muro de pedra ao fundo e alguns pares de meias e cuecas no estendal. Tenho de me lembrar de os apanhar antes que a chuva chegue.

Espero que esta confissão não lhe tenha estragado nada. Há muitas outras surpresas pelo caminho, não se preocupe.



Nunca fui de falar sobre mim. Sempre assumi que ninguém se importava com o que eu tinha para dizer. Ocasionalmente, alguns hóspedes – normalmente americanos – queriam saber como era a vida para quem crescia nos Yorkshire Dales, mas eu respondia com o mínimo possível de palavras, e nunca a verdade. O que é que eu ia dizer? «Bem, o meu pai costumava bater-me sem razão aparente, mas a minha mãe fazia uma tarte de maçã fantástica e as vistas do campo eram um encanto.» Isso iria deixá-los desconfortáveis. E tenho a certeza de que a gerência teria algo a dizer sobre o facto de eu incomodar os hóspedes. Não que eu alguma vez o fizesse. Sempre

profissional, assim era eu. Exceto daquela vez em que me interrogaram durante mais de quatro horas. Nem sequer me deixaram beber um copo de água. E eu estava desidratado depois do choque de ver todo aquele sangue.

Uma batida. Duas batidas. Três batidas.

Foi a primeira vez na minha vida que perdi a cabeça. Parecia que estava possuído pelo meu pai. Vou falar um pouco sobre ele agora.

O meu pai – Rodney era o seu nome – estará lá em baixo, no inferno. Não há dúvida sobre isso. Foi alcoólico desde o dia em que nasci até ao dia em que morreu. Há sempre um pai alcoólico em histórias problemáticas como esta.

Helen fez-me rir quando falámos pela primeira vez sobre esta parte do livro. Ela disse que eu era o protagonista perfeito por causa da... ela usou uma palavra ótima de que já me esqueci.

Helen, toma nota para escreveres essa palavra aqui, por favor.

Da justaposição [*nota do editor*] da minha péssima educação com a vida bastante agradável que acabei por levar, ao trabalhar num dos melhores hotéis rurais de Inglaterra.

A escola foi sempre uma espécie de escape para mim. Não que fosse bom aluno. Fiz apenas o ensino básico; não era suficientemente inteligente para o ensino secundário, quanto mais para a universidade. E, de qualquer forma, sabia que teria de arranjar logo um emprego. É uma história engraçada a forma como comecei a trabalhar no Hotel Cavengreen. Tinha apenas dezasseis anos. O meu pai precisava de comprar mais alguns comprimidos que, esperava eu, *não* prolongariam a vida do seu fígado, por isso fui de bicicleta à farmácia local buscá-los. No caminho, vi um homem com um carro de luxo encostado na berma da estrada. Tinha um bigode cinzento e um fato de três peças verde-azeitona. Até então, eu nunca tinha visto alguém com um ar tão inteligente – pelo menos na vida real. O homem parecia nervoso e, quando me aproximei, vi que o seu pneu estava tão murcho como uma beata de cigarro esmagada.

– Jovem! – chamou-me. – Vem cá!

Travei até parar e encostei a minha bicicleta ao muro de pedra instável que ladeava a estrada. Estava um dia de sol e lembro-me de me apoiar ora num pé ora noutro para tentar encontrar a posição exata em que a cabeça do homem me tapasse o sol dos olhos.

– Dou-te duas libras se me ajudares a mudar este pneu – ofereceu o homem. – Três se o fizeres em menos de dez minutos.

Eu já tinha visto o meu pai a mudar um pneu, e duas libras, talvez três, era muito dinheiro na altura, por isso meti mãos à obra.

O homem não disse nada enquanto eu trabalhava, mas reparei que batia o pé com impaciência e que consultou o relógio de bolso várias vezes. Quando terminei, levantei-me, sacudi o pó preto das mãos e perguntei ao homem quanto tempo tinha demorado.

– Dez minutos e três segundos – anunciou. – Aqui estão as tuas duas

libras.

Entregou-me duas notas.

Não devo ter parecido muito satisfeito porque ele perguntou-me se havia algum problema. Eu sabia que não devia ofender um ricoço, por isso agradeci-lhe a oportunidade e disse que esperava poder usar a experiência para encontrar um emprego.

Ele sorriu para mim. Era um sorriso torto, mas simpático. Convidou-me para ir a um sítio chamado Hotel Cavengreen, às seis da manhã do dia seguinte, para lhe fazer uns biscates. Engraxar sapatos, polir o chão, limpar cocó de pássaro das paredes e coisas do género, disse ele. E foi assim que tudo começou. Eu era o limpador de caca de pássaro mais feliz que o mundo alguma vez vira.

Capítulo



Maldita Paula McDavidson, do jornal Yorkshire Sun, voltou a bater à porta! Ela nunca ouve. Esta é outra razão pela qual quero fazer este livro rapidamente: para que nenhum dos outros que estavam lá no hotel possa contar a minha história primeiro. Há três personagens principais neste livro: uma sou eu, outra está morta e a outra é o assassino. É muito provável que algum dos outros tente publicar um livro, por isso cabe-me divulgar a verdade antes que as gémeas ou Dave Americano inundem o mundo com um chorrilho de mentiras. Eu disse a Paula que ela vai descobrir tudo o que precisa de saber na devida altura. Mas isso não a trava. Ela vai voltar a bater à porta daqui a uns dias, não tenho a menor dúvida.

Helen deu-me algum *feedback* sobre o que gravei ontem. Disse-me que gostou, o que aumentou um pouco a minha confiança. Disse que, apesar do meu sotaque carregado, falo muito bem, o que se deve, provavelmente, aos meus muitos anos no Cavengreen. Quando comecei a trabalhar, ainda um rapaz, dizia coisas como «vão dea» em vez de «bom dia» e «come tá?» em vez de «como está?», e os hóspedes de fora da cidade não faziam a menor ideia do que eu estava a dizer. A única crítica de Helen foi que, provavelmente, não precisava de enumerar o que estava no meu estendal, mas ela disse que cortaria essa parte quando passasse para texto. Hoje, Helen quer que eu fale um pouco sobre o hotel. Preparar o cenário, foi o que ela lhe chamou.

O homem de que falei, aquele a quem mudei o pneu, chamava-se Sr.

Thomas. Na altura, era o gerente do hotel. Só no seu funeral, vinte anos depois de o ter conhecido, é que descobri que o seu primeiro nome era Basil. Era o homem mais simpático que alguma vez conheci. Deu uma oportunidade a um jovem, quando não tinha de o fazer, e recordá-lo-ei sempre com carinho. Todos os dias, às seis da manhã, sete dias por semana, eu fazia os trinta minutos de bicicleta até ao hotel. Com vento, chuva, sol, a tempestade de 1972, nunca faltei um só dia. Uma vez, apareci com varicela porque não queria desiludir a equipa. Mandaram-me logo para casa, mas o Sr. Thomas continuou a dar-me o meu salário, mesmo eu estando doente. Apreendi tudo o que sei sobre trabalho árduo com aquele homem.

Como já deve ter percebido pelo título deste livro, acabei por subir na hierarquia até ao cargo de mordomo do hotel. Mas, pelo caminho, trabalhei como porteiro e depois como *valet*. Estive alguns meses na cozinha, mas não era para mim, por isso mudaram-me para o posto de mestre de sala e, depois disso, tornei-me mordomo. A minha função era certificar-me de que todos os desejos e necessidades dos hóspedes eram atendidos. Quer fosse um táxi às três da manhã para uma senhora que tinham conhecido no bar do hotel, um prato de batatas fritas em palitos sem as partes estaladiças, ou a encenação de um pedido de casamento no relvado, eu tratava de tudo. Helen sugeriu que eu falasse sobre o pedido mais estranho que já tive. Provavelmente, foi quando organizei uma projeção do filme da Disney, *Os Cento e Um Dálmatas*, numa das suítes, com direito a biscoitos e roupa de cama confortável no chão. O público eram os dois adoráveis caniches do hóspede. Houve muitos outros pedidos estranhos ao longo dos anos, a maioria dos quais envolvendo pessoas muito famosas de Hollywood, mas eu nunca quebraria a confidencialidade.

Provavelmente, já percebeu que o Cavengreen não era, e não é, um hotel normal. Não, não. O hotel exhibe orgulhosamente cinco estrelas na frente do arco que fica no final de uma estrada de cascalho de quase quatrocentos metros de comprimento. Os motoristas levam os seus clientes a contornar uma grande rotunda com uma fonte no centro, que se ilumina à noite e tem altifalantes embutidos nos lados, que tocam Vivaldi e afins. Três horticultores a tempo inteiro cuidam dos jardins, que incluem um labirinto de sebes, um jardim de rosas e um pequeno lago com nenúfares. Nunca me farto de passear por eles. Muitas pessoas trazem consigo aquelas máquinas fotográficas extravagantes com grandes objetivas ou olham para tudo através dos seus telemóveis, mas eu prefiro apreciar os aromas e as cores sem distrações.

Se o virmos de cima, o hotel tem a forma de um T. O topo do T é a parte que os hóspedes veem quando chegam. Todo o edifício é feito de pedra calcária e a fachada apresenta uma série de colunas. Os casais gostam de tirar as suas fotografias de casamento ali. A hera trepadeira compõe um cenário muito bonito.

A ala oeste alberga o restaurante do hotel, com estrela Michelin, o *Lavender Plates*. Como seria de esperar, toda a loiça é cor de lavanda com rebordo dourado. O papel de parede personalizado tem esboços de lavandas

pintados à mão a aguarela sobre um fundo branco-seda. Os tetos do Lavender Plates têm o dobro do pé-direito de qualquer outro espaço do hotel, e um enorme lustre reluzente, importado dos Emirados Árabes Unidos, abrilhanta o local. As imponentes portas duplas de vidro que vão do chão ao teto abrem-se para um terraço com vista para a entrada do hotel. No verão, abríamos as portas e deixávamos passar uma leve brisa. Os hóspedes adoravam.

Todos os assentos são estofados com veludo creme e as mesas de mármore branco têm pernas douradas ornamentadas. Empregados e empregadas de mesa põem as mesas de uma forma muito particular; cada colher, garfo e faca tem o seu lugar e deve estar a uma certa distância dos pratos e dos copos. Seria difícil encontrar um defeito no Lavender Plates. É muito elegante. Serve um menu de degustação sazonal de sete pequenos pratos. Eu prefiro uma refeição grande, mas as poucas vezes que lá comi foram de facto muito boas. A cozinha é completamente aberta, pelo que toda a gente no restaurante pode ver o que se está a passar. De memória digo que, na última vez que lá jantei, comi um peixe com uma cobertura de mel queimado e uma sobremesa de chocolate branco com cerejas assadas. Se gosta deste tipo de coisas, coisas requintadas, vai gostar do Lavender Plates. Em mim, foi um pouco desperdiçado. Eu sou mais um homem de empadão. Mas ninguém pode negar que é boa comida. E a duzentas libras por refeição, era de esperar que assim fosse. Eu jantei de borla, claro. A equipa era sempre recrutada para provar os novos pratos.

Depois, há o bar de *cocktails* Hugo's, inspirado nos bares de *whisky* em Tóquio. O hotel trouxe do Japão uma bancada em ónix iluminado, bem como candeeiros dourados e um tipo particular de copo que mantém o gelo separado do álcool, de modo a não diluir o sabor. No Cavengreen, está tudo nos pormenores; é isso que estou a tentar transmitir.

Na ala este do hotel há alguns escritórios para a gerência, as reservas e o *marketing*. Há também uma biblioteca, onde fazíamos provas de vinhos e servíamos canapés antes do jantar, todas as noites. Tem uma lareira e muitos livros antigos que são limpos de quinze em quinze dias. Imagine sofás de couro a ranger, uma tapete azul-real, muita madeira escura, e não estará longe. Alguns dos livros que lá estão devem valer pouco. Mas acho que há lá alguns originais valiosos. Eu próprio aprecio um bom policial e costumava pedir um romance emprestado para um fim de semana de leitura em casa.

Entre as alas este e oeste estava o meu domínio: o *lobby*. O primeiro ponto de contacto para os hóspedes que visitavam o hotel. Era o local onde se formavam as primeiras e as últimas impressões, pelo que toda a gente se comportava sempre da melhor maneira. As simpáticas senhoras da receção (mais Kyle aos sábados e domingos) estavam sempre a sorrir e eram muito amáveis comigo. Costumavam dizer que eu era «fofo» e que gostariam que eu fosse avô delas. Um pouco paternalista, mas mesmo assim simpático. Na altura do crime, estavam Monique, Chloe e Shamila a trabalhar na receção. Fiona era chefe delas e geria a equipa da receção há quinze anos. Na verdade,

ainda lá está. É uma grande amiga minha. Perdeu o marido para o cancro, há dois anos. Um tipo encantador. Uma pena, sem dúvida.

A minha secretária ficava do outro lado da escadaria para a receção. Tinha um telefone, muitos mapas e folhetos informativos sobre a área local, uma lista de contactos que utilizava para obter tudo o que os hóspedes precisavam, e um pequeno frigorífico com água engarrafada e alguns refrigerantes, caso alguém quisesse refrescar-se. Costumava acender velas aromáticas em todo o *lobby*, para que notas subtis de baunilha, pimenta e toranja enchessem o ar. Há muitos anos, trabalhámos com uma perfumaria para encontrar o aroma perfeito para o Cavengreen. Velas e difusores estavam disponíveis para os hóspedes comprarem, se assim o desejassem.

Agora, a parte inferior do T, o tronco. É a ala sul. É aqui que se encontram todos os quartos – dois pisos, para ser exato. Na última remodelação, pintaram todas as paredes de branco e estenderam uma suave alcatifa cor-de-rosa pálido. Cada suíte tem o contorno preto de uma flor pintado na porta branca. Há de todos os tipos: tulipas, rosas, papoilas, lírios, etc. Todos os quartos do Hotel Cavengreen são suítes. Isto significa que todos têm uma antessala com uma área de estar e uma casa de banho de serviço, bem como uma varanda ou um terraço e uma grande casa de banho principal com uma banheira de ilha. Recebíamos muitos pedidos de banhos românticos, e eu certificava-me sempre de que tinha muitas pétalas de rosa, bombas de banho espumosas, velas e óleos de massagem em *stock* para poder preparar um pequeno *pack* para os hóspedes que o pedissem.

No piso superior da ala sul há algumas suítes de luxo, como lhes chamámos. Estas têm o seu próprio bar abastecido com álcool e *snacks* – tudo gratuito para os hóspedes. Só que, na verdade, está tudo incluído no preço do quarto. Se calhar não devia ter dito isto, mas de certeza que é sabido. Suponho que a minha língua solta já não importe tanto agora. Todas as suítes de luxo têm um *jacuzzi* na varanda e uma lareira que separa a sala de estar do quarto. Os quartos são clássicos, com pormenores tradicionais como arandelas, cornijas e rosetas de teto, mas também estão equipados com todos os confortos modernos sem os quais as pessoas parecem não conseguir viver hoje em dia. Eu prefiro sentar-me em silêncio a ver a porcaria que dá na televisão. Mas isto sou eu. O *wi-fi* também está disponível, claro. É quase impossível obter rede de telemóvel aqui, por isso o *wi-fi* é a única forma de se manterem ligados.

Existe até uma suíte nupcial especial que se estende por dois pisos. Além do acima mencionado, tem um quarto de vestir com estações de cabelo e de maquilhagem. Cada suíte é atendida pelo serviço de mordomo do hotel, que funciona vinte e quatro horas por dia; há doze mordomos na equipa. Além disso, há *chefs* de cozinha, empregadas de limpeza, seguranças, organizadores de casamentos, homens da manutenção, empregados de mesa e muitos outros profissionais. Ser-lhe-ão apresentados alguns deles à medida que vou contando esta história.

Aquela intrometida da Paula McDavidson está a abrir o meu portão outra vez. Mas que raio é que ela quer? Digo-lhe uma coisa, vou levar o gravador comigo para a porta, para que Helen possa transcrever exatamente o que diz a sua voz rouca e fumadora.

Helen, talvez tenhas de mudar o nome da Paula e o nome do jornal.

Hector: Paula, já disse que não lhe vou dar nenhuma informação.

Paula: Preciso de um comentário seu para a minha história.

Hector: Não faço comentários. Já lhe disse esta manhã. Agora vou fechar a porta.

Paula: Espere... É para um artigo diferente. As gémeas decidiram contar a sua história.

Hector: As gémeas não sabem nada. Estiveram enfiadas no quarto, a beber champanhe, durante todo o tempo em que o hotel esteve fechado.

Paula: E porquê?

Hector: Porque sabiam que eu iria atrás delas quando descobrisse o que diziam que eu tinha feito.

Paula: E o que é que fez exatamente, Hector?

Hector: Não tem nada que ver com isso! Adeus!

Aquela mulher podia fazer inimigos até nas profundezas do inferno. Diz-se jornalista. Não passa de uma intrometida com um salário. Consegue que os outros lhe escrevam as histórias e depois assina com o nome dela. E eu caí na armadilha dela, como o clássico tonto que sou. As gémeas vão distorcer as minhas palavras à sua maneira, para que pareça que sou um louco que se

safou de um homicídio. Elas sabiam que não tinha sido eu, mas isso não as impediu de mentir à polícia, pois não?

Uma batida. Duas batidas. Três batidas.

Vou só fazer uma pausa para respirar fundo. E agora a minha bebida arrefeceu! Isto não podia ficar muito pior.

Bem, Helen, acho que vou ter de ficar por aqui. Paula perturbou-me. Preciso de uma boa noite de sono. Amanhã recomeço onde parei e falaremos sobre os hóspedes que chegaram nessa semana. A semana do homicídio...

Capítulo



Foi uma semana estranha, a semana do homicídio. O Sr. Potts convocou uma reunião geral de pessoal para as oito horas da manhã de segunda-feira. Na altura, o Sr. Potts era o gerente do hotel. Já vi muitos gerentes entrarem e saírem ao longo dos anos, alguns bons, outros não tão bons. O Sr. Potts situava-se algures no meio, diria eu. É um homem alto e magro, provavelmente na casa dos quarenta ou cinquenta anos. Se ele estiver a ler isto, espero que não se ofenda. Mas, por outro lado, agora não importa muito se o ofender. Digamos que tem quarenta e poucos anos, só para ser educado. Seja qual for a sua idade, ele tem a sorte de ainda não ter cabelos brancos. Eu fiquei grisalho aos trinta e poucos anos. Felizmente, a minha linha do cabelo manteve-se no sítio. Mas o Sr. Potts tem uma bela cabeça cheia de cabelo muito preto. É óbvio que arranja as sobrancelhas e, provavelmente, também arranja as unhas. Não há nada de errado nisso.

O Sr. Potts tem um temperamento interessante. Em alguns dias, estava em pé de guerra e era melhor mantermo-nos longe. Noutros, parava e partilhava uma piada com os funcionários, mas recuperava sempre a compostura passado um minuto e voltava ao seu comportamento firme e muito formal. Por vezes, as pessoas em posições de poder são assim. Achem que têm de ser rígidas para impor respeito.

Todos os funcionários se reuniram na biblioteca, que estava fechada aos hóspedes até às 16 horas. Alguns dos mais jovens recostaram-se nos sofás de couro, dois deles mexiam na tampa do globo-bar que escondia algumas

garrafas de bom *whisky*. Eu nunca me deixaria relaxar completamente no trabalho. Isso não é profissional, na minha opinião. Havia sempre um Hector no trabalho e um Hector em casa. O Hector do trabalho mantém-se direito, com os ombros para trás e um sorriso suave e acessível. O Hector de casa gosta de comer peixe e batatas fritas no sofá enquanto faz as palavras cruzadas do jornal. Estou só a dizer: ambiente diferente, Hector diferente. De qualquer modo, o Sr. Potts estava junto à lareira apagada, com a diretora de *marketing*, Sandra, de um lado, e a diretora financeira, Rosanne, do outro. Rostos sérios por todo o lado.

– A família Cavengreen tomou a decisão de vender o hotel – disse o Sr. Potts, depois de ter mandado calar todos várias vezes. Foi muito pragmático.

Naturalmente, as pessoas trocaram olhares preocupados. Durante todo o tempo em que trabalhei no hotel, este nunca tinha mudado de mãos. Eu nunca conheci os Cavengreen. Mas eles nunca interferiam e, tanto quanto sei, eram pessoas simpáticas que queriam dar um emprego seguro aos habitantes locais. Nada de «despedimentos de poucos em poucos meses» como acontece nas grandes cadeias. Uma mudança de proprietários significaria, quase de certeza, uma mudança de pessoal. E eu, com setenta e três anos e não tão brilhante como os mais novos, tinha a certeza de que seria o primeiro a ser despedido.

Não havia muito mais a dizer. Após a reunião, pequenos grupos de empregados coscuvilhavam nos corredores, trocando opiniões sem fundamento sobre o que pensavam que poderia acontecer. É sempre perigoso especular, por isso limitei-me a regressar ao trabalho na minha secretária; o que não quer dizer que não estivesse a pensar no assunto.

Depois do almoço, Fiona veio ter comigo e disse-me que tinha ouvido o Sr. Potts dizer a Rosanne que os novos proprietários – ao que parecia, americanos – estavam a planear substituir o serviço de mordomo por um sofisticado sistema de iPad que estaria disponível em cada suíte. Eu ficaria sem emprego. Além disso, era suposto os novos proprietários chegarem ao hotel nessa noite, para inspecionarem a sua compra.

Para eles, éramos apenas mais uma gota no seu mar de propriedades. Para nós, as pessoas que trabalhavam no hotel, este era o nosso meio de subsistência. A polícia viria a chamar a isto «motivo», quando tentava atribuir-me o homicídio. E acreditem em mim quando digo que foi difícil livrar-me dessa narrativa.

Voltemos aos hóspedes. Nessa semana, o hotel estava a setenta e cinco por cento da sua lotação, prevendo-se que estaria a cem por cento no fim de semana. Mas, quando o fim de semana chegou, o hotel estava fechado e nenhum hóspede tinha autorização para fazer o *check-in* ou o *check-out*. Setenta e cinco por cento da capacidade era normal, uma vez que estávamos a meio da primavera e vínhamos de uma Páscoa atarefada e invulgarmente húmida. Os dias de *check-in* são as segundas, quartas e sextas-feiras, e os hóspedes têm de pagar e ficar pelo menos duas noites. Se quiserem ficar mais tempo, podem, mas têm de ficar um número par de noites para não baralharem

o sistema. Mas, a mais de mil libras por noite, a maioria das pessoas fica apenas duas noites.

O homicídio ocorreu numa quinta-feira, por isso, se está a acompanhar, deve ter percebido que podíamos ter alguns hóspedes que sobraram do *check-in* de segunda-feira (e tínhamos alguns), mas a maior parte deles tinha chegado na quarta-feira. Não vou enunciar os nomes de todas as pessoas presentes no hotel, mas vou descrever os atores principais, aqueles que são essenciais para a história. E isso inclui a vítima, claro.

Na segunda-feira à noite, como anunciavam os rumores, chegaram os americanos: quatro. Quando entraram pela porta, às sete e quinze, já se queixavam, ruidosamente, do tempo húmido. Pensaram que maio seria um pouco mais soalheiro. O Sr. Potts tinha reunido uma amostra dos seus empregados de eleição, os que se apresentavam melhor, incluindo eu, para os receber, em fila, à entrada, como se fossem a família real. Fiona distribuiu champanhe, mas dois deles não bebiam álcool. Foi um começo atribulado.

Talvez se lembrem de eu ter mencionado, anteriormente, Dave Americano; ele era um destes. Desde o momento em que o conheci, soube que era um fala-barato sem préstimo, com o seu chapéu de *cowboy*, desagradavelmente grande, e o *pullover* azul Ralph Lauren sobre os ombros. Quem é que usa um chapéu de *cowboy* nos Yorkshire Dales? Uma grande rajada de vento e ele levantaria voo para lá das colinas. Algumas das raparigas da receção quase desmaiaram quando o viram pela primeira vez. A palavra «borracho» foi usada. Aparentemente, gostaram do bronzeado e do cabelo louro. «Um sonho», diziam. Sei que ele já está em negociações para lançar o seu próprio livro sobre os acontecimentos no Cavengreen, mas espero que o meu chegue primeiro às lojas. O dele vai estar repleto de exageros e de memórias confusas das suas noites a beber *whisky*. Além disso, tenho a minha reputação para proteger; duvido que ele tenha muitas coisas boas a dizer sobre mim.

Tanya – outra das americanas – era a sombra de Dave Americano. Usava aliança de casamento, mas era inapropriadamente melosa com Dave Americano sempre que os dois solicitadores ianques não estavam por perto. Isto salta aos olhos de um mordomo.

Riley e Jackson eram os nomes dos outros dois, acho eu. Nomes muito americanos. Podem agradecer a muitos, mas não a mim. Não esperem que eles apareçam muito nesta história. Só Deus sabe onde estavam durante tudo isto. Estes dois permaneceram em segundo plano, claramente lá para fazerem número e não pelas suas opiniões. Um era responsável pelas redes sociais ou algo do género, e o outro era contabilista. Esqueci-me de qual era qual.

O grupo ocupava quatro dos quartos, uma suíte cada. Os únicos que além destes tinham feito o *check-in* na segunda-feira e que ainda estavam no hotel no dia do crime eram Sue e Martin Bainbridge, e Olive – filha de Sue e enteada de Martin. Olive ia casar-se no hotel na quarta-feira à tarde. A futura noiva passou os dois primeiros dias da sua estadia a dar ordens ao pessoal e a

fazer chorar a organizadora do casamento. E é tudo em relação aos *check-ins* de segunda-feira.

O futuro marido de Olive, Patrick, fez o *check-in* na quarta-feira de manhã. Parecia estar com os olhos turvos, pois os seus amigos Ray e Jamil tinham organizado uma despedida de solteiro num *pub* não muito longe do Cavengreen. Ray e Jamil partilhavam uma suíte, e foi aí que Patrick ficou antes de se juntar à sua nova esposa na suíte nupcial, após as celebrações do casamento. Apesar de estar de ressaca no dia do casamento, Patrick parecia ser um homem decente. Era essencialmente educado e de discurso afável.

Os padrinhos do noivo, por outro lado, eram corrosivos e inconvenientes. Educação escolar pública, isso era óbvio, mas ainda demasiado jovens para apreciarem a elegância do Cavengreen. Dinheiro, sim, era evidente que tinham muito, mas estariam mais à vontade num cruzeiro com bastante álcool em Ibiza. No entanto, trato todos os hóspedes de forma igual. É isso que um bom mordomo deve fazer. E, na verdade, quem sou eu para menosprezar alguém? No fim de contas, sou apenas um mordomo.

As gémeas, Ruby e Oksana, também deram entrada na quarta-feira. São o tipo de raparigas que nasceram em berço de ouro, mas que não têm maneiras. Habitadas a ter tudo o que querem e incapazes de dar valor. Chegaram com a bagageira do Mercedes-Benz repleta de malas, que exigiram que fossem *imediatamente* levadas para a sua suíte.

Um maquilhador e um cabeleireiro de aspeto nervoso, carregando sacos de equipamento, seguiram atrás delas, enquanto as gémeas conheciam o seu quarto, que, aparentemente, não estava à altura das suas expectativas. Foi o que me disse o porteiro, Joe. Disse-me que lhe tinham gritado isso.

Ruby e Oksana eram as damas de honor de Olive. Eram idênticas, mas após alguma observação era fácil distingui-las. Ruby era a mais ruidosa e rude das duas; Oksana era o cordeirinho que a seguia. Oksana tinha um rosto ligeiramente arredondado, enquanto que o de Ruby era pontiagudo. Eram ambas desagradáveis. Abençoadas com bom aspeto, mas com personalidades horríveis, causavam grande impacto quando entravam numa sala. Se eu tivesse de arriscar um palpite, diria que eram de ascendência sérvia ou croata. Ambas as raparigas tinham cabelo comprido, liso e castanho-claro, olhos azuis e lábios carnudos que não pareciam naturais. A certa altura, durante a sua estadia, ouvi-as a rir sobre como tinham a certeza de que iriam ofuscar a noiva. Até no dia do seu casamento!

Desfilavam pelo *lobby* e atiravam as malas de mão para a minha secretária antes de fazerem as suas exigências. Como se eu tivesse algum interesse no raio das suas malas – por mim, até podiam ser de uma loja solidária. Fiona informou-me de que as malas eram Chanel. Muito caras, pelo que ouvi dizer. Bem, eu vi muitas malas caras durante o meu tempo como mordomo.

No primeiro dia, as gémeas exigiram um tipo específico de água tónica que, após uma hora de telefonemas, acabei por encontrar numa loja de *gin* em

Manchester. Sabem quanto tempo demora a viagem? Tive de mandar um dos porteiros. De qualquer forma, elas receberam a água tônica, mas é claro que houve acessos de raiva por todo o lado quando não chegou a tempo. Também queriam fronhas de seda, um desumidificador para o quarto e flocos de milho com leite magro e framboesas. Isto era mais fácil de conseguir.

Continuarei a revelar os horrores das gêmeas à medida que esta história for avançando, mas a seguir quero apresentar um senhor da Escócia, chamado Alec Maclean, que chegou por volta das 11h30 de quarta-feira. Perguntou-me se eu conseguia que ali entregassem as salsichas com puré do *pub* local, o que fiz com todo o gosto. Nigel, do Ferret Inn, é um conhecido meu de longa data, pelo que foi ele próprio quem entregou a refeição, bem quente.

Alec disse-me que tinha vindo para o hotel para trabalhar no seu romance, pois estava a passar por um bloqueio de escritor e precisava de mudar de ares. O bloqueio de escritor é algo com que ainda não me deparei, talvez porque estou a contar uma história verdadeira. Talvez um dia venha a ter um bloqueio de escritor. Se isso acontecer, tenho a certeza de que Helen terá algumas dicas para mim, depois das suas décadas de experiência na área editorial. Alec tinha uma voz profunda e sonora, e uma barba desalinhada e rala que parecia ter negligenciado devido à sua maleita de escritor. Levava uma caneta para onde quer que fosse e mordida-a quando não tinha mais nada para fazer com as mãos. Creio que o seu livro será publicado a título póstumo. Interprete isto como quiser.

Por fim, um senhor chamado Bruno Tatterson registou-se no hotel. Foi estranho porque ele não tinha mala, alegando que apenas pretendia ir do quarto para o *spa* e voltar, usando o roupão fornecido, e depois iria jantar com a roupa com que chegou. O hotel fornecia todas as comodidades adicionais de que um hóspede poderia precisar. Ele revirou os olhos quando o informei de que ia haver um casamento nos jardins no dia seguinte e lhe sugeri que evitasse essa área entre as quatro e as seis horas. Sempre que havia um casamento, eu informava antecipadamente os hóspedes que não iam participar e oferecia-lhes um tratamento de *spa* ou *cocktails* no Hugo's como forma de os manter ocupados numa área do hotel onde pudessem evitar qualquer perturbação. Ninguém quer estar perto de um casamento para o qual não foi convidado. Mas os casamentos são o ganha-pão do hotel, por isso o espetáculo tinha de continuar!

Bruno aceitou de bom grado uma massagem de cortesia. Mencionou, brevemente, que estava a recuperar de um recente desgosto de amor, pelo que estava a desfrutar de um pouco de descanso e relaxamento no campo. Naturalmente, não me intrometi, mas estava disposto a ouvir se ele quisesse falar mais sobre a sua vida pessoal. Nos meus muitos anos como mordomo, desempenhei muitas vezes o papel de terapeuta, entre outras coisas.

Isto é uma breve visão de todos aqueles que precisa de conhecer, no que toca a hóspedes. Duas das pessoas que mencionei neste capítulo morrerão no hotel, embora apenas uma seja assassinada.

Não admira que me tenhas encorajado a escrever este livro, Helen. É uma história e peras.

Capítulo



Helen esteve cá ontem, a ajudar-me a consolidar os meus pensamentos.

Acho que me enguicei no outro dia ao dizer que ainda não me tinha deparado com o bloqueio de escritor... ou de orador.

Quando Helen vem cá a casa, faz sempre as mesmas três coisas antes de se sentar para uma bebida.

Espero que não te importes que eu partilhe isto, Helen.

Primeiro, abre todas as janelas para deixar entrar ar fresco. Ela diz que está abafado aqui dentro, mas isso não é algo que eu note. A seguir, lava as mãos e seca-as no pano de cozinha que está pendurado na pega do forno. Tenho de recorrer a toda a minha força de vontade para não o voltar a dobrar perfeitamente em três depois de ela o desdobrar. Normalmente, isto implica que eu saia da cozinha e vá para a sala. Helen segue-me e, em terceiro lugar, começa a tratar de mim, certificando-se de que estou confortável e bem-alimentado.

Desculpa, Helen. Não estou a dizer que não aprecio a tua bondade; és uma grande amiga. Mas, como sabes, tenho-me mantido vivo nestes últimos setenta e três anos, por isso não há necessidade de tamanha preocupação.

Ela diz que se preocupa porque eu vivo sozinho, embora eu acredite que ela também viva sozinha, não que ela partilhe muito da sua vida.

Helen, sinto que sabes tudo o que há para saber sobre mim, mas eu nem sequer sei se estás envolvida romanticamente com alguém. Antes de morrer, Josie disse que estavas à espera de um pedido de casamento de um homem

misterioso cujo nome não partilhaste. Não sei o que aconteceu, mas não me lembro de te ter visto com um anel. Que péssimo amigo eu sou – embora, em minha defesa, tu sempre tenhas sido muito reservada. Mas, agora, as coisas são demasiado *eu, eu, eu*, e ainda temos muito para pôr em dia sobre o teu tempo em Londres. Com uma bebida quente, da próxima vez que te vir.

Como eu estava a dizer, viver sozinho não é algo que alguma vez me tenha incomodado. Teria sido bom ter uma mulher e filhos, mas não foi assim que aconteceu comigo. Partiram-me o coração três vezes e, depois disso, decidi deixar de procurar o amor. Por isso, vivo sozinho. E isso adapta-se muito bem a mim e aos meus pequenos hábitos. Está tudo tal como gosto, exceto o pano de cozinha, que, por vezes, está fora do lugar. Mas arranjo-o assim que Helen sai.

Desculpa outra vez, Helen.

Esta casa de campo é a mesma em que vivi toda a minha vida. O meu pai deixou-a a mim e à minha irmã em testamento. Era o mínimo que ele podia fazer. E a minha irmã deixou-me a sua metade quando faleceu, abençoada seja. Já está paga há algum tempo, mas consome gás e eletricidade como um carro desportivo, pelo que é para aí que vai grande parte da minha pensão, todos os meses. O muro de pedra calcária da frente teve de ser arranjado algumas vezes. Costumava ser eu a fazê-lo, mas não posso fazer esse tipo de coisas enquanto não tratar da minha anca. Mal consigo carregar as compras, quanto mais lajes de pedra. O muro sustenta um portão de ferro forjado, ligeiramente torto, e, para cá dele, um pequeno caminho conduz à minha porta da frente, branca. Não é muito, mas é uma bela casa para uma pessoa. Três quartos, embora todos muito pequenos. Uma casa de banho em cima e outra em baixo. Pinteí a casa toda de creme quando o meu pai morreu. Também mudei as alcatifas. Não queria que ficasse nem a mais pequena célula de pele dele. Vendi a maior parte da mobília numa venda de garagem, mas guardei todos os tabuleiros de bolos da minha mãe e coisas do género. O meu pai nunca se preocupou com a cozinha, por isso aí não tive de mexer muito. Apenas algumas atualizações de eletrodomésticos. Mantenho a porta do antigo quarto deles fechada e nunca lá entro. Isto significa que o meu quarto não é o maior, mas serve, tendo em conta que sou só eu. Tem espaço suficiente para uma cama de casal, e isso basta para alguém que vive sozinho.

Ontem, Helen pediu-me para me sentar em frente a um espelho e me descrever. Ela disse que os leitores iam gostar de ter uma imagem clara de mim, o que é justo, uma vez que vamos passar bastante tempo juntos. Helen vai inserir aqui uma transcrição desse áudio.



Sabes, Helen, não posso dizer que alguma vez me tenha sentado em frente a um espelho e me tenha estudado desta forma. Certo: de cima a baixo, dizes tu? Bem, tenho uma pequena mecha de cabelo grisalho na cabeça. Ou

deverei dizer prateado? Será que me faz parecer mais arrojado? Vamos optar pelo prateado. As minhas sobrancelhas são cinzentas – ou prateadas – também. Tenho de as pentear com uma escovinha de manhã, porque normalmente estão para aqui, para ali e para todos os lados quando acordo. Tenho olhos cinzento-azulados e pele clara. Mesmo quando vou de férias, queimo-me sempre e nunca me bronzinho. Não que eu fique muito tempo ao sol.

Nunca bebi muito, por isso não tenho nenhuma daquelas «veias de aranha» que se veem nas pessoas que passam a vida no bar. O meu pai tinha-as em todo o seu nariz grande e bulboso. Não chegou à minha idade, mas mesmo na altura em que morreu parecia mais velho do que eu agora. Não é para me gabar, mas a minha pele é bastante macia, apesar de tudo. No entanto, apareceram-me algumas rugas novas na testa depois de toda esta história do homicídio.

Não diria que sou alto, mas não sou baixo. Um metro e setenta e cinco, a passar. Talvez uns milímetros mais. E sou magro, mas não sou magricela. Pode dizer-se que tenho uma estrutura ligeira. Caminho com alguma dificuldade, agora que a minha velha anca se partiu. Estou em lista de espera para uma substituição, desde o ano passado.

Roupa. Quando estou em casa, normalmente gosto de usar calças confortáveis e uma camisa. Tenho camisas diferentes para ocasiões diferentes. Quando encontro uma que me agrada, normalmente compro-a em várias cores. E quando trabalhava no Cavengreen, o meu uniforme era um elegante fato azul-marinho com o logótipo do hotel no bolso do peito, uma camisa branca bem-passada, uma gravata azul à qual prendia o meu crachá dourado, e os meus sapatos pretos sempre engraxados. A cartola não era obrigatória, mas sempre achei que era um pormenor agradável. Guardei o crachá com o meu nome quando me vim embora. Está sobre a lareira como um lembrete para me manter sempre fiel a quem sou, independentemente das circunstâncias.



Devo dizer que, agora que o fiz, estou contente por Helen ter sugerido o exercício do espelho. Caso contrário, estaria com dificuldades em encontrar muitos mais adjetivos para mim, além de velho e cinzento.

Helen também me pediu para lhe relatar um dia normal, mas não sei até que ponto isso seria útil para avançar com esta história, tendo em conta que um dia normal agora é muito diferente de um dia normal naquela altura. Em vez disso, vou recapitular o dia anterior ao do homicídio. Desta forma, ficará com uma ideia de como era um dia normal no Cavengreen, mas também atentaré em algumas partes relevantes para este livro.

Naquela manhã, como em todas as manhãs, acordei às cinco horas e respirei fundo três vezes antes de sair da cama pelo lado esquerdo. A torneira do meu chuveiro sempre foi pouco constante, mas é preciso dar quase três

voltas para encontrar a temperatura perfeita. Três pequenos esguichos de gel de banho e depois três voltas à boca com a minha escova de dentes. Três, ou talvez seis, quadrados de papel higiênico para as minhas lides e depois vesti-me e fui para o carro. Passei de uma bicicleta para um carro há cerca de dez anos, quando a anca começou a dar-me que fazer. Antes de arrancar, apertei três vezes o volante.

No Cavengreen, estacionei no mesmo lugar de todos os outros dias. O hotel providenciou uma placa de reservado para mim, porque eu ficava nervoso se um novo membro do pessoal ou um dos jovens estacionasse onde eu normalmente estacionava. Cheguei às seis menos dez, o que me deixou tempo suficiente para me certificar de que tudo o que estava na minha secretária estava arrumado no sítio certo, depois de os empregados da limpeza noturna terem feito o seu serviço. Isto significava que a minha caneta e o meu papel estavam perfeitamente alinhados, os rótulos das garrafas de água no frigorífico estavam todos virados para a frente e os meus mapas e guias estavam empilhados em três filas perfeitas. Fiona trazia sempre café para mim e para ela, quando chegava, e o meu estava na minha mão às seis da manhã. Nessa manhã, ela tinha escrito uma pequena mensagem na parte lateral do copo de papel: «tem um bom dia». Depois, o dia de trabalho começou com um *briefing* de Fiona sobre todos os acontecimentos importantes.

Quando o relógio marcava nove horas da manhã, comecei a telefonar a todas as pessoas que tinham feito uma reserva recentemente. Fazia parte do nosso serviço personalizado de mordomo fazer com que se sentissem especiais desde o momento da reserva até ao momento em que chegassem a casa. Perguntei-lhes coisas como as suas necessidades dietéticas, se iam estar hospedados no hotel para uma ocasião especial, que tipo de almofada gostavam, se gostariam que lhes reservasse mesa no restaurante do hotel e se tinham algum pedido especial. Normalmente, era apenas uma conversa de cinco ou dez minutos e eu pedia a uma das raparigas da receção para colocar as notas no ficheiro deles, para que tivéssemos tudo pronto no momento em que os hóspedes fizessem o *check-in*. Tentávamos sempre cumprimentar os nossos hóspedes com um toque pessoal, como «Feliz quarto aniversário» ou «Bem-vindos aos Yorkshire Dales», se nunca cá tivessem estado antes. Só para os fazer sentir um tanto especiais.

Nesse dia em particular, o dia anterior ao do homicídio, a noiva, Olive, desceu para tomar o pequeno-almoço pouco depois das nove da manhã. O seu cabelo estava todo enrolado naqueles rolos que fazem as mulheres parecerem a Medusa. Parecia nervosa. A mãe vinha a correr atrás dela, também um pouco frenética. Ao atravessarem o *lobby*, ouvi a noiva pedir à mãe que lhe desse espaço. A noiva só esteve no pequeno-almoço durante quinze minutos antes de regressar à sua suíte em lágrimas. As gémeas, Ruby e Oksana, seguiram-na, dizendo-lhe que tudo ia correr bem, mas sorrindo nas suas costas. Como eu disse, não era minha intenção bisbilhotar, mas era o tipo de coisas em que eu reparava. Para os hóspedes, era quase como se eu fosse uma

peça de mobiliário e não um ser humano com olhos e ouvidos. Ficaria surpreso com a forma como eles mostravam abertamente as suas emoções à minha frente. Por vezes, sentia-me como um daqueles quadros a óleo cujos olhos parecem seguir-nos para onde quer que vamos.

O *check-in* no hotel era feito a partir das onze. O noivo e os seus dois padrinhos chegaram primeiro. Tinham muitos sacos de fatos, por isso ajudei os porteiros a levar tudo para a suíte deles, certificando-me de que a costa estava livre para evitar um encontro prematuro com uma noiva emocionada. Felizmente, Fiona tinha planeado cuidadosamente esta chegada e o quarto dos rapazes era no andar de baixo, enquanto a entrada para a suíte nupcial era no fim do corredor do último piso. Já havia *whisky* e gelo à espera do trio, algo que tinham pedido durante o nosso telefonema prévio à chegada. Queriam também hambúrgueres, supostamente para curar a ressaca. Ofereci-me, discretamente, para enviar algumas saquetas que ajudam na reidratação e analgésicos. Precisávamos que o noivo estivesse no seu melhor à tarde. Já vi muitas noivas zangadas perderem a calma por causa de um marido demasiado bêbedo ou de ressaca no altar. O noivo aceitou a minha oferta e, tanto quanto sei, resultou.

Quando voltei à minha secretária, Alec Maclean, o escritor escocês, estava a fazer o *check-in* e, como sabem, tratei da entrega das suas salsichas com puré. Cerca de meia hora depois, chegou Bruno Tatterson, sem bagagem. Reparei que Fiona deu um risinho tímido e fez olhinhos enquanto ele fazia o *check-in* – algo que ela faz quando um hóspede é ligeiramente atraente, o que suponho ser o caso, mas de uma forma mais madura e robusta do que Dave Americano. Uns dez anos mais novo do que eu, diria. Bruno parecia-me familiar – talvez da televisão ou do cinema. O hotel é regularmente frequentado por celebridades e pela realeza. Metade delas não faço a mais pequena ideia de quem sejam, mas com Bruno tocou-me uma espécie de sineta. A pessoa mais famosa que já tivemos no hotel foi [nome retirado por razões legais]. Quer dizer, toda a gente sabe quem ele é, até um velhote como eu. Chegou ao hotel com uma jovem numa segunda-feira, fingiu fazer o *check-out* com ela na quarta-feira e voltou ao hotel uma hora mais tarde com outra jovem. Foi engraçado vê-lo fingir que estava a olhar pela primeira vez para as coisas que já tinha visto nesse dia. Mas o pessoal tinha instruções estritas para alinhar no jogo. A discrição está incluída no preço de um lugar como o Cavengreen.

A partir das 11h30 da manhã, o Sr. Potts circulava pelo hotel como um falcão. Verificava se havia pó em todas as superfícies e, depois, rodava os vasos para um lado e para o outro até encontrar o ângulo que melhor exibia as flores. Isto era bastante irritante para mim, pois normalmente dava três voltas rápidas ao vaso que estava na minha secretária para definir a sua posição. Dava por mim a contorcer-me um pouco quando o Sr. Potts se aproximava e o rodava duas ou quatro vezes. Quando ele acabava de dar a volta ao *lobby*, eu dava mais três voltas ao vaso, só para acalmar as minhas mãos angustiadas.

Se alguma coisa não estava como devia estar no *lobby*, a culpa recaía normalmente sobre Fiona. Era – e ainda é, suponho – tarefa sua certificar-se de que tudo estava sempre em ordem. O Sr. Potts era particularmente exigente com ela. No entanto, ela nunca se deixou abater e sempre aceitou os seus comentários de cabeça erguida. É uma mulher forte, ainda mais depois de ter perdido o marido. Mas, às vezes, depois do trabalho, íamos ao bar beber um copo de vinho e ela desabafava. É melhor não guardar as coisas durante muito tempo e eu estou sempre disposto a dar ouvidos a uma amiga.

Como era habitual quando tínhamos um casamento no hotel, houve uma afluência de fornecedores durante a manhã. Floristas, músicos, o fornecedor de bolos, a empresa de aluguer de tendas, tudo aconteceu naquelas últimas horas. O hotel tem a sua própria cozinha comercial nas traseiras, onde os *chefs* confeccionam toda a comida para casamentos e eventos. É mais rentável do que contratar um fornecedor externo, creio eu. O casal que se vai casar vem, normalmente, fazer uma prova cerca de dois meses antes do casamento e experimenta todas as opções antes de decidir quais os pratos que quer na ementa. De memória, penso que escolheram salmão fumado e tarte de legumes como entrada, e depois barriga de porco, *gnocchi* e peixe-rei como prato principal. O bolo de casamento seria servido como sobremesa e pediram minissanduíches de carne de vaca para serem servidas por volta das 22 horas – um pequeno lanche noturno que funcionaria como combustível para a pista de dança.

Conheço muito bem a florista, Laurina. Ela é a fornecedora preferencial do Cavengreen e, na manhã do casamento, apareceu com as mais belas peónias bem-atadas em *bouquets*. Todas as flores eram brancas, o que eu acho sempre muito elegante. Por volta das 13 horas, fui dar uma espreitadela ao cenário do casamento e estava simplesmente espetacular. Mas é isso que acontece quando se casa no Cavengreen. Não é um local para quem tem pouco dinheiro.

Nesse dia, tudo correu normalmente. Isto até às 14 horas e o Sr. Potts e os americanos entrarem no *lobby*. O tipo alto, Dave Americano, tinha a voz mais alta. Parecia um *cowboy*, e o seu tom impetuoso era como unhas a raspar num quadro-negro no nosso hotel refinado. Ou o *seu* hotel refinado, devo dizer. O Sr. Potts foi destacando várias características aos americanos; e os dois patinhos lá atrás tomavam notas. Depois, vieram na minha direção.

– Hector? É esse o seu nome, não é? – perguntou Dave Americano. Pôs as suas mãos gigantes na minha secretária, deixando manchas quando as tirou.

Confirmei educadamente a minha identidade e perguntei-me onde é que isto poderia ir parar. Estaria a mentir se dissesse que não estava um pouco preocupado depois do que Fiona me tinha dito sobre a substituição do sistema de receção por uma nova tecnologia.

– Uma palavra, Hector? – O Sr. Potts fez um gesto na direção da biblioteca, e eu segui-o e aos americanos até à sala.

– Hector – disse Dave Americano. – Aqui o Pottsy disse-me que trabalha

no hotel há mais de cinquenta anos. – Não fez qualquer pausa para eu concordar ou discordar. – Isso é muito tempo. Deve ter visto muita coisa em todo este tempo!

Acenei com a cabeça, mas ele não estava à espera de uma resposta.

– Talvez seja esse o caso – continuou –, pois achamos que o serviço de mordomo no Cavengreen precisa de uma pequena atualização.

– Uma atualização? – disse eu.

– Uma atualização. É isso mesmo. Queremos levar o Cavengreen para o futuro e vamos precisar da sua ajuda. – Senti-me como se estivesse a ser recrutado para o exército. – Sabe o que é um iPad? – Um dos outros ianques entregou-lhe um.

– Claro. – Disfarcei qualquer ofensa. Posso ter setenta e três anos e não saber usar um computador, mas não sou um completo imbecil.

– Ótimo! – Dave Americano bateu com a mão na mesa de café em mogno e eu tentei não fazer uma careta. O Sr. Potts ofegou um pouco por nós os dois. – A nossa equipa em Dallas tem trabalhado arduamente para desenvolver um novo *software* especificamente para este hotel. O nosso serviço de mordomo digital estará agora disponível em todas as suítes do Cavengreen, permitindo que os hóspedes façam os seus pedidos sem terem de lidar diretamente consigo. Poupará tempo e não terá de fazer conversa fiada.

– Eu aprecio conversar com os hóspedes – protestei. – Não é incómodo nenhum.

Mas Dave Americano não estava interessado.

– Isto é o futuro, Hector. Já ninguém quer falar com um humano. O mundo quer comodidade e isto é apenas uma parte disso.

– Com todo o respeito, Dave – começou o Sr. Potts, apercebendo-se do horror na minha cara –, o Hector trabalha no hotel há muitos anos e os nossos clientes habituais esperam ansiosamente por vê-lo. Ele é parte da experiência.

– E vai continuar a ser, Pottsy... Só que vai estar dentro de um destes iPads, mais nada. – Dave Americano acenou com o equipamento na mão. – Deixem-me mostrar-vos o *software*: vocês vão adorar.

Dave Americano obrigou-nos a sentar no sofá, um em cada lado dele, enquanto mexia no ecrã. O *software* em questão permitia que as pessoas pedissem uma nova almofada a partir de um menu, encomendassem o serviço de quartos diretamente da cozinha, reservassem um jantar no Lavender Plates e fizessem outros pedidos especiais que seriam enviados para o membro da equipa adequado para os satisfazer. Eu teria um iPad na minha secretária através do qual poderia ver todos os pedidos dos hóspedes que fossem relevantes para mim, explicou-me ele. Pelo que me era mostrado, o meu novo papel seria o de um burro. Em vez de falar com os hóspedes, estaria reduzido a um mero coletor e transportador. A maior parte dos pedidos que eu normalmente tratava ia agora diretamente para um iPad instalado no posto do mordomo. Como não sou parvo, perguntei-lhes logo:

– Isto é muito bonito e bom para o futuro e para a tecnologia, mas o que

é que significa para o meu trabalho?

– Hector, relaxe. – Dave Americano mostrou-me as palmas das mãos para me acalmar, como se eu estivesse a agir como um lunático. – Isto é apenas um período experimental para ver se aumenta o grau de satisfação dos hóspedes. Se não gostarem, abandonamo-lo.

– E se gostarem? – perguntou o Sr. Potts, nervoso.

– Então, fizemos bem o nosso trabalho! – Dave Americano bateu as palmas das mãos e os seus lacaios acenaram com a cabeça, como aquelas figuras de cães que os construtores têm nos *tabliers*.

Quando a reunião terminou, o Sr. Potts puxou-me para um lado e disse-me que ia proteger o meu emprego a todo o custo. Mas ambos sabíamos que Dave Americano e os seus iPads provavelmente significavam o fim da minha carreira no Cavengreen. E admito: eu estava zangado.

Capítulo



Normalmente, começo a gravar às sete da manhã, depois de o jornal ter chegado e de eu ter tomado uma das minhas duas chávenas de chá preto. Mas, hoje, isso não aconteceu, e deixem-me dizer-vos porquê. Por causa daquela imprestável da Paula McDavidson! O rapaz que entrega os jornais atirou o jornal de hoje contra a minha porta da frente, fazendo-o aterrar com um baque particularmente forte. Pus a chaleira ao lume e saí para o ir buscar. O meu coração parou quando vi a minha cara feia na primeira página. Ainda não o li. Acabei de falar ao telefone com Helen e ela disse que eu o devia ler para ela, para que pudesse captar a minha reação autêntica e em tempo real.

O título diz: mordomo ou vigarista? Bem, jamais! Mordomo ou vigarista?! Não dediquei os últimos cinquenta e tal anos da minha vida ao Cavengreen para ser rotulado de vigarista pelo jornal local. Claro que Paula McDavidson é responsável por isto. Há uma pequena fotografia dela ao lado da palavra «jornalista». Se ela é jornalista, eu sou o maldito sultão de Taiwan. Uma escritora de ficção é o que ela é. Uma contadora de histórias de faz de conta. O lado positivo é que a fotografia que ela utilizou não é a pior que já vi de mim. É do *website* do Cavengreen. Os americanos ainda não devem ter tido oportunidade de o atualizar. Foi tirada há cerca de dez anos e mostra-me com um aspeto bastante elegante no meu uniforme, à porta do hotel.

Ao lado da minha fotografia está uma fotografia das gémeas, Ruby e Oksana. Não sei bem o que é que o facto de estarem em biquíni numa praia do Dubai tem que ver com a investigação do homicídio. A legenda por baixo da

fotografia diz que são filhas de um investidor imobiliário milionário e que vivem numa casa de cinco milhões de libras em Chelsea, Londres. Até escreveram quanto vale a minha casa de campo! Não é avaliada há mais de oitenta anos, por isso não sei de onde é que Paula McDavidson tirou este número. Porque é que o jornal tem de mencionar isto? Quanto mais baixo for o valor da casa, maior é a probabilidade de o proprietário assassinar alguém? É suposto fazer-se juízos de valor sobre o carácter de uma pessoa com base no preço da sua casa? Já estou a ficar irritado e ainda nem sequer comecei a ler o raio da coisa. Tenho a certeza de que isto vai ser um chorrilho de mentiras, mas aqui vai:

O Hotel Cavengreen pode ser um dos locais mais luxuosos para se ficar no Reino Unido, mas recentemente esteve envolvido num escândalo digno de cinema. Num exclusivo para o *Yorkshire Sun*, duas hóspedes que se encontravam no hotel na altura do famoso homicídio de Cavengreen decidiram manifestar-se. Esta é a sua história...

Poupe-me o drama! Não vale a pena eu contar a minha história, se os outros continuam a aparecer com os seus disparates inventados. Mas, por outro lado, devo lembrar-me: expor a verdade é a razão pela qual estou a fazer isto.

As gémeas Ruby e Oksana Farrinucha são filhas do milionário investidor imobiliário Roman Farrinucha e residem atualmente em Chelsea, Londres. Em abril deste ano, as jovens foram convidadas para o Hotel Cavengreen, nos Yorkshire Dales, para serem damas de honor no casamento da sua amiga Olive Nixon. Durante a estadia, testemunharam o brutal homicídio de...

testemunharam? Testemunharam, o tanas! Nem uma única pessoa naquele hotel testemunhou coisa alguma. As únicas pessoas que viram o cadáver fui eu, a polícia e o assassino. Podem ter visto o saco do cadáver quando foi retirado do hotel, mas duvido muito; acho que eu era o único a estar acordado. Não posso continuar a ler este disparate sem falar com Helen.



Desliguei o gravador por um bocado. Precisava de organizar os meus pensamentos. Helen teve de me convencer a continuar com este livro. Às vezes, acho que ela é a única que está do meu lado. Quando falámos pela primeira vez em escrever este livro, disse-lhe que, se o ia fazer, tinha de dizer a verdade. Nada de tretas ou mentiras. E mantenho-me fiel a isso. Mas vai ser difícil convencer as pessoas de que esta é a versão verdadeira quando há meia dúzia de outras versões por aí. Esperem só até Dave Americano ter a sua

conversa com os média. Hoje tivemos finalmente a confirmação disso. Em vez de um livro, ele está a planejar fazer um documentário com uma produtora americana, e agora sinto que é uma corrida entre mim e ele.

Disse a Helen que estava tentado a desistir e a deixar a verdade escondida para sempre. Mas ela convenceu-me de que não só me estaria a desiludir a mim próprio se não contasse a minha história, como também a ela, depois de todo o esforço que já fez. Ela está a gostar muito de se dedicar novamente ao projeto de um livro. Tem sido uma distração bem-vinda da sua recente separação, diz-me ela. Além disso, acrescentou, esconder a verdade seria desiludir a vítima.

Uma boa repreensão era tudo o que eu precisava. Vou recompor-me e acabar o que comecei. Mas não hoje; hoje preciso de descansar. E quanto a esta patética amostra de jornalismo, pode ser o embrulho do peixe e batatas fritas de amanhã.

E sim, Helen, aquele som era eu a atirar o jornal para o outro lado da sala.

Capítulo



O dia de ontem foi um pouco atribulado, mas hoje estou com muito melhor disposição.

Para a frente é que é o caminho. É altura de voltar à minha história. Hoje regressamos ao hotel e retomamos o ponto em que ficámos no dia anterior ao do homicídio. Devem lembrar-se de que tinha acabado de receber uma lição de tecnologia de Dave Americano. Foi bom saber que o Sr. Potts me apoiava. Se os americanos o ouviriam ou não, era outra questão.

Dave Americano deixou um iPad na minha secretária, por isso pus os óculos e tentei mexer nele. Fiona não hesitou em rir-se quando me viu. Sendo eu alguém que ainda tem um daqueles telemóveis antigos, que só servem para fazer chamadas, tenho a certeza de que era uma visão e tanto ver-me a tentar navegar num iPad. Fiona mostrou-me como funcionava e, após algumas tentativas, percebi o básico. Apareceu uma pequena mensagem no ecrã a dizer: teste teste teste. dave. teste teste teste. Ele falava tão alto no iPad como na vida real. Os novos dispositivos deviam ser colocados nos quartos dos hóspedes durante as rondas de limpeza programadas para o dia. Eu estava ansioso para ver quantas pessoas preferiam usá-los.

Entretanto, Alec Maclean, o escritor escocês, telefonou para a minha secretária a pedir copos novos e uma taça de frutos secos mistos. Quando bati à sua porta, a sua voz gritou-me para entrar. As cortinas da suíte estavam fechadas e apenas uma fresta de luz brilhante incidia sobre o seu rosto. Ouvi um ruído e demorei alguns segundos a perceber que vinha de Alec. Ele estava

sentado a uma secretária com o portátil aberto e o cabelo todo desalinhado. Quando se virou, a sua tez cinzenta, as pálpebras descaídas e os olhos vermelhos logo evidenciaram que tinha passado as poucas horas que se seguiram ao *check-in* a familiarizar-se com o *whisky* de cortesia do hotel.

– Ajuda-me a escrever – murmurou, e depois tossiu.

– Ouvi dizer que Lewis Carroll tomou alucinogénios quando escreveu *Alice no País das Maravilhas* – disse eu, numa tentativa de o tranquilizar.

– Suponho que não tenha nenhum atrás da sua secretária – brincou Alec.

– Receio que tenham acabado. Há mais alguma coisa que lhe possa trazer?

– Abrir as cortinas deve tornar as coisas um pouco menos deprimentes aqui dentro.

Aquilo pareceu-me uma ideia maravilhosa. Um botão na parede ao lado da lareira controlava as cortinas e, com uma pressão rápida, elas abriram-se como no início de uma produção teatral.

– Como está esse bloqueio de escritor? – perguntei, tentando parecer otimista.

– Pensei que um pouco de lubrificação pudesse ajudar. – Ele inclinou o copo de *whisky* de um lado para o outro e observou o líquido a balançar. – Mas enganei-me. Alguma dica?

– Eu mal sabia ler ou escrever quando andava na escola. Ainda demoro algum tempo a ler um bom romance policial, mas a perseverança é fundamental nos momentos difíceis. Gostava muito de poder escrever uma história um dia. Não dizem que toda a gente tem um bom livro dentro de si? – disse eu. Ironicamente, é o que isto é.

– Podia escrever sobre a vida aqui no hotel – sugeriu Alec.

– E quem é que ia querer ler sobre isso?

– Teria de o tornar interessante. Todos os bons livros precisam de um acontecimento, uma reviravolta e uma resolução. Arranje estes três elementos, junte-lhes algumas personagens problemáticas e não há razão para não escrever um bom livro. Na verdade, eu próprio tenho escrito sobre algumas das pessoas aqui no hotel. Faço-o frequentemente. Registo conversas ou momentos que testemunho, para o caso de os querer usar mais tarde. Não que eu saiba alguma coisa sobre como escrever um bom livro. Estou preso na reviravolta. – E suspirou.

– Bem, o que é que tem até agora? – perguntei.

Podem achar estranho que eu tenha ficado no quarto de Alec, uma vez que, como vos disse, era sempre muito profissional e, como tal, não tinha o hábito de me aproximar demasiado dos hóspedes. Mas aquele era um dia atípico, depois de saber que a minha interação humana estava prestes a ser substituída por uma máquina, e como Alec parecia querer conversar, não vi mal nenhum numa breve conversa. Além disso, o tema era interessante.

Alec contou-me o enredo do seu livro. Não quero dizer muito porque, como disse antes, vai ser publicado postumamente – pela antiga editora de

Helen, por acaso. A história é sobre um pescador escocês que vive numa ilha remota onde estão sempre a acontecer coisas estranhas. É um daqueles contos sombrios e misteriosos, e ele usa muitos adjetivos – ondas «aparatosas» e vento «uivante» – para descrever o cenário. Ele só me leu uma parte do conto, mas eu consegui perceber o frio e a miséria que se faziam sentir no sítio onde o pescador vivia. Acho que é isso que um bom escritor faz.

No final, fizemos um debate de ideias de três potenciais reviravoltas que poderiam ter lugar para explicar as estranhas ocorrências na ilha. Rapidamente excluámos a sugestão de Alec de extraterrestres, seguida da minha recomendação de que o pescador tinha um irmão gémeo há muito perdido, que tinha sido entregue para adoção pelos pais e que agora estava de volta para se vingar da família que o tinha renegado. Alec alegou que a minha ideia era demasiado rebuscada, o que eu achei um pouco exagerado vindo do bêbedo que queria culpar os extraterrestres por tudo. Mas fiquei satisfeito com o resultado e feliz por ter ajudado Alec a ultrapassar o seu bloqueio de escritor. Quando o deixei, ele estava ocupado a teclar no computador e a abrir outra garrafa de *whisky*. Digo-lhe agora, com o benefício da retrospectiva, que há algo de muito perigoso num homem com uma garrafa de *whisky* vazia – ainda mais quando há uma cheia à espera ao seu lado.

Saí do quarto de Alec, fechando a porta atrás de mim sem fazer barulho, não querendo perturbar o seu fluxo de palavras. Algumas portas adiante, mais alguém também fazia algo às escondidas. Vi Dave Americano puxar o fecho das calças com um sorriso de satisfação no rosto enquanto fechava a porta da suíte da sua colega Tanya. Era meu dever fazer vista grossa a tais envolvimento, mas tenho a certeza de que a Sra. Dave Americano não ficará muito satisfeita se alguma vez ler o meu livro. No entanto, um homem daqueles conseguiria convencer o Papa de que Jesus não existe, por isso tenho a certeza de que ele se safará de alguma forma.

– Pronto para experimentar os iPads, meu caro? – gritou ele quando me viu.

Fiz-lhe um sinal de afirmativo com o polegar, porque essa parecia ser a forma adequada de comunicar com um homem assim num momento daqueles. Ele retribuiu o gesto, parecendo completamente despreocupado por eu o ter apanhado naquela situação. Mas isto remete para o que eu estava a dizer antes, sobre as pessoas sentirem que podem ser elas próprias ao pé de mim, porque é apenas o mordomo que está a ver... ninguém importante.



Por volta das 15h30, os convidados do casamento começaram a chegar em catadupa. O hotel não é suficientemente grande para acomodar hordas de convidados barulhentos, por isso, normalmente, sugerimos que a família direta dos noivos fique nas suítes e que os outros convidados reservem o seu próprio alojamento num dos hotéis vizinhos ou numa pousada. Fiquei junto à

porta com Fiona e as raparigas da receção, a tentar vislumbrar os convidados. Parecia ser um grupo muito abastado quando saíram dos veículos. Foram encaminhados para a lateral do hotel, em vez de atravessarem o *lobby*, para não incomodarem os restantes hóspedes. Um arco-íris de mulheres vestidas de forma colorida era interrompido pelos tons escuros de fatos com colete, de estilista, em homens bem-cuidados que falavam como se fossem da realeza. Uma mulher parecia determinada a suplantar a noiva com um vestido creme esvoaçante feito do que pareciam ser penas.

Fiona tratou para que fossem servidas algumas bebidas antes do casamento ao noivo e aos seus padrinhos, na biblioteca. Patrick queixava-se de que os pais não tinham conseguido vir, pois tinham sido apanhados em negócios no Médio Oriente. Algumas pessoas têm todo o dinheiro do mundo, mas não põem a família em primeiro lugar, por isso qual é o objetivo? Eu preferia ter tido pais maravilhosos enquanto crescia do que milhões de libras. Acontece que não tive nem uma coisa nem outra. Isto é injusto para a minha mãe, mas ela não esteve cá muito tempo.

A minha mãe morreu quando eu tinha treze anos. Ataque cardíaco. O meu pai encontrou-a morta na sua cadeira preferida, com um copo cheio de xerez e uma fatia de tarte de maçã por comer ao seu lado. Nem sequer chegou a desfrutar da sua última refeição. A minha mãe era uma mulher encantadora. Chamava-se Anna-Elise. Costumava pintar paisagens a aguarela e vendê-las no bar local aos turistas que por ali passavam. Há alguns anos, a minha irmã tentou encontrar alguns dos seus trabalhos. Uma vez, esteve perto de recuperar uma aguarela, mas o vendedor ganancioso queria mais de três meses de salário por ela. Talvez se eu vender muitos exemplares deste livro consiga comprá-la.

O alcoolismo do nosso pai piorou depois da morte da nossa mãe. Mas foi uma coisa boa para mim, porque ele passava mais tempo no bar do que em casa. Depois, desmaiava quase no mesmo instante em que entrava pela porta da frente e eu escapulia-me antes de ele acordar na manhã seguinte. Éramos como navios na noite. Por vezes, chegava à escola três horas mais cedo só para o evitar. Aos fins de semana, subia a colina por detrás de nossa casa e sentava-me na relva até o ver sair para mais um dia.

Mas voltando ao hotel: depois de o noivo e os seus companheiros terem bebido, Fiona acompanhou-os para fora, para que fossem cumprimentar os convidados. Vi de relance a cara de Patrick quando passou pela receção. Porque é que alguns noivos parecem estar a caminhar para a sua execução quando estão a caminho de casar com o suposto amor da sua vida?

Quando Fiona voltou, disse-me que o noivo estava com dúvidas. Que não tinha a certeza se Olive o ia fazer feliz para sempre. Tinha dito que ela era egoísta, e constantemente insatisfeita, sempre à espera de mais. Fiona disse que fizera uma piada sobre o divórcio que caíra como um balão de chumbo. Ela nunca tivera tato para este tipo de situações. No entanto, sempre a achei muito engraçada. Além disso, parecia-me um pouco tarde para o noivo se

arrepender. Em todos estes anos, já vi alguns casos de nervosismo pré-casamento, mas não me recordo de uma única ocasião em que o casamento não tenha ido adiante. Não há dúvida de que há alguns casais divorciados por aí, mas um casamento no Cavengreen custa um braço e uma perna e ninguém quer passar pelo embaraço de explicar a um grupo de convidados arrogantes que uma festa de luxo foi cancelada. Apostei dez libras com Fiona em como o casamento se realizaria na mesma e, mais tarde nesse dia, ela pagou. Tentei recusar – um cavalheiro nunca aceita dinheiro de uma senhora derivado de uma aposta perdida –, mas ela meteu a nota no meu bolso do peito e disse-me que eu podia pagar-lhe um copo de vinho na sexta-feira. Pareceu-me um bom plano. Não que chegássemos a ir ao bar.

Os pais de Olive estavam a discutir quando desceram para o *lobby*. Algo sobre o facto de ele não ter dito que o cabelo dela estava bem quando lhe foi pedido. A rispidez de Sue era provavelmente fruto dos nervos de mãe da noiva e não da falta de elogios do marido. Martin suspirava e parecia preferir estar noutro lugar. Não conheço os meandros da dinâmica da família Bainbridge, e o paradeiro do pai biológico de Olive ainda é desconhecido para mim, por isso não espere que ele apareça de repente para assassinar alguém. Pode riscá-lo da sua lista de potenciais suspeitos.

As discussões pararam quando as gémeas apareceram aos tropeções no corredor – aparentemente, já tinham bebido algum champanhe. Riam alto e tiravam fotografias a cada dois passos. Usavam vestidos cor de pêssego, sem costas, e tinham penteados a condizer, metade para cima, metade para baixo. O fotógrafo do casamento tirou-lhes algumas fotografias, e depois mais algumas, porque elas exigiam ser fotografadas de todos os ângulos. A pobre Olive esperou nos bastidores durante vários minutos antes de ser chamada para a sua grande revelação. E que revelação! A mãe e o padrasto choraram lágrimas de felicidade quando a sua queridinha surgiu num volumoso vestido branco com um véu que se estendia ao longo do corredor. Todos posaram para o fotógrafo na escadaria do hotel. Ao longo dos anos, vi aquela escadaria ser fundo de muitas fotografias bonitas. Desde recém-casados a celebridades e membros da realeza, vi de tudo. Mas é sempre preciso ter cuidado com a eventual intromissão de algum hóspede que apareça. Neste caso, foi um Alec embriagado que desceu a correr, espremendo-se entre Ruby e a noiva. Ruby chamou-lhe uma série de nomes ofensivos, mas Alec ignorou-a, dirigindo-se para a minha secretária. Era essencial que eu me juntasse a ele na sua suíte, imediatamente, para o ajudar com o final da sua história, insistiu ele.

– Não vai fazer nada em relação a ele? – gritou Ruby na minha direção.
– Ele quase atirou a noiva pelas escadas abaixo!

Era uma situação complicada para mim. Eu não era segurança do hotel e Alec tinha todo o direito de usar a escadaria principal, independentemente da sessão fotográfica. Infelizmente, ele agira como um touro numa loja de porcelana.

– Peço imensa desculpa – disse eu. – Fiona irá providenciar mais

champanhe antes de fazerem a vossa entrada.

As minhas palavras apaziguaram a noiva, mas as gémeas não ficaram satisfeitas, deixando claro que eu não só era um velho tolo que estava abaixo delas, como também não lhes surpreendia o facto de eu não usar aliança de casamento, uma vez que não passava de um mordomo de hotel.

Fiona olhou-me com um ar apologetico enquanto conduzia o grupo para a biblioteca para beber champanhe e tirar mais fotografias.

Quando olho para trás, é muito claro que as gémeas embirraram comigo desde o início. Para elas, eu era um alvo fácil. Mas não tive tempo de processar os insultos, porque um Alec de aspeto abatido estava praticamente a arrastar-me pelas escadas acima em direção à sua suíte. Quando sugeri que talvez fosse melhor conversarmos no dia seguinte, quando estivéssemos ambos mais revigorados, ele gritou algo incoerente e cheio de cuspo, depois voltou a subir as escadas sozinho, tropeçando uma ou duas vezes pelo caminho.

O *lobby* parecia ter sido atravessado por um furacão e eu respirei fundo três vezes para me recompor. Fiona regressou à receção, revirando os olhos por causa das «histéricas», como ela chamava às gémeas. Mas isto não é nem metade da minha experiência com as meninas Farrinucha. Ainda há mais para contar, mas talvez comece a perceber porque é que não fiquei nada contente quando soube que elas estavam a contar a sua história ao Yorkshire Sun. Aquelas duas raparigas são um perigo.

Capítulo



Paula McDavidson voltou a rondar. Desta vez, quer uma citação em resposta à sua entrevista com as gêmeas. Não há qualquer hipótese de isso acontecer. Bati-lhe com a porta na cara e disse-lhe para nunca mais voltar. Como se isso a fizesse parar! Helen está cá hoje. Algo está mal, mas ela está sempre a repetir que está «bem». Está sentada a um canto, toda tímida porque não quer que a sua voz apareça na gravação de hoje. Mesmo quando eu disse «por favor», ela cruzou os braços e desviou o olhar. Não vou ser demasiado insistente. Talvez quando desligar o gravador ela se abra.

Helen veio para avaliar o ponto em que estou na história e para me dar algumas dicas úteis, garantindo que não me esqueço de nada importante. Trouxe umas tartes de baunilha da pastelaria Maude's, por isso, dê-me licença enquanto como uma delas e lhe falo de Bruno Tatterson. Eu disse-lhe que me era familiar; não fui o único a achar. Fiona disse que também o conhecia de algum lado. Um filme mais antigo, disse ela. Fiona adora filmes policiais britânicos e jurava que tinha visto Bruno num deles. Ela estremeceu quando sugeri que lhe perguntasse, subtilmente, se ele era ator. No Cavengreen orgulhamo-nos da nossa discrição. É um sítio onde a pessoa mais famosa do mundo pode ter alguma privacidade.

Bruno passou a maior parte do dia no *spa*, acabando por regressar à sua suíte por volta das 17 horas. Foi o que me disse Fiona. Eu não estava lá para o ver porque Alec tinha pedido uma nova almofada como forma de me atrair para a sua suíte para o ajudar novamente com o seu bloqueio de escritor. Na

verdade, ele queria tanto a minha ajuda porque estava a usar-me como inspiração para a sua personagem principal. Eu já sabia que ele tinha usado pequenos fragmentos de mim no seu livro, mas, desde então, Helen contou-me que eu apareço bastante no seu manuscrito. A personagem principal parece-se comigo, disse ela, e até tem muitos dos meus trejeitos. Ele sou eu, mas com um sotaque escocês. Curiosamente, imito muito bem um escocês. Não que o consigam ouvir se eu o fizer para o gravador. Já o fiz para Helen e ela não o admite, mas sei que ficou impressionada. Até vi o vislumbre de um sorriso quando ela se perdeu por um momento ao recordar um escocês com quem namorou antes da sua mais recente relação. No típico estilo de Helen, ela travou-se antes de revelar muito mais do que isso.

Sempre foste uma pessoa misteriosa. Durante anos, não soubemos nada de ti, enquanto estavas a fazer livros em Londres. Há muitos espaços em branco para preencher, Helen... se este for, de facto, o teu nome verdadeiro.

Ela sabe que estou a brincar. Até ouvi um risinho por detrás da tarte de baunilha que está à porta da sua boca.

Alec queria que eu lhe falasse de um momento memorável da minha vida, por isso contei-lhe a história de como mudei o pneu do Sr. Thomas daquela vez. Ele sorria e teclava enquanto eu falava. Depois, pediu-me que lhe falasse da minha relação com os meus pais, o que me fez bater na cabeça três vezes. Ele reparou e perguntou-me do que se tratava. No início hesitei, mas depois falei do meu pai, das agressões. Fi-lo sem pensar, abrindo-me de uma forma que normalmente não aconteceria. Não antes de escrever este livro, pelo menos. Disse-lhe que as pancadas na cabeça não foram o primeiro sinal. Pouco antes disso, começara a gaguejar. Isso já desapareceu. Embora, quando estou muito, muito nervoso, possa voltar a ter uma ligeira gaguez. O meu pai ficava furioso com isso. Suspeito que, no fundo, ele sabia que me tinha feito aquilo. Deixou de me obrigar a pedir desculpa pelas coisas por causa do tempo que o D demorava a sair da minha boca. Mas os espancamentos não pararam. Eram sempre três chicotadas fortes na parte inferior das minhas costas.

Apercebendo-me de que tinha partilhado demasiado, decidi que era altura de apresentar as minhas desculpas e sair. Alec levantou-se apressadamente da secretária. Cambaleou, depois avançou para me agarrar, implorando-me que ficasse mais cinco minutos, para lhe contar só mais umas coisas. Infelizmente, puxou com demasiada força e rasgou-me o fato na costura do ombro. Pediu desculpa, mas não mostrou muita emoção. Sabia que tinha de me deixar ir embora e eu saí pela porta, assegurando-lhe que estava tudo bem. É uma dinâmica interessante, a do hóspede e do mordomo. Fora do hotel, um homem nunca imaginaria que podia simplesmente sair impune por rasgar o fato de outro homem. Isso só aconteceria durante uma espécie de luta acesa. Mas como eu era o mordomo e ele era um hóspede pagante, de alguma forma isso sanava a ocorrência.

Normalmente, eu gostava de saber de todos os hóspedes pelo menos uma vez por dia, quer isso significasse apanhá-los quando regressavam de um passeio, ou quando estavam a caminho do jantar. Depois do que aconteceu com Alec, não me apetecia fazer conversa fiada, mas queria apanhar Bruno antes de ir para casa. Sabia que ele tinha uma marcação para as 19 horas no Lavender Plates, por isso, por volta das 19h15, mesmo antes de ir para casa, entrei no restaurante para o cumprimentar. Ao passar, coloquei o meu casaco rasgado, cuidadosamente dobrado, em cima da secretária de Fiona. Ela é uma excelente costureira e disse que, de manhã, o casaco estaria como novo.

Bruno estava ocupado com o seu telemóvel e tinha uma garrafa de bom vinho italiano aberta na sua mesa. Não era minha intenção assustá-lo, mas foi isso que aconteceu quando tossi para o alertar da minha presença. A conversa foi curta e incómoda. Fiquei com a impressão de ter interrompido algo importante no telemóvel dele, por isso fui breve. Disse-lhe que esperava que tivesse tido um bom dia e que avisasse o pessoal do turno da noite se precisasse de alguma coisa. Disse-lhe que estaria de volta às seis da manhã, e saí. Ele não fez caso da minha saída, mas eu nunca levava essas coisas a peito.

De volta à minha secretária de mordomo, peguei nas chaves do carro e disse boa noite a Fiona, que também estava de saída. Mal ela saiu pela porta, Bruno entrou no *lobby*. Pediu desculpa por ter sido tão rude, embora isso fosse desnecessário, pois eu já tinha ultrapassado a nossa interação. Quando se trabalha em hotelaria, quanto mais cedo se perceber que não se deve esperar um pedido de desculpas por um comportamento brusco de um hóspede, melhor. O *timing* de Bruno foi bastante irritante, pois eu estava ansioso por chegar a casa. Disse-lhe que não havia problema e que não tinha por que se preocupar, mas ele parecia angustiado, agitando os braços no ar de forma errática enquanto descrevia a pressão a que tinha estado sujeito nos últimos tempos e lamentava ter descarregado em mim.

Foi nesse momento, com Bruno a gesticular, que as gémeas entraram na receção. Ambas ergueram as sobranceiras para mim, como se dissessem: «A causar problemas outra vez?». Rubi contraiu as bochechas para conter o sorriso, enquanto Oksana sussurrava qualquer coisa ao ouvido da irmã. Mais valia aquelas raparigas terem nascido víboras, com a quantidade de veneno que destilam. É claro que elas já tinham desaparecido quando eu consegui acalmar a situação. Se tivessem ficado a olhar para nós mais algum tempo, ter-nos-iam visto apertar as mãos e desejar, mutuamente, um bom serão.

E assim foi. Foi isto que aconteceu no dia anterior ao do homicídio. Sim, salientei alguns momentos de ligeira perturbação, mas essas coisas aconteciam de vez em quando no Cavengreen. Garantidamente, nada ocorreu

que me levasse a suspeitar do que viria a suceder no dia seguinte. Mas, antes de chegar a isso, parece-me uma altura oportuna para falar com Helen e certificar-me de que abordei todas as informações necessárias para a história, até agora. Temos uma pequena lista. Acho que vou deixar este capítulo por aqui.

Capítulo



Helen acabou por ficar para tomar chá ontem à noite. Fiz frango com *tikka masala* de frasco e conversámos sobre o livro, entre outras coisas. Ela falou-me do tempo que passou na editora em Londres. «A época mais entusiasmante da minha vida», foi como ela a descreveu. E fez mesmo com que parecesse muito glamorosa. Jantares chiques com novos autores, festas de lançamento de livros e muita gente interessante. É perceptível que ela sente falta desse mundo. Até consegui que falasse da sua relação. Ela nunca o mencionou nas poucas vezes em que veio visitar-nos, a mim e a Josie, mas aparentemente ele não era alguém que quisesse ser mencionado. Ela nem sequer falava dele aos colegas de trabalho; disse que eles tinham demasiados altos e baixos. Decidiu que era mais fácil não dizer nada. É justo, digo eu.

Helen é um pouco diferente de mim. Ela é muito extrovertida e eu sou um pouco mais reservado, mas não sou tímido, de forma alguma. O que estou a tentar dizer é que gosto de estar perto das pessoas – foi esse o meu trabalho durante mais de cinquenta anos –, mas também adoro a minha própria companhia e canso-me facilmente em ambientes sociais barulhentos ou particularmente movimentados. Helen, por outro lado, anseia por interação social. E tem muitas histórias para partilhar sobre o tempo que passou no Sul. Tenho a certeza de que não se importará muito se me referir a ela como um pouco tagarela. Ela é uma ótima companhia para uma alma velha como eu. Se não fosse Helen, não teria qualquer interação social além das minhas visitas, pouco frequentes, ao *pub* com Fiona.

Ouçá-me, a falar como se estivesse rodeado de mulheres. Uma boa parte de mim sente falta da companhia da minha mãe e da minha irmã. O meu pai roubou-nos tantas potenciais memórias felizes.

Uma batida. Duas batidas. Três batidas.

Já há alguns capítulos que não dou qualquer batida na cabeça, não é verdade? Agora que estamos a entrar na parte pegajosa desta história, receio que as batidas possam ser mais frequentes. Espero que isto não incomode muito.

Quando Helen veio cá ontem à noite, perguntou se podia usar o meu computador. Sim, eu tenho um computador. Comprei-o há uns tempos na esperança de aprender a usá-lo, mas nunca aconteceu. Cheguei a criar uma conta de correio eletrónico – Fiona ajudou-me –, mas foi só isso. Agora está lá em cima a ganhar pó. Helen vai matar-me por dizer isto, mas o telemóvel dela ficou sem bateria e ela precisava de marcar uma hora para pintar os seus emergentes cabelos brancos de castanho. Aparentemente, agora é possível marcar hora no cabeleireiro via Internet. Helen conseguiu ligar-se com facilidade e informou-me de que, além de algo chamado *spam*, eu tinha um *e-mail*. Era de Dave Americano. Ela escreveu-o numa folha de papel para que eu o pudesse ler para si, hoje. Na sua cabeça, terá de ler isto com um sotaque texano. Helen tentou fazer a sua melhor imitação ontem à noite, mas acabou por soar ligeiramente irlandesa e russa.

Caro Sr. Harrow,.

Há muito que não nos falamos! Como deve saber, ou não, uma produtora aqui nos Estados Unidos abordou-me para fazer um documentário sobre o homicídio de Cavengreen. Tenciono regressar ao Reino Unido nos próximos meses para visitar os Dales com a equipa de filmagens. Uma vez que desempenhou um papel tão importante em tudo isto, gostaria de lhe perguntar se estaria interessado em aparecer no ecrã para contar a sua história. Seria pago, claro. Penso que achará 2000 libras uma oferta muito generosa.

O que me diz, velho amigo?

Dave

Pode imaginar como me senti insultado com isto. Velho amigo? Garantidamente, não somos velhos amigos. E duas mil libras? Isso é consideravelmente menos do que o adiantamento do livro, que Helen está a tentar negociar para mim. Digo-lhe já que não vou responder. Por mim, ele pode enfiar o seu documentário americano pelo traseiro acima.

Todos precisam da minha ajuda para contar esta história adequadamente. Sem mim, estão todos a tentar adivinhar o que aconteceu com as peças de *puzzle* que têm.

Certo, já amassei o bilhete. Espere aí... Tenho de o pôr no caixote do lixo, senão distrai-me... Pronto, já voltei.

Este barulho foi a poltrona, Helen.

Agora posso começar a falar do dia em que encontrei o corpo.

Uma batida. Duas batidas. Três batidas.

Era apenas um dia normal. A maioria das histórias em que algo inesperado acontece começa com as palavras «Era apenas um dia normal». Como se fosse ser outra coisa que não isso. Seria demasiada coincidência se, no dia em que encontrei um cadáver, o meu carro também fosse roubado, um homem tentasse assaltar-me, eu quase fosse atingido por um raio e houvesse um incêndio no hotel. Mas aquele era apenas um dia normal.

Começou com a minha rotina habitual. Quando cheguei ao trabalho, fiz questão de saber se Eric, o porteiro da noite, sabia como correria o casamento. E sabia. Todos os comentários eram positivos, e os convidados tinham sido conduzidos de volta para os veículos, sem problemas, às 23h15 em ponto. Bruno pediu uma garrafa de champanhe e uma sanduíche pouco antes da meia-noite, mas, depois disso, não houve mais pedidos ao serviço de quartos. Após o pedido de Bruno, Eric disse que houve um breve momento de agitação envolvendo Alec. Aparentemente, ele estava bêbedo e andava à minha procura, mas regressou ao seu quarto quando se apercebeu de que eu tinha ido para casa. Decidi que talvez precisasse de ter uma palavra mais firme com ele para o informar de que não podia estar disponível da forma que ele desejava. Tinha todo o prazer em ajudar pontualmente, mas não se isso afetasse os outros hóspedes. Eric disse-me, também, que houve uma queixa de um dos quartos sobre o facto de os noivos terem consumado o casamento de forma algo ruidosa às 23h30, e depois novamente às 2 horas da manhã. Não havia muito que pudéssemos fazer em relação a uma coisa dessas, além de assegurar aos hóspedes descontentes que estávamos confiantes de que o barulho não duraria toda a noite. E assim foi.

Fiona estava de péssimo humor nesse dia. Isso era um pouco fora do normal, suponho. Disse que os hóspedes estavam a ligar para a receção sem parar desde que os iPads tinham sido colocados nos quartos, queixando-se de pedidos sem resposta e de um serviço lento. Ela tinha compilado uma lista que ia levar a Dave Americano. Fiona fica sempre tão perturbada quando não está satisfeita com alguma coisa. Incha as suas bochechas coradas e anda por aí como uma galinha sem cabeça, sem saber para onde se virar. Eu sabia que ela ia ficar nervosa ao transmitir o seu *feedback* a Dave Americano, mas, se houvesse uma hipótese de salvar o meu emprego, ela fá-lo-ia.

O Sr. Potts também estava nervoso nessa manhã. Tinha sido chamado de volta ao Cavengreen, pouco depois das 23 horas, por um dos fornecedores cujo carro ficara bloqueado pela limusina do hotel. Acontece que o Sr. Potts tinha levado as chaves para casa nessa noite, por acidente. Tinha olheiras e caminhava sem energia, embora se recompusesse sempre que um hóspede passava. Ficou a rondar a minha secretária mais tempo do que o normal. A presença dos americanos no hotel aproximara-o de mim e de Fiona, como se tivéssemos feito uma aliança. O Sr. Potts deixou claro que eu não seria

substituído por um iPad, mas estava preocupado com os outros funcionários. Todos os que trabalhavam no Cavengreen eram oriundos da zona, o que, na minha opinião, contribuía para o charme do hotel. Mas os americanos tinham planos para trazer os melhores dos melhores em gestão hoteleira, de países como o Dubai e os EUA. Eu estava ocupado a preocupar-me comigo quando descobri que toda a equipa estava em risco de ser substituída. Dizer que o ambiente estava um pouco mais tenso do que o habitual seria verdade. Mas nós ultrapassámos a perturbação e não deixámos que os nossos problemas pessoais afetassem os hóspedes.

Ninguém da festa de casamento apareceu para o pequeno-almoço. Em vez disso, enviei um carrinho do serviço de quartos com ovos, *bacon*, *croissants*, fruta e afins, juntamente com alguns *bloody marys*, para a suíte nupcial. O funcionário da cozinha disse-me que o meu gesto foi muito apreciado pelo rosto sonolento do noivo, quando abriu a porta.

Nessa manhã, apenas a mãe e o padraço da noiva saíram do seu quarto. Foram dar um passeio pelo jardim para apanhar ar fresco e regressaram quarenta e cinco minutos depois com mais cor nas faces. Perguntaram-me se eu podia reservar um chá da tarde para todos os convidados da boda ali hospedados, o que eu já havia feito, preventivamente, quando se tinham registado.

O chá da tarde é uma ocasião especial no Cavengreen. Aliás, o hotel ganhou vários prémios por este motivo e era frequente recebermos jornalistas e equipas de televisão que o queriam experimentar. O chá da tarde tem lugar no Lavender Plates, dia sim, dia não, às 15 horas. Cada mesa recebe bandejas de vários níveis onde estão dispostas pequenas sanduíches triangulares, além de bolos caseiros e *scones* com compota e natas. Tudo isto é servido com champanhe à discrição, e estão disponíveis charutos para serem desfrutados no terraço, depois de terminada a refeição. É uma ocasião muito especial. No meu tempo, havia alguns habitantes locais que vinham todos os domingos, sem falta. Eu passava sempre por lá quando todos os hóspedes estavam instalados. Mas, nesse dia, não tive oportunidade.

Às 15 horas em ponto, o iPad na minha secretária tocou. A suíte sete queria gelo; eu tinha de entrar e colocar o balde na mesa de café. Era um pedido simples. Às 15h08, bati à porta e anunciei «Mordomo», apenas por cortesia. Encostei o ouvido à porta e não ouvi qualquer resposta, nem o chuveiro, nem a televisão. Entrei e pousei o balde do gelo em cima da mesa, como me tinha sido solicitado. Quando me virei, vi uma mancha vermelha no tapete que levava à casa de banho, onde um corpo ensanguentado jazia sem vida no chão.

Uma batida. Duas batidas. Três batidas.

Era óbvio que estava morto. Lembro-me de piscar os olhos três vezes. Três pestanejos lentos. A minha mente esforçava-se para processar o que via. Parecia que tinha estado naquela suíte durante uma vida inteira. A confusão... oh, a confusão; era horrível. A visão vai assombrar-me para o resto dos meus

dias. Aquele corpo morto estava tão fora de contexto na minha vida, no hotel. Era surreal. Tudo no Cavengreen era tão perfeito. Ver poças de sangue nas carpetes limpas a vapor e nos azulejos da casa de banho cuidadosamente esfregados foi extremamente perturbador.

Não me aproximei, não precisava de o fazer. Conseguia ver-lhe a cara. Os olhos estavam entreabertos; descaídos, digamos assim. A sua expressão era vazia, mas não pacífica. Espera-se sempre que os cadáveres tenham um ar tranquilo, mas aquele era o oposto. A boca estava ligeiramente aberta, como se quisesse gritar por socorro. Tenho a certeza de que tentou fazê-lo naqueles últimos momentos.

Eu sabia que precisava de pedir ajuda. Quando saí para o corredor, pus a mão sobre a boca, tentando conter o vômito que se aproximava. Mal conseguia respirar. O meu crânio formigava. Nuvens cinzentas turvavam-me a visão. Cambaleei pelo corredor, passando uma mão pela parede para me orientar. Não sabia exatamente para onde os meus pés me levavam, mas estavam a andar depressa.

Shamila era a única pessoa atrás do balcão da receção e estava a conversar com um hóspede. Ela viu-me pelo canto do olho e franziu as sobrancelhas enquanto me via a atravessar o *lobby*. Acho que, naquela altura, provavelmente eu estava à procura de Fiona. Dela ou do Sr. Potts. Caminhei desajeitadamente pelo *lobby*, esbarrando na mesa de centro, derrubando o vaso e sacudindo as pétalas da erva-bezerra cor-de-rosa.

Num momento que deve ter chocado toda a gente, irrompi pelas portas duplas do Lavender Plates. As cabeças viraram-se para me ver. Deve ter sido uma visão e peras. A senhora do balcão – esqueci-me do nome, era nova – levantou as duas mãos para tentar impedir-me, mas eu continuei. Os empregados de mesa desviaram-se do caminho enquanto eu cambaleava pela sala até onde estava o Sr. Potts, que seguia a minha entrada precipitada com um olhar assustado. Ele tinha acabado de abrir uma garrafa de champanhe para os recém-casados e para o grupo que os acompanhava, que, agora, estavam congelados, com os olhos arregalados e as bocas abertas, enquanto a garrafa efervescia na mão do Sr. Potts.

Desabei nos braços do Sr. Potts e ele conduziu-me para o corredor ao lado da cozinha. Os cozinheiros espreitaram pela passagem da cozinha para ver o que se passava; alguns chamaram-me para perguntar se eu estava bem, mas eu não conseguia responder. Estava em choque absoluto.

O Sr. Potts virou um caixote e forçou-me a sentar nele. Perguntou-me o que se passava. As minhas orelhas estavam quentes e a minha boca pesada. Era assim que eu me sentia quando o meu pai tentava falar comigo.

Uma batida. Duas batidas. Três batidas.

Tentei contar ao Sr. Potts o que tinha visto, mas a gaguez que me tinha impedido de falar na infância voltou e tive dificuldade em fazer sair as palavras. O Sr. Potts disse-me para respirar fundo. Respirei três vezes.

O Sr. Potts voltou a perguntar-me o que se passava.

– Ass... assa... assassinato. – Foi o melhor que consegui dizer naquele momento.

Dave Americano e Tanya apareceram no corredor. O Sr. Potts avisou-os, educadamente, de que a área em que se encontravam estava reservada ao pessoal do restaurante, algo que Dave Americano não apreciou. Ele recordou ao Sr. Potts que tinha liberdade de ação sobre o hotel, agora que este tinha sido vendido. Não era o momento nem o lugar para ele fazer valer o seu estatuto, mas Dave Americano é assim: sem tato e insensível. Contornou o Sr. Potts para me ver melhor.

– O velho tem demência? – perguntou. Aproximou-se de mim e gritou-me na cara: – Você. Sabe. Onde. Está?

O Sr. Potts mandou-o dar-me algum espaço, depois agachou-se ao nível dos meus olhos e disse-me para ignorar Dave Americano. Isso foi bastante fácil, uma vez que a minha mente estava totalmente consumida pelo horror do que tinha acabado de testemunhar.

Uma batida. Duas batidas. Três batidas.

O Sr. Potts falou tão calmamente; o seu rosto era tranquilizador naquele momento. Ele precisava que eu lhe desse mais informações, e eu sabia que tinha de lhe contar o que acabara de descobrir. Só que a minha boca e a minha mente não estavam em sincronia.

– Assa... assassinato – repeti. Foi precisa tanta energia para fazer sair aquela palavra. Senti-me exausto. Encostei a cabeça à parede.

– Quem é que foi assassinado, Hector? – sussurrou o Sr. Potts. Apertou-me a mão e olhou-me atentamente nos olhos. Ele tinha-se posicionado de forma a bloquear a linha de visão de Dave Americano, mas eu ainda conseguia ver o ianque a esticar o pescoço e a mexer-se para cima e para baixo para me ver. Atrás dele, Tanya tentava parecer formal, estendendo os braços para bloquear o acesso à área. Os empregados de mesa espreitavam pelo corredor, perguntando-se o que se estaria a passar. Deve ter sido um drama bastante entusiasmante para aqueles jovens.

– Potts. – Dave Americano agarrou o gerente pelo ombro e puxou-o para trás. – Ele disse *assassinato*?

– Fale baixo. – O Sr. Potts afastou-se do aperto de Dave Americano. – Se sair do caminho, vou conseguir saber mais.

– Porque é que ele está a demorar tanto tempo? – gritou Dave Americano, impaciente. – Desembuche, Hector!

Isto, claro, só piorou a situação. Eu sabia o que queria dizer. Queria dizer ao Sr. Potts o número da suíte e o nome da vítima e pedir-lhe que chamasse a polícia. Mas os pensamentos não se traduziam em palavras.

Com grande presença de espírito, o Sr. Potts pegou numa caneta e num bloco de notas de uma empregada de mesa com ar atónito e disse-me para escrever.

Escrever não é algo em que eu seja bom – já sabe disso –, mas com uma mão trémula consegui rabiscar: *Suíte 7. Bruno. Assassinato.*

O Sr. Potts pegou no bloco de notas e leu as palavras. Dave Americano avançou e arrancou-lhe o papel.

O Sr. Potts pegou no telemóvel e ligou para a polícia. Ouvi-o dizer que um dos empregados suspeitava que tinha havido um homicídio. Não é que eu *suspeitasse* que tivesse havido – era bastante claro que tinha sido cometido um homicídio. Uma das empregadas ofereceu-me um copo com água, mas eu recusei-o; as minhas mãos tremiam tanto que não teria conseguido agarrá-lo.

Dave Americano entrou em ação.

– Bloqueiem as saídas! – gritou, enquanto passava pelos clientes que estavam à mesa e se dirigia para a entrada do restaurante. Apontou para todas as portas e janelas. – Ninguém pode sair!

O som dos talheres a tilintar levemente enquanto eram colocados nos pratos de porcelana ecoou pela sala. Toda a gente se calou e, de onde eu estava sentado, podia ver os hóspedes nervosos a trocarem olhares confusos. Alguns beberam champanhe em grandes goles. Outros até se riram, pensando que talvez fosse uma atuação.

– Houve um homicídio! – declarou Dave Americano. – Toda a gente tem de ficar sentada até a polícia chegar. – A sala encheu-se de suspiros.

O Sr. Potts afastou-se de mim e dirigiu-se apressadamente para Dave Americano. Agarrou firmemente no ombro do homem e falou-lhe diretamente ao ouvido. Imagino que tenha dito algo como: «Pare de fazer uma cena, seu americano idiota.» Mas isto é pura especulação. Fosse o que fosse, o Sr. Potts parecia furioso. No entanto, vê-lo assumir o comando ofereceu-me alguma tranquilidade. O meu ritmo cardíaco começou a abrandar. Agora que havia mais pessoas envolvidas, senti como se o fardo de procurar ajuda me tivesse sido tirado dos ombros. O formigueiro no meu crânio parou. Estendi as mãos à minha frente e vi que já não tremiam. Mas as imagens do corpo ensanguentado de Bruno continuavam a passar-me pela cabeça e eu fiquei ali a bater na cabeça em sequências repetidas de três pancadas. Para quem estivesse a ver, eu devia parecer louco. Mas, curiosamente, as pancadas ajudam-me a manter a mente sob controlo.

– Não há motivo para alarme. A polícia foi chamada e está a caminho. – Dave Americano rodou trezentos e sessenta graus enquanto se dirigia à sala.

Longe de mostrar alarme, a maioria dos hóspedes retomou o seu chá da tarde. Os empregados de mesa voltaram a encher os copos de champanhe e a conversa ligeira voltou a encher a sala. É uma das coisas de que mais gosto nos britânicos: estão sempre a fazer o que têm a fazer, mesmo em momentos de homicídio ou confusão.

Dave Americano pareceu surpreendido com a falta de interesse no seu anúncio dramático. Assegurou aos hóspedes, em voz alta, que a polícia tinha sido chamada, mas tinha perdido a atenção do público.

As janelas, do chão ao teto, do Lavender Plates oferecem uma vista da parte da frente do hotel. Através delas, pude ver quatro carros da polícia a descerem a estrada a alta velocidade, com as sirenes a tocarem cada vez mais

alto. Pararam à entrada e surgiu um enxame de polícias fardados. Todos os presentes no restaurante pararam as suas conversas e viraram-se para observar; alguns levantaram-se dos seus lugares para verem melhor. Alguns dos jovens pegaram nos telemóveis e começaram a tirar fotografias. Ouvi alguns clientes dizerem que tudo aquilo era muito empolgante, mas duvido que o tivessem dito se fossem *eles* a descobrir um homem assassinado numa quinta-feira à tarde. Completa falta de respeito pelo morto, na verdade.

Entretanto, o Sr. Potts tinha saído do restaurante, seguido por Dave Americano, que deu instruções à chefe de sala para não deixar sair mais ninguém. Esta revirou os olhos, mas fechou as portas atrás deles e encorajou toda a gente a continuar a desfrutar da sua refeição.

Pareceu-me uma eternidade até Fiona chegar ao Lavender Plates. Passou por entre as mesas o mais depressa que pôde com os seus saltos altos; vi o seu olhar a desviar-se para a esquerda e para a direita enquanto procurava por mim. Eu devia estar com um aspeto lamentável, porque ela arquejou e pôs as duas mãos sobre a boca quando me viu. Arrastei-me no meu banco, endireitando as costas para tentar parecer menos fraco e abatido. Fiona abraçou o meu corpo com força e, depois de me soltar, olhou-me profundamente nos olhos, como se procurasse garantias de que eu estava bem. Afastou alguns dos funcionários mais intrometidos e disse-lhes para voltarem ao trabalho. Fiona consegue ser muito mandona quando precisa de o ser.

Pegou na minha mão e puxou-me para cima, mantendo um aperto firme enquanto me conduzia pelo restaurante, dizendo-me para ignorar os olhares. Enquanto nos dirigíamos para o *lobby*, Fiona disse-me para me preparar, pois havia muitos polícias à minha espera e eu teria de ser forte. Eu não sou fraco e queria que Fiona o soubesse, por isso assegurei-lhe que ia ficar bem.

Ao fundo do corredor estava um homem de fato. Tinha os braços cruzados e olhava impacientemente para o relógio, como se tivesse um lugar mais importante para estar. Quando me viu, estalou os dedos e um grupo de polícias apareceu atrás dele. O Sr. Potts e Dave Americano ficaram de lado; todos os olhos estavam postos em mim. Fiona empurrou-me na direção da polícia. Olhei para ela, e ela deu-me um sorriso ténue e um pequeno aceno de cabeça.

O homem de fato deu um passo em frente.

– Muito bem, Sr. Harrow, certo? Mostre-nos onde encontrou o corpo, se não se importa.

Capítulo



Foi a caminhada mais longa da minha vida, a caminhada de volta à suíte sete.

A minha mente estava a pregar-me todo o tipo de partidas. Consequia ouvir a voz do meu pai a dizer-me que eu estava a mentir, e conseguia ver pegadas ensanguentadas na carpete do corredor, pegadas de quando cambaleei para fora do quarto. Mas não havia pegadas, claro. Não me tinha aproximado o suficiente do corpo para ter sangue nos sapatos. Estava tudo na minha mente.

A polícia seguiu-me como se eu fosse o Flautista de Hamelin, parando atrás de mim quando indiquei com a cabeça a porta que escondia o hóspede falecido. Reconheci alguns dos agentes: Fred e Ellie trabalhavam na polícia há muitos anos, e eu via-os na minha vila de vez em quando. Não que haja muito crime por estas bandas. Por norma, estariam a investigar o roubo de máquinas de cortar relva ou o desaparecimento de gatos. Coisas banais. Vários polícias olharam para mim com ar desconfiado, franzindo o sobrolho ou erguendo uma única sobrancelha. Alguns sorriram como se não acreditassem em mim – exatamente como o meu pai costumava olhar para mim. Um deles bocejou. Se tivesse sido o Sr. Potts ou Dave Americano a encontrar o corpo e a reportá-lo, tenho a certeza de que o hotel já estaria embrulhado em fita da polícia, mas como fui eu, o mordomo, o velhote, tive de convencer toda a gente de que estava a dizer a verdade.

Quando eu era mais novo, o meu pai dizia sempre que eu estava a mentir

sobre as coisas, apesar de nunca o ter feito. Esse tipo de coisas destrói a nossa confiança. Juro que era só mais uma desculpa para ele me dar uma tarefa. Era dono de um negócio de bate-chapas: bate por profissão, bate por natureza. Era muito apropriado para um homem assim. Só estava ou bêbedo ou de ressaca, e em ambas as versões gostava de me dar com o cinto. Se eu olhasse para ele de forma estranha: cinto. Se eu não olhasse para ele: cinto. Se eu olhasse para a minha mãe com simpatia depois de ele lhe ter batido: cinto. Um dia, eu devia ter uns nove ou dez anos, escondi todos os cintos dele. Na minha ingenuidade, pensei que isso resolveria o problema. Mas, em vez de um cinto, o meu pai usou um vaso de plantas e partiu-me os cinco dedos da mão direita. Fê-lo à frente de Josie, que na altura era apenas um bebé. A minha mãe disse na escola que eu tinha caído da bicicleta. Nessa altura, eu nem sequer tinha bicicleta. O objetivo de lhe dar esta informação não é avisar que me tornei um homem violento por causa do meu pai; na verdade, diria que sou exatamente o oposto. Suponho que isto é apenas uma mera contextualização que pode ser útil para explicar os pequenos hábitos que tenho – a forma como o meu cérebro funciona.

Naquele momento, à porta da suíte sete, senti que era eu contra todos. Conseguiu perceber o que eles estavam a pensar: *O velhote é xexé ou há mesmo um cadáver lá dentro?* Os seus olhares questionadores fizeram-me duvidar de mim próprio, mas só por um segundo.

Afastei-me da porta, sem querer aproximar-me demasiado. Agora que penso nisso, parece-me estranho. Do que é que eu tinha medo? De um cadáver? Há algo de perturbador em estar tão perto de alguém que foi assassinado. O corpo sem vida de Bruno era assustador porque era inexplicável, não porque já não respirava. O desconhecido é assustador, e havia muitas incógnitas nesta situação. Também tinha medo de que a polícia me obrigasse a voltar lá. Uma vez fora o suficiente.

O agente de fato pediu ao Sr. Potts que abrisse a porta. Enquanto os outros avançavam, eu afastei-me mais uns passos, até onde o corredor permitia. Dave Americano tentou aproximar-se da frente, mas foi-lhe dito para se afastar, para sua frustração.

É melhor apresentar o homem de fato agora, antes de falar do que aconteceu a seguir. Nunca o tinha visto antes, mas, no final desta confusão do homicídio, já nos conhecíamos muito bem. Trata-se do detetive Arjun Raj e, pelo que percebi desde então, ele tinha subido muito rapidamente na hierarquia da polícia. Provavelmente, esperava andar a tratar de papelada durante alguns anos aqui nos Dales, antes de conseguir um lugar de destaque na grande metrópole de Leeds – que, para quem não sabe, é a principal cidade deste condado.

Os seus modos eram ameaçadores e agressivos; não era o tipo de pessoa que se quisesse ajudar. Tinha olheiras e um monte de cabelo preto que afastava da cara com demasiada frequência. Diria que tinha quarenta e poucos anos e, a certa altura, reparei que tinha fotografias de duas crianças

penduradas nas chaves do carro, em minimolduras. Não quero ser rude, mas não consigo imaginá-lo como um pai particularmente carinhoso. Aliás, apostaria dinheiro em como os filhos o temem, tal como eu temia o meu pai quando ele era vivo.

Uma batida. Duas batidas. Três batidas.

O detetive Raj andava por todo o lado como se fosse para uma batalha e não tivesse tempo para pessoas que considerava inferiores a ele – o que parecia ser toda a gente. Não havia nada de simpático nele e, nisso, uma vez mais, fazia-me lembrar o meu pai.

Uma batida. Duas batidas. Três batidas.

O Sr. Potts abriu a suíte sete. O detetive Raj calçou um par de luvas de látex, abriu a porta e entrou. A atenção de toda a gente estava virada para ele, enquanto aguardavam a notícia de que eu tinha mesmo descoberto um cadáver. Até eu sustive a respiração, à espera da confirmação de que não tinha acabado de enlouquecer.

O detetive Raj saiu cerca de vinte segundos depois. Tirou as luvas brancas das mãos e manteve a cabeça baixa. Todos sustivemos a respiração. Era desconfortável. O detetive levantou, finalmente, a cabeça.

– Fechem o corredor – ordenou. – Houve um homicídio. – Depois, elevando a voz para se fazer ouvir acima dos murmúrios resultantes: – O hotel tem de ser totalmente encerrado. Ninguém entra, ninguém sai. Agora, mexam-se! – O detetive Raj bateu palmas e os seus agentes dispersaram.

Dave Americano desviou-se dos corpos em movimento e aproximou-se do detetive Raj para anunciar que já tinha dito aos hóspedes do restaurante que não podiam sair. Suponho que queria uma palmadinha nas costas. O detetive não respondeu, mas olhou para Dave Americano de alto a baixo antes de concluir que ele não era importante.

Dave Americano, claramente desesperado por se sentir relevante, virou-se para mim e disse-me para voltar para o restaurante e aguardar novas instruções. Nem pensar que lhe ia dar ouvidos. Comecei a caminhar em direção ao *lobby* para encontrar Fiona.

– Oh, não, não vai. – O detetive Raj agarrou-me no ombro com firmeza. – Tenho algumas perguntas para si.

A partir daí, o gabinete do Sr. Potts passou a ser o gabinete do detetive Raj. O Sr. Potts tentou dar luta, alegando que a polícia não tinha o direito de se apropriar do hotel daquela forma, mas estava a desperdiçar o fôlego. O Sr. Potts foi relegado para a sala de espera no Lavender Plates durante as cinco horas seguintes, tal como o resto do pessoal e dos hóspedes. A única pessoa que não estava no restaurante transformado em prisão era eu. Dois polícias vigiavam a porta da biblioteca, onde eu estava detido, sozinho. Eram irritadiços e agressivos, e diziam-me para não tentar nada. Como se eu o fosse fazer. Sou um homem velho, com uma anca defeituosa; dificilmente iria fugir. Além disso, não tinha nada a esconder. Lembranças do corpo trovejavam na minha mente enquanto eu andava para um lado e para o outro.

Uma batida. Duas batidas. Três batidas.

Eu sabia que não era o assassino, mas sentia-me ameaçado pela polícia. A voz do meu pai ecoava nos meus ouvidos, dizendo-me que eu estava a mentir e que ia ser descoberto. Temia ser um alvo fácil e que a polícia pudesse acusar-me de alguma coisa se quisesse. Estava fora do meu alcance.

Na altura não sabia, mas agora sei: enquanto eu estava fechado na biblioteca, o detetive esteve a rever as imagens das câmaras de vigilância do momento em que descobri o corpo. Obviamente, não há vigilância nas suítes, mas, por razões de segurança, o hotel tem câmaras nos corredores. Conheço o posicionamento da maior parte delas e posso dizer-vos que há uma câmara mesmo por cima da suíte seis que capta a porta da suíte sete. As câmaras são de última geração e tinham sido recentemente instaladas, pelo que a imagem é muito nítida. Assim, teriam tido uma visão direta de mim a entrar na suíte sete e depois a sair. Seria de esperar que isso me ilibasse, mas quando o detetive Raj voltou, após rever as imagens, não me deu descanso algum.

O detetive estava apenas a fazer o seu trabalho, eu sei disso. Mas vou dizer o seguinte: há maneiras de fazer as coisas, e a dele foi a errada. Passei três horas no gabinete do Sr. Potts a ser interrogado pelo detetive. Num piscar de olhos, eu tinha passado de mordomo de hotel a principal suspeito num caso de homicídio. E não é que me trataram como tal? Nem sequer me deixaram beber um copo de água. O *stress* faz-nos ter sede, sabia? A minha língua estava praticamente colada ao céu da boca. Acho que foi uma tática indecente para me fazer falar. Não precisavam ter-me desidratado até à morte para fazerem isso! Disse-lhes tudo o que sabia nos primeiros dois minutos, por isso não percebo por que razão sentiram a necessidade de me arrastar sobre brasas durante três horas. Tortura, é o que se lhe pode chamar.

– Porquê as pancadas na cabeça? – Foi a primeira coisa que o detetive Raj me perguntou enquanto andava de um lado para o outro no gabinete do Sr. Potts. Fez-me sentar na cadeira da secretária do Sr. Potts. Era uma daquelas giratórias e digo-vos uma coisa: o Sr. Potts deve sentar-se como um lápis, porque as costas da cadeira mais direitas não podiam estar. Eu sou a favor da boa postura, mas preciso de me inclinar um pouco para não fazer demasiada pressão na anca. Aquilo estava a dar cabo de mim, caso esteja a pensar nisso. Devo ter feito demasiados movimentos estranhos no meio de toda a confusão, e agora parecia que me tinham cravado um punhal de lado. E vou dizer-lhe o que penso da pergunta inicial do detetive Raj: rude! É isso que eu acho. Não tem piada brincar com a vulnerabilidade de uma pessoa assim que a conhecemos. A pergunta dele confirmou que eu não estava a lidar com um homem simpático.

– É um tique nervoso que acontece quando tenho um pensamento sombrio ou intrusivo – respondi, evitando o contacto visual.

– Tem muitos desses pensamentos sombrios, é?

– De vez em quando.

– E essas vozes na sua cabeça dizem-lhe para fazer coisas más? – Ele

tinha distorcido as minhas palavras.

– Não são... não são... vozes. São... são memórias. – Consequia sentir o fantasma gaguejante do meu passado a aproximar-se. Fechei os olhos e bati levemente na parte da frente da minha cabeça, uma e outra vez, em séries de três. A voz do meu pai gritava-me para parar com aquilo. Para deixar de ser tão ridículo. Para deixar de ser fraco.

– Em que é que está a pensar agora, então? – Abri os olhos e o detetive Raj estava inclinado para mim, com as duas mãos sobre a secretária.

– No sangue... no c-c-corpo – gaguejei.

– É uma visão muito má, não é?

Um aceno de cabeça parecia ser a única resposta adequada. Olhando para trás, gostava de ter sido mais forte. É fácil dizer isto agora que estou do outro lado. Não quero que você, que está a ler isto, pense que sou fraco. Tem de compreender que eu tinha acabado de ver um cadáver, um homem assassinado; estava em frangalhos. Naquele momento, eu estava assustado. Medo de que a memória de todo aquele sangue me assombrasse para sempre, medo de que me culpassem por algo que não fiz. À medida que esta história for avançando, espero que note uma mudança em mim. Esta experiência tornou-me mais forte, disso tenho a certeza. Acho que nunca se é demasiado velho para aprender, nem mesmo aos setenta e três anos. Essa é a ruína de muitas pessoas na vida; pensam que são demasiado velhas para evoluir e mudar. Mas eu não.



O detetive Raj disse que queria mostrar-me uma coisa. Abriu um computador portátil e ligou um daqueles...

Helen, por favor edita esta parte para acrescentares o nome daquelas coisas que se ligam ao computador. Não é algo que me seja muito familiar.

Ele ligou uma *pen* USB [nota do editor]. O detetive puxou uma cadeira ao meu lado e clicou num vídeo. Era eu. Era eu a caminhar para a suíte sete, a segurar o balde de gelo. Foi estranho voltar a ver aquela versão de mim próprio, a versão que ainda não tinha visto um cadáver. A versão que estava prestes a ter a sua vida mudada por uma visão que o marcaria para sempre. Como eu era inocente.

No vídeo, pude ver-me a bater à porta e a entrar. O detetive Raj parou aí. Pegou no telemóvel e disse-me que ia pôr um temporizador. Preparou o temporizador e depois carregou no *play*. Os meus olhos passaram do ecrã para o telemóvel, para o ecrã e para o telemóvel. Dez segundos. Vinte segundos. Ao fim de trinta segundos, eu sabia o que ele estava a fazer. Sabia o que ele queria dizer. Quarenta segundos. Nada. Quarenta e cinco segundos. Nada. Cinquenta segundos. Foi quando saí da suíte, e foi quando o detetive Raj parou o temporizador.

– Obviamente, acabámos de iniciar a nossa investigação e vamos ter de

falar com toda a gente. Mas pode dizer-me porque é que, ao entrar numa suíte e ver um cadáver, demorou cinquenta segundos a sair para procurar ajuda? Parece-me algo que poderia ter sido feito em dez, talvez quinze segundos. – O detetive Raj olhou para mim sem expressão, com os seus olhos escuros. Era impossível encontrar qualquer calor naquele homem.

– Talvez eu devesse arranjar um advogado – supus.

– Não há necessidade disso, Sr. Harrow. Esta é apenas uma conversa informal, não oficial. Não está metido em sarilhos. – O detetive Raj mudou para um tom de voz mais otimista, como se estivesse a tentar convencer-me de que o que estava a dizer era verdade. – Uma vez que foi você quem encontrou o corpo, precisamos de saber primeiro a sua versão. – Ele mostrou os dentes num sorriso. – Agora, voltando àqueles cinquenta segundos...

– Foi o tempo que demorei. Pousei o balde de gelo, virei-me e vi Bruno, o Sr. Tatterson, morto na casa de banho...

– Sabia que ele estava morto só de olhar para ele?

– Aquela quantidade de s-s-sangue... – Bati três vezes na cabeça. – Era óbvio que estava morto. Os seus olhos estavam abertos e vazios.

– E depois?

– Fiquei em choque. Fiquei ali em choque. Pestanejei três vezes. Depois fui à procura do Sr. Potts. Procurar ajuda.

Pode estar a interrogar-se sobre este diálogo; foi assim que aconteceu realmente ou não? Mas, atenção, esta discussão está gravada na minha memória. Pode não ser exata, palavra por palavra, mas está muito próxima. Tanto quanto possível nesta história, tentarei recriar os diálogos. Nos momentos em que não tiver a certeza das palavras, limitar-me-ei a descrever o que aconteceu na conversa. Quero ser franco quanto a isto, porque sei que se vai questionar.

Pedi água ao detetive Raj; ele disse que eu podia beber depois de lhe explicar porque é que demorei cinquenta segundos a encontrar o corpo e a sair da suíte. Até cronometrou o tempo que ele demorava a pestanejar três vezes. Oito segundos. Disse-lhe, vezes sem conta, que cinquenta segundos foi o tempo de que precisei. O choque de ver um cadáver atrasou a minha reação – certamente, isso não seria algo assim tão invulgar. Mas ele não desistiu. Era como se quisesse que o caso fosse resolvido o mais depressa possível, e isso significava arrancar-me uma confissão. Girei para a esquerda e para a direita na cadeira, enquanto via o detetive Raj a andar pelo escritório, dizendo-me que eu era culpado, por outras palavras. Os ponteiros do relógio saltavam como se o tempo voasse, mas tudo parecia tão lento. Eu estava cansado, exausto, pronto para ir para casa. Tudo o que queria era voltar ao dia anterior, quando ser substituído por um iPad era o meu maior problema. A perspetiva é tudo.

– Está a mentir! – O detetive Raj bateu com o punho na secretária depois de mais uma hora de perguntas intermináveis. Ele não fazia ideia do que estava a fazer, agora vejo isso. Acho que estava inseguro e desesperado por um feito na carreira. Mas, naquele momento, pensei que ele estava a ser duro e a usar táticas que tinha aprendido nos seus anos de experiência. Aliás, na altura, pensei que ele era um polícia tão experiente que, de alguma forma, conseguiria fazer-me ceder e confessar algo que eu não tinha feito. O medo borbulhava à superfície, mas à medida que o detetive Raj continuava a provocar-me, um lado meu que desconhecia começou a emergir. Quando o relógio se aproximava das três horas de disparates, passei-me.

– Está enganado! – gritei, entre outras coisas. Apertei os punhos e cerrei os dentes. Senti-me possuído pelo espírito do meu pai; ele é a única pessoa que conheço que agiria daquela forma. No entanto, agora percebo ainda menos o meu pai do que antes. Foi preciso ser acusado de homicídio para que eu chegasse ao ponto de perder a calma.

Uma batida. Duas batidas. Três batidas.

Para ele, bastava olhar para a minha cara; era o seu pior pesadelo. Setenta e três anos de vida, e só agora me apercebi disso. Mas ainda não o consigo compreender e sei que vou morrer a perguntar-me como é que ele podia sentir aquilo por mim.

Quando a minha conversa com o detetive Raj chegou finalmente ao fim, senti-me derrotado. Vi-me num espelho na parede. Tinha um ar vazio, exausto e sem esperança. O detetive ordenou-me que esperasse sozinho na biblioteca. Eu não lhe tinha dado a solução fácil que ele parecia desejar tão desesperadamente, e ele parecia estar sentido comigo por isso. Era assim que eu via as coisas.

As paredes da biblioteca pareciam estar a fechar-se sobre mim. As minhas mãos estavam húmidas e o meu coração batia forte. Havia um exemplar da Bíblia numa das prateleiras. Nunca fui um homem religioso, mas apoiei a cabeça na lombada do livro e disse um rápido «olá» a Deus, para o caso de Ele estar lá em cima. Não fui propriamente educado na religião, mas como sabe questiono muitas vezes a forma como fui educado. Não foi escolha minha não acreditar em Deus; foi assim que aconteceu. Se Ele está lá em cima, espero que saiba que não tenho más intenções. Sempre tentei o meu melhor para evitar problemas. Tranquilidade: é disso que eu gosto. E eis que o homicídio bate à minha porta. E o pior de tudo é que o detetive estava a insinuar que eu tinha algo que ver com isso. Tudo o que eu podia fazer naquele momento era esperar e desejar que a verdade viesse à tona. Qualquer que fosse a verdade.



A voz de Dave Americano passou a trovejar pela porta da biblioteca e eu desviei a cabeça da lombada da Bíblia. Ele estava a dizer ao detetive Raj que

estava disposto a fazer tudo o que pudesse para ajudar a apanhar o assassino. Vinte minutos depois, dois agentes da polícia vieram buscar-me novamente. Eram Fred e Ellie. Conheço-os há anos, só de os ver por aí. Já disse isto? Esqueci-me. De qualquer forma, foi bom ver umas caras amigas, dadas as circunstâncias. Pareciam compreensivos enquanto me escoltavam de volta ao gabinete do Sr. Potts, para mais uma sessão com o detetive Raj. Fred e Ellie sabiam tanto sobre mim como eu sabia sobre eles, ou seja, que pareciam ser boas pessoas. Acho que se consegue ver quando alguém tem uma boa alma; está nos seus olhos.

Fred deu-me uma palmadinha nas costas enquanto caminhávamos para o gabinete do Sr. Potts. Era reconfortante saber que alguém estava do meu lado. Naquela altura, não fazia ideia de onde estavam o Sr. Potts e Fiona. Tanto quanto sabia, tinham sido mandados para casa. À porta do gabinete do Sr. Potts, Fred sussurrou-me ao ouvido:

– Vamos tirá-lo disto o mais depressa possível, companheiro. – Eu sei que ele tinha boas intenções, mas o facto de ter dito aquilo deixou-me logo nervoso.

O detetive Raj obrigou-me a sentar de novo, embora eu tivesse preferido ficar de pé. Havia algumas notas rabiscadas num pedaço de papel pautado que tinha sido arrancado de forma irregular de um bloco. As margens rasgadas deixavam-me desconfortável, mas não era altura de me concentrar nisso. O detetive Raj questionou-me sobre o meu estado de espírito na última semana, afirmando que uma fonte lhe tinha dito que, recentemente, eu recebera notícias preocupantes e que estava, entre aspas, «zangado». O maldito Dave Americano e a porcaria dos seus iPads. Na primeira oportunidade que teve de me tramar, fê-lo. E agora tem a desfaçatez de me enviar um *e-mail* para participar no seu maldito documentário. Está a ver porque é que me aborreci tanto por ele me chamar «velho amigo»? E ele fica pior à medida que a história avança. As palavras que me ocorrem para descrever este homem provavelmente não podem ser publicadas – como pode imaginar, não são nada simpáticas.

Disse ao detetive Raj que não sabia a que é que ele se referia, embora soubesse muito bem. Acrescentei que o meu humor estava ótimo nessa semana. Sim, foi um choque saber que um novo sistema ia ser implementado no hotel, mas eu estava no Cavengreen há cinquenta e tal anos; novos sistemas iam e vinham, era natural. Como mordomo, sempre me adaptei muito bem a todas as mudanças. Estava determinado a minimizar a minha reação aos iPads. O detetive Raj não precisava de mais munições.

– Estava zangado por estar a ser potencialmente substituído por uma nova tecnologia. – Foram as palavras do detetive Raj. Deve ter sido o que Dave Americano lhe disse. Então, o sacana *estava* a tentar acabar com o meu emprego. Estes Americanos não sabem nada sobre lealdade.

– Eu não estava zangado. Estava preocupado, mas definitivamente não estava zangado – disse ao detetive.

– Não faz mal que estivesse zangado. Não usamos as emoções para incriminar as pessoas. Às vezes, eu próprio fico zangado, e não há problema.
– O detetive Raj tentou fazer o papel de polícia bom.

O interrogatório prolongou-se por mais uma hora. Quatro horas no total, para quem estiver a contar. Não sei muito sobre a lei, mas tenho quase a certeza de que ele não devia ter-me interrogado durante tanto tempo de forma não oficial. A minha língua parecia uma lixa durante todo o tempo. O detetive Raj bebeu, presunçosamente, uma Coca-Cola, em garrafa de vidro, que deve ter tirado do meu frigorífico de mordomo. A certa altura, até comentou que a Coca-Cola sabe sempre melhor numa garrafa de vidro do que numa de plástico. Não toco numa desde que era miúdo. O meu pai costumava misturá-la com o seu rum barato. O cheiro da Coca-Cola enoja-me, por isso estava-me nas tintas para a opinião do detetive sobre o assunto. Só queria sair daquela sala e ir para casa.

Mas o detetive informou-me de que isso não iria acontecer. O hotel era um local de crime e ninguém podia sair até ele ter falado com todos os presentes. Isso significava que o pessoal teria de passar ali a noite. A maioria das funcionárias partilharia as suítes desocupadas; outras tinham de se contentar com qualquer sítio onde houvesse uma superfície plana para dormir. Mas a mim e a alguns dos outros funcionários do sexo masculino foi-nos dito que iríamos passar a noite na biblioteca. Tudo aquilo me parecia completamente ridículo. A ideia de não poder sair, de não poder descansar a cabeça na minha própria almofada, na minha casa, onde estão todos os meus pertences, um sítio onde posso tentar bloquear a memória do dia... Era demasiado para mim.

– Isto é criminoso! – gritei. – Deixem-me ir embora! – Levantei-me e inclinei-me para a frente, de modo a ficarmos frente a frente na secretária. Senti-me a respirar pesadamente, olhando fixamente para o detetive. Queria dar-lhe um murro. Nunca tinha batido em ninguém na minha vida, mas tive muitas lições sobre como dar um murro, enquanto alvo frequente do punho do meu pai. Os meus dedos curvaram-se para dentro, raspando a secretária.

O detetive sorriu, como se conseguisse perceber exatamente o que eu lhe queria fazer. Mas ambos sabíamos que isso seria uma parvoíce.

– Se for inocente, não deve ter problemas em ficar mais algum tempo para nos ajudar a resolver o caso. Não é verdade, Hector? – O detetive Raj exibiu um sorriso maldoso, com as narinas dilatadas. Ele tinha-me exatamente onde queria: à beira de um colapso. E eu estava tão envergonhado com a minha explosão; comportava-me como o meu pai. Entretanto, o verdadeiro assassino continuava à solta, e havia a possibilidade de voltar a atacar.

Capítulo



Fiona teve a gentileza de ir ao arrumo das roupas de cama buscar almofadas e cobertores para todos os que não tinham uma cama adequada para dormir. Eu, o Sr. Potts, Eric, o porteiro, Dean, da cozinha, e Charlie, o jardineiro, fomos remetidos para a biblioteca. Charlie, de 1,80 m, ficou com o sofá de três lugares, Eric com o de dois lugares e o pobre Dean encolheu-se numa bola para passar a noite no cadeirão. O Sr. Potts e eu demos o nosso melhor para ficarmos confortáveis no chão. Não que os jovens não nos tenham oferecido os sofás, mas ambos recusámos, sabendo que era pouco provável que conseguíssemos dormir. Em vez disso, pegámos nas almofadas do assento da janela e organizámo-las em dois colchões improvisados no chão, e tentámos aconchegá-los com cobertores e almofadas. No fim de contas, porém, continuava a ser apenas o chão e eu continuava a ser suspeito de homicídio.

Ambos ainda com os nossos fatos de trabalho, sentámo-nos nas nossas camas improvisadas, com as cabeças e os ombros caídos, derrotados pelo dia. O Sr. Potts tirou a gravata, enrolando-a à volta dos dedos e desenrolando-a de seguida. Parecia distraído, agitado. Depois, de repente, sentou-se direito, como se tivesse sido atingido por uma ideia. Levantou-se do chão e atravessou a sala até ao globo-bar que estava no canto. É um daqueles antigos que gira sobre o seu eixo e tem saliências a representar as montanhas e depressões a representar os vales. Levantou a tampa e, com cuidado para não fazer barulho e acordar os outros, deitou um pouco de *whisky* em dois copos.

Como já disse, não sou muito de beber, mas, por acaso, a ocasião pedia-o.

Os roncões dos outros homens eram bastante tranquilizadores. Como se estivéssemos juntos nisto. Nunca fui para a guerra, mas imagino que o que senti naquela sala fosse uma pequena fração da camaradagem que os soldados sentem. Pelo menos, eu já não estava sozinho e, se o assassino de Bruno ainda estivesse no hotel, não se arriscaria a tentar atacar qualquer um de nós naquela sala. Não se atreveria.

Pelo que Fiona me contou depois, todos os hóspedes foram acompanhados até às suas suítes. Foi ideia deles ficarem no conforto do Cavengreen em vez de irem para a esquadra da polícia, pelo menos durante a primeira noite. Os habitantes locais que só tinham aparecido para o chá da tarde acabaram por ser autorizados a sair por volta da meia-noite, depois de ter sido confirmado pelas imagens das câmaras de vigilância que, à chegada, se tinham dirigido logo para o Lavender Plates, sem desvios para qualquer outro local do hotel. Estavam, portanto, ilibados. Recentemente, tem havido muitas queixas sobre a legalidade de fechar um hotel inteiro contra a vontade dos que se encontram lá dentro. Os hóspedes só tinham concordado em ficar uma noite, mas permaneceram durante quatro. Segundo o relatório que Helen me fez, o detetive Raj colocou uma placa num sítio improvável, onde ninguém a veria: *Os hóspedes estão autorizados a sair em qualquer altura*. Isso livrou-o de problemas, legalmente falando. Os hóspedes podem ter concordado em ficar naquela primeira noite, mas isso não os impediu de fazer barulho quando a polícia desligou o *wi-fi*, deixando-os sem forma de contactar alguém fora do hotel. Boa sorte para conseguirem sinal de telemóvel no hotel. A rede é, na melhor das hipóteses, inconstante em toda a região dos Dales. O detetive Raj deve ter ficado preocupado com a fuga de informação para a imprensa. E, provavelmente, estavam a tentar evitar que uma tal Paula McDavidson andasse a bisbilhotar com o seu bloco de mentiras, antes de terem a oportunidade de descobrir quem era o assassino. Além disso, com o número de polícias que percorria os corredores, não me parecia que pudéssemos sair casualmente. O Cavengreen era como uma prisão e nós éramos como prisioneiros. Depois do meu interrogatório com o detetive Raj, senti-me como se fosse o prisioneiro mais famoso do hotel. Como se estivesse no corredor da morte e todos os outros estivessem presos por pequenos furtos.

Naquela noite, percebi que o Sr. Potts estava consumido pela angústia. Ele não dormiu e eu também não. Mas não falámos. Ele encostou-se a uma estante de livros – romances de Agatha Christie, apropriadamente. Tentava desesperadamente telefonar e enviar mensagens de texto à mulher. Sabia que ela ficaria preocupada quando ele não voltasse para casa. Com toda a razão. Mas sem *wi-fi* e sem rede, não havia forma de contactar ninguém para lá dos portões do Cavengreen. Questionámo-nos se teria havido uma fuga de informação sobre a minha descoberta sinistra, mas agora sei que não.

Por volta das duas da manhã, tive de ir à casa de banho. Ellie estava de guarda à porta da biblioteca. Devia estar a dormir, porque acordou com um

suspiro quando abri a porta. Juntos, fomos à casa de banho situada entre o *lobby* e a entrada do bar de *cocktails* Hugo's. O hotel estava estranhamente silencioso. Há muito tempo que eu não estava a horas tão tardias no Cavengreen. Nos meus primeiros tempos no hotel, fazia muitas vezes os turnos da noite. São normalmente as horas que ninguém quer fazer, pelo que o pessoal mais jovem é escalado. Nessa altura, havia sempre bom ambiente. Fazíamos todo o tipo de travessuras, sobretudo comer os restos dos frigoríficos do Lavender Plates ou correr pelos corredores vazios. Havia um ou outro pedido de bebida a altas horas da noite e, ocasionalmente, um hóspede bêbedo a cambalear, mas os turnos da noite eram, de resto, bastante calmos.

Ellie foi simpática comigo enquanto caminhávamos pelo corredor. Ela e Helen conheciam-se da escola; Helen contou-me isso há pouco. Ellie também conhecia a minha irmã e disse-me que lamentava a sua morte. Ellie seria quase dez anos mais nova do que Josie, mas, apesar disso, eram amigas. Toda a gente conhece toda a gente por aqui. Ellie tirou uns anos de licença da polícia e acabou por ter cinco filhos. Agora já são todos adultos, por isso acho que ela faz um turno de vez em quando para se manter ocupada. Não é ambiciosa, não como o detetive Raj, que seria uns bons anos mais novo do que ela.

– Certifique-se de que se defende, Hector. – Foi o que ela me disse enquanto nos dirigíamos para a casa de banho. – Certifique-se de que ninguém se aproveita da sua bondade, ouviu? Está numa situação complicada, e claro que eu sei que não foi você, mas o detetive Raj vai querer resolver o caso, para impressionar os superiores em Leeds. Certifique-se de que não deixa que ele o afete, ou acabará por arcar com as culpas de outra pessoa.

Na casa de banho, eu hesitei. As casas de banho do Cavengreen são lindas, mas não são a minha casinha, onde estão todas as minhas coisas, onde tenho a minha pequena rotina que executo todas as noites. Passei a mão por baixo da torneira e a água jorrou automaticamente. E depois parou. Voltei a passar a mão, desta vez enchendo de água as minhas mãos em concha. Senti-me dessincronizado com a minha vida. Normalmente, estaria na cama, com umas palavras cruzadas terminadas e uma caneta em cima da minha mesa de cabeceira, cinco horas passadas do meu sono de oito. Abri as mãos e deixei a água cair no lavatório. Enchi-as mais duas vezes antes de salpicar água na minha cara.

Deixei a água escorrer pela minha pele. O homem que me olhava ao espelho não parecia ser o mesmo Hector que eu conhecia há setenta e três anos. A cor do meu rosto tinha-se esvaído, tinha olheiras e o meu cabelo, normalmente bem-penteado, estava todo desalinhado. Ao olhar para esta versão diferente do Hector, perguntei-me se a sua vida alguma vez voltaria a ser a mesma. Este tipo de coisas muda as pessoas, e posso dizer-lhe que, desde que tive tempo para processar o que aconteceu, fiquei mudado para sempre. O choque e a dor iniciais diminuíram, mas quando se assiste a uma

cena de homicídio como aquela, é como se a inocência nos tivesse sido roubada. Sinto-me mais duro desde então. Mesmo quando sinto felicidade ou alegria, agora é mais moderada. Estar no Cavengreen e ver-me como me vi ao espelho naquela noite pareceu-me anormal. Mas, por outro lado, não havia nada de normal em tudo o que aconteceu durante aqueles quatro dias.

Ao regressar à biblioteca, reparei na fita amarela da polícia que delimitava vários corredores. Olhando para o corredor, pude ver pessoas de fato-macaco branco a entrar e a sair da suíte sete; algumas tinham câmaras e outras tinham sacos selados, presumivelmente cheios de provas. Alguns agentes estavam sentados no chão, encostados à parede, a escrever nos seus portáteis. O cenário era de caos organizado. Por vezes, esquecemo-nos de que há pessoas que têm como profissão ver pessoas assassinadas. Para mim, aquela fora a experiência mais invulgar de sempre, mas para eles era apenas mais um dia normal. Não percebo como é que um homicídio se pode tornar «normal», mas suponho que seja da mesma forma que os médicos se dessensibilizam com o sangue e eu me dessensibilizei com o facto de ser tratado como uma peça de mobiliário. Até você, leitor, terá um normal diferente do meu normal. Desculpe... estou a desviar-me do assunto.

Ellie deixou-me ficar tempo suficiente para absorver tudo aquilo. Parte de mim acha que ela também queria bisbilhotar e sabia que eu não me importava de dar uma rápida vista de olhos ao que se estava a passar. Enquanto observávamos, vários homens saíram da suíte sete carregando uma maca com um saco para cadáveres em cima. Foram escoltados pelo corredor por um grupo de polícias. Senti um sopro de ar quando eles passaram; o saco para cadáveres estava suficientemente perto para eu poder tocar-lhe, se quisesse. Ellie baixou a cabeça, mas eu continuei a olhar para aquele saco branco. Era surreal pensar que um homem que estava vivo vinte e quatro horas antes, estava agora dentro de um saco. Parecia um fim indigno para a sua vida, ser levado em plástico por estranhos. Mas, pensando bem, ser assassinado também não era nada digno.

O detetive Raj apareceu como que vindo do nada. Devia estar a seguir os agentes da polícia, mas não o vimos. Viu-me a mim e a Ellie, e a sua carranca habitual transformou-se numa carranca ainda mais severa. Trazia consigo um copo de café que atirou para o cesto dos papéis atrás da minha secretária, sem se dar conta, nem se importar, de ter falhado. Ignorando Ellie, passou as costas da mão sobre a boca, limpando algumas, mas não todas, as manchas castanhas que se tinham infiltrado nas fendas secas dos seus lábios. Os seus dentes também estavam manchados de café e, quando falou, o cheiro do hálito rançoso misturado com cafeína deu-me a volta ao estômago. Exigiu saber o que eu estava a fazer no *lobby*. Pareceu-me insatisfeito quando lhe disse que estava a regressar da casa de banho. Era como se quisesse que eu lhe dissesse que estava a regressar à cena do meu crime. Ellie corroborou a minha história, mas o detetive ignorou-a.

– Que conveniente – sibilou o detetive Raj. – Um último olhar sobre o

corpo, não é? – Ele queria que eu fosse o assassino e estava a agir como se eu o fosse.

Era aterrador pensar que ele estava a perder tanto tempo a concentrar-se em mim, quando o verdadeiro assassino ainda andava, potencialmente, pelos corredores. Quando disse isto ao detetive Raj, ele disse-me para não me preocupar, que seria feita uma busca minuciosa em todas as suítes e que todos os hóspedes seriam entrevistados nos próximos dias. Merda, *dias*? Já era altura de deitarem mãos à obra, pensei eu. Quanto mais depressa o fizessem, mais depressa descobririam que eu não era o culpado. No entanto, como vai descobrir, as coisas iam piorar muito para mim antes de melhorarem ligeiramente.



A manhã foi-se aproximando lentamente. Eu não tinha dormido, nem por um minuto. O Sr. Potts acabou por adormecer por volta das cinco da manhã, mas o som de uma horda de carros da polícia a parar na gravilha lá fora acordou-o às seis. Ellie despediu-se; ia para casa dormir. Felizmente, certificou-se de que Fred assumia o seu posto. Foi bom vê-lo.

Pouco depois de Fred ter chegado, o detetive Raj chamou-o pelo seu rádio. Ele dava ordens difíceis de decifrar. Fred parecia confuso e encostou o rádio ao ouvido para tentar perceber as instruções do detetive. Não precisava ter-se incomodado, pois, em pouco tempo, o detetive Raj apareceu à porta da biblioteca.

– Não me ouviu? Eu disse para levar este grupo para o Lavender Plates. Precisamos de usar a biblioteca para um *briefing* – gritou ele.

Aqueles de nós que tinham passado a noite na biblioteca juntaram os seus poucos pertences, e eu voltei a colocar todas as almofadas nos bancos da janela. Quando tentávamos sair, dezenas de polícias entraram na sala. Era como quando se tenta entrar no metro de Londres no momento em que uma multidão está a sair. Não que me preocupe muito com Londres. Fui lá uma ou duas vezes para ver o porquê de tanto alarido. Sobrelotada, pouco amigável e cara. É isto que eu penso.

Sem ofensa, Helen, sei quanto sentes falta de lá. Mas és muito mais cosmopolita do que eu.

Independentemente das minhas opiniões sobre a capital do Reino Unido, soube-me bem sair daquela biblioteca. Ouvi um dos polícias comentar que o ar cheirava a hálito fétido e nojento. Tal como os rufias da escola, alguns deles viraram-se e riram-se de nós. Quero deixar isto bem claro: o tratamento que recebemos da *maior parte* dos polícias foi absolutamente repugnante.



O Lavender Plates parecia desolador. Normalmente, era um dos meus sítios preferidos no hotel. Mesmo às seis da manhã, havia muita atividade,

com os cozinheiros ocupados a preparar o pequeno-almoço e alguns madrugadores já a tomar o seu café matinal e a ler o jornal. O hotel prepara praticamente tudo o que se quiser para o pequeno-almoço, desde que tenha os ingredientes. Mesmo assim, se um hóspede tiver um pedido específico e me der essa informação com antecedência, nós tratamos disso. No meu tempo, muitas pessoas pediam ostras e champanhe ao pequeno-almoço. Não há nenhuma razão para não se poder começar o dia com um pouco de *glamour*. É essa a essência do Cavengreen. Mas, nessa manhã, não se ouviu o tilintar de flutes de champanhe.

O Sr. Potts ligou as luzes e tirou-nos das sombras deprimentes. Parecia estranho estar a desfrutar da luz cintilante do candelabro, mas também parecia estranho estar em qualquer lugar no Cavengreen numa altura destas. Aquele lugar é demasiado especial para os horrores que sofreu.

O Sr. Potts foi buscar sumo de laranja e garrafas de água fresca para todos. Depois, sem sequer pedir autorização a Fred, ligou um dos fogões e gritou para que lhe déssemos os nossos pedidos de ovos. Aquela pequena ação fez-me lembrar, por um segundo, que não éramos prisioneiros; não tínhamos de pedir autorização no *nosso* hotel. Não que Fred se importasse, claro. Se algum dos outros oficiais estivesse a tomar conta de nós, tenho a certeza de que não o teria permitido. A fome parecia ser uma das táticas para nos fazerem falar mais depressa. Ou para *me* fazerem «confessar» mais depressa, devo dizer. O Sr. Potts insistiu em fazer-me ovos mexidos e *bacon*, apesar de ambos sabermos que eu não seria capaz de comer. Também fez para Fred. Era uma visão engraçada ver o Sr. Potts com a camisa toda amarrotada e o botão de cima desapertado. O seu cabelo estava despenteado e ele bocejava de dois em dois minutos. Era um homem muito diferente daquele que normalmente andava pelo hotel a certificar-se de que tudo estava impecável. Era bom ver este seu lado mais humano.

A chuva caía lá fora e o nosso pequeno grupo sentou-se em silêncio junto às janelas. Os três jovens rapazes comiam como se fossem náufragos acabados de resgatar. O Sr. Potts deu algumas trincas e eu comi educadamente metade da minha comida, apesar dos nós no meu estômago. Fred passeou pelo restaurante, acariciando o papel de parede e dando uma vista de olhos nos armários de porcelana e na sala de vinhos. Acho que estava a tentar dar-nos algum espaço. Não querendo parecer mexeriqueiro, optei por não partilhar a minha experiência de ver o corpo a ser retirado às duas da manhã. O que quer que eu fizesse ou dissesse, sabia que o detetive Raj poderia vir a saber. Por isso, mantive a cabeça baixa. Não que fosse capaz de o fazer durante muito mais tempo.

Conseguia ouvir Fiona a gritar do lado de fora do Lavender Plates. Ela estava a dizer a quem quer que estivesse a guardar a porta para sair do seu caminho. Fiona é ótima nisso. É uma mulher forte que não aceita nenhum disparate. As portas duplas do restaurante abriram-se e Fiona examinou a sala antes de vir na minha direção. Abraçou-se a mim e depois segurou as minhas

bochechas com as mãos, examinando o meu rosto para ver se havia algum sinal de angústia. Era bom saber que alguém se preocupava comigo.

– Ridículo! Tudo isto é ridículo! – gritou ela. – Sr. Potts, o que está a fazer em relação a isto? Manter-nos presos como animais selvagens... é uma barbaridade!

Os jovens rapazes contiveram o riso. Devo dizer que era um espetáculo e tanto ver Fiona a gritar com o Sr. Potts, vestida com um dos roupões de banho do Cavengreen e com o cabelo num carrapito desalinhado no topo da cabeça. Conseguia ver a longa saia justa cinzenta que tinha usado no dia anterior a espreitar por baixo da bainha do roupão, mas tinha trocado os saltos altos por um par de chinelos brancos do Cavengreen. O Sr. Potts foi, no mínimo, apanhado de surpresa. Uma Fiona zangada não era o tipo de choque com a realidade de que ele precisava naquela manhã.

– Receio que isto não esteja nas minhas mãos, Fiona – respondeu o Sr. Potts docilmente... o que não era habitual.

– Então, nas mãos de quem é que está? – Fiona agitou as próprias mãos, impacientemente, de um lado para o outro.

– Talvez os americanos nos possam informar sobre o que se está a passar – respondeu o Sr. Potts. – Afinal, eles são tecnicamente os novos proprietários do hotel.

– Os americanos! *Pfft*. Eles não passam de um bando de inúteis...

– Olá a todos! – Dave Americano entrou no Lavender Plates, com a sua amante e os dois lacaios a segui-lo como discípulos. Ele inclinou o seu chapéu de *cowboy* em sinal de saudação. – Que dia. Como é que dormiram? Fiona?

Fiona levantou o queixo, fez um ruído de desprezo e virou a cabeça para o lado, de braços cruzados, como faz sempre que está irritada.

– Está a fazer café? – Dave Americano sentou-se e estendeu um guardanapo de linho no colo. Tirou o chapéu de *cowboy* e pousou-o em cima da mesa. Lembro-me de me perguntar porque é que ele estava tão descontraído em relação a tudo. Era quase como se estivesse a gostar do que se passava, sem se preocupar com o facto de ainda haver um assassino à solta. Aborreceu-nos com pormenores sobre os planos do hotel para «entrar no futuro» e sobre como ia sugar a alma do local. Não que ele tenha usado estas palavras, claro. Disse que não estava nada preocupado com o impacto que o incidente do dia anterior poderia ter na marca do hotel, porque quando terminasse a mudança de nome e as renovações, as pessoas nem sequer saberiam que era o mesmo sítio. Quando ele disse isto, a sala encheu-se de olhos arregalados. O Cavengreen significava muito para todos nós, apesar de ser apenas um local de trabalho. Éramos uma família e, para mim, o Cavengreen era como uma segunda casa.

Quando Dave Americano terminou o seu monólogo, voltou a sua atenção para mim.

– O que se passa entre si e aquele detetive, Hector? Ontem estiveram a conversar durante muito tempo. Não é suspeito, pois não? – Rodou o chapéu

de *cowboy* no punho.

Optei por não responder e bebi a chávena de chá que o Sr. Potts tinha gentilmente colocado à minha frente. Evitei o contacto visual, mas consegui ver o Sr. Potts e Fiona a olharem para o americano. Tinha sido traçada uma linha muito clara.

– Já o vi fazer essa coisa bizarra de bater na cabeça uma série de vezes – observou Dave Americano, de forma sarcástica. – Quando perguntei a um dos jovens do hotel sobre isso, ele disse-me que o faz sempre que tem um mau pensamento. Então, bater três vezes na cabeça impede-o de matar alguém? Ou não é assim tão poderoso?

A sua amante americana riu-se, e os seus dois lacaios seguiram-lhe o exemplo.

– Chega, Dave. – O Sr. Potts manteve a voz baixa, mas foi firme.

– O que foi? – Dave Americano riu-se. – Sabemos que alguém nesta espelunca é um assassino, porque é que não havemos de suspeitar dele? Só porque é velho não quer dizer que não tenha sido ele.

– É melhor ter cuidado, seu reles... – começou Fiona.

– Ou o quê? – Dave Americano inclinou a cabeça, à espera de uma resposta.

– Ou então vai ter de se entender comigo – rematou Fiona.

Os americanos riram-se todos como hienas.

– Mudei de ideias. – Dave Americano deu uma dentada num pãozinho e falou com a boca cheia, com as migalhas a voar. – O Hector não pode ter matado alguém. Não quando precisa de uma mulher de meia-idade para travar as batalhas por ele.

– Já chega! – Agora era eu que falava. Já tinha ficado calado tempo suficiente. O calor irradiava das minhas mãos e foi então que reparei que as tinha batido contra a mesa e partido um pires. O sangue escorria-me da mão esquerda para o piso de madeira.

Fred veio a correr da janela. Agarrou-me no pulso e levou-me até à porta.

– Vou contar isto ao detetive Raj. Ele vai apreciar a minha ajuda! – gritou Dave Americano atrás de mim.

Virei-me e vi-o colocar o chapéu de *cowboy* na cabeça, presunçoso, apenas para que Fiona o deitasse ao chão com um golpe rápido da mão enquanto passava. Ela e o Sr. Potts seguiram-me, com Fiona a canalizar a sua raiva para sopros audíveis e fortes puxões no cinto do roupão, forçando um nó mais apertado. As coisas estavam a escalar, rapidamente.

Capítulo



Procurámos refúgio no Hugo's.

O Hugo's não tinha o mesmo ambiente que o Lavender Plates, mas o inimigo – isto é, os americanos – tinha reivindicado o restaurante, por isso, o ambiente sombrio do bar de *cocktails* teria de servir para o nosso pequeno exército.

– Acho que é melhor não mencionarmos isto ao detetive – disse Fred, acenando com a mão.

– Não creio que tenhamos escolha – respondi. – O americano já lhe deve ter dito. Graxista; a tentar sentir-se importante. Ele é todo ego, aquele maldito ianque. – Enxaguei o pulso no lavatório atrás do bar, vendo o sangue a escorrer pelo ralo. Lembrei-me do cadáver de Bruno. Bati três vezes na cabeça com a minha mão seca.

– Eu digo-lhes que foi um acidente – tranquilizou-me Fred.

– Mas você estava a olhar pela janela – lembrei-lhe.

– Eu vi o que aconteceu. – Fred tocou no nariz e acenou com a cabeça. – Foi um *acidente*.

Não sei muito bem porque é que deu ênfase à palavra «acidente» quando foi mesmo um acidente, mas o seu apoio foi apreciado. Nunca na minha vida lidara com tal conflito. Bem, não desde que o meu pai morrera. No entanto, dificilmente descreveria o facto de levar com o cinto, dia sim, dia não, como um conflito.

Quando eu tinha dezasseis anos e já trabalhava, o meu pai deixou-me em

paz. Tinha chegado a uma idade em que começava a pensar em defender-me e o meu pai começava a ficar mais fraco. Depois, quando eu tinha vinte anos, o meu pai já não saía de casa devido à deterioração da sua saúde. Podem achar isto estranho, mas eu tomava conta dele. Levava-lhe comida e virava-lhe a cadeira para a televisão. Por vezes, fazemos o que temos de fazer. Consegui que o negócio de bate-chapas fosse posto à venda e usei o dinheiro para pagar a comida, as contas e por aí adiante. Apesar de o meu pai ser um completo idiota, ele era bom no que fazia, e o dinheiro ia durar até bem depois da sua morte.

Uma batida. Duas batidas. Três batidas.

Mas eu não podia simplesmente fechar os olhos com força e contar até três, vezes sem conta, até que o conflito no hotel terminasse. Como Fiona disse, eu tinha de ser forte.

Estivemos no Hugo's durante seis horas. O Sr. Potts sentou-se no chão, atrás do bar, e bebia uns goles de *whisky* sempre que Fred fazia vista grossa. Começava a pensar que ele podia ter um problema de alcoolismo, mas isso não era da minha conta e eu não queria lançar rumores que pudessem prejudicar a sua reputação. Muitas pessoas usam o álcool para aliviar a dor em tempos difíceis.

Fiona andava de um lado para o outro e obrigou-me a repetir a minha versão do que tinha acontecido até estar convencida de que a polícia não seria capaz de me quebrar. De vez em quando, Fred trocava de lugar com outro agente e voltava meia hora depois com pequenos fragmentos de informação. Disse-nos que o detetive Raj estava a entrevistar os hóspedes, suíte a suíte, e que cada quarto estava a ser minuciosamente revistado. No entanto, ainda não tinha sido descoberto nada de especial. Ele disse que as gémeas eram as próximas.

Isto lembra-me de que tenho de vos falar das consequências do artigo de jornal das gémeas. Paula McDavidson continua a assediar-me para saber a minha versão da história. Se vou ao supermercado, ela está lá. Se saio para comprar leite, ela está lá. Se vou levantar dinheiro ao banco, ela está lá. Está a tornar-se bastante incómoda. Ela diz-me que a sua história com as gémeas não foi tão impactante como pensava que seria e que o *feedback* dos seus superiores é que ela precisa da minha perspetiva sobre os acontecimentos. Já lhe disse, em múltiplas ocasiões, que não a vai obter. Mas isto tem sido, no mínimo, desconfortável. Tenho reparado que as pessoas da vila me lançam olhares. Os casais trocam acenos de cabeça quando passo, e pessoas com quem não falo desde a escola começaram a vir saber como tenho passado e a fazer-me perguntas sobre o Cavengreen. Que atrevimento! Mas eu mantenho-me calado. E não contei a ninguém sobre este livro. Helen disse-me para não o fazer até estar tudo assinado e termos uma data de lançamento. Para ser sincero, pensei que era só escrever as palavras e pronto, mas aparentemente há todo um processo de edição e *design* de capa antes disso. Consegui uma informação útil de Paula McDavidson. Ela disse-me que Dave Americano já

reservou os seus voos e que vai aterrar dentro de dez dias. Numa atitude presunçosa, disse-me que ele a tinha convidado para fazer parte do seu documentário. Provavelmente, pensa que se vai tornar uma grande estrela na América. Tonta e iludida.

De volta às gémeas. Fred foi contactado por rádio com instruções para as escutar até ao gabinete do Sr. Potts, para interrogatório. Um agente chamado Tyrone tomou o seu lugar no Hugo's. Tyrone era particularmente antipático; tinha uma cara como um daqueles cães ferozes que são ilegais no Reino Unido. Parecia um verdadeiro bandido, com a cabeça rapada; e vi-lhe de relance uma tatuagem no pescoço, a sair do colarinho. Nunca percebi porque é que alguém queria fazer desenhos permanentes na sua pele. Não que eu julgue alguém por fazer isso. Que façam o que quiserem com o próprio corpo, digo eu. Mas não é para mim. Tyrone sentara-se numa das cabinas e olhava para nós, a roer as unhas e a cuspi-las para o chão. Fiquei com náuseas. Fiona estava furiosa; não parava de dizer: «Se ele faz isto mais uma vez, passo-me.» Mas não se passou. Acho que só a fez sentir-se melhor, dizer que se ia passar.

Fred regressou uma hora mais tarde. Tyrone recusou-se a trocar com ele; estava a gostar de nos provocar com o seu almoço caseiro de enroladinhos de salsicha, acompanhados com quantidades excessivas de *ketchup*. Fiona observava-o a comer, claramente enojada pela forma como ele mastigava com a boca aberta e lambia os dedos antes de os pressionar sobre as migalhas caídas na mesa e de os chupar até ficarem limpos. A recordação do som da carne a desfazer-se na boca dele é suficiente para que eu nunca mais queira comer um enroladinho de salsicha. O que é realmente uma pena, porque a pastelaria Maude's faz um excelente enroladinho com uma mistura de carne picada de porco e de borrego.

Para se livrar de Tyrone, Fred fingiu que o detetive Raj tinha pedido a sua ajuda para algo que parecia importante. Isso fê-lo levantar-se e mexer-se. Flocos de massa folhada caíram no chão quando ele se pôs de pé e saiu praticamente a correr da sala, dizendo: «Até logo, idiotas.»

Amontoámo-nos todos à volta do bar, à espera de que Fred partilhasse alguma informação. Isto pode parecer mau – um agente da polícia a partilhar informação confidencial –, mas Fred estava do nosso lado. Ele sabia que nós éramos os bons e estava sempre a dizer que queria sair dali com a consciência tranquila. Isso faz sentido agora, pois ele demitiu-se da polícia logo após o que aconteceu no Cavengreen. Partiu para uma viagem à volta do mundo na semana seguinte. Enviou-me um postal do Taj Mahal, no outro dia. Nunca gostei da Índia; demasiado movimentada para mim.

Quando Fred bateu à porta da suíte das gémeas, elas disseram-lhe que estavam a meio de uma sessão de beleza e relaxamento e que ele devia regressar mais tarde. Tentaram fechar-lhe a porta na cara, mas ele enfiou o seu sapato com biqueira de aço na abertura, de modo a que não conseguissem fechá-la por completo. Disse-lhes que era urgente e que tinham de o seguir imediatamente. As gémeas queixaram-se de como toda a situação era ridícula,

de como não podiam consultar as suas contas nas redes sociais porque o *wi-fi* tinha sido desligado e de como estavam a um passo de telefonar aos seus advogados. O detetive Raj não fazia ideia daquilo em que se estava a meter com aquelas duas. Rimo-nos quando Fred nos contou que o detetive estava pálido e abatido quando acabou de as interrogar.

Fred disse que ficou com o ouvido encostado à porta o tempo todo. Não conseguia dizer qual das gémeas estava a dizer o quê, mas uma era definitivamente mais vocal do que a outra. Provavelmente era Ruby, pelo que eu já experienciara. E não é que elas tinham algumas coisas a dizer sobre mim? Claro que não usaram o meu nome. Isso seria indigno delas. Em vez disso, referiram-se a mim como «aquele velho mordomo» e «o velho atrás da secretária». Quem estiver a ler isto e tiver mais ou menos a mesma idade que eu, não se ofenda com todas as referências à idade que estão a ser feitas. Alguns destes jovens rotulam-nos de «velhos» assim que veem um cabelo grisalho. Mas um dia terão setenta e três anos e, então, poderão decidir quão «velhos» se sentem. Pessoalmente, eu acho que ainda dou cartas! Com algumas limitações por causa da anca.

Tendo estabelecido que eu era o «velho» na história das gémeas, o detetive Raj interrogou-as sobre o que é que eu tinha feito exatamente para as deixar tão irritadas. As gémeas contaram ao detetive que, a caminho do casamento de Olive, tinham sido emboscadas por um hóspede bêbedo na escadaria. Esse seria Alec, caso precise de ser lembrado. Queixaram-se de que «o velhote muito mal-educado da receção» não tinha feito absolutamente nada para impedir o ataque e que, pelo contrário, quase parecia que o encorajara. Que grande disparate! Como se recordam do meu relato da cena, eu não fiz nada disso. O incidente terminou mal começou, e todos seguiram o seu caminho.

Fiona bufou de frustração. Espreitei e vi-a a desfazer uma base de copos em pedacinhos. Entretanto, o Sr. Potts apoiava a testa no balcão e abanava a cabeça em desespero. Na altura, foi difícil para mim processar as implicações das mentiras das gémeas. O detetive Raj já me tinha feito passar um mau bocado e eu tinha saído ileso... ou assim pensava eu.

De acordo com as gémeas, elas tinham voltado à sua suíte para mudar de sapatos durante o jantar de casamento e tinham-nos visto, a mim e à vítima, a discutir no *lobby*. Ambos sabemos que não foi isso que aconteceu. Descreveram como Bruno agitava os braços de forma errática, numa atitude que parecia ser de raiva, quando, na verdade, como já vos disse, estava apenas a pedir desculpa por ter sido mal-educado quando o abordei durante o jantar. As gémeas disseram que eu tinha pegado nas chaves do carro e saído pela porta da frente a meio da discussão. Mentiras, mentiras e mais mentiras daquele par de fedelhas intrometidas.

Repetiram estas falsidades na entrevista que deram a Paula McDavidson. Apesar de se ter provado que eu não estava envolvido, aquelas gémeas continuam a tentar arrastar o meu nome pela lama, como se eu tivesse de

justificar alguma coisa. Ter uma discussão com alguém que apareceu morto no dia seguinte não me dá uma boa imagem. Quando este livro for lançado, será a palavra delas contra a minha. Mas eu tenho mais informação sobre esta história do que elas.

Fred disse que ouvira o detetive Raj dizer às gémeas que tinha visto as imagens de uma discussão acalorada entre mim e Bruno, mas que, embora parecesse uma discussão, não havia áudio que sustentasse as suas afirmações. Finalmente, o detetive Raj tinha dito algo sensato.

No entanto, não espere muito mais do que isto da parte dele.



O detetive Raj queria voltar a ver-me. A chamada chegou através do rádio de Fred. Desta vez, servi-me de um copo de água para levar comigo. Fred deu-me um minuto com Fiona e o Sr. Potts antes de eu sair. Devia achar que eu precisava de um discurso de incentivo. O Sr. Potts não disse nada, em vez disso bebeu um gole de *whisky* e depois fez uma careta quando este lhe chegou ao fundo da garganta. Deu-me uma palmada firme nas costas e depois deixou-se cair numa das cabinas. Fiona estava a mexer no telemóvel. Levou o dedo aos lábios e depois enfiou o telemóvel no bolso interior do meu fato, dizendo: «Está a gravar.»

Nunca fui muito de quebrar regras, e a ousadia de Fiona deixou-me nervoso. Parecia perigoso e tenho quase a certeza de que era ilegal. Mas, por outro lado, como o detetive Raj me disse, eram apenas conversas informais. Um homem a falar com outro homem, casualmente. Agora que escrevo este livro, deixem-me dizer-vos que estou muito grato por Fiona ter feito aquela jogada. É bastante útil ter uma gravação da conversa com o detetive Raj. A melhor coisa a fazer, penso eu, é pedir a Helen para transcrever esta gravação aqui e depois eu retomarei as coisas um pouco mais tarde. É provável que tenhamos de mudar o nome do detetive Raj – por razões legais, claro –, mas Helen pode aconselhar-me sobre isso da próxima vez que nos encontrarmos. Esta é a primeira vez que estou a ouvir a conversa, por isso estou interessado em saber o que foi dito.

Detetive Raj: Sente-se, Sr. Harrow. Surgiram algumas coisas desde a última vez que falámos e gostaria de saber a sua opinião. Duas testemunhas avançaram com informações que o ligam à vítima. Afirmam que foi visto a discutir com a vítima por volta das 19h30, na noite anterior a ter encontrado o corpo. Só quero deixar uma coisa clara: há muita interação *sua* com a vítima e pouca interação de outras pessoas com ela. O que é curioso. Por isso, diga-me, sobre o que é que você e Bruno Tatterson estavam a discutir nessa noite?

Hector: N-n-não estávamos a discutir.

Detetive Raj: Não me venha com essa, Sr. Harrow. Temos imagens de videovigilância de si e do Sr. Tatterson a discutirem no *lobby* antes de se ir embora. Veja, vou mostrar-lhe.

[Passam-se alguns minutos em silêncio.]

Detetive Raj: A mim parece-me uma discussão.

Hector: Foi... foi uma conversa. O Sr. Tatterson, B-B-Bruno, estava a pedir-me desculpa.

Detetive Raj: E porque é que um hóspede do hotel que conheceu horas antes precisava de lhe pedir desculpa a si, o mordomo?

Hector: Eu in-in-interrompi-lhe o jantar e ele n-não ficou contente com isso.

Detetive Raj: Porque não?

Hector: Estava ocupado ao telefone.

Detetive Raj: Ocupado a fazer o quê?

Hector: Não faço ideia.

Detetive Raj: E por isso ele sentiu necessidade de lhe pedir desculpa?
O seu trabalho é ser um pouco tolerante com os hóspedes, não é?

Hector: Isso chama-se serviço ao cliente, sim. Bruno não precisava de me pedir desculpa, tem razão. Mas pediu. Podem vê-lo no vídeo. E eu aceitei, graciosamente, e depois fui para casa.

Detetive Raj: Não é o que parece. Bem, continuando. Como é que explica isto então? As mesmas testemunhas disseram que permitiu que um hóspede as atacasse na quarta-feira à tarde. Isso é verdade?

Hector: Nem um pouco.

Detetive Raj: Então, o que aconteceu com o... Senhor... Não consigo ler a minha própria escrita... Maclean.

Hector: Alec. Tinha bebido uns copos e interrompeu as fotografias do grupo da noiva na escadaria. Foi uma breve, interação de um minuto, e depois seguiu o seu caminho.

Detetive Raj: E pelo que parece nas imagens das câmaras de vigilância, você fez... nada!

Hector: Não é minha função envolver-me nessas coisas. Alec não atacou o grupo; ele queria falar comigo, e eles apenas estavam no caminho dele, suponho.

Detetive Raj: Sobre o que é que ele queria falar consigo?

Hector: Sobre o livro dele.

Detetive Raj: Que livro?

Hector: O livro que ele está a escrever. Isso é relevante?

Detetive Raj: Eu faço as perguntas, Sr. Harrow. E está a dizer que ele estava bêbedo?

Hector: Sim. Tinha bebido uns copos.

Detetive Raj: Quantos são *uns copos*?

Hector: Não tenho a certeza. Ele estava no quarto dele.

Detetive Raj: Temos imagens das câmaras de vigilância que o mostram a entrar no quarto dele.

Hector: Eu entro em muitos quartos de hóspedes. Sou o mordomo.

Detetive Raj: Foi o que ouvi dizer. Então, tem acesso a todas as suítes?

Hector: Não sou o único. Mas, sim, tenho.

Detetive Raj: Hmm. E não viu o Sr. Maclean a beber quando entrou no quarto dele?

Hector: Ele estava a beber um copo de *whisky*.

Detetive Raj: Quantos?

Hector: Apenas o copo que vi na mão dele.

Detetive Raj: Sabe o que quero dizer.

Hector: Não há maneira de saber se ele bebeu um copo antes ou depois de eu ter entrado.

Detetive Raj: Estamos a andar em círculos. Acho que é melhor mantê-lo separado do resto do pessoal, por enquanto. Só até eu ter tudo orientado. Fred, venha cá! *[Pausa.]* Leve o Sr. Harrow para a arrecadação do jardineiro, nas traseiras. Ele não pode sair até eu dizer.

Fred: A arrecadação? Ouvi dizer que há um quarto livre lá em cima.
Eu levo-o para lá.

Detetive Raj: Preciso desse quarto.

Fred: Hum, talvez de volta ao Hugo's, então?

Detetive Raj: Não, os amigos dele estão lá e não quero que o confundam com histórias. A arrecadação é o único sítio onde posso ter a certeza de que ele ficará isolado.

Fred: Podemos mantê-lo no hotel e eu certifico-me de que ninguém fala com ele.

Detetive Raj: Não, isso é demasiado arriscado.

Fred: Eu levo-o para a esquadra.

Detetive Raj: Não posso estar aqui e lá ao mesmo tempo. A arrecadação é a melhor opção. Será apenas por algumas horas. Compreende, não compreende, Sr. Harrow?

Hector: OK.

Ao ouvir a conversa agora, não acredito que me ouvi a concordar em ir para a arrecadação. Não me lembro disso. Devo ter sido completamente consumido pelo pânico. Não é da minha natureza desobedecer à autoridade, nunca foi. Deve ser por isso que acabei de me ouvir a concordar com maus-tratos. Sinto-me triste pelo homem que disse «OK» no final da gravação. Ele estava assustado. Como já disse, agora sou mais forte. Devia ter dito não. Devia ter-me defendido, como Fred estava a tentar fazer. Mas eu estava assoberbado.

Deve estar a perguntar-se porque não contei ao detetive Raj a verdade sobre o consumo de álcool de Alec. Bem, eu não acreditava que Alec tivesse matado Bruno, por isso não vi razão para atizar o fogo especificando a quantidade de álcool que Alec parecia ter consumido naquela noite. Se Alec tivesse bebido demasiado e, de alguma forma, tivesse acabado por matar

Bruno – o que, recordo, me parecia altamente improvável –, então tinha a certeza de que isso acabaria por se saber. Se estivesse inocente, então eu não queria pô-lo em maus lençóis ao dizer ao detetive Raj que ele bebera pelo menos uma garrafa de *whisky*, provavelmente mais. Estou contente por Fiona ter tido a clarividência de gravar aquela conversa usando o telemóvel. Permitiu-me avivar algumas memórias que vão ajudar a escrever o livro.

Fred acompanhou-me até à arrecadação do jardineiro. No caminho, perguntei se podíamos passar pelo Hugo's. Fiona abraçou-me assim que me viu e perguntou-me se eu estava bem. Eu não estava, mas disse-lhe que sim e devolvi-lhe o telemóvel.

Ela olhou para Fred, querendo certificar-se de que nada de mal me tinha acontecido. Ele falou-lhe da arrecadação. Ela barafustou, claro. Mas ele disse-lhe que estava de mãos atadas.

– É só por umas horas – acrescentou.

Fiona é cá uma mãe galinha. Rapidamente, foi buscar roupa de cama ao arrumo dos funcionários, em frente ao Hugo's, e meteu-a num saco do Cavengreen. Era apenas um lençol fino e uma almofada, mas era melhor do que nada. Também meteu no saco alguns dos artigos de minibar que colocamos nas suítes. Depois, entregou a Fred duas garrafas de água e uma chaleira para ele transportar. Fred recebeu instruções estritas de Fiona para se certificar de que eu tinha comida e muitas chávenas de chá, uma vez que a arrecadação do jardineiro é um pouco fria, mesmo durante os meses mais quentes. Quando olhei para a cara dela, parecia que eu estava a embarcar num comboio para a guerra e ela estava preocupada com a possibilidade de nunca mais me ver. O Sr. Potts fez um aceno tenso com a cabeça. As atitudes deles não eram propriamente tranquilizadoras.

Capítulo



A arrecadação do jardineiro é praticamente o único lugar no Cavengreen que não é adequado para passar a noite. Uma noite no chão da biblioteca é um luxo, em comparação. A arrecadação em si é do mais agradável que há, mas isso não muda o facto de ser uma arrecadação. É feita de madeira e o chão está coberto de terra e de aparas verdes. As minhocas, algumas vivas, outras mortas, faziam uma companhia inquietante.

Fred sentou-se no chão ao meu lado durante o resto do seu turno. Telefonou ao detetive Raj algumas vezes, perguntando se já podíamos voltar para dentro, mas a resposta era sempre: «Ainda não, mas em breve.» Não foi de livre vontade, mas o turno de Fred teve de terminar e um novo agente tomou o seu lugar. Deixou-me com uma daquelas lanternas para porta-chaves e desejou-me que ficasse bem. Quando se foi embora, o seu rosto estava repleto de pena; ele sabia que eu ia ter uma noite difícil.

E foi dura. Os dias podiam estar a aquecer, mas estava um frio de rachar lá fora. Os meus dentes batiam descontroladamente e tinha de aquecer as mãos no vapor da chaleira, que liguei pelo menos dez vezes durante a noite. O jovem polícia – que eu nunca tinha visto antes – sentou-se num banco de madeira a queixar-se do frio que fazia. Demorou cerca de oito minutos até se retirar para dentro do edifício, para vigiar o barracão a partir do calor da sala de eventos. Perguntei-lhe se podia entrar com ele, mas ele disse que não. Era apenas a sua terceira semana de trabalho e estava demasiado assustado para arriscar.

Tortura é a única palavra para o que me aconteceu nessa noite. Digo-vos uma coisa, se Fiona não tivesse enfiado o lençol e a almofada num saco, acho que teria morrido congelado. Não sou propriamente pele e osso, mas também não tenho muita gordura.

Como alguém que vive uma vida de limpeza diligente, pode imaginar o estado constante de desconforto e angústia em que me encontrava nessa noite. O meu fato de trabalho estava imundo de sujidade e de todo o tipo de coisas. Não consegui cumprir a minha rotina noturna. Tudo o que queria era ler um bom policial na minha poltrona e depois ir para a cama com umas palavras cruzadas. Sentia-me como se a minha pele estivesse infetada com uma doença qualquer, depois de não ter sido lavada convenientemente ou de não ter usado roupa limpa durante dois dias. Nem sequer tinha lavado os dentes. De alguma forma, porém, devo ter adormecido, ou talvez desmaiado. Uma das duas coisas. Acordei com uma bota a dar-me um leve pontapé de lado.



Bem, tenho de deixar isto por aqui. Fiona deve estar a chegar, por isso tenho de pôr a chaleira ao lume e preparar uns biscoitos crocantes. Ela vem cá para me ajudar a preencher algumas lacunas do livro; coisas que aconteceram quando eu estava em isolamento. Esta é a minha história, mas será útil para si ter toda a informação dessa noite, pois disseram-me que houve bastantes distúrbios. Confio em Fiona. Confio que ela dará voz à minha história e que esta será a verdade. Também deve confiar nela.



Fiona acabou de sair. Não me deixou gravar a nossa conversa. Disse que teria deixado se fosse só para eu ouvir, mas que não se sentia confortável com o facto de ser Helen a transcrevê-la. Fiona e Helen nunca se conheceram. Espero que um dia se conheçam. São ambas senhoras muito importantes na minha vida. Mas Fiona não queria que Helen ouvisse a nossa conversa; disse que não seria capaz de ser ela própria sabendo que alguém que ela não conhecia ia ouvir a nossa conversa. E eu respeito isso. Mas torna o meu trabalho um pouco mais difícil. O meu cérebro está preenchido pelas palavras dela. É uma pessoa que fala muito depressa; nem com uma caneta e papel eu teria conseguido acompanhar. Por isso, vou ter de regurgitar tudo rapidamente para si.

Fiona contou-me que, logo a seguir a Fred me ter levado embora, Dave Americano apareceu no corredor, com o seu chapéu de *cowboy*. Fiona descreveu a forma como ele se pavoneava pelo corredor, com os ombros para trás e os pés aparentemente demasiado à frente do resto do corpo. Como um galo, disse ela. Com arrogância.

– Olhem, nada de polícias – disse Dave Americano, dando uma volta rápida com os braços esticados. Depois, começou a gabar-se de que lhe tinha

sido dado acesso total ao hotel e que já não tinha de ser escoltado. Aparentemente, tinha um álibi sólido para a altura do crime. Desde então, descobrimos que o seu álibi consistia em esgueirar-se para a piscina do *spa* do hotel com Tanya e, depois, cambalear com ela para a sua suíte, vestindo apenas toalhas. Ouvi dizer que uma galeria de fotografias, com registo de data/hora no telemóvel dela, revelara que estavam muito ocupados, tendo feito apenas uma pausa para pedirem o serviço de quartos para o pequeno-almoço e acabando por sair às 15 horas para o chá da tarde. As minhas desculpas antecipadas à mulher de Dave Americano. Tenho a certeza de que merece mais.

Em seguida, Fiona descreveu que, por volta das 23 horas, ouvira um homem escocês – provavelmente Alec – gritar que o confinamento era absurdo, exigindo sair do hotel. Fiona disse que ele arrastava as palavras e que, quando ela espreitara para fora do bar de *cocktails*, vira-o a balançar e a cambalear pelo *lobby*. Como eu disse antes, *tecnicamente* qualquer pessoa podia sair a qualquer momento. Não que nos tenham deixado isso claro quando nos mantiveram sob vigilância policial e nos disseram para não sairmos de onde estávamos. Mas Alec estava a resistir. Tinha as chaves do carro nas mãos e um saco de viagem ao ombro.

– Saíam do meu caminho! – repetira Alec vezes sem conta, disse Fiona.

Dois agentes tinham tentado bloquear a sua saída, mas Alec estava determinado a sair. Os agentes tinham tentado dizer-lhe que tinha de ficar no hotel até a polícia terminar a investigação. Alec passara por eles e saíra da vista de Fiona. Mas ela ainda os conseguia ouvir.

– Se ligar o motor, não teremos outra alternativa senão detê-lo por conduzir sob o efeito do álcool – gritou a polícia. – Volte para dentro, senhor.

Fiona esperava que Alec decidisse, pelo menos, sair do hotel a pé, para ser o primeiro a tomar uma posição contra a forma como a polícia estava a lidar com a situação. Os Escoceses são conhecidos pela sua rebeldia. Quando lhe perguntei se o teria seguido, respondeu-me que não, não sem mim. Mas, para seu desapontamento, vira Alec voltar ao *lobby*, arrastando a mala atrás de si. A polícia confiscara-lhe as chaves do carro. Fiona disse que ele resmungara qualquer coisa incoerente, cambaleara para trás da minha secretária de mordomo, tirara uma garrafa de água do meu frigorífico e depois vagueara pelo corredor dos hóspedes. Alec pode ter falhado na sua tentativa de sair do hotel, mas era óbvio que a agitação fervilhava.

Depois disso, Fiona disse que vários hóspedes tinham passado pelo *lobby* a caminho da sala de interrogatório do detetive Raj, antigo gabinete do Sr. Potts. A maioria resmungava e queixava-se, mas era complacente, e muitos traziam consigo copos de vinho. Fiona disse que os dois padrinhos de casamento de Patrick tinham sido interrogados juntos e ouvira-os a conversar enquanto regressavam à sua suíte. Sussurravam sobre se deviam ou não ter confessado que estavam ambos inconscientes na noite anterior ao homicídio, depois de terem fumado «demasiada erva» no labirinto de sebes após o

casamento. Acontece que decidiram não o fazer e, em vez disso, deitaram sanita abaixo o resto da droga que tinham, para esconder as provas. Não que eu alguma vez tenha tocado em drogas na vida, mas posso imaginar o tipo de impacto que uma coisa dessas terá no cérebro. Inocente ou culpado, provavelmente também não o teria mencionado ao detetive. Fiona brincou dizendo que um pouco de marijuana de vez em quando poderia ajudar com os meus pensamentos intrusivos, mas isso não é algo que eu tencione experimentar, amanhã ou em qualquer outro dia.

A última coisa a registar é o estado mental do Sr. Potts. Estava mal, disse-me Fiona. A privação de sono e a pressão da investigação tinham começado a afetá-lo. Sentou-se numa das cabinas do Hugo's, olhando apenas ocasionalmente para cima quando Fiona bufava e soprava. Não estou a dizer-vos isto para envergonhar o Sr. Potts ou para o fazer parecer fraco. A pressão afeta cada pessoa de forma diferente. Eu perco a minha capacidade de falar corretamente, Fiona fica irritadíssima e o Sr. Potts interioriza tudo. É assim que as coisas são. Antes do homicídio, o Sr. Potts dava a impressão de ser um cavalheiro forte e confiante. Quer dizer, ele teria de o ser para gerir um estabelecimento como o Cavengreen.

Embora fragmentadas, as recordações de Fiona são relevantes para a história, por isso agradeço-lhe por ter aparecido. É sempre bom vê-la. Agora, voltemos ao meu ponto de vista.



Depois de ter passado a noite isolado, fiquei aliviado quando Fred apareceu com uma chávena de café, duas fatias de torrada com manteiga e uma muda de roupa. Não posso dizer que alguma vez tenha usado calças de fato de treino e uma *sweatshirt* com capuz, mas, naquele estado das coisas, tinha de aceitar o que viesse. Pelo menos estavam limpos. Devo dizer que as calças ficavam ainda mais ridículas com os meus sapatos de trabalho polidos. Não que eu não estivesse grato; estou apenas a preparar a cena.

Fred disse-me que eu ia precisar da minha energia porque o detetive Raj queria que alguns dos funcionários do hotel ajudassem a retirar sacos de areia do ginásio. Fiquei horrorizado. Algumas daquelas coisas pesam noventa ou mesmo cem quilos. O hotel tem um serviço de *personal trainer* que pode ser reservado a pedido. Vi tipos musculados a carregar aqueles sacos para cima e para baixo no ginásio, com os bíceps salientes e as veias das têmporas a pulsar. Na minha juventude, eu mantinha-me em boa forma, mas agora não, e muito menos desde que dei cabo da anca. Mas Fred disse que o detetive Raj insistira que nos encontrássemos com ele no ginásio, por isso, depois do meu café e de uma rápida pausa para ir à casa de banho, dirigimo-nos para lá.

Esperando ver alguns dos jovens da equipa do hotel, fiquei surpreso ao descobrir que éramos apenas eu, Fred e o detetive Raj. As nossas vozes ecoavam no chão polido e faziam ricochete nas paredes espelhadas. Todo o

equipamento tinha sido guardado e a sala estava vazia, à exceção de alguns tufo de algodão que se espalharam pelo chão e, claro, os sacos de areia que tinham de ser movidos. Raj disse-me que os outros tipos estavam a mudar de roupa e que chegariam em breve, mas que, entretanto, eu devia começar.

– Este aqui – disse o detetive Raj, dando um pontapé num grande saco preto com 90 kg escrito a branco na parte lateral. – Vamos lá então. Mova-o daqui para ali. – Ele apontou de um lado para o outro do ginásio.

O hotel estava a transformar-se numa espécie de campo de prisioneiros de guerra. Fred lançou-me um olhar que parecia dizer *escolhe as tuas batalhas*, por isso fui para um dos lados do saco de areia e apoiei o lado bom da minha anca contra ele para tentar deslocá-lo com o meu peso corporal.

– Não, não o empurre... Carregue-o – ordenou o detetive.

Então, passei para o outro lado do saco, agarrei a pega no topo e puxei-a na minha direção. Ele não se mexia. E não me surpreendeu. Sou mordomo de um hotel, não sou o raio de um culturista. Mas tentei, cerrando os dentes, grunhindo e tudo, enquanto puxava com força a pega. Demasiada força, ao que parece. A minha anca estalou, e o calor atravessou-a. Parecia que um incêndio florestal se espalhava pelos meus ossos. A dor era tão insuportável que me fez cair no chão. As minhas mãos agarraram a minha anca como se esta estivesse a desfazer-se e elas conseguissem segurá-la. Uivei de agonia e fúria por um detetive me ter forçado a isso. Parecia criminoso.

Fred veio a correr, dizendo-me para respirar.

– Dói! – Eu ofegava com os dentes cerrados.

Fred implorou ao detetive Raj que chamasse uma ambulância.

Em vez disso, o detetive dirigiu-se para a porta.

– Leve-o para cima para descansar... a suíte dois está livre – disse por cima do ombro. E depois foi-se embora, fechando a pesada porta atrás de si.

Fred agachou-se ao meu lado no chão. Respirava comigo para tentar acalmar as minhas respirações frenéticas e dolorosas. Inspirar, expirar. Fizemos isso durante cerca de um minuto e ajudou um pouco. Ele segurou a minha mão com força e disse-me para me concentrar no aperto. Olhei para as nossas mãos entrelaçadas, reparando em como a minha parecia enrugada ao lado da dele. Mesmo agora, quando olho para as minhas mãos, às vezes não consigo acreditar que são minhas. São mais velhas do que eu, é o que sinto. O esforço de Fred para me distrair resultou e consegui controlar a respiração. A dor abrandou o suficiente para eu me arrastar até à parede espelhada e me encostar a ela. Com uma voz fraca, perguntei a Fred o que tinha sido aquilo. Era óbvio que nenhum dos outros membros do pessoal do hotel viria ajudar. Aquele pequeno jogo do detetive Raj fora concebido apenas para mim.

– O morto – começou Fred. – Ele estava na casa de banho. Mas não foi aí que ele morreu. Havia sangue espalhado pelo chão, como se alguém o tivesse arrastado do quarto. Eu diria que ele pesava cerca de noventa quilos.

Capítulo



Chegou uma carta no correio de hoje. Há algo de tão especial num envelope escrito à mão hoje em dia, quando toda a gente comunica por *e-mail* ou telefone. O único outro correio que recebo são faturas, faturas e mais faturas, todas elas com um endereço impresso que se vê numa janela transparente. O mais provável é que sejam geradas automaticamente por um computador. Mas esta carta é especial. Alguém se deu ao trabalho de escrever o meu nome e morada num envelope, lambar dois selos e colá-los no canto superior direito. Só há uma pessoa de quem possa ser.

Nota para Helen: Podes escrever o conteúdo da carta para os leitores?

Caro Hector,

Peço desculpa por não ter entrado em contacto mais cedo. Como pode imaginar, as coisas têm sido difíceis e tenho-me concentrado em garantir que a minha família está bem. Mas queria escrever-lhe para me certificar de que tem passado bem. Foi horrível aquilo por que passou no Cavengreen e lamento imenso a minha participação nisso. Estou bem, considerando todas as coisas. Espero que venha visitar-me em breve. Gostava muito.

Cumprimentos,

T. Potts

A carta é curta, mas diz tudo o que eu queria ouvir. Fico contente por ele

estar bem. É sempre uma preocupação quando se perde de repente o contacto com alguém. Formámos uma espécie de laço durante o tempo que passámos fechados no Cavengreen. Mal sabia eu que a nossa amizade seria tão breve. No entanto, tenciono visitá-lo em breve; tenho de saber porque é que ele fez o que fez.

Deixe-me dizer-lhe tudo o que sei e acredito ser verdade sobre o Sr. Potts. Será útil para si ter algum contexto. O seu primeiro nome é Toulouse e creio que a sua mãe é de origem francesa e o seu pai é inglês. A sua esposa chama-se Isabella, e penso ter ouvido o Sr. Potts mencionar, uma vez, que ela é italiana. Têm um filho de quinze anos chamado Anton. Isabella e Anton visitaram o hotel uma vez para o chá da tarde, mas infelizmente não tive oportunidade de os cumprimentar. Se soubesse da ligação que acabaria por se formar entre mim e o Sr. Potts, teria aproveitado a oportunidade para conhecer a sua família. A família de um homem diz muito sobre ele e talvez eu tivesse detetado alguns sinais de alerta se nos tivéssemos conhecido mais cedo. Embora não tenha a certeza do que é que o facto de eu não ter mulher nem filhos diz sobre mim. Talvez que seja impossível amar-me.

Uma batida. Duas batidas. Três batidas.

Por vezes, pergunto-me quem é que me vai enterrar quando eu morrer. É um luxo ter uma família que cuida de nós. Se eu tivesse o meu tempo de volta, acho que teria dado prioridade a isso. Mas o tempo passou tão depressa para mim e aqui estou eu. Sozinho.

O Sr. Potts vivia a dez minutos do Cavengreen, numa quinta renovada. Sei disso porque o levei a casa uma vez quando o carro dele estava com problemas no motor. Era uma bela casa com portões altos e hera trepadeira. É uma pena que já não possam viver lá. Isso era o máximo que eu sabia sobre o Sr. Potts antes do homicídio. Durante o confinamento no hotel, fiquei a saber que ele não lida muito bem com o *stress*. O Sr. Potts pode ter tido formação de topo em serviço de mesa e gestão hoteleira, mas não existe um manual de como lidar com um homicídio.

O Sr. Potts foi a primeira pessoa a ir ver-me quando me deixaram sair do isolamento e me levaram para descansar na suíte dois. Ele irrompeu pela porta quando eu estava a sair do duche. Por sorte, eu tinha uma toalha enrolada à volta da cintura, senão ele teria apanhado um susto.

Envolveu-me com os braços, sem se perturbar com a pressão do meu peito peludo contra o seu fato desalinhado. A sua cara estava vermelha e suada, e os círculos escuros à volta dos seus olhos tinham-se tornado mais profundos. Cheirava a *whisky* e a amendoins.

Dirigiu-se ao minibar e remexeu lá dentro, acabando por tirar uma cerveja. Depois de a abrir, disse-me que, de acordo com o detetive Raj, eu tinha dito que a polícia devia investigá-lo a fundo, mas que ele não acreditava numa palavra. Não conseguia perceber por que razão o detetive Raj recorreria a táticas tão sujas como virar os funcionários uns contra os outros. Ele disse ao Sr. Potts que eu tinha dito que o ouvira a ameaçar Bruno na véspera do

homicídio. Se chegou até aqui neste livro, não preciso de lhe dizer que não ouvi, nem disse, nada disso.

O Sr. Potts ficou horrorizado quando lhe contei o incidente do saco de areia. Por certo, qualquer pessoa ficaria horrorizada ao ouvir uma história destas. Embora eu imaginasse que Dave Americano se iria rir à minha custa se alguma vez ouvisse o que eu tive de suportar. No entanto, tanto quanto eu sabia, o incidente do saco de areia tinha provado a minha inocência. Se o corpo de Bruno não tivesse sido arrastado pelo chão depois do homicídio, não sei onde estaria agora. O teste do saco de areia não teria ajudado a excluir muitos outros. A maior parte dos adultos fisicamente aptos poderia provavelmente arrastar noventa quilos, se necessário, incluindo o Sr. Potts.



Depois de me vestir, juntei-me ao Sr. Potts na sala de estar da suíte. Ele gozou com a minha roupa demasiado casual, mas foi bom partilhar uma gargalhada num momento daqueles. Ver um mordomo de fato de treino é como ver um peixe de cartola. O Sr. Potts estava sentado no sofá e tinha feito um café para si, mas as suas mãos trémulas faziam com que o líquido transbordasse da chávena sempre que tentava dar um gole. Claramente, ele precisava de descansar. Sugerir que se deitasse, mas primeiro ele queria falar-me do interrogatório a que tinha sido sujeito pelo detetive Raj. Aparentemente, a equipa forense tinha encontrado pegadas ténues e ensanguentadas na carpete. O detetive Raj disse que não demoraria muito até descobrirem a quem pertenciam. Até insinuou que se o Sr. Potts quisesse confessar naquele momento, pouparia muito tempo a toda a gente. O Sr. Potts não o fez, claro; porque haveria de o fazer? Passaríamos mais duas noites no hotel antes que alguém saísse algemado.

O Sr. Potts dormiu durante quase sete horas. Esse tempo passou a voar. Entre uma chávena e outra de chá, sentei-me num cadeirão a olhar para a poça de café derramado sobre a mesa. Em sete horas, não ficou mais pequena. Em qualquer circunstância normal, teria tido de limpá-la imediatamente, pois a sua existência fazia-me estremecer de desconforto. Mas deixei-a porque queria que a minha mente se concentrasse em algo que não fosse a minha atual situação. Enquanto aquela poça de café estava à minha vista, só conseguia pensar nela. Era uma pausa bem-vinda para não matutar sobre quem poderia ser o assassino.

Assim que ouvi o Sr. Potts a mexer-se, peguei num guardanapo e limpei a sujidade. O Sr. Potts espreguiçou-se e bocejou, depois passou as pernas para o lado da cama e levantou-se, coçando a cabeça enquanto se dirigia ao minibar. Pegou numa garrafa de cerveja e num pacote de amendoins com *wasabi*. Ofereceu-me uma bebida, mas estava apenas a ser educado. Ambos sabíamos que eu não ia acompanhá-lo numa bebida fresca.

Era a hora dourada no hotel. É assim que os fotógrafos de casamentos se

referem ao momento que antecede o pôr do sol. Um tom alaranjado iluminou a suíte e refletiu-se sobre o rosto do Sr. Potts. Mesmo com sete horas de sono e uma boa iluminação, ele ainda parecia cansado.

– Quem acha que foi? – perguntou-me o Sr. Potts, depois de um gole de cerveja.

– Não faço ideia – respondi.

– O que é que sabemos até agora? Sabemos que não foi você.

– E sabemos que não foi você.

– Como é que sabe isso? – O Sr. Potts olhou-me diretamente nos olhos.

– Quer dizer, não fui eu, mas está simplesmente a acreditar na minha palavra.

– A sua palavra é suficiente para mim – disse eu.

– Obrigado, Hector. – Ele deu um gole na cerveja. – Sabemos que Eric, o porteiro noturno, viu Bruno quando lhe deixou o champanhe pouco antes da meia-noite, por isso não pode ter sido um convidado do casamento, porque todos saíram às 23h15. E depois, a próxima vez que alguém viu Bruno, que tenhamos conhecimento, foi quando você encontrou o corpo, pouco depois das três horas da tarde seguinte. É uma longa janela de oportunidade.

– Eu sou a única pessoa que as câmaras de vigilância mostram a entrar no quarto. Poderá ter sido ele a fazê-lo a si próprio? – perguntei.

– E depois ter arrastado o seu próprio cadáver pelo chão? É pouco provável.

– Pode tê-lo feito e depois ter tentado rastejar até à casa de banho. – Mas um *flashback* do corpo lembrou-me de que era impossível um homem ter cometido tais horrores à própria carne.

Uma batida. Duas batidas. Três batidas.

– Hector! – O Sr. Potts levantou-se com uma energia que eu não sabia que ele tinha. – As portas do terraço. Não há câmaras de vigilância nas portas do terraço. Foi assim que o assassino entrou sem ser detetado.

– Claro. – Era tão óbvio. Não sei porque é que não pensámos nisso mais cedo.

– O assassino tinha de saber que não havia câmaras de vigilância lá fora. Hector, pode ter sido um membro da equipa do hotel.

– Ou um hóspede que não se importava de ser apanhado.

O Cavengreen nunca teve videovigilância nos terraços; sempre foi considerado uma invasão de privacidade, o que é justo. Até então, nunca tínhamos precisado. Também não há câmaras nos jardins, mas há algumas no edifício exterior, apontando para o parque de estacionamento e para o terraço do restaurante. No interior, há câmaras por todo o lado. Não se pode espirrar sem que alguém esteja a ver. Isto é informação que tenho a certeza de que a polícia tinha nessa altura. O Sr. Potts disse que o detetive Raj tinha coberto uma das paredes do seu gabinete com folhas de papel branco com nomes, álbis e pontos de interrogação por todo o lado, tal como nos filmes. Quando o questionei sobre o que estava escrito, ele disse que não se lembrava. Absolutamente inútil.

Ouvimos uma batida na porta, o que nos assustou a ambos.

– Afaste-se, seu grande idiota – disse uma voz familiar.

A minha anca estremeceu com uma dor que me trespassou e eu saltei mais depressa do que me mexia há anos. Ainda bem que o detetive Raj não viu aquele incremento súbito de agilidade, senão punha-me outra vez a carregar sacos de areia.

Tyrone, o *pitbull*, estava a patrulhar o corredor e fez uma careta quando eu abri a porta e puxei a minha querida amiga Fiona para dentro. Ela tinha um borrão preto na cara e ainda estava embrulhada num roupão do Cavengreen. Os seus chinelos tinham desaparecido e andava descalça pela suíte à procura de outro par. O Sr. Potts e eu trocámos olhares enquanto víamos uma Fiona perturbada a abrir todos os armários. Quando finalmente encontrou um par, calçou-os e depois deixou-se cair numa poltrona e esfregou as têmporas, pedindo analgésicos, que não tínhamos à mão.

Fiona estava agitada e murmurava para si própria que devia ter aceitado o acordo de despedimento por mútuo acordo oferecido no ano anterior. Mas tinha continuado a trabalhar porque temia a solidão após a morte do marido. Na minha opinião, não há sentimento pior do que a solidão. A solidão consome-nos. Ela engloba tristeza, vergonha e arrependimento, tudo junto. A solidão faz-nos questionar o nosso propósito na vida. Porque se não tivermos ninguém com quem partilhar a vida, então qual é o sentido? A solidão penetra no nosso cérebro e faz-nos sentir indignos. Quando a deixamos entrar, é como um nevoeiro que não desaparece. E depois descobrimos que a nossa saúde física começa a sofrer juntamente com o nosso estado mental. É por isso que o meu trabalho no hotel significava tanto para mim. Os hóspedes, Fiona, o Sr. Potts... todo o pessoal, na verdade: davam-me a energia de que eu precisava para aguentar cada dia. Mesmo que me tivesse sido dada luz verde para sair do hotel durante aquele confinamento, não teria saído até que todos os outros tivessem sido autorizados a sair primeiro. Este livro está a dar-me um objetivo, agora que já não estou a trabalhar lá, mas, quando acabar, vou precisar de preencher o vazio na minha vida. Isso é algo em que ainda estou a trabalhar, não se preocupe. Não cheguei até aqui para simplesmente desistir e começar a cavar a minha própria sepultura.

Isto foi um pouco à margem; voltemos a Fiona. Ela fora interrogada durante a noite, juntamente com os outros funcionários da receção. Como pode imaginar, foi uma experiência hostil para todos os envolvidos. Fiona contou a conversa que tivera com o detetive Raj, imitando a sua voz e expressões faciais para nosso regozijo. A certa altura, até conseguiu que o Sr. Potts esboçasse um sorriso ao contar que, quando lhe pediram para pôr o dedo num pouco de tinta preta e colocar a sua impressão digital num pedaço de papel, ela fez a impressão parecer um pénis e dois testículos. Escusado será dizer que isso não caiu bem ao detetive, disse ela.

O detetive Raj terminou o seu interrogatório dando a Fiona autorização para se movimentar livremente no hotel, mas não para sair das instalações.

Se Fiona tinha liberdade para passear pelo hotel, então o Sr. Potts e eu assumimos que também tínhamos. Com a minha camisola com capuz emprestada e calças de fato de treino, abri a porta da suíte. Tyrone ladrou para mim, perguntando o que pensávamos estar a fazer.

Então, eu disse-lhe diretamente:

– Vamos dar um passeio pelo *nosso* hotel.

E foi isso que fizemos.

Capítulo

15



Parece que fomos os últimos a saber que os hóspedes e o pessoal tinham sido autorizados a circular livremente pelo hotel, incluindo nos jardins. A suíte sete ainda estava vedada com fita amarela da polícia, mas, além dela e do escritório do Sr. Potts, não havia nada que estivesse interdito. Passámos pelo Lavender Plates, provavelmente parecendo mortos-vivos. Os cozinheiros, exaustos, estavam a acender os fornos, prometendo fazer o melhor que podiam com as provisões disponíveis. Ao observar a sala, perguntei-me se o assassino ainda estaria entre nós e se talvez eu pudesse fazer a minha própria investigação para ajudar a resolver o caso, para que todos pudessem ir para casa e eu pudesse voltar às minhas palavras cruzadas e à minha rotina.

Os recém-casados, Olive e Patrick, pareciam cansados e desanimados. Estavam sentados à mesa com os pais dela e os padrinhos dele, sem que ninguém falasse. Tinham-se vestido para a ocasião, fosse ela qual fosse. Havia uma garrafa de champanhe virada ao contrário num balde de gelo na mesa deles e outra, quase vazia, em frente à noiva. Tenho a certeza de que não era bem a lua de mel que tinham imaginado.

Sabendo que eu tinha um ar desleixado e pouco profissional, hesitei em aproximar-me deles, mas decidi que era a coisa certa a fazer. Aconselhei o Sr. Potts a afastar-se. Ele não tinha tomado duche e os seus olhos pareciam estar a perder a cor, já para não falar no facto de cheirar a álcool. Não era a imagem que queríamos que os hóspedes vissem, por isso ele optou por ir para o terraço para tentar telefonar à esposa.

Olive e Patrick fingiram-se encantados quando me viram. Não havia muito a dizer, além de pedir desculpa e desejar felicidades. Foram muito educados e disseram-me que estavam contentes por terem podido, pelo menos, desfrutar do dia do seu casamento. Perguntaram-me se eu sabia alguma coisa sobre a investigação; eu disse-lhes que não sabia.

A mãe de Olive, Sue Bainbridge, franzira o sobrolho enquanto eu falava; tinha-a na minha visão periférica, com os braços cruzados e os lábios franzidos. O marido pôs-lhe o braço no ombro e, calmamente, aconselhou-a a relaxar, mas ela era um touro e eu era a cor vermelha. Vai ter de me desculpar, porque não me lembro da conversa palavra por palavra e não quero pôr palavras em bocas, mas Sue parecia ter a impressão de que a culpa era toda minha e que eu devia confessar para que todos pudessem ir para casa. Considerando que ela acreditava que eu era um assassino perigoso, estava a agir de forma bastante arrogante.

Todas as outras mesas de hóspedes começaram a olhar para mim. Alguns acenaram com a cabeça em sinal de concordância. Outros reviraram os olhos e ofereceram-me sorrisos de simpatia. Tinha de me lembrar de que eu era o mordomo e que os confrontos com os hóspedes não eram apropriados, mas aquela mulher estava a dar cabo de mim com as suas acusações. Como indiquei anteriormente, uma versão diferente de mim tinha começado a emergir durante aquele tempo no hotel; uma versão que se assemelhava ao meu pai. A minha abordagem habitual ao serviço ao cliente tinha sido substituída por uma determinação em me defender.

De uma forma tão direta quanto possível, disse a Sue e a todos os que estavam a ouvir que a minha inocência tinha sido provada e que ela podia pedir ao detetive Raj que o confirmasse, caso não quisesse acreditar na minha palavra.

Sue levantou-se imediatamente. A sua filha, Olive, puxou-lhe a blusa, pedindo-lhe que parasse de fazer cenas, mas Sue enxotou-a. Saiu do restaurante, virando-se para gritar o nome do marido, estalando os dedos. Ele levantou-se do seu lugar e seguiu-a, segurando a mala dela numa mão e um *croissant* meio comido na outra.

Olive abanou a cabeça e suspirou. Por um segundo, pensei que ela ia pedir desculpa pelo comportamento da mãe, mas, em vez disso, pegou no telemóvel e pareceu absorvida pelo que via no ecrã.

Levantei as mãos para endireitar a gravata, mas encontrei os dois cordões pendentes da minha camisola com capuz emprestada. Era muito estranho estar vestido de forma tão casual no hotel. É como quando vemos o nosso médico de família ou um antigo professor no supermercado e o contexto parece errado. Era assim que eu estava naquele momento: completamente fora de contexto.

A paz foi perturbada momentos depois por aquelas gémeas miseráveis. Ruby e Oksana quase me atropelaram acidentalmente-de-propósito enquanto atiravam beijos aos noivos.

– O que é que *ele* está aqui a fazer? – perguntou a mais barulhenta, Ruby, enquanto atirava um guardanapo para o colo e deitava as últimas gotas de champanhe no copo. Estalou os dedos no ar e exigiu que lhe trouxessem outra garrafa. Não que algum empregado estivesse oficialmente de serviço ou a prestar-lhe atenção. – Ele não devia estar na prisão ou algo do género?

Lembro-me muito bem destas palavras e recordo o ódio com que ela olhou para mim ao dizê-las.

Nessa altura, Olive deve ter dado um pontapé em Ruby por baixo da mesa, porque ela gritou:

– Para que foi isso?!

Com os dentes cerrados, Olive sussurrou que falariam sobre isso mais tarde. Todos na mesa olharam para mim como se eu fosse um inseto irritante que queriam afastar. Estava na hora de eu sair.

Alec estava sentado num canto do restaurante, a rodar uma colher numa chávena de chá e a roer a haste dos óculos. Era bom vê-lo a beber chá e não *whisky*. Por acaso, ele tinha adicionado um pouco de *brandy* ao chá, mas eu não sabia até ele me dizer.

Cumprimentou-me com um aperto de mão firme, que parecia genuíno. Agradeceu-me pelas minhas ideias para o livro e disse-me que, graças à minha ajuda, tinha terminado um primeiro rascunho. Só havia um problema: tinha perdido o portátil. Ambos sabíamos que não podia ter ido longe, mas Alec não se lembrava de nada da noite anterior. Nem sequer se lembrava de ter tentado sair do hotel ou de a polícia lhe ter confiscado as chaves do carro. O olhar de horror na cara dele quando Fiona apareceu para o lembrar foi quase cómico. Esta é uma das razões pelas quais nunca fui um grande bebedor. Imagine acordar e descobrir que horas da sua vida lhe desapareceram da memória. A minha mãe costumava tentar repreender o meu pai na manhã após cada noite. Ela dizia-lhe que ele me tinha batido, que tinha partido uma moldura ou assustado Josie, mas ele dizia sempre: «Não me lembro de ter feito isso.» E punha fim à discussão. A minha mãe sabia que não devia discutir com um homem que era bom com os punhos, mas mau com as palavras.

Alec convidou-me para me juntar a ele e, como não estava de serviço, pensei: «Porque não?» Fiona e algumas das outras funcionárias estavam a partilhar um bolo no balcão do *chef*, e o Sr. Potts ainda estava lá fora, por isso não vi mal nenhum em sentar-me para tomar uma bebida quente, sem *brandy*.

Alec e eu especulámos sobre onde poderia estar o portátil dele. Ele até pensou que alguém o poderia ter roubado, embora não conseguisse perceber porque é que alguém o faria. Houve um momento em que vi nos seus olhos que aceitara o facto de o ter perdido. Os seus ombros baixaram e ele inchou as bochechas. Confessou que ainda não tinha feito um *backup* da sua história.

Isso faz-me lembrar... Helen, podes tomar nota para fazeres o *backup* do meu livro, se ainda não o fizeste? Tenho a certeza de que já o fizeste, sendo uma profissional neste ramo, mas, na eventualidade de não o teres feito, por

favor, faz. Tenho a certeza de que a última coisa que queres é ter de voltar a transcrever estas gravações. Que incómodo isso seria.

Alec continuava a rodar a colher na chávena de chá, parecendo hipnotizado pelo remoinho que o movimento criava. Devia estar descontraído, porque decidiu abrir-se comigo. Como já disse antes, muitas pessoas confiaram em mim durante o meu tempo como mordomo. Talvez me vissem como um terapeuta gratuito, sabendo que eu seria demasiado educado para lhes dizer que parassem de falar. O meu trabalho era satisfazer todos os caprichos dos hóspedes, e se isso significasse ouvi-los falar sobre si próprios, então que assim fosse.

Com Alec era diferente. A sua companhia era agradável e eu achava muito interessante o que ele tinha para dizer. Era alguém que eu teria escolhido para ser meu amigo, se a oportunidade tivesse surgido. Alec falou-me da sua esposa, que ele teve de colocar sob cuidados a tempo inteiro quando ficou paralisada do pescoço para baixo, após o carro que ele conduzia se ter despistado e caído numa ravina, certa noite. Estava consumido pela culpa e pela tristeza, lamentando a perda da sua antiga vida e vivendo com a dor de ter destruído o futuro da sua mulher. Não valia a pena consolá-lo dizendo-lhe que a culpa não era dele, porque eu não sabia se era ou não. Se calhar era. Talvez estivessem a discutir e ele tenha desviado os olhos da estrada, ou estivesse distraído ou cansado. Sem os pormenores, não havia forma de saber. Ele deixou claro, por diversas vezes, que estava sóbrio quando ia a conduzir. As pessoas acrescentam todo o tipo de pormenores por medo de serem julgadas. Por vezes, é melhor dizer alguma coisa para esclarecer, em vez de ficar sentado a pensar no que é que a outra pessoa pensa de nós.

Por muito interessado que estivesse no que Alec estava a dizer, distraí-me um pouco ao ver o Sr. Potts a subir de uma das cadeiras exteriores para o parapeito de betão do terraço. Saltar não faria mais do que arranhar-lhe os joelhos, por isso perguntei-me porque é que ele estava ali em cima, até que o vi a abanar o telemóvel para o céu, presumivelmente numa tentativa de obter rede. Pareceu funcionar, pois, momentos depois, ele estava a falar, ou melhor, a gritar com alguém do outro lado. Voltei novamente a atenção para o meu amigo escocês.

Alec tinha um filho chamado Joseph e uma filha chamada Hailey; ambos tinham os seus próprios filhos. Nenhum deles conseguia passar muito tempo com o pai depois de o culparem pelo acidente de viação. Alec disse-me que se sentia só, o que eu compreendi. Podemos ter uma família e amigos, mas mesmo assim sentirmo-nos sós – por exemplo, podemos passar o dia todo rodeados de pessoas, mas à noite irmos para a cama com a sensação de não termos conseguido ter uma conversa significativa ou de não termos recebido o afeto que desejávamos.

Daquela conversa com Alec, eu retirei a certeza de que ele nunca se habituaria a sentir-se sozinho. Ele disse que foi por isso que começou a

escrever; porque, quando escrevia, sentia que estava a falar com alguém. Agora percebo isso. Mesmo a gravar isto, sinto que estou a falar com alguém. Mesmo que não me conheça agora, vai conhecer-me em breve. Neste livro, sou tão aberto e vulnerável quanto possível. Isto é uma coisa assustadora, mas bastante estimulante.

Voltando a Alec, tivemos uma grande conversa. Falámos sobre a Escócia e os sítios de que ele gosta, e os sítios onde eu sempre quis ir. Ele disse que, depois de tudo aquilo terminar, me convidaria para visitar o Monstro do Lago Ness. Era a alcunha do proprietário do seu bar local e não a mítica criatura marinha, explicou. Rimo-nos muito com isso. Quem sabe se foi um convite genuíno, mas se as coisas tivessem corrido de outra forma, eu teria feito um esforço para lá ir. Um dia hei de ir sozinho.

Nessa altura, o Sr. Potts bateu à janela e indicou que queria que eu e Fiona nos juntássemos a ele lá fora. Fez-me saltar com o susto. O Sr. Potts tinha perdido todo o sentido de si próprio e tinha-se esquecido claramente de que era o gerente do hotel. Em vez da sua postura ereta e rosto neutro, estava curvado, carrancudo e exaltado. No entanto, não era altura para o lembrar de como devia agir. Quer dizer, ali estava eu com uma camisola com capuz e calças de fato de treino.

O Sr. Potts queria dizer-nos que, segundo a sua esposa, a imprensa já sabia que algo se passava no Cavengreen. Disse que só conseguiu falar com ela durante um minuto antes de a chamada cair, mas foi tempo suficiente para ela lhe dizer que o noticiário das seis horas tinha anunciado que o Cavengreen estava sob vigilância policial e que decorria uma investigação sobre o pessoal e os hóspedes. Era tudo o que sabiam. Não havia qualquer menção de que um homem tinha sido assassinado ou de que um detetive louco estava a reter toda a gente contra a sua vontade. Não demoraria muito até a cara de Bruno aparecer estampada nos jornais e na televisão, mas isso só aconteceria depois de todos nós podermos ir para casa. Bem, a maioria de nós.

Fiona tirou o telemóvel do bolso. Disse que estava farta e que queria contar aos meios de comunicação social exatamente o que se estava a passar no Cavengreen. Lembro-me de ela pedir o número do noticiário da TV, como se eu o soubesse. Eu nem sequer sabia que era possível telefonar para lá com atualizações e coisas do género. Não me parecia uma boa ideia. Se o detetive Raj descobrisse que o pessoal estava a fazer campanha contra ele, quem sabe que horrores poderia invocar como castigo. Corria o rumor de que ele estava quase a atingir o ponto de rutura e a obrigar a sua equipa a trabalhar em turnos de dezoito horas até resolverem o caso. Mas Fiona estava determinada a ter uma palavra a dizer.

As suas longas unhas cor-de-rosa batiam no ecrã do telemóvel e ela fazia um estalido impaciente com a língua. Sem conseguir falar com «o pessoal da televisão», como lhes chamava, virou-se para voltar a entrar e perguntar a um dos jovens se tinha conseguido pôr o telemóvel a funcionar. Mas depois fez uma pausa. Deu alguns passos cautelosos em frente e bateu no vidro. Depois,

voltou a bater. Virei-me, mas ainda não via o que ela via. Se tivesse visto, ter-me-ia mexido mais depressa.

Fiona bateu outra vez e depois correu para dentro.

Depois de ela ter saído da frente, pude ver exatamente o que a tinha alarmado tanto. Alec estava encostado à janela, com a cara a deslizar lentamente pelo vidro, deixando uma mancha. Uma mão agarrava o seu peito.

Capítulo



Muitos rumores de que um homem fora envenenado espalharam-se por Lavender Plates.

Patrick, o noivo, levantou Alec da cadeira e deitou-o no chão. Começou a fazer reanimação. As batidas no peito eram particularmente violentas, mas disseram-me que isso é normal. O detetive Raj, seguido por vários agentes, irrompeu por entre a multidão. O detetive empurrou Patrick para o lado e começou ele próprio a fazer a reanimação. Exclamou, desesperadamente, que não podia morrer outro homem, especialmente no seu turno.

Ao fim de alguns minutos, a situação tornou-se dolorosa. Alguns dos empregados mais jovens afastaram-se e outros choravam no fundo do restaurante. Patrick ajoelhou-se ao lado de Alec e procurou-lhe atividade cardíaca no pulso. Depois, voltou a verificar. Disse ao detetive Raj que podia parar a reanimação, mas o detetive apenas bombardeou o peito de Alec com mais força. Não há dúvida de que algumas costelas teriam sido partidas. Os agentes trocaram olhares, como se ponderassem se deveriam intervir. Coube a Patrick agarrar o detetive Raj e puxá-lo.

– Está morto – anunciou Patrick, consultando o seu relógio, presumivelmente para registar a hora exata.

O meu primeiro pensamento foi sobre a mulher e os filhos de Alec. Sobre como ele nunca chegara a despedir-se. Como os seus filhos poderiam arrependem-se para sempre de não se terem relacionado bem com o pai no final. Podemos pedir desculpa a uma pessoa morta, mas ela não nos ouve.

Não sou de chorar, mas a morte de Alec afetou-me muito. A autópsia acabaria por determinar que ele tivera um ataque cardíaco, muito provavelmente provocado pelo *stress*. Ele tinha tido muito com que lidar.

Alec Maclean era o segundo hóspede em quarenta e oito horas a abandonar o Cavengreen num saco para cadáveres. Foi assustador para os hóspedes. Na altura, não sabíamos como morreria Alec, por isso as teorias de um assassino em série à solta circularam rapidamente. A maioria dos hóspedes saiu rapidamente do Lavender Plates e trancou-se nas suas suítes. Alguns dos empregados começaram a virar-se uns contra os outros, fazendo perguntas que nunca teriam feito antes, como «Onde estavas nas horas anteriores ao homicídio de Bruno?» e «Puseste alguma coisa na bebida de Alec?».

O detetive Raj saiu para o terraço. Só conseguíamos ver as suas costas. Deu um pontapé na gravilha e segurou a cabeça com as mãos. Agachou-se até ficar de cócoras e, depois, voltou a levantar-se com um palavrão em voz alta. Virou-se e voltou para dentro, parando à entrada para olhar ferozmente em redor, para os restantes funcionários e hóspedes, que o encaravam de olhos arregalados. A morte de Alec tinha feito com que o detetive Raj...

Capítulo



A meio da minha linha de pensamento, não vai adivinhar o que aconteceu. Há pouco, ouvi umas vozes à porta de minha casa e fui ver. Abri a porta, mas não estava lá ninguém, embora estivesse, em cima do tapete, uma caixa grande com uma fita vermelha à volta. O meu primeiro pensamento foi que se tratava de uma prenda de aniversário antecipada. Talvez Fiona ou Helen a tivessem deixado à pressa. Faço anos no próximo domingo, por isso não teria sido completamente inesperado receber um presente, embora não possa dizer que estivesse à espera dele. Mas agora tenho aqui a caixa e, depois de lhe descrever o seu conteúdo, vai diretamente para o caixote do lixo.

Então, imagine isto: estou à porta de casa com uma caixa e, como está um dia lindo, soalheiro mas não muito quente, decido abri-la de imediato. Desato o laço, levanto a tampa da caixa e vejo um cartão em cima de uma segunda caixa. No cartão está escrita uma única palavra. É uma palavra que me persegue e que arruinou todo um género de filmes. Assim que a ler, saberá o que está para vir:

Viva.

Era esta a palavra. Neste contexto, parece ameaçadora, intimidante e sinistra. Assim que a li, olhei para a esquerda e para a direita, sentindo-me subitamente inquieto. Depois, havia a caixa. Esta caixa enorme. Dentro dela estava um chapéu de *cowboy* castanho.

Pode imaginar o que aconteceu a seguir e, se pudesse ouvir esta gravação, saberia como ainda estou perturbado. Vindo de trás do muro de

pedra calcária de minha casa, apareceu Dave Americano, seguido de uma Paula McDavidson sorridente. Estavam a bater palmas como focas, tão satisfeitos com a execução da sua entrega surpresa. Dave Americano estava com o mesmo chapéu de *cowboy* que usara no Cavengreen. Vestia calças de ganga azuis e umas botas pretas grosseironas. Isto são os Yorkshire Dales, não é um rancho, parceiro!

Paula McDavidson olhava para Dave Americano com admiração, enquanto ele me lançava a sua gíria de *cowboy*. Nem sequer tenho a certeza do significado de metade do que ele disse. E então – não vai acreditar –, reparei que um homem com uma câmara no outro lado do muro estava a gravar a nossa interação. Aqui estou eu, a tratar da minha vida no meu jardim, quando o americano e a metediça local aparecem do nada para me estragar o dia. Levantei a mão para tapar a cara, gritando que não lhes dava autorização para me filmarem. Provavelmente, vão desfocar-me. Já vi excertos desses programas policiais americanos. Toda a gente daqui saberá que sou eu; mesmo com uma mancha difusa a esconder a minha identidade, continuo a andar, a falar e a comportar-me como Hector.

Quando lhe gritei para se ir embora, Dave Americano sorriu. É óbvio que branqueara os dentes, porque quase fiquei cego. Enganchou um polegar na fivela do cinto e apoiou um pé no meu muro. Tudo o que lhe faltava era um pedaço de palha na boca e ficaria igualzinho aos *cowboys* dos filmes. Apresentou-me o operador de câmara e o produtor. Não me interessou memorizar os seus nomes.

Alguns alunos da escola local passaram de bicicleta e gritaram um «Parolo!» muito apropriado a Dave Americano, o que o apanhou desprevenido. Não sou de encorajar as crianças a insultar ninguém, mas naquele momento era mais do que apropriado.

– Eu conheço os teus pais, Joel Umbridge! – gritou Paula McDavidson, correndo atrás deles, apenas para ser confrontada com um dedo do meio, presumivelmente pertencente a Joel.

Paula estava no seu elemento, a desfrutar das luzes da ribalta com um americano. Ela é o tipo de mulher que pensa que os Americanos são só brilho e charme, e aposto que está a pensar que vai ter sucesso depois deste documentário. Digo-vos uma coisa: não há maneira de eles fazerem algo minimamente decente sem a minha versão da história. Onde estava Dave Americano quando Alec morreu? Na sua suíte com a amante americana. Ele não fez parte da ação; estava demasiado ocupado com outro tipo de ação!

– Precisamos que apareça para a câmara – disse-me Dave Americano. – Não vai demorar muito. Só queremos fazer-lhe algumas perguntas sobre o Cavengreen. – Ele explicou-me que uma empresa está interessada em transmitir o documentário assim que esteja concluído. Aparentemente, isso significa que o mundo inteiro o vai ver.

Não vou certamente aceitar que o mundo inteiro veja este monte de mentiras, por isso respondi-lhe com firmeza:

– Nem pensar.

Ele persistiu, claro; disse-me que havia muito dinheiro a ganhar e talvez até uma viagem com todas as despesas pagas à América. Não estou interessado. E acho que deixei isso bem claro ao bater-lhe com a porta na cara, algo que tenho a certeza que dará uma ótima filmagem para o documentário deles.

Seria de esperar que eu já estivesse habituado a estas incómodas aparições, mas parecem piorar de cada vez que abro a porta da frente. Não será a última vez que verei Dave Americano, aposto dinheiro nisso. Agora que sabe onde vivo, tenho a certeza de que ele e as suas câmaras vão voltar. Sem dúvida que também vão andar a farejar no Cavengreen. Metediços, todos eles. De certeza que podia processá-los por assédio.

Bem, não vale a pena enervar-me. Isso é exatamente o que ele queria. Há uma história que tenho de contar, por isso vou buscar um chá, acalmar-me um pouco e retomar a gravação. Quero mesmo acabar esta parte sobre Alec. E tirar este maldito chapelão da minha vista!



Uma chávena de chá preto faz maravilhas ao temperamento. Sou um homem renovado depois de uma bebida quente. Dave Americano não me vai perturbar. O facto de ele estar na vila acendeu um fogo na minha barriga. É uma corrida para ver quem consegue publicar primeiro a sua história. E *tenho* de ser eu.

Voltemos a Alec. Todos o vimos morrer, não houve nenhum crime óbvio. Caberia a uma autópsia concluir se ele tinha sido envenenado, como alguns dos hóspedes especulavam.

Enquanto a maioria dos hóspedes regressava a correr para as suas suítes, receando novos ataques, Olive, Patrick e as gémeas permaneciam no Lavender Plates, lançando-me olhares desconfiados e fazendo notar que eu tinha sido a última pessoa a falar com Alec. As gémeas deixaram isso bem claro ao detetive Raj. Pareciam criancinhas a contar histórias.

O detetive Raj não estava a gostar nada daquilo. Tapou os ouvidos com as mãos e fechou os olhos. As gémeas estalaram os dedos na sua cara e gritaram «Olá!», mas o detetive Raj parecia determinado a bloqueá-las. Acharam que era o momento apropriado para exigir que o *wi-fi* fosse ligado de novo. O detetive virou costas, ignorando-as. As gémeas saíram disparadas, levando uma garrafa de champanhe com elas.

Olive apertou-se contra Patrick e ele confortou-a ternamente, acariciando-lhe a parte de trás do cabelo. Nesse momento, Dave Americano e a sua amante entraram no Lavender Plates, com os braços à volta da cintura um do outro. O momento não podia ter sido pior.

– Quem é que morreu? – perguntou Dave Americano, jovialmente, quando viu as nossas caras taciturnas. Ele sorria largamente.

O detetive Raj olhou para ele e, depois, inclinou a cabeça para trás, lançando um suspiro exasperado aos céus. Foi Patrick quem anunciou que Alec tinha morrido.

O sorriso de Dave Americano transformou-se num olhar de choque.

– Foda-se! – disse ele quando viu o corpo de Alec.

Desenvencilhou-se da amante e pôs as mãos nas ancas.

– Que raio se passa aqui, pessoal? – questionou, com a voz elevada a um volume não apreciado por aqueles de nós que tinham acabado de passar por uma experiência traumática. Mas ele tinha razão, era altura de tentar obter algumas respostas.



Ficámos sentados durante algumas horas, com o céu a escurecer à medida que nos afundávamos na noite, à espera de que o corpo de Alec fosse levado do Lavender Plates. Foi um tempo solene. Que ele descanse em paz.

Assim que o corpo de Alec foi recolhido, o detetive Raj e alguns dos seus agentes, Dave Americano, Fiona, o Sr. Potts e eu reunimo-nos na biblioteca. A amante de Dave Americano tentou juntar-se a nós, mas ele bateu-lhe com a porta na cara, deixando-a no corredor. Cada um de nós sentou-se e olhou, com expectativa, para o detetive. (Exceto o Sr. Potts, que estava no canto da biblioteca, de costas para todos. Ninguém reparou, mas eu adivinhei o que ele estava a fazer, e o tilintar muito ligeiro da tampa a ser colocada de novo no decantador de *whisky* confirmou as minhas suspeitas.)

O detetive Raj tomou o seu lugar em frente à lareira apagada. Parecia exausto. Os seus olhos imploravam por sono, e a sua barba, outrora bem-cuidada, parecia agora irregular. Havia manchas de café na sua camisa branca, que estava amarrotada e desalinhada. Aceitou responder a todas as perguntas que lhe fizéssemos, desde que as suas respostas ficassem naquela divisão. Acho que percebeu que tínhamos potencial para nos tornarmos um grupo problemático e que manter-nos do lado dele ajudaria a preservar o controlo.

Fiona foi a primeira.

– Estão mais perto de descobrir quem matou Bruno, e agora, potencialmente, Alec, para podermos sair daqui?

– Estamos lentamente a excluir pessoas, por isso, sim, estamos mais perto – respondeu o detetive Raj.

Fiona prosseguiu com:

– Acha que o assassino ainda está no hotel?

– Sim. Olhando para as imagens de videovigilância, temos a certeza de que o assassino ainda está entre nós.

Era a minha vez.

– Já se apercebeu de que não há videovigilância virada para as portas do terraço das suítes? – perguntei.

– Temos conhecimento disso e presumimos que foi assim que o

assassino teve acesso à suíte do Sr. Tatterson.

– E a arma do crime? – Dave Americano inclinou-se para a frente no cadeirão, apoiando os cotovelos nos joelhos e rodando o chapéu nas mãos.

– Desapareceu.

– Mas tem de estar algures no hotel! – persistiu Dave Americano.

– Presumivelmente, sim.

– Bem, vamos todos levantar-nos e procurá-la! – Dave Americano levantou-se.

– Oh, sente-se, seu grande *idiota*! – trovejou Fiona. – Nem sequer sabemos do que estamos à procura.

– Uma faca, pensamos nós – disse o detetive Raj. Depois, acrescentou: – Ainda estamos à espera de que a equipa forense confirme.

Quando se trabalha num hotel, tem-se uma boa ideia do tipo de inventário armazenado no edifício. E facas, bem, tínhamos muitas. Facas de *sushi*. Facas para bifes. Facas para peixe. Facas de jardinagem. Abre-cartas. Facas de manteiga (embora eu tenha quase a certeza de que uma destas não furaria a pele). Tenho a certeza de que o documentário de Dave Americano vai fazer dele um herói porque foi ele que acabou por encontrar a arma do crime. Falaremos disso mais adiante.

O relógio por cima da lareira bateu onze badaladas. Íamos passar a nossa terceira noite no hotel, e todos concordámos que talvez fosse melhor descansarmos um pouco. Era evidente que o assassino, fosse ele quem fosse, continuava escondido à vista de todos dentro do hotel. Ou isso, ou tinha acabado de ser levado num saco para cadáveres.

Todos dispersaram de volta às suítes; eu e o Sr. Potts concordámos em partilhar a suíte dois, ele no sofá e eu na cama. Ele foi muito simpático em oferecer-me a cama. É uma das vantagens de ser classificado como «velhote», embora não seja assim que me sinto. Mas aceitei com gratidão. Precisava, desesperadamente, de um longo descanso se, quando acordasse, tivesse de canalizar a minha energia para ajudar a resolver o caso e, assim, podermos ir todos para casa.

No caminho de regresso à suíte, parámos na minha secretária de mordomo para tirar algumas garrafas de água do meu frigorífico. Nada na minha secretária estava onde devia estar. As minhas mãos latejavam, querendo desesperadamente arrumar tudo. Havia garrafas de água vazias, embalagens de doces e latas de refrigerante esmagadas, espalhadas pelos meus ficheiros. O telefone estava fora do descanso e canetas do Cavengreen estavam espalhadas por todo o lado, sem tampa. Algo pegajoso tinha acumulado penugem e pó numa pequena mancha. Para mim, era o cenário de um pesadelo. Claro que estar fechado num hotel com um assassino era mau, mas não me fazia comichão no cérebro da mesma forma que uma secretária desarrumada.

Enquanto examinava os estragos, senti que o Sr. Potts estava a ficar impaciente. Eu sabia que teria de limpar noutra altura, embora negar a minha

vontade de arrumar me causasse grande desconforto.

Uma batida. Duas batidas. Três batidas.

Em vez disso, respirei fundo e baixei-me para abrir o frigorífico. Fiquei surpreendido ao encontrar uma mochila preta lá dentro. Não era minha e eu não fazia a mínima ideia porque é que estava no frigorífico, e não noutro qualquer lugar. Verifiquei por cima do ombro; o Sr. Potts estava a tirar as pétalas mortas do arranjo floral. Puxei a mochila para fora e, espreitando para dentro, soube imediatamente o que tinha encontrado. Era o portátil perdido de Alec.

Peguei nele. Parte de mim sentia que precisava de o proteger, agora que o seu dono já não estava entre nós. Alec era tão apaixonado pelo seu trabalho. Outra parte de mim foi dominada pela curiosidade. Queria ler o que lá estava escrito. Naquele momento, tanto quanto eu sabia, Alec também podia ter sido assassinado, e talvez aquele portátil tivesse algumas respostas. O Sr. Potts nem se apercebeu de que eu estava subitamente a carregar uma mochila, enquanto caminhávamos de volta para a nossa suíte. Em breve, dir-lhe-ia que a tinha. Na verdade, precisaria da ajuda dele para aceder aos ficheiros.

Capítulo



É necessária uma mudança de ambiente para a gravação de hoje. Ideia de Helen.

Falámos ao telefone ontem e eu contei-lhe tudo sobre como fui emboscado pelo americano e por Paula, a intrometida. Helen achou tudo muito engraçado e disse-me que daria ótimo conteúdo. «Tudo por um bom livro», é o que ela diz sempre.

Convidei-a para ir comigo ao Cavengreen, para que pudesse ver o hotel com os seus próprios olhos e ter uma melhor noção do cenário. Pensei que isso a poderia ajudar na edição. Ela disse que estava demasiado ocupada. Qualquer coisa sobre papelada, documentos para preencher e tudo isso. Não me intrometi.

Fiona teve todo o gosto em arranjar-me um pequeno espaço nos jardins do Cavengreen. É estranho voltar aqui. A última vez que cá estive foi no dia em que fomos autorizados a sair. Bem, a maioria de nós. Passaram alguns meses desde então e, embora já não trabalhe aqui, o Cavengreen será sempre a minha segunda casa. Chegar à estrada de acesso e ver o hotel trouxe-me tantas boas recordações. Nunca me vou cansar de o ver. Em cinquenta e tal anos, nunca me cansei. Mesmo depois de tudo o que aconteceu, continua a ser o meu Cavengreen.

Quando cheguei, havia muita azáfama e agitação na frente. Fiona recebeu-me com um abraço caloroso e sumo de laranja numa taça de champanhe. Senti-me como um hóspede e sabia que era essa a intenção de

Fiona. Ela não é adorável?

Apontei para uns andaimes à volta da arcada principal, na parte da frente do hotel.

– Estão a mudar o letreiro – disse-me Fiona com um suspiro.

Eu sabia que isto ia acontecer, embora não lhe tenha dito nada. Parte de mim esperava que nunca viesse a acontecer. Os americanos tomaram oficialmente conta do Cavengreen e deram-lhe um novo nome. Com o nome do hotel a ser divulgado nas notícias nos últimos meses, decidiram mudar a marca. Fiona disse que o hotel tem tido uma boa ocupação, mas, mas em vez da clientela normal, têm estado a receber reservas de caçadores de fantasmas e de pessoas com um fascínio mórbido. Que coisa estranha para se ter como passatempo... visitar locais de homicídios.

O novo letreiro do hotel estava encostado à traseira de um camião, quando cheguei. Tive de inclinar a cabeça para o ler. Fiona arregalou os olhos e fez um sinal de reprovação. A partir de hoje, o hotel chama-se The Lavender. É um nome bonito, suponho. Os americanos plantaram lavanda em vasos de terracota ao longo da entrada e da fachada do hotel. Tenho de admitir que é uma planta muito bonita – embora seja um pesadelo para quem tem alergias, claro. Ainda assim, para mim, este lugar será sempre o Cavengreen, e não vou começar a usar o seu novo nome neste livro. Não só seria confuso, como não me pareceria correto.

O nome não é a única coisa que mudou por aqui. A maior parte do pessoal também é nova. Os americanos só mantiveram Fiona e o pessoal da cozinha. Fiona riu-se quando me disse isto; estava surpreendida porque tinha sido bastante rude com Dave Americano durante o confinamento. Ele tinha-a descrito como «feroz» e «igual a mim», o que ela considerou muito insultuoso. Ela só aceitou ficar porque lhe ofereceram um generoso aumento de salário. Mas ela salienta que a alma do hotel desapareceu agora que o pessoal mudou.

– Noventa e nove por cento de nós já nem sequer é daqui – explicou Fiona com um ar carrancudo. – Há sotaques de Londres, da América, de todo o lado. Não há mais nenhuma voz do Yorkshire além de mim e da cozinha.

No interior do hotel, as coisas estão diferentes. A minha antiga secretária está bloqueada por aquilo a que Fiona chamou «quiosques de ecrã tátil», e vi um homem a carregar com o dedo num deles para ver um mapa dos bares locais. O arranjo floral na receção é maior e mais elaborado, e os uniformes dos funcionários mudaram. Em vez dos clássicos fatos azul-marinhos e camisas brancas, usam agora linho em lavanda pálido. Quase parecem trabalhar num asilo, mas, aparentemente, isso combina com trabalharem para os americanos. Não seria elegante da minha parte criticar demasiado. Mas o The Lavender não tem o mesmo ambiente de cinco estrelas que o Cavengreen tinha. Pronto, está dito!

Fiona levou-me até aos jardins, onde eu tinha pedido que me instalasse todo o dia. Continua a ser um dos meus lugares preferidos, apesar de tudo o

que aqui aconteceu. Fiona preparou uma mesa para mim com um guarda-sol para fazer sombra. Há um jarro de água fresca com rodela de laranja a flutuar e ela trouxe um prato de tomates, *mozzarella* e manjerição, que já comi quase todo. O sol está a brilhar, uma brisa sopra levemente por entre as árvores e sinto-me calmo. Uma nova equipa de jardineiros está ocupada a cortar os galhos salientes no exterior do labirinto.

Devo dizer que não tinha a certeza absoluta de como me iria sentir ao regressar aqui, pela primeira vez. Quando parti, estava exausto, esgotado e entorpecido. Mas Fiona fez-me sentir bem-vindo e descontraído. Independentemente dos acontecimentos infelizes, tenho cinquenta anos de memórias felizes deste lugar – é melhor não as esquecer.

Helen achou que seria uma boa ideia eu escrever aqui, e eu concordo, porque preciso de me concentrar. Uma grande parte da história já saiu da minha cabeça e está neste gravador, e abordei momentos cruciais como a morte de Alec e a minha experiência enquanto suspeito. Mas as coisas estão prestes a tornar-se mais intensas. Ao regressar hoje ao Cavengreen, a minha mente sente-se revigorada e pronta para contar a próxima parte da história. Estar aqui sentado no jardim aviva o modo como me senti em certos momentos.

Pode estar a perguntar-se porque é que escolhi este local e não um lugar mais privado. É que, para esta próxima parte da história, o jardim é crucial.



O jardim cheira a relva acabada de cortar e a lavanda. Mas não cheirava assim naquela noite, na terceira noite. Quando regresssei à suíte com o Sr. Potts, ele afundou-se no sofá, sentando-se com a cabeça baixa. Disse-me que a polícia tinha decidido voltar a ligar o *wi-fi* para apaziguar os hóspedes, cada vez mais ansiosos e frustrados. A imprensa já tomara conhecimento da situação, pelo que não valia a pena mantê-lo desligado por mais tempo. Chegou uma mensagem de texto da esposa do Sr. Potts. Estava zangada porque ele ainda não tinha ido para casa e não percebia qual era o motivo da demora. Era natural. Do lado de fora, devia parecer muito estranho: um grupo de funcionários e hóspedes mantidos sob vigilância policial num hotel de onde não uma mas duas pessoas tinham sido levadas em sacos para cadáveres. Ao que parece, o Sr. Potts tinha perdido o jogo de futebol do filho, que marcara o golo da vitória. Como eu não tinha filhos, não lhe podia dizer que compreendia o que era perder esses momentos importantes, mas disse-lhe que haveria muitos mais e que ele estaria presente nesses momentos.

O Sr. Potts ainda não tinha reparado no portátil, que eu tinha colocado em cima da cama. Finalmente, decidiu tomar um duche, com um pequeno empurrão meu. Sentei-me numa cadeira ao lado da cama e olhei para o portátil com cautela. Tinha visto muitas pessoas a usá-los no hotel, mas nunca tinha usado nenhum. Aproximando-me, a primeira coisa que fiz foi levantar a

tampa, se é que é assim que se chama. A máquina fez um zumbido e um guincho e depois apareceu uma imagem de uma paisagem rochosa. Parece seguro supor que se trata de um lugar na Escócia. Apareceu uma pequena caixa a pedir uma palavra-passe. Esse era um obstáculo que eu não tinha previsto. Estaria Alec a esconder alguma coisa?

A necessidade de uma palavra-passe deixou-me ainda mais ansioso por ver o que estava no computador. Eu sabia do livro, mas e quanto a outras anotações? Alec disse-me que documentava frequentemente interações com pessoas ou descrições de eventos, para o caso de querer usar esses momentos no seu trabalho. Ele tinha escrito sobre mim, por isso talvez tivesse observado outras pessoas no hotel e escrito sobre elas também. Pode dizer-se que eu estava a agarrar-me a migalhas, mas o portátil era a única migalha que eu tinha naquele momento. Assim que ouvi o chuveiro parar, fechei o portátil e enfiei-o debaixo da cama. Ainda não estava pronto para partilhar a minha descoberta com o Sr. Potts. Queria mais tempo para pensar se esconder o portátil da polícia era a coisa certa a fazer.



Por volta das três da manhã, acordei com o som de vozes no terraço, no exterior da nossa suíte. Levantei-me e espreitei por entre as cortinas e, de facto, estavam duas pessoas a discutir. Ambas vestiam roupões do Cavengreen e tive de espreitar um pouco mais para ver quem eram na escuridão. Duas mulheres, isso era óbvio pelos seus gritos abafados. Reconheci, primeiro, os caracóis loiros de Olive, e depois identifiquei a sua mãe, Sue, de baixa estatura e voz estridente. Olive tentava que ela se calasse à medida que o volume aumentava.

Olhei para o Sr. Potts no sofá – dormia profundamente – e depois abri, cuidadosamente, a porta do terraço; apenas o suficiente para ouvir o que as duas mulheres estavam a dizer.

– Ninguém pode saber – disse Olive numa espécie de sussurro gritado.

– Diz-me a verdade, Olive – respondeu a mãe. – Eu posso ajudar-te. – Agarrou-se aos braços da filha, mas foi afastada.

– Não fui eu, mãe.

– Mas sabes que não soa bem, não sabes?

– Sim, mãe – sibilou Olive. – Sei exatamente o que parece.

– Deixa-me ajudar-te, Olive – insistiu Sue, novamente.

– Eu não *preciso* de ajuda. Já te disse: não fui eu.

Foi tudo o que apanhei da conversa antes de se afastarem para o jardim. Observei-as a andar para cima e para baixo no relvado, com os seus gestos bruscos com as mãos a deixar claro que ainda estavam a discutir. Tantas possibilidades me passavam pela cabeça, como decerto lhe estão a passar a si neste momento. Quando pensei em suspeitos, considerei membros da equipa, até mesmo o Sr. Potts ou, a certa altura – talvez ainda mais antes da sua morte

–, o bêbedo Alec, mas nunca tinha considerado a noiva. Depois, lembrei-me das queixas de ruído da noite de núpcias; colocavam a noiva na sua suíte às 23h30 e às 2h. Mas havia muitas horas não contabilizadas entre essa altura e o momento em que encontrei o corpo. O que é que a noiva estava a esconder? Eu tinha de saber, e imagino que você também esteja muito interessado em descobrir.



De manhã, contei ao Sr. Potts o que tinha visto e ouvido. Dei-lhe a informação quase assim que ele abriu os olhos; o pobre homem ficou bastante surpreendido. Eu estava à espera desde as três da manhã para lhe contar. Ele esfregou a cara enquanto tentava processar a informação.

– Café – foi a sua resposta.

Deitou um pouco de *brandy* no café que lhe preparei. Não fiquei agradado. Nesse dia, precisava que o Sr. Potts me ajudasse a decifrar a informação e a entrar no portátil; se estivesse bêbedo, seria inútil. Mas ele era um adulto e o meu patrão, por isso não havia nada que eu pudesse dizer para o impedir.

Aquele primeiro gole pareceu reavivá-lo e ele pediu-me para repetir tudo o que tinha acabado de lhe dizer, mas um pouco mais devagar.

Comecei pelo portátil. Ele não partilhava do meu otimismo de que conseguiríamos adivinhar a palavra-passe de um homem que mal conhecíamos. Também não partilhava do meu choque por haver uma palavra-passe. Eu pensava que isso era um claro sinal de que Alec escondia alguma coisa, mas o Sr. Potts disse-me que era comum as pessoas protegerem os seus dispositivos com uma palavra-passe, com o objetivo de manter o seu conteúdo privado.

Depois, falei-lhe de Olive e da mãe dela. Ele concordou que a conversa parecia suspeita, mas não provava nada, na verdade. Olhando para trás, era óbvio que ele não estava tão empenhado como eu em encontrar o assassino de Bruno. Estava demasiado consumido por quaisquer demónios que combatia na sua cabeça. Não é que não me tenha dado alguma assistência, mas gostaria que ele tivesse sido um pouco mais prestável. Defendeu que devíamos guardar para nós o que tínhamos descoberto, pelo menos por enquanto. Concordei que era o mais sensato. Ir ter com o detetive Raj com pequenas peças de um *puzzle* só o teria irritado. Ele já estava a afogar-se em pontos de interrogação e, na minha opinião, precisava da nossa ajuda. Caso contrário, quem sabe?, hoje, ainda poderíamos estar presos naquele hotel.

O Sr. Potts e eu sentámo-nos em frente ao portátil durante uma hora a escrever potenciais palavras-passe. *Alec*. Incorreta. *Escócia*. Incorreta. *Celta*. Incorreta. *Rangers*. Incorreta. *Autor*. Incorreta. *Password123*. Incorreta. Esgotámos as nossas opções rapidamente. Não saber muito sobre uma pessoa faz com que seja um milhão de vezes mais difícil tentar adivinhar a sua

palavra-passe. A minha é sempre apenas o meu aniversário. Mas talvez tenha de a mudar, agora que a partilhei consigo. O Sr. Potts estava a ficar frustrado com o alerta de palavra-passe incorreta no ecrã. Ele via todo aquele exercício como inútil, lembrando-me de que, mesmo que conseguíssemos entrar no portátil, as hipóteses de encontrarmos algo relevante eram quase nulas. Mas a única outra opção que tínhamos era ficar sentados à espera de que as respostas viessem até nós. Altamente improvável eu fazer isso, posso garantir-lhe.



Não estou a acreditar. Dois hóspedes do hotel vieram ter comigo e fizeram-me uma emboscada com uma série de perguntas sobre o homicídio. Disseram que me reconheciam do jornal e que queriam saber o que é que eu estava a fazer sentado no jardim a falar sozinho. Não lhes falei do livro. Não me interessa que pensem que sou louco; não posso arriscar que Dave Americano descubra o meu projeto secreto.

Um dos hóspedes, um homem, balançava uma garrafa de vinho tinto numa mão e bebia de um copo na outra. Perguntou-me se eu tinha ido à prisão visitar o assassino. Respondi-lhe que não, ainda não. O outro hóspede, uma mulher cujos dentes estavam manchados de vermelho por causa do vinho, perguntou-me se eu ia aparecer no documentário americano. Com certeza, a notícia do filme de Dave Americano não podia ter-se espalhado ao ponto de já ser do conhecimento dos hóspedes do Cavengreen. Tentando parecer casual, perguntei como é que eles sabiam.

– Estão aqui agora a filmar. Vimo-los no *lobby*.

Um homem não pode apreciar os seus tomates e o seu gravador em paz?! (Este não foi o meu primeiro pensamento quando soube da potencial interrupção, mas parece-me ligeiramente humorístico para o livro.)

Como se fosse uma deixa, Dave Americano apareceu.

– Hector, meu amigo! Exatamente o homem que procuramos. Vamos conversar. – Dave Americano dirigiu-se a mim através do relvado, com a sua equipa de filmagens a segui-lo e Fiona a bambolear-se ansiosamente sobre a relva, tão depressa quanto os seus saltos o permitiam.

– Não fazia ideia de que eles estariam cá hoje – disse ela, desculpando-se.

– Aqui a Fiona disse-me que está a escrever um livro. Bem, que bom. – Dave Americano mascava uma pastilha elástica com agressividade; vê-la a girar dentro da sua boca fez-me revirar o estômago. Nunca masqueei uma pastilha elástica e é uma das minhas maiores irritações ver as pessoas a fazê-lo, especialmente quando estão a falar. Não que eu estivesse à espera de que Dave Americano tivesse maneiras. Nesta parte do mundo ele destaca-se em qualquer lugar.

– Não – começou Fiona –, o que eu disse foi que o Hector foi abordado por uma editora para escrever um livro. – Fiona fez-me uma careta de

embaraço, com os olhos arregalados, e vi que se arrependia de ter contado. – Desculpe – disse ela, por cima do ombro de Dave Americano.

A câmara estava apontada para mim, por isso lembrei ao grupo de Dave Americano que não tinha dado autorização para ser filmado nem para usarem qualquer tipo de borrão para ocultar a minha identidade. Eles continuaram a filmar, acho que queriam frustrar-me ao ponto de eu me atirar à câmara. O que daria uma ótima filmagem, não é verdade? Em vez disso, comecei a arrumar os meus pertences. Nem sequer consegui chegar à parte da história que queria. Mas não vale a pena tentar continuar com tamanho idiota a dançar à minha volta com as suas câmaras e o seu vozeirão.

– E quem lhe deu autorização para se sentar aqui fora? Esta área é só para hóspedes pagantes – disse Dave Americano com um sorriso e inclinando, arrogantemente, o chapéu.

– Eu convidei-o a sentar-se aqui fora – disse Fiona, com a voz firme.

– Ai foi?! – Dave Americano tirou o meu guardanapo da mesa e cuspiu-lhe a pastilha elástica. Depois, voltou a pousá-lo, mesmo na minha linha de visão. – Com todo o respeito, Sr. Harrow, o senhor não é um hóspede pagante e não compete à Fiona convidar hóspedes não pagantes para áreas privadas do hotel. Por favor, saia.



Dá para acreditar? Ele pôs-me na rua! Aquele ianque expulsou-me do Cavengreen. Estou a gravar isto no meu carro. O maldito inútil ainda me está a observar da janela do Lavender Plates. O operador de câmara dele ainda está a filmar. eu consigo ver-vos. Isto é exatamente o que eles querem. *Deixar o velhote todo irritado e ver a sua reação. Isso garante boa TV.* Aquele porco. Mandou o segurança escoltar-me até à porta. E a cereja no topo do bolo: baniu-me! Carimbou-me com um banimento vitalício do The Lavender.

Ele ainda lá está. Está a mandar-me embora. Muito bem, estou a ir, estou a ir. Aperto o volante uma, duas, três vezes. Cretino. Porque não voltas para a América? Porco. Não acredito que esta é a última vez que estou a conduzir por esta entrada. A minha última vez a passar por estes portões.

Deixa-me olhar para ele uma última vez; é uma beleza de edifício.



Peço desculpa por todo este alarido. Esqueci-me de que ainda aí está. Não que esteja aqui, mas está aí. O gravador está no banco do passageiro, por isso acho que está a caminho de minha casa. Tu também, Helen.

Estou sem palavras, para ser sincero. O Cavengreen significa tanto para mim. Aquele lugar salvou-me da escuridão da minha vida em casa. Ensinou-me que havia bondade neste mundo. Vi mais pessoas entrarem e saírem por aquelas portas do que qualquer outra pessoa e nunca pensei, nem por um segundo, que um dia me dissessem que nunca mais poderia voltar. Espero que

a família Cavengreen leia este livro e veja que monstro se apoderou do seu outrora belo hotel. Que pena. Que valente pena.

Vamos acabar por aqui, Helen. Qualquer murmúrio que ouças depois disto é só para os meus ouvidos. Estou a conduzir, por isso não posso desligar o gravador. Oh, Cavengreen.

Capítulo



Helen teve de me aturar quando cheguei a casa ontem. Acabou por vir tomar chá. Tarte e puré. Contei-lhe tudo sobre como Dave Americano me expulsou do hotel. Helen tem uma cabeça tão racional que não demorou nada a convencer-me de que estava tudo bem.

– O mais importante não é o hotel – disse ela –, mas sim as memórias. – E sabe que mais? Ela tem toda a razão. Todas as boas memórias que tenho do meu tempo no Cavengreen estão guardadas no meu cérebro, e todas as más estão neste livro, para serem banidas da minha mente assim que a editora o imprimir.

Uma batida. Duas batidas. Três batidas.

É uma pena que eu nunca possa levar Helen ao hotel. Tinha planeado levá-la ao Lavender Plates para um chá da tarde, como agradecimento por me ter ajudado com o livro, mas agora vou ter de pensar noutro sítio chique.

Helen ouviu alguns dos áudios que gravei nos últimos dias. Ela acha que eu devia abrandar um pouco. Foi uma coisa interessante de ouvir, porque sinto que tudo o que fiz foi tagarelar. Todas as interrupções de Dave Americano e afins deixaram-me de rastos, e sinto que me tenho queixado muito disso e não tenho feito avançar esta história grandemente. Ainda há muito para contar. Pode acontecer que, quando Helen escrever tudo isto, o homicídio aconteça nas primeiras páginas e depois passe o resto do livro a tentar decifrar a minha algaraviada. Se for esse o caso, mais vale passar já ao último capítulo.

Helen talvez elimine esta parte. Tenho a certeza de que os escritores

profissionais não dizem aos seus leitores para saltarem para o fim. Espero que Helen consiga recuperar algum conteúdo para as partes entre o homicídio e o final.



Feijões na torrada é a minha forma preferida de começar o dia. Uma lata de feijão, dois pedaços de torrada cortados em triângulo – nunca em retângulo – e saboreados com uma boa bebida quente, na minha grande e confortável poltrona. O bom e velho feijão na torrada com um punhado de pimentos em conserva.

Desculpa, Helen. Estava só a aquecer as cordas vocais. Podes cortar isto, se quiseres.

O jornal desta manhã chegou com um estrondo. Estava só a dar uma vista de olhos rápida quando me deparei com um artigo sobre você-sabe-quem. cowboys e assassinos foi o que escolheram para título. Há uma fotografia de Dave Americano, de chapéu de *cowboy* e tudo, com o braço à volta de Paula McDavidson, que também usou um chapéu Stetson para a fotografia. Os seus dentes brilham mesmo na fotografia granulada a preto e branco, e Paula parece que ganhou a lotaria. A legenda por baixo diz: *O texano Dave Cleese em frente ao seu hotel recém-adquirido, The Lavender, com a reconhecida jornalista Paula McDavidson.*

Reconhecida?! Reconhecida? A mulher nunca escreveu uma coisa decente na sua vida. Antigamente, fazia os horóscopos semanais e agora fez uma entrevista e, de repente, é *reconhecida*. Graças aos seus artigos disparatados, fiquei a saber que sou Leão. Paula sempre previu que, em breve, eu teria problemas. Foram precisos apenas dez anos para que a sua previsão se concretizasse. Inútil e imprestável. Talvez ela devesse ter lido o seu próprio horóscopo para ver que se tornaria uma péssima jornalista, que deveria encontrar uma nova carreira.

Certo, Helen acabou de abrir o portão. É melhor deixá-la entrar.



Helen trouxe *éclairs* de chocolate. Na altura certa, pois acabei de fazer chá. Enquanto os comemos, não dou descanso ao gravador e vou contar-lhe a próxima parte da história. Helen está a ouvir. Esta é uma parte importante e ela quer ter a certeza de que não me escapa nenhum pormenor.

Então, onde é que íamos? O Sr. Potts e eu não estávamos a conseguir entrar no portátil de Alec. Olive e a mãe estavam a esconder algo, mas o quê? Era no mínimo suspeito.

Coloquei o portátil no cofre da suíte, código 1608, o dia e mês do meu nascimento. (Tenho de me lembrar de alterar o código PIN do meu cartão de débito.) Não sabíamos na altura, mas aquele seria o nosso último dia completo no Cavengreen. Todos iriam para casa ou para a prisão no dia seguinte.

Encaminhamo-nos para o Lavender Plates pouco depois das sete, perguntando-nos se ainda haveria alguma coisa nos frigoríficos para o pequeno-almoço. Os cozinheiros estavam ocupados a descongelar o guisado de borrego, e Olive e Patrick tinham doado o seu bolo de casamento. Bolo para o pequeno-almoço. Acho que era melhor do que ouvir a minha barriga a resmungar durante todo o dia. O *stock* de ovos, *bacon* e salsichas já tinha acabado há muito. O *chef* queixou-se de que, se soubesse quanto tempo ia durar o confinamento, teria racionado a comida.

O som dos saltos dos sapatos de Fiona a bater no pavimento de *parquet* anunciou a sua chegada antes mesmo de a conseguirmos ver. Parecia outra vez a Fiona normal. Já não estava de roupão de banho e chinelos. O uniforme estava fresco e engomado, o cabelo num carrapito penteado para trás e o rosto tinha um brilho agradável. Alisou a saia com as mãos e depois cumprimentou os presentes na sala de jantar com um «Bom dia» e um sorriso. Disse-me que tinha encontrado um uniforme lavado na lavandaria, e que tinha feito o que podia com os mimosinhos do hotel e com os restos de maquilhagem que encontrara no fundo da sua mala. Fiona estava otimista quanto à possibilidade de sermos libertados nesse dia e, se a comunicação social estivesse do lado de lá dos portões, ela queria parecer profissional.

Eu nem sequer tinha pensado que poderia haver jornalistas à espera. O Cavengreen tem um caminho de acesso tão longo que é impossível ver algo além da propriedade. O Sr. Potts teve uma ideia. O hotel tem apenas dois andares, mas por cima das suítes, no primeiro andar, há um espaço no sótão utilizado para guardar decorações de Natal e antiguidades. O sótão é o único sítio do hotel suficientemente alto para se ver para lá dos portões.

Os agentes de serviço mostravam-se inquietos e passavam grande parte do dia à porta do hotel a dar pontapés na gravilha, a fumar e a fazer piadas. Isso facilitava muito a circulação pelo edifício. No início, Fiona estava relutante em ir, mas quando as gémeas entraram no Lavender Plates com fatos de treino cor-de-rosa a condizer, mudou de ideias e seguiu-me a mim e ao Sr. Potts, trazendo um pedaço de bolo de casamento embrulhado num guardanapo de papel.

O sótão era acessível por uma escada estreita, escondida atrás de uma porta com a indicação *Reservado a Funcionários*. Eu já lá tinha estado muitas vezes. Na altura em que fazia biscates no hotel, pediam-me muitas vezes para ir buscar e transportar coisas ali armazenadas. Está cheio de quadros antigos, esculturas, espelhos, e coisas do género, a maior parte cobertas por lençóis brancos. Muitos dos objetos que lá se encontram valem uma fortuna. O teto é suficientemente alto no meio para se poder ficar de pé, mas temos de nos agachar à medida que nos aproximamos das extremidades inclinadas. Há uma enorme janela em arco numa das paredes do espaço, por onde entra a luz, revelando minúsculas partículas de pó que pairam como purpurinas.

O sótão é, na verdade, o sítio onde dei o meu primeiro beijo. O seu nome era Penny Duckford e era empregada do hotel. Tínhamos ambos dezasseis

anos, ou ela talvez tivesse dezassete. Bem, tínhamos mais ou menos a mesma idade. Penny tinha um lindo cabelo ruivo e comprido e lábios cor de cereja. Quando falava, o seu nariz enrugava-se e, quando se sentia tímida, não conseguia olhar-me nos olhos. Havia qualquer coisa de especial nela.

Um dia, estávamos no sótão à procura da loiça de Natal. Estava um gelo lá em cima, tão frio que conseguíamos ver a nossa própria respiração. Estávamos a fingir que éramos dragões a cuspir fogo quando eu soltei uma rajada de ar enevoado e, ao inspirar, ela beijou-me. Os seus olhos estavam fechados; foi romântico. Durou apenas um par de segundos. Quando ela se afastou, eu estava à espera de conseguir convidá-la para sair, mas ela fugiu para o andar de baixo antes de eu o fazer. Foi um golpe duro para um jovem rapaz. Pior ainda, Penny evitou o meu olhar depois disso, e nunca mais falámos. Eu tentei, mas ela afastava-se sempre. Se calhar fui eu, se calhar não. No entanto, aquele momento foi agradável.

Fiona encolheu a barriga e deslizou cuidadosamente entre as caixas poeirentas, sem querer sujar o seu uniforme lavado. O Sr. Potts chegou primeiro à janela e arquejou. Quando o alcancei, percebi porquê. Do lado de fora dos portões, ao fundo da entrada, havia uma multidão de umas trinta pessoas e meia dúzia de carros estacionados. Semicerrámos os olhos para ver ao longe, mas era difícil distinguir muitos pormenores.

Felizmente, eu tinha uma solução. Ao meu lado havia um objeto alto com um lençol por cima. Se a memória não me falhava...

Puxei o lençol para revelar um telescópio que estava no hotel desde antes do meu tempo. Estava velho e empoeirado, mas, caramba, ainda funcionava, e isso era tudo o que importava. Revezámo-nos para observar a cena.

Quando chegou a minha vez – depois de Fiona e o Sr. Potts terem dado uma boa vista de olhos –, vi que a comunicação social tinha chegado em força. Havia pessoas com câmaras ao pescoço e equipamento de vídeo montado em grandes tripés. Alguns dos jornalistas estavam sentados naquelas cadeiras de campismo dobráveis. Já deviam estar ali há algum tempo.

Depois, vi um homem que segurava um cartaz branco com um número de telefone. Os outros também o tinham visto. Durante um minuto, discutimos se devíamos ou não telefonar. E depois ligámos.

O Sr. Potts tirou o seu telemóvel do bolso e marcou o número, e eu vi através do telescópio o homem com o cartaz baixar os braços e tentar retirar o telemóvel do bolso.

– Estou? – disse ele quando atendeu.

– Vimos o seu número no cartaz – disse-lhe o Sr. Potts. – Estamos no hotel.

O Sr. Potts e o jornalista discutiram o que os meios de comunicação social já sabiam sobre o que se estava a passar dentro do hotel. Sabiam que alguém tinha sido assassinado e que outro homem tinha morrido de um suposto ataque cardíaco. Esta foi a primeira vez que ouvimos falar da

potencial causa de morte de Alec. Felizmente – embora pareça uma estranha escolha de palavra –, voltámos a ter apenas um homicídio para resolver. Os meios de comunicação social sabiam que a vítima era um homem. Sabiam que o assassino ainda não tinha sido identificado. E sabiam que todos os hóspedes e funcionários que estavam presentes no hotel na altura do crime se tinham voluntariado para permanecerem fechados até que o culpado fosse encontrado.

– Voluntariado!? – exclamou o Sr. Potts, franzindo o sobrolho.

O homem ao telefone – Mick, acho que era o seu nome – confirmou que a polícia tinha emitido um comunicado a dizer que, embora as pessoas no hotel pudessem sair a qualquer altura, tinham optado por ficar. Ficámos estupefactos ao ouvir tal coisa. Nessa altura, tínhamos passado três noites no hotel, uma das quais eu passei no chão da biblioteca, outra na arrecadação do jardineiro e a outra... bem, a outra foi numa suíte encantadora com o Sr. Potts.

O Sr. Potts disse ao homem ao telefone, em termos inequívocos, que os hóspedes e o pessoal *não* tinham tido a opção de sair e que estavam a ser retidos contra a sua vontade. Vi, pelo telescópio, o homem do outro lado do telefone afastar-se da multidão e entrar na privacidade do seu carro estacionado. Ofereceu-nos dinheiro para ficarmos e lhe passarmos informações. Seria fácil fazê-lo com o *wi-fi* novamente a funcionar. Queria vídeos do detetive, gravações de conversas e fotografias do local do crime. Só o facto de ouvir a oferta fez-me sentir imundo. Nunca nesta vida eu seria um bufo. Mas éramos três, e ele só precisava que uma pessoa concordasse. Fiona ponderou o negócio durante um minuto ou dois. Eu sabia que ela precisava do dinheiro, especialmente depois da morte do marido. Disse-lhe que não a julgaria se concordasse com o negócio, mas que talvez ela se julgasse a si própria. A sua resposta foi não. O suor escorria da testa do Sr. Potts enquanto se debatia com a decisão. Ser um bufo ou não ser um bufo. Olhou para o sol durante alguns segundos, depois disse severamente que não, que, como gerente do hotel, seria absolutamente vergonhoso para ele agir de tal forma.

– Uma hipocrisia – disse ele. Depois desligou o telefone.

Passámos algum tempo no sótão, sentados em baldes virados ao contrário junto à janela. Fiona comeu o seu bolo, oferecendo-se para o partilhar, por educação, embora eu soubesse que ela o queria só para si. Houve muitos suspiros longos. Percebi que Fiona estava a pensar em como o dinheiro poderia mudar as suas circunstâncias de vida, mas eu conheço-a: a sua alma é demasiado pura para fazer tal coisa. O Sr. Potts estava a mexer no telemóvel, como de costume. A sua esposa queria atualizações regulares. Eu tinha visto, por cima do ombro dele, algumas das longas mensagens que ela lhe tinha enviado.

Era um momento de paz. Algumas das velhas caixas que estavam no sótão deviam estar lá desde que eu tinha ido para o Cavengreen, em miúdo. Andei a remexer, à procura de qualquer peça velha de uniforme ou

propriedade perdida que pudesse vestir. Tudo cheirava a mofo, mas encontrei uma caixa com um dos antigos uniformes. Era um estilo de talvez uma década atrás, quando o hotel experimentou um tom verde-azeitona. Não era uma cor popular entre os funcionários, mas eu não me importei com isso. Peguei num *blazer* e num par de calças do meu tamanho e achei que serviriam muito bem. Podia não ser o uniforme correto, mas naquela altura as regras já não existiam. Quer dizer, alguns dos funcionários ainda andavam com o roupão do Cavengreen como se estivessem num *spa*...

Sáímos de lá cerca de uma hora depois. O dia ainda mal tinha começado, mas o peso das circunstâncias já nos arrastava para baixo. Fiona espreitou pela porta ao fundo das escadas e levou-nos para fora quando a costa estava livre. Ela tinha ficado na suíte quinze, mesmo ao lado das escadas do primeiro andar, e queria entrar para ir buscar o telemóvel. Seguimo-la e o Sr. Potts foi imediatamente até ao minibar. Nas suas costas, Fiona revirou os olhos.

Tudo na suíte de Fiona estava bem-dobrado e organizado em sítios lógicos. Era um lugar muito mais calmo do que o quarto que eu partilhava com o Sr. Potts, que estava cheio de garrafas de cerveja vazias e toalhas usadas. A vista para o jardim a partir do piso superior também é agradável. (Os jardineiros certificam-se de que as sebes do labirinto são suficientemente altas para que os hóspedes do primeiro andar do hotel não consigam ver nenhum dos caminhos.) Um bando de pássaros voava em murmúrio lá em cima; era uma visão bonita, a forma como criavam ondas no céu. Era um daqueles acontecimentos raros que eu desejava que toda a gente no mundo pudesse ver naquele momento, mas enquanto eu e Fiona estávamos fixados no céu, o Sr. Potts alertou-nos para alguns acontecimentos em terra.

Dave Americano e a sua amante estavam à entrada do labirinto, e nós tínhamos uma visão clara dele a beijar o pescoço, a boca e o peito dela antes de, rindo, se esgueirarem por entre as sebes.

– O nosso novo patrão, pessoal. – Fiona pôs a língua de fora em sinal de desagrado.

Só Deus sabe o que tencionavam fazer ali. Parece-me um pouco espinhoso, se querem saber.

Fiona distraiu-nos com um discurso sobre quão inapropriada era a conduta de Dave Americano. Mas o que quer que fosse que os dois tinham ido fazer ao labirinto, tenho a certeza de que mal tinham começado quando a amante de Dave Americano saiu a correr da vegetação, aos gritos. Dave Americano seguiu-a, acenando com as mãos e gritando:

– Ajuda!

Por essa altura, esquadrões de polícias treinados já tinham revistado todo o recinto do hotel, vezes sem conta. Então, como é que, de repente, a arma do crime apareceu no centro do labirinto?

Capítulo

20



O labirinto do Cavengreen existe desde os anos 70 do século passado. Uma jardineira foi trazida de Espanha para transformar o terreno. O seu nome era Elena e talvez fique chocada ao saber que, durante a sua estadia no hotel, tivemos um breve namoro.

Helen acabou de se enganar com o seu *éclair*. É assim tão surpreendente que eu possa ter tido alguns casos amorosos no meu tempo? Sou solteiro há setenta e três anos, por isso, acredite, tenho algumas histórias. Helen está a corar; acho que ela nunca pensou em mim desta maneira. Mas, antigamente, eu era bastante atraente e, de vez em quando, dava por mim temporariamente envolvido com um membro do sexo oposto. Nunca uma hóspede. Quero deixar isto bem claro. Não que algumas não tenham tentado, mas eu nunca teria feito nada que pusesse o meu emprego em risco. Isto não quer dizer que quando uma hóspede deixava de ser hóspede não houvesse interações. Mas, definitivamente, não aconteceu nada de impróprio no hotel.

Elena era uma mulher bonita de uma pequena cidade chamada Cudillero. Creio que agora é uma armadilha para turistas. Tinha um longo cabelo castanho, quase cobre, e a sua pele era dourada. Por aqui, já se destacava. Elena tinha um espaço entre os dois dentes da frente, o que tornava o seu sorriso ainda mais sedutor. A sua paixão pelas plantas e pela jardinagem atraiu-me; ela sabia imenso e partilhava os seus conhecimentos comigo, com todo o gosto. Foi ela que sugeriu a criação de um labirinto de sebes e eu ajudei-a a planear o percurso. Eu conseguia encontrar o caminho até ao centro

até com uma venda nos olhos. Um dia, quando estávamos a esboçar alguns possíveis traçados, as nossas mãos tocaram-se e eu beijei-a. Foi o início de algo especial que terminou assim que ela regressou a Espanha. Durante os meses seguintes, enviámos postais para lá e para cá, mas, aos poucos, foram ficando espaçados e escassos. A sua última mensagem dizia-me que ela tinha conhecido alguém.

Helen parece-me triste, mas não faz mal, estas coisas acontecem. Já tive muitas situações na vida em que um potencial amor me escapou. Sei que Helen compreende isso, tendo ela própria terminado recentemente uma relação. Ela está a desviar o olhar.

Não queria perturbar-te, Helen.

Ela insiste que não, mas eu sei que está apenas a ser educada.



Aquela história deixou Helen um pouco perturbada. Percorreu os contactos do seu telemóvel, oferecendo-se para me arranjar esta ou aquela mulher. Os encontros não são para mim. Se for suposto o amor vir ao meu encontro, ele virá. Mas, por agora, tenho *éclaircs* de chocolate, as minhas palavras cruzadas, os meus policiais e ótimas conversas com a minha querida amiga. Que mais pode um homem querer?

De volta ao hotel. Houve um pandemónio depois de a arma do crime ter sido encontrada. Dave Americano alertou o detetive Raj para a sua descoberta e, em dez minutos, todo o labirinto estava embrulhado em fita amarela da polícia, como um presente de Natal. Eu, Fiona e o Sr. Potts descemos as escadas e ficámos no pátio, tentando recolher informações das conversas que se sucediam. Dave Americano deu o seu melhor para se imiscuir na ação; a polícia agradeceu-lhe por tê-los alertado para a sua descoberta, mas disse que ele já não era necessário. Mesmo depois de Dave ter sido dispensado, o detetive Raj teve de lhe dizer repetidamente para se afastar para que a sua equipa pudesse fazer o seu trabalho. Acabou por receber ordens para ficar connosco e não sair daquele local. O seu ego ficou um pouco ferido e, durante alguns momentos, esteve mais calado do que alguma vez o vi.

Quando voltou a falar, Dave Americano disse-nos que, no centro do labirinto, tinha encontrado uma faca de carne coberta de sangue seco, um dos novos iPads do serviço de mordomo e um par de botas de mulher. Estava tudo embrulhado numa toalha de banho do Cavengreen. Descreveu quão difícil tinha sido sair do labirinto depois da sua descoberta, pois perdia-se em cada beco sem saída. Eu sabia exatamente onde ele se teria enganado. Provavelmente tinha saído do centro do labirinto pelo lado oposto àquele por onde entrara. Concebemo-lo de forma a que o meio do labirinto fosse perfeitamente simétrico, o que significa que, se nos desorientássemos, haveria a possibilidade de não conseguirmos distinguir um lado do outro. Parte de mim sentia-se presunçoso por ter ajudado a conceber um labirinto do qual

Dave Americano tinha tido dificuldade em escapar, mas não o disse.

Helen acabou de me dizer que é pouco provável que consigamos inserir uma fotografia do que foi encontrado no centro do labirinto. Aparentemente, isso iria aumentar demasiado o custo de impressão do livro e pedir autorização à polícia para utilizar a imagem poderia demorar meses. Ainda não vi a fotografia. Provavelmente, está guardada como prova até ao julgamento.

Uma batida. Duas batidas. Três batidas.

O bom de Dave Americano gostar tanto do som da sua própria voz é que fez um excelente trabalho ao descrever exatamente o que encontrou no labirinto. Perguntámos-lhe como sabia que eram botas de mulher e ele disse que era bastante óbvio pelo seu tamanho pequeno. Isso mudou tudo para nós. Acho que todos tínhamos assumido que o assassino de Bruno era um homem, especialmente porque tiveram de arrastar o seu corpo de noventa quilos pelo chão. Não é que as mulheres não sejam fortes, mas... você sabe o que quero dizer. Nunca me passou pela cabeça que o assassino pudesse ser uma mulher.

A polícia montou uma tenda branca no centro do labirinto, pois as provas não podiam ser movidas até serem devidamente fotografadas e examinadas. Foram tiradas impressões da sola dos sapatos de Dave Americano para o excluir. A sua amante, Tanya, foi também convidada a fornecer os sapatos e as impressões digitais; o seu pé, grande, tamanho quarenta, rapidamente a ilibou de qualquer suspeita.

Depois, tornou-se um jogo da Cinderela. Todos, homens e mulheres, foram convidados a concentrar-se na receção, onde teriam de tirar um sapato e provar o seu tamanho à polícia. Foi um caos, ter toda a gente ao mesmo tempo no *lobby*. As pessoas apoiavam-se nos móveis, deixando marcas de sujidade na madeira. O Sr. Potts ajudou-me a despejar as flores mortas em sacos do lixo. Nunca tinha visto a mesa da entrada tão despida. Uma fila de hóspedes e funcionários dava a volta ao recinto. O detetive Raj sentou-se numa poltrona e convidou cada pessoa a dar um passo em frente, uma a uma, para registar o tamanho do seu sapato. Se passassem no teste, podiam regressar ao seu quarto. Se fosse necessário fazer mais perguntas, seriam escoltados até à biblioteca.

No fim de contas, as botas cobertas de sangue eram tamanho 36. Helen diz-me que isso é muito pequeno, sendo o tamanho 38 considerado a média das mulheres no Reino Unido. Como pode imaginar, todos os homens foram excluídos. Mesmo que enrolassem os dedos dos pés, não havia forma de conseguirem enfiar os pés nas botas.

A primeira mulher a ser puxada para o lado foi uma das rececionistas, Shamila. E, por Deus, parecia que ia desmaiar de medo. Fiona foi logo a correr para se pôr ao lado dela, mas dois polícias estenderam as mãos para a manterem à distância. Vi Shamila a engolir em seco e a olhar em pânico para Fiona.

– Vai correr tudo bem – disse Fiona. E depois deu-lhe um sorriso

tranquilizador.

Shamila foi conduzida para a biblioteca. Posso imaginar a sua sensação de alívio quando mais suspeitas se juntaram a ela, incluindo uma das outras raparigas da receção, Chloe, bem como a noiva, a mãe da noiva e as gémeas. O Sr. Potts olhou para mim com as sobrancelhas erguidas quando a noiva foi levada. Ela estava a tornar-se rapidamente a nossa principal suspeita, mas precisávamos de mais provas antes de podermos partilhar as nossas opiniões com a polícia.

As raparigas estiveram uma hora na biblioteca. Durante esse tempo, o Sr. Potts foi para a nossa suíte «deitar-se», o que penso que era código para um reabastecimento, deixando-me a mim e a Fiona à espera, ansiosamente, atrás da receção. Baixávamo-nos sempre que um dos polícias passava, não querendo ser mandados de volta para os nossos quartos. Fiona imprimiu a escala da receção, que provava que nenhuma das raparigas estava a trabalhar no dia anterior ao do crime e que ambas tinham acabado de começar o turno quando encontrei o corpo de Bruno.

Fiona bateu à porta da biblioteca, mas uma voz lá dentro gritou:

– Vá embora!

Ambos reconhecemos a voz como pertencente ao detetive Raj. Fiona passou a lista por baixo da porta.

Atrás do balcão da receção, Fiona enrolava nervosamente um elástico à volta do dedo, parando apenas quando a ponta ficava com uma tonalidade roxo-avermelhada, e depois recomeçando o processo noutro dedo.

Sempre considerei que Fiona daria uma ótima mãe; ela protege ferozmente as pessoas de quem gosta. Infelizmente, o destino não o quis. Vou pedir a sua autorização antes de colocar esta parte no livro, por isso, se for incluída, significa que ela disse que está tudo bem.

Conheço Fiona há algum tempo, portanto estava presente enquanto ela e o marido se debatiam com a infertilidade. Tentaram engravidar durante anos, mas sem sucesso. Fazíamos pausas para o chá juntos e ela chorava. Quando uma mulher grávida se hospedava no hotel ou uma das funcionárias anunciava que estava grávida, tudo piorava. Depois, quando surgiu a FIV (Fertilização *in Vitro*), Fiona e o marido pouparam todos os cêntimos que conseguiram para tentar. Ela trabalhava em turnos duplos e sei que o marido tinha dois ou três empregos na altura. Tentaram, resultou... e depois simplesmente foi-se. Depois disso, Fiona tirou um mês de férias e, quando regressou, era uma versão muito mais dura e rígida de si própria. Esse tipo de dor pode mudar alguém para sempre. Não fizeram outro ciclo.

Dezasseis minutos depois de Fiona ter enviado a lista por baixo da porta da biblioteca, as suas duas rececionistas foram libertadas. Fiona acolheu-as com abraços reconfortantes. Disse à polícia que tinha o número de telefone de um jornalista e que, se não deixassem as raparigas ir para casa, ela contactaria os meios de comunicação social e revelaria exatamente o que se passava dentro do Cavengreen. No final, o detetive Raj concordou, relutantemente, em

deixar as raparigas sair, mas a sua partida foi uma cedência estritamente confidencial para apaziguar uma Fiona irada. Saíram ao meio-dia, mesmo antes de toda a gente começar a fazer barulho por querer almoçar. Tudo aconteceu muito depressa. As raparigas foram metidas no banco de trás de um carro da polícia e pediram-lhes para se baixarem quando passassem pelos portões, para não serem vistas. Da entrada do hotel, ouvimos a gritaria dos meios de comunicação, à distância, enquanto o carro da polícia passava.

Devem estar a perguntar-se porque é que nós não tentámos sair também. Acho que éramos como um capitão que nunca abandona o navio que se está a afundar; só depois de todos os passageiros e tripulantes terem desembarcado. Além disso, o detetive Raj deixou claro que essa não era uma opção para nós.

O detetive Raj, depois de se ter despedido das duas rececionistas, gritou-nos, a mim e a Fiona, para regressarmos às nossas suítes e não nos intrometermos. O seu tom era hostil, quase maldoso. Aquele homem não só tinha chegado ao fim das suas forças como tinha ido muito além delas. A sua determinação em resolver o caso tornara-o ainda mais impaciente e, quando regressou à biblioteca, ouvimo-lo barafustar com as restantes suspeitas.

– Se não são culpadas, não têm nada a temer! – gritou.

Aquelas gémeas pagaram na mesma moeda. Gritaram igualmente alto, dizendo ao detetive que vinham de uma família muito rica e poderosa, que o advogado estava a caminho e que iriam processar tanto a polícia em geral, como a ele em particular. Era bom ouvir alguém ripostar, mesmo que fossem as odiosas gémeas. Pouco depois, irromperam da biblioteca, exigindo o almoço e insistindo para que uma empregada fosse *imediatamente* enviada para a sua suíte.

A noiva também foi libertada da biblioteca, embora parecesse ansiosa e cansada. Perguntei-me se deveria contar ao detetive Raj a conversa que tinha presenciado entre Olive e a mãe. Contei a Fiona o que sabia, mas ela aconselhou-me a guardar essa informação por um pouco mais. E assim fiz.



O capítulo de hoje ia ser só isto, mas tenho uma pequena atualização para lhe dar. Helen está na cozinha a fazer salsichas com puré para nós. Vamos ter uma noite longa, a rever algumas das páginas que já transcreveu. Ela tem algumas perguntas a fazer-me sobre o que eu quis dizer aqui e ali. Enquanto esperava por ela, liguei o noticiário das 18 horas. Não é algo que faça sempre. Muitas vezes, gosto de ler um livro ou fazer as minhas palavras cruzadas de fim de tarde, mas não vi qualquer interesse em começar para depois ser logo interrompido por Helen. Por isso, as notícias. Depois de uma história sobre a realeza e o aumento do preço da gasolina, a *pivot* anunciou algo que poderia ser interessante para incluir no livro. Gravei o que ela disse para Helen inserir aqui.

Os Yorkshire Dales serão, brevemente, objeto de um novo documentário que será lançado a nível mundial em várias plataformas de *streaming*. O Hotel The Lavender, anteriormente conhecido como Hotel Cavengreen, será o centro das atenções do documentário, que incluirá entrevistas exclusivas com alguns dos funcionários e hóspedes que se encontravam no hotel aquando do assassinato de Bruno Tatterson, no início deste ano. O documentário será apresentado por Dave Cleese, diretor-geral do Sapphires Group, que adquiriu o hotel pouco antes do homicídio. A jornalista local Paula McDavidson também participará, assim como o antigo mordomo do hotel, Hector Harrow. *[Nome omitido pelo editor]* confessou o crime quatro dias após o homicídio e foi anunciado hoje que enfrentará o julgamento no dia 4 do próximo mês.

Isto está a tornar-se ridículo. Os americanos sabem muito bem que eu *não* vou aparecer no documentário deles. Não há como convencer-me. O que eu quero mesmo é concentrar-me na data do julgamento, que é daqui a menos de três semanas. Preciso de avançar com este livro. Quero gravar a maior parte do conteúdo antes do início do julgamento, porque não vou ter muito tempo para gravar quando tudo começar. É minha intenção ir para a sala de audiências todos os dias, mesmo nos dias em que não estiver a testemunhar. Já lhe falei sobre isto? Bem, sim, vou prestar depoimento a dada altura, o que não é surpreendente. O tribunal enviou-me uma carta com um aspeto muito oficial, dizendo-me que era obrigado por lei a comparecer como testemunha de acusação – em data a confirmar. Embora isso esteja agora confirmado pela notícia que acabei de ver. Não estou ansioso por ver algumas das outras testemunhas a depor, mas preciso de ver o assassino de Bruno punido pelo que fez – a ele, a mim e a todos os envolvidos.

Helen acabou de chegar com as salsichas e o puré, por isso vou despedir-me por hoje. Há uma vela acesa no meio do meu puré de batata. Isto é algo novo. Também acabei de reparar numa prenda enfiada debaixo do braço de Helen e num sorriso atrevido na cara dela. Normalmente não gosto de aniversários, e setenta e quatro anos não é certamente um marco, mas é bom que ela se tenha lembrado. É amanhã, e tenciono passar o dia como passo todos os anos: sozinho, a pensar no meu pai.

Uma batida. Duas batidas. Três batidas.

Capítulo

21



Helen comprou-me um livro para o meu aniversário. Ela sabe que não sou grande leitor de nada além de policiais e não quis correr o risco de me dar algo que eu já tivesse lido, por isso este livro é sobretudo de imagens, ou fotografias para ser exato. Chama-se *Around Australia* e é uma coleção de fotografias encantadoras de vários fotógrafos. A prenda que uma pessoa escolhe oferecer diz muito sobre ela e ainda mais sobre o que pensa da pessoa a quem a oferece. Embora não saiba muito bem porque é que Helen me ofereceu isto, agradeço-lhe na mesma. Na secção de agradecimentos, agradecem-lhe por ser a *Coordenadora de Edição*, por isso deve ter tido alguma coisa que ver com este álbum. Mas não creio que alguma vez eu tenha mencionado querer ir à Austrália; aliás, penso que Helen sabe que, no que diz respeito a viagens de avião, prefiro estar num raio de duas horas do Reino Unido, não mais longe do que isso. O que exclui lugares como a Austrália, que, segundo ouvi dizer, é uma viagem de vinte e quatro horas. Não percebo como é que as pessoas evitam coágulos de sangue nesses voos de longo curso. E tenho a certeza de que o preço do bilhete é caríssimo. E já só falo da classe económica. Qualquer outra seria demasiado extravagante para mim, mesmo que pudesse pagar.

Alguns dos sítios do livro parecem muito bonitos, mas não é o meu tipo de paisagem. Prefiro colinas ondulantes e grandes lagos, e a Austrália é muito de litoral com grandes manchas de vermelho poeirento pelo meio. A Tasmânia parece mais do meu agrado, mas não iria tão longe para ver um sítio

que se parecesse muito com Lake District. Pensando bem, lembro-me de que Helen visitou a Austrália há alguns anos, pouco depois do funeral de Josie. É difícil manter-me a par de todos os sítios onde ela esteve. Os carimbos no passaporte dela devem parecer sardinhas em lata. Ela estava sempre a fazer viagens de trabalho, a descobrir novos autores, e isto e aquilo. Tanto quanto sei, ia sempre sozinha. Não me atrevo a perguntar-lhe se viajou com o ex-companheiro. Não depois da outra noite. Não ficou gravado, mas eu sondei-a sobre a sua relação – um assunto delicado, eu sei – e ela ficou muito irritada comigo quando lhe perguntei se ainda mantinha contacto com ele, gritando: «De maneira nenhuma!»

Desculpa, Helen, mas quase me arrancaste a cabeça à dentada. Porém, eu não sou de me ofender, por isso não te preocupes comigo. Ele deve ter sido muito mau para ti. Não vou perguntar mais nada sobre ele; não preciso que me digam a mesma coisa duas vezes. Talvez me tenhas dado o livro porque estás a pensar em ir viver para a Austrália e estás a tentar convencer-me, subtilmente, de que eu quero lá ir, para que te vá visitar.

Helen está sempre a dizer que gostaria de ir viver para o estrangeiro, em breve.

Não vás para tão longe, Helen! Mesmo que eu ganhe uns trocos com o livro, não me apanhas a voar vinte e quatro horas para a Austrália. Qualquer sítio um pouco mais perto de casa e eu estarei lá para te visitar num abrir e fechar de olhos.



Deve lembrar-se de eu ter dito ontem que passo sempre os meus aniversários sozinho, a pensar no meu pai.

Uma batida. Duas batidas. Três batidas.

Não consigo evitar isto. Ele arruinou-me os aniversários. São só más recordações e pensamentos intrusivos. A primeira vez que me deu uma coça foi no meu aniversário, como se fazer oito anos o tornasse aceitável. Não pense que ele assinalava sempre este acontecimento anual dessa forma, como se fosse uma espécie de ritual, porque não o fazia. Mas tornava todos os aniversários miseráveis. Ele não acreditava em prendas. A minha mãe costumava esconder pequenos presentes embrulhados em papel de alumínio ou papel vegetal atrás da cabeceira da cama. Quando o meu pai saía para ir buscar o jornal ou mais álcool, sentávamo-nos na cama dela com a minha irmã e desembulhávamo-las. Essas são algumas das minhas memórias mais felizes. Eram coisas parvas, como uma cebola embrulhada ou giz, mas ela adorava ver a minha expressão quando eu experienciava algo normal. Assim que o meu pai chegava a casa, despachávamo-nos a esconder tudo e a sair do quarto deles.

O meu pai fazia um esforço particular para não falar comigo no dia do meu aniversário, talvez porque o fizesse lembrar de que nunca quisera ser pai.

Com a minha irmã era muito parecido, só que, tanto quanto sei, nunca lhe tocou. Por certo, Josie ter-me-ia dito se ele o tivesse feito e, quando lhe perguntei novamente no seu leito de morte, ela continuou a negar que ele alguma vez o tivesse feito.

Não lhe contei muito sobre Josie, pois não? Eu amava-a muito. Ela era muito melhor do que eu na escola e participava em todas as atividades extracurriculares que podia. Sobretudo porque não queria voltar para casa, suspeito eu. Quando a nossa mãe morreu, ela assumiu todas as tarefas domésticas, mas quando fez dezasseis anos saiu de casa com o namorado. Finalmente, a liberdade. Tal como a nossa mãe, casou com um homem não muito simpático, mas Josie acabou por se divorciar dele. Dois filhos; falamos de vez em quando, mas acho que estão ocupados. Eu percebo isso. E, depois, Josie morreu de cancro da mama. Foi tudo tão rápido. Eu estava lá quando ela deu o último suspiro. Helen planeou o funeral; acho que já disse isto. Embora Helen vivesse no Sul, vinha todos os fins de semana visitar a minha irmã ao hospital. Helen compreende a dor que eu sinto. É um laço que partilharemos sempre.

Por isso, feliz aniversário para mim. Mais logo vou passar pela campa de Josie com algumas tulipas roxas. Quando comprei a campa de Josie, sabia que ela ia querer ficar ao lado da nossa mãe. É uma pena que a nossa mãe esteja ao lado do nosso pai. Ao mesmo tempo que comprei a campa de Josie, tratei de uma para mim ao lado da dela. Os dois filhos dela passaram demasiado tempo a pensar se também queriam reservar uma, por isso, eu decidi reservar a minha. Menos uma coisa com que me preocupar. Posso não estar perto de muitas pessoas neste momento, mas sei que vou descansar com as minhas queridas mãe e irmã para a eternidade.

Não era minha intenção que o livro tomasse um rumo tão deprimente, mas é assim que fico no meu aniversário. Tenho sempre de me lembrar de que este aniversário é diferente. Estou a escrever, ou a narrar, um livro. Que bom. Não era exatamente um desejo meu de aniversário estar envolvido numa investigação de homicídio e depois escrever um livro sobre isso, mas a reviravolta inesperada na minha vida trouxe consigo algo diferente para quebrar a monotonia. Não que eu queira ser desrespeitoso. Apreciaria muito mais que Bruno estivesse vivo do que ter o meu nome na capa de um livro. Mas voltemos à história.



Fiona e eu fomos ao Lavender Plates perguntar aos *chefs* o que podiam oferecer aos hóspedes para o almoço. Acontece que Fred e Ellie tinham trazido uns pãezinhos e ingredientes suficientes para fazer uma enorme panela de massa. Fred disse que os outros polícias não estavam muito satisfeitos com eles por nos terem ajudado. Por alguma razão, os polícias estavam a agir como se nós fôssemos o inimigo e precisássemos de ser castigados. Era bom

ter Fred e Ellie por perto para diluir aquela mentalidade de nós-contra-eles.

Fiona colocou uma touca e um avental e foi logo para a cozinha perguntar como podia ajudar. A sua função era dividir as porções. Fred puxou-me para o lado e perguntou-me se eu tinha ouvido alguma coisa que quisesse contar. Mentir-lhe era terrível, mas ainda não estava preparado para falar com a polícia. Fred disse-me que o detetive Raj tinha recebido ordens para deixar toda a gente ir para casa no dia seguinte, independentemente de o caso estar resolvido ou não. Aparentemente, a polícia tinha sido inundada com cartas legais dos advogados dos hóspedes. Não sei por que razão não nos deixaram ir imediatamente embora, mas suponho que o facto de terem encontrado a arma do crime naquela manhã tenha concedido mais algumas horas ao detetive Raj. Não admira que ele estivesse tão frenético.

Fiona empurrava o carrinho de um quarto para o outro e eu entregava comida aos hóspedes. Estávamos ambos a gostar de estar de volta ao serviço. Durante as nossas rondas, Fiona disse-me que tinha saudades do marido, que se sentia sozinha por não lhe poder telefonar durante tudo aquilo. Só queria ouvi-lo dizer que tudo ia correr bem e que teria um belo assado à sua espera, quando chegasse a casa. Este é um sentimento que me é familiar: não ter alguém com quem partilhar as coisas, quer sejam alegres ou tristes. Eu disse-lhe que ela sempre me teria a mim, mas sabia que não era a mesma coisa.

Os padrinhos do noivo não quiseram a sua massa. Um não comia hidratos de carbono e o outro não consumia glúten. Quando abriram a porta da sua suíte, escapou uma enorme quantidade de ar rançoso. Pelo que pude perceber, tinham passado as últimas três noites a esvaziar o minibar e a ver filmes no volume mais alto. Um deles estava a fazer abdominais no chão. O outro fechou-nos a porta na cara com um grunhido rude.

– Mais sobra para nós – disse Fiona com um sorriso.

Apanhámos o elevador para o andar de cima e começámos no fim do corredor: a suíte nupcial. Levantei a mão para bater à porta, mas Fiona afastou-me rapidamente. Levou o dedo aos lábios e, em seguida, cada um de nós encostou uma orelha à porta. Normalmente não sou de bisbilhotar, mas Olive era uma pessoa a quem tínhamos de prestar especial atenção. Ela e o marido estavam a discutir.

– Mas que raio, Olive! – gritou Patrick para a sua noiva. – Tornaste as coisas muito piores. Podíamos ter explicado o que aconteceu e tudo teria ficado bem. Agora pareces culpada!

– Fala baixo! – gritou Olive de volta. – Entrei em pânico. Tinha de me livrar daquilo. Tu sabes que tinha de o fazer... pela mãe.

– Preciso de falar com ela – disse Patrick.

A porta da suíte abriu-se de repente e eu e Fiona sorrimos como se não tivéssemos ouvido nada.

– Massa? – ofereceu Fiona.

– Pouse lá dentro. – Patrick fez-nos um gesto para entrarmos. – Na verdade, deixe que eu levo. – Tirou as tigelas das nossas mãos, e um pedaço

de molho à bolonhesa quase transbordou.

Vi Olive de relance. Tinha maquiagem preta espalhada pelas bochechas e os olhos vermelhos. Assim que me viu a olhar, recuou para o quarto. Reparei que a suíte deles estava invulgarmente arrumada – como se ali tivesse estado uma empregada de limpeza, só que o hotel não oferecia esse serviço naquela altura.

Patrick saiu disparado pelo corredor, presumivelmente para falar com a sua sogra. Queríamos desesperadamente segui-lo, mas não podíamos correr o risco de sermos apanhados a bisbilhotar. Patrick estava zangado, isso era óbvio. A minha mente foi imediatamente para a arma do crime. Será que era sobre isso que ele e Olive estavam a falar?

Acabámos de distribuir a comida e Fiona foi para o seu quarto descansar. Regressei à minha suíte e encontrei o Sr. Potts na banheira, com bolhas e tudo. Estava a bebericar vinho de um copo demasiado cheio e parecia estar com uma anormal boa disposição. Disse-me que a sua mulher o convencera a mudar de atitude e que tinha decidido abraçar a experiência. Foi uma grande mudança de atitude. Claramente, a mudança de humor significava que, em vez de procurar consolo no álcool, estava agora a festejar com ele. Conte-lhe tudo o que tinha acontecido desde manhã, o que me pareceu muito. Conte-lhe que as duas rececionistas tinham sido mandadas para casa e sugeri-lhe que, se ele pressionasse, certamente também o deixariam ir embora.

– Acho que vou esperar que isto acabe – disse ele. – Não vale a pena sair antes do final.

Foi uma coisa estranha de se dizer, isso era óbvio. Mas eu não sou pessoa para julgar, porque também fiquei. Só que o fiz por causa da minha dedicação ao Cavengreen. Eu sabia que estava no rasto de algo em relação a Olive. O meu instinto dizia-me para ficar. Além disso, não tinha ninguém à minha espera em casa. Toda a gente de quem gostava estava naquele hotel.

Exceto tu, Helen, claro.

No entanto, o Sr. Potts estivera sempre a afogar as mágoas e a ligar à mulher. Por isso, sim, pareceu-me imediatamente estranho que ele quisesse ficar. Deveriam ter soado sinais de alarme mais fortes sobre o que ele poderia estar a planear, mas eu estava demasiado distraído.

Contei ao Sr. Potts o que tínhamos ouvido à porta do quarto de Olive. Com razão, ele disse que podiam estar a falar de qualquer coisa. Mas quando aquela conversa era colocada a par da conversa no jardim, parecia claro como o dia que, de alguma forma, tanto Olive como a mãe estavam envolvidas no caso. Estava na altura de eu contar ao detetive Raj o que sabia.

Capítulo



O Sr. Potts e eu esperámos no *lobby* que Fred fosse buscar o detetive Raj. Ele apareceu no corredor a comer uma sanduíche. Tinha uma mancha de maionese no lábio superior. Era uma distração, mas não nos dávamos bem o suficiente para eu o envergonhar apontando-a, por isso passei toda a conversa a tentar não olhar para ela.

– São mesmo os tipos que eu queria ver. Onde está o terceiro mosqueteiro? – O detetive Raj riu-se. Ignorámos a sua pergunta e o seu riso transformou-se num suspiro. – Venham ao meu gabinete.

Seguimo-lo até ao gabinete do Sr. Potts. Já lá tinha entrado muitas vezes, mas neste dia não me parecia familiar. O gabinete do Sr. Potts já não era realmente o gabinete do Sr. Potts e, por acaso, nunca mais voltaria a ser. Na parede estava afixada uma grande folha de papel coberta de todo o tipo de rabiscos com vários nomes, incluindo o meu, riscados. Ver aquilo foi um grande alívio. Alguns nomes estavam marcados com um círculo: o Sr. Potts, as gémeas, Dave Americano, os padrinhos do noivo e Fiona, entre outros.

O detetive Raj fez-nos sentar de costas para a parede para que não pudssemos estudar a lista durante muito tempo. Ofereceu-nos chá e sandes de uma travessa que, obviamente, tinha sido entregue por uma empresa de *catering* externa. Ambos aceitámos e agradecemos. Depois, o detetive Raj andou de um lado para o outro atrás da secretária sem falar, enquanto eu e o Sr. Potts trocávamos olhares confusos.

– Aqui tem, chefe. – Tyrone, o *pitbull*, entrou na divisão e entregou um

jornal ao detetive Raj. Saiu, mostrando o seu sorriso de dentes afiados. O detetive Raj estudou o jornal durante alguns segundos e depois inspirou longamente.

– O que é que chamam a isto? – perguntou, batendo com o jornal na secretária. Era um exemplar do Yorkshire Sun. O título dizia hotel dos horrores. – Leiam esta parte em voz alta – disse o detetive Raj com severidade.

Pousei a minha sande e inclinei-me para a frente para ver melhor o jornal, enquanto o Sr. Potts começava a ler.

– *Hóspedes e funcionários do Cavengreen mantidos prisioneiros até que o assassino a sangue-frio seja encontrado* – começava o artigo.

Fiquei contente por o Sr. Potts se ter encarregado de fazer a leitura, pois sabia que não seria capaz de o fazer sem gaguejar.

– E o que é isto? – O detetive Raj apontou para uma parte diferente da página.

Era uma fotografia minha, de Fiona e do Sr. Potts na janela do sótão. Nenhum de nós respondeu à pergunta do detetive Raj.

– Digam-me o que estavam a fazer lá em cima – disse o detetive. – E como acederam ao local?

– Fomos lá acima descansar um pouco – informou o Sr. Potts. – As escadas ficam atrás de uma porta no primeiro andar, onde está escrito *Reservado a Funcionários*. Não está escondida. Surpreende-me que não tenham ido lá acima. Não admira que não tenham chegado a lado nenhum nesta investigação.

Recordo-me de ter engolido em seco, mas depois lembrei-me de que não havia razão para estar nervoso. O grande risco vermelho sobre o meu nome provava-o.

O detetive Raj chamou Tyrone de volta à sala. Os dois reuniram-se num canto, a sussurrar. Sentia a raiva a crescer dentro de mim perante a incompetência da polícia, que impedia toda a gente de ir para casa. Quando o detetive Raj mandou Tyrone procurar as escadas nada secretas, as minhas bochechas estavam quentes de raiva, o que, na minha infância, indicava que eu estava prestes a gaguejar. Só que, naquele momento, as palavras saíram-me facilmente.

– Quando é que este maldito pesadelo vai ter fim? – gritei. A minha respiração era ruidosa, o meu peito subia e descia. Os meus dentes de cima afundaram-se no meu lábio inferior, tal como os do meu pai costumavam fazer.

Uma batida. Duas batidas. Três batidas.

– Acalme-se, Sr. Harrow. – O detetive Raj inclinou-se para a frente, agarrando a borda da secretária com as duas mãos e pairando sobre mim, tentando impor a sua superioridade. Mas, em vez de o achar ameaçador e poderoso, vi-o fraco e assustado. O homem à minha frente estava a desmoronar, incapaz de fazer o seu trabalho corretamente e a perder o

controle. O meu temperamento podia ter levado a melhor sobre mim, mas o detetive Raj estava numa situação muito pior.

– Porque é que tenho de me acalmar? – cuspi de volta. – Toda esta investigação tem sido anedótica desde o primeiro dia. Morreu aqui alguém, detetive! E tem o assassino na ponta dos dedos, mas não tem competência para o encontrar. E a noiva? O que é que já investigou em relação a ela?

– A noiva esteve sempre com o marido. – O detetive Raj cruzou os braços e virou-se para olhar pela janela, para que eu não pudesse ver a sua cara.

– Quem é que o diz? Ela e o marido? Porque tudo o que sabemos é que eles estavam juntos às 23h30 e outra vez às duas da manhã. E, oh, sim, que ela e a mãe têm tido umas conversas intensas às três da manhã nos jardins. Mas isso é o que todas as pessoas inocentes fazem, não é, detetive?

– Só agora é que menciona isso? – O detetive Raj esfregou as têmporas em sinal de frustração. Eu planeava contar-lhe mais sobre o que tinha ouvido, mas depois de ele me ter irritado tanto, não me apetecia ajudar a sua causa. – Mas o marido de Olive coloca-a na cama, a dormir, na altura em que suspeitamos que o crime ocorreu.

– Um marido mente para proteger a mulher, detetive.

O detetive Raj virou-se para mim com um ar pensativo. Chamou Fred e ordenou-lhe que fosse buscar Olive e Patrick e os acompanhasse até ao Lavender Plates. Estava na altura de chamar a equipa forense para examinar melhor a suíte deles.



Às duas da tarde, a suíte nupcial do hotel estava completamente selada. Os outros hóspedes espreitavam das suas portas, bisbilhotando sobre o que se poderia estar a passar. Olive e Patrick estavam silenciosos e solenes enquanto seguiam Fred pelo corredor, como se estivessem a caminhar para a própria execução. A noiva tentou pegar na mão do marido, mas ele afastou-se. Toda a gente viu. Os padrinhos de Patrick juntaram-se a eles, um de cada lado do amigo, deixando Olive continuar sozinha pelo corredor. A mãe dela chorava enquanto os via descer as escadas para o *lobby*. Para todos nós, aquilo parecia definitivo. Parecia que a polícia seguia alguma pista concreta. E, como sabem pela minha narrativa, só falta mais uma noite no hotel até que alguém confesse.

Capítulo

23



Infelizmente, não tive conhecimento do que aconteceu quando a equipa forense vasculhou a suíte nupcial. Também não posso dizer-vos que tipo de conversas foram mantidas no Lavender Plates enquanto o casal e os padrinhos esperavam lá. Imagino que tenha havido muita tensão e, provavelmente, pouca verdade. Eu, Fiona e o Sr. Potts ficámos no *lobby*, a ver um fluxo constante de polícias e agentes forenses a subir e a descer as escadas como formigas operárias. Fred estava retraído comigo. Não me deu qualquer informação, ou porque não sabia de nada, ou porque o que sabia era demasiado sombrio para partilhar. Tentei perceber o que era pelo seu rosto, mas a sua expressão não revelava nada.

Pressentindo que o nosso tempo no hotel poderia estar a chegar ao fim, Fiona, o Sr. Potts e eu começámos a arrumar o *lobby*. Precisávamos de algo para nos manter ocupados. Havia lixo por todo o lado e tanto o balcão da receção como a secretária do mordomo precisavam de uma boa limpeza. Fomos buscar sacos do lixo ao armário e o Sr. Potts encheu-os enquanto eu limpava. Fiona ligou o seu computador para começar a emitir os reembolsos aos hóspedes. Soube bem limpar um pouco do caos e percebi que Fiona também se estava a sentir um pouco mais descontraída enquanto fazia algumas das suas tarefas administrativas.

Levei a jarra da mesa central para o Hugo's para a lavar no lava-loiça. As luzes estavam ténues, como sempre, e só depois de acabar de lavar a jarra e de me virar é que reparei no contorno sombrio de um chapéu de *cowboy* no

canto ao fundo do bar. A sua cabeça estava inclinada para baixo e ele rodava lentamente um copo de *whisky* na mão. A porta estava apenas a alguns metros de distância, mas ele pronunciou um suave «viva» antes de eu conseguir sair para o corredor. Uma conversa com Dave Americano não era algo que me apetecesse, por isso dei por mim a responder educadamente com um «viva» e a dar mais alguns passos em direção à porta.

– Sabe – começou Dave Americano, com a voz ainda baixa –, esperava que fosse o assassino. Tê-lo-ia tornado mais interessante.

– Lamento desiludi-lo – disse eu, embora não devesse ter-me dado ao trabalho de dar letra a um idiota daqueles.

– Mas, agora, aposto que vai sair disto como o herói. E quem sou eu para si? O grande e mau vilão americano que trai a mulher e não se importa. – Ele bebeu as últimas gotas de *whisky* do seu copo.

Eu não sabia como reagir. Eu não era nenhum herói, e ele não era nenhum vilão. Eu era apenas um homem que tentava agir bem, e ele era um homem que não se importava se agisse mal.

– A minha mulher vai saber disto de alguma forma, não vai?

– Os segredos nunca ficam em segredo por muito tempo – comentei.

Ele chupou os dentes de cima.

– Sabe, Hector, eu não sou bem um *cowboy* – disse Dave Americano. Pensei que aquilo poderia ser o início de um monólogo sobre a razão por que eu devia sentir pena dele. Mas, afinal, não era. Ele levantou-se e deu alguns passos na minha direção. – Eu sou um *cowman*. E é melhor não se atravessar no meu caminho.

Ele empurrou-me ligeiramente pelo centro do peito, só o suficiente para me fazer cambalear para trás. Foi um ato de covardia.

– Eu vou ser o herói desta história – declarou. – Vou resolver o caso. Vou ser famoso no mundo inteiro.

Atirou o copo de *whisky* para o balcão; este deslizou e espatifou-se no chão atrás do bar. Limpou a boca à manga e saiu. Era um homem tão desagradável quanto é possível. Mas tinha conseguido uma coisa: alimentou ainda mais o fogo que havia em mim para resolver o caso antes dele.



De volta ao *lobby*, tive uma ideia. Fiona ainda estava a teclar no computador. Estava concentrada no ecrã, mas isto não podia esperar. Pedi-lhe para ver a reserva de Alec. Como já lhe disse, depois de alguém fazer uma reserva no Cavengreen, eu telefonava sempre para obter informações adicionais. Assim que desligava, fazia questão de dizer a uma das raparigas da receção o que o hóspede me tinha dito, para que o acrescentasse ao seu ficheiro. Imaginei que poderia haver algo no ficheiro de Alec que nos ajudasse a descobrir a palavra-passe do seu portátil. Era uma hipótese remota, mas era tudo o que eu tinha.

Fiona fez o que lhe pedi. Imprimiu tudo o que estava no registo de Alec e depois analisámo-lo juntos, sublinhando os pontos-chave a amarelo. Havia muito com que trabalhar e não podia esperar. Com o Sr. Potts, voltei à suíte dois para começar a introduzir palavras no portátil. Tínhamos a morada dele, por isso tentámos as palavras *Paisley* e *Glasgow*. Nenhuma delas funcionou. Tentámos a data de nascimento dele em diferentes combinações. O Sr. Potts descobriu o dia da semana em que Alec tinha nascido, por isso tentámos *segunda-feira*. Descendo pela folha impressa, tentámos a sua comida preferida, *vieiras*, e depois *pesca*, whisky e *cerâmica*. No entanto, nada.

No final da página havia uma secção para observações. Eu fazia perguntas aos hóspedes sobre a sua família ou se estavam a celebrar alguma ocasião especial, e usávamos essa informação para personalizar a sua experiência de *check-in*. Havia uma nota com os nomes dos filhos de Alec, Joseph e Hailey. Claro! O meu coração acelerou. Parecia a chave. Primeiro, tentámos *Joseph*. Negado. Depois tentámos *Hailey*. Recusado. Depois tentámos *JosephHailey*. Apareceu no ecrã uma roda colorida a girar. Eu não fazia ideia do que significava, mas o Sr. Potts levantou o punho no ar e Fiona gritou:

– Sim! – Entrámos.

O ecrã abriu-se numa página branca cheia de palavras. Havia todo o tipo de anotações e frases inacabadas, numa doze páginas. Fiona deu uma cotovelada ao Sr. Potts e sentou-se em frente ao ecrã, declarando-se uma leitora rápida.

– Há aqui algumas coisas sobre si, Hector – disse Fiona. – Ele descreve o seu aspeto e depois diz que é um «homem bondoso».

Fiona continuou a percorrer a página, suspirando quando não encontrou nada de útil. Depois gritou: – A-ha! – E aproximou a cabeça do ecrã. Havia um parágrafo inteiro sobre uma noiva e a sua mãe a discutirem num jardim. Fiona leu-o em voz alta e, embora não me lembre do texto exato, era uma troca de palavras entre duas mulheres sobre um caso que uma delas estava a ter. No entanto, não era claro quem era a parte culpada. A certa altura, a noiva disse: «É melhor que ele não estrague o meu casamento.» E a mãe respondeu: «Não te preocupes, querida... não o vou deixar.»

Não podia ser mera coincidência!

Mas havia mais. Na cena que Alec relatou, a mãe decidiu ir falar com o homem, para o persuadir a não revelar o caso. Discutira com a filha sobre se essa seria a atitude correta a tomar. A discussão tornara-se bastante acesa, com a noiva a dizer à mãe para a deixar em paz e a mãe a pedir desculpa enquanto a filha fugia.

Se o que estávamos a ler se baseava em acontecimentos no Cavengreen – o que, atendendo ao facto de Alec me ter dito que estava a escrever sobre pessoas do hotel, eu acreditava que era –, então podíamos reduzir o assassino a apenas uma de duas pessoas: a noiva ou a sua mãe. Uma delas estava a ter um caso com Bruno, e uma delas cometeu o homicídio para evitar que ele

estragasse o casamento.

A cena terminou aí. O Sr. Potts serviu-se de uma bebida, enquanto Fiona se sentava ao fundo da cama, recapitulando o que tínhamos lido e juntando-o ao que tínhamos ouvido. Tudo se encaixava tão bem. Bruno foi morto porque ia denunciar um caso. Mas quem era o assassino?

Portáteis, aparelhinhos e coisas do género não são a minha praia. Não confio neles. Guardo todas as minhas contas e documentos importantes num armário fechado à chave e uso o meu livro de palavras cruzadas ou um bom policial para me entreter, em vez dos videojogos em que os miúdos estão viciados. Ainda assim, experimentei e cliquei ao lado da página que estávamos a ver, o que fez com que o ecrã atrás dela aparecesse. Era o Yorkshire Sun, mas numa versão *online*. Não fazia ideia de que tinham passado para a Internet. Não que eu vá mudar do papel para o ecrã tão cedo. Mas, dito isto, foi muito mais fácil para mim ler as palavras no tipo de letra maior do portátil. Normalmente, levo algum tempo a ler os artigos do jornal.

O Sr. Potts inclinou-se sobre mim e carregou num botão que atualizava a página. Ele usou esta palavra: «atualizar». Apareceu uma nova seleção de artigos. Nesse momento, o Sr. Potts entrou subitamente em pânico e bateu com a tampa do portátil. Pegou nele e insistiu que devíamos ir contar ao detetive Raj o que sabíamos, sem demora. Fiona dirigiu-se a ele. Era evidente que havia ali qualquer coisa que o Sr. Potts não queria que víssemos. Claro que isso significava que tínhamos de ver.

– Dê cá, seu tonto – exigiu Fiona.

O Sr. Potts esquivou-se de um lado para o outro, enquanto Fiona tentava alcançar o portátil. Ela conseguiu agarrá-lo, e houve um pouco de luta, mas Fiona acabou por conseguir arrancá-lo das mãos do Sr. Potts, com um golpe que o fez desequilibrar-se e cair no chão.

Fiona correu para a casa de banho e eu segui-a. Trancámo-nos lá dentro, enquanto o Sr. Potts martelava a porta. Voltámos a introduzir a palavra-passe e clicámos no título do artigo. Havia um vídeo. Fiona carregou no *play*.

Havia muito movimento e a perspetiva não era ótima, mas reconheci imediatamente o meu uniforme verde. E depois reconheci a sala. Era o gabinete do Sr. Potts. Ouvi-me gritar: «Toda esta investigação tem sido anedótica desde o primeiro dia.» Era um vídeo da minha troca de palavras com o detetive Raj, de apenas algumas horas antes. Eu estava mais zangado, mais parecido com o meu pai, do que me lembrava de estar. A minha cara estava vermelha, o meu maxilar tenso e os meus punhos cerrados, tal como ele costumava estar. Fiquei chocado ao ver-me.

Quem quer que tivesse feito o vídeo tinha uma visão perfeita de mim, como se estivesse sentado mesmo ao meu lado. De vez em quando, um dedo ou um pouco de casaco cobria o ecrã. Foi claramente filmado por alguém que não queria ser apanhado. Alguém sentado mesmo ao meu lado. E essa pessoa só podia ser o Sr. Potts, também conhecido como o judas que vendeu o seu amigo por um pouco de dinheiro rápido.

Não vale a pena agarrarmo-nos a maus sentimentos; eu não sou assim. O Sr. Potts fez o que sentiu que tinha de fazer naquele momento, por razões que, tenho a certeza, nunca irei compreender. Mas só porque não compreendemos as ações de alguém, isso não as torna erradas. Pessoalmente, não me sinto motivado pelo dinheiro, mas, por outro lado, só tenho de o gastar comigo próprio. Um dia, espero visitá-lo e fazer-lhe perguntas sobre algumas coisas que ele fez durante aqueles quatro dias, e não apenas sobre o vídeo.

Todavia, estes são os meus sentimentos *atuais* sobre a situação. Deixe-me dizer-lhe que, quando eu e Fiona nos apercebemos do que se estava a passar, não fomos tão indulgentes.

– Seu bêbedo idiota! – gritou Fiona quando saiu da casa de banho.

O Sr. Potts estava sentado na ponta da cama com as mãos a apoiar a cabeça tombada. Não sei se era a vergonha ou o álcool que o fazia parecer tão patético, mas, por um segundo, tive pena dele. Fiona, por outro lado, bateu-lhe na nuca com uma das almofadas da cama e exigiu que ele se explicasse.

Não foi grande explicação. Primeiro, disse que não tinha sido ele, mas rapidamente voltou atrás quando se apercebeu de quão estúpido isso parecia. Depois, ofereceu-se para dividir connosco o dinheiro do jornal. Que descaramento! Eu não ia abdicar da minha moral por uns poucos milhares de libras. E qualquer interesse que Fiona pudesse ter tido no dinheiro acabara de voar pela janela. Ela deixou claro que, mesmo que precisasse desesperadamente do dinheiro, nunca trairia os seus amigos.

Senti-me enojado. O Sr. Potts tinha sido o meu camarada durante toda aquela provação. Eu confiava nele. Pensava que éramos uma equipa. Claramente, a amizade que eu pensava que tínhamos não significava nada para ele.

O Sr. Potts agarrou nos poucos pertences que tinha. Disse-nos que ia perguntar ao detetive Raj se podia ir embora. Uma única lágrima escorreu-lhe de um olho enquanto pedia desculpa. Disse que desejava nunca o ter feito. Mas, a julgar pelo som do punho a bater na porta da nossa suíte, o mal já estava feito.

– Hector Harrow, venha cá fora imediatamente! – gritou a noiva.

Capítulo

24



Helen tem estado a pensar na data do julgamento e diz que a editora quer o livro pronto na altura em que o júri der o veredito. Ela disse que isso seria o melhor do ponto de vista do *marketing*, e eu acho que faz sentido. Então, é melhor dar à perna. Especialmente agora que estou a ser preparado para ser testemunha. Encontrei-me ontem com a equipa de acusação; não achei apropriado levar o velho gravador comigo. O primeiro a ser ouvido – é o que eles acham que vou ser. Analisámos o que me iriam perguntar e as possíveis questões que a equipa de defesa me poderia fazer durante o contrainterrogatório. É muito mais ensaiado do que eu imaginava. Tenho aqui a lista de perguntas e notas para as minhas respostas. É como um guião.

Telefonei a Helen depois da sessão. Ela não está muito satisfeita por eu ter sido chamado como testemunha. Significa que só posso assistir ao julgamento depois de ter feito a minha parte no banco das testemunhas e, mesmo depois de ter dado o meu testemunho, tenho de obter autorização do juiz para poder regressar à sala de audiências. E essa autorização pode não ser concedida. É tudo uma grande confusão, mas não há muito que se possa fazer. É melhor nem pensar nisso agora, certo?

Fiona sabe que não sou pessoa de aniversários, e foi por isso que hoje de manhã, antes de ir trabalhar, me ofereceu uma tarte de limão «só porque sim». É sempre bom vê-la, embora agora me preocupe que ela não esteja a ser bem-tratada por Dave Americano. Fiona disse-me que ele planeia ficar por cá até ao fim do julgamento. Isso pode levar meses! Ela diz que ele está a fazer da

vida dela um inferno, dando-lhe ordens e insistindo para que faça tarefas insignificantes, como preparar-lhe café e arrumar-lhe a secretária. Ele redecorou o antigo gabinete do Sr. Potts. Fiona riu-se quando me contou que ele pregou um gancho na parede só para o seu chapéu de *cowboy* e pendurou fotografias dele a montar um cavalo só de calças de ganga, sem camisa. Um *cowboy* em tronco nu não é bem o visual que o Cavengreen costumava exhibir, mas suponho que seja o do The Lavender.

Muita coisa mudou no Cavengreen desde que trocou de mãos, e agora que Dave Americano está cá, Fiona diz que o hotel se transformou num *set* de filmagens. Todos os funcionários receberam um *e-mail* a dizer que, se não concordassem em dar autorização para aparecerem nas filmagens para o documentário, teriam de ficar em casa e faltar aos seus turnos. Fiona não se pode dar ao luxo de não trabalhar, pelo que recorre a esquivar-se das câmaras o mais que pode. O produtor tem estado a insistir com ela para dar uma entrevista – o que ela tem evitado como se fosse uma praga. Mas não tenho a certeza de quanto tempo mais ela vai conseguir safar-se assim. Aconselhei-a a dar a entrevista, mas a fazer-se parecer tão incrivelmente aborrecida, com respostas curtas e vagas, que eles não a possam usar. Ela não é uma mulher que se consiga influenciar facilmente, mas quando saiu daqui estava bastante entusiasmada com o seu potencial papel de atriz.

Mas voltemos a falar do Cavengreen, não do The Lavender. Lembrar-se-á de eu ter descrito que a noiva estava a bater à porta. O Sr. Potts abriu-a, com Fiona a arrancar-lhe rapidamente o telemóvel da mão antes que ele pudesse fazer mais vídeos secretos.

Olive estava ali, de braços cruzados, a bater um pé impacientemente. Parecia cansada. A mãe estava ao seu lado, a ferver de raiva. Os seus maridos tinham-na acompanhado, mas pareciam contentes por ficarem em segundo plano. As gémeas e os padrinhos, todos vestidos com roupões do Cavengreen e com copos de champanhe na mão, completavam a festa. Era uma grande emboscada.

O Sr. Potts recuperou o seu telemóvel da mão de Fiona e esgueirou-se por entre a multidão, desaparecendo de vista. Estiquei-me para verificar se o conseguia ver a filmar do fundo do grupo, mas parecia que ele tinha aprendido a lição.

– Fez com que parecesse que eu sou a assassina! – gritou a noiva, com a voz trémula e o rosto tenso. Parecia estar a conter as lágrimas.

– A minha filha não matou ninguém! – acrescentou a mãe.

– É um mentiroso! – exclamaram as gémeas. – Provavelmente está a tentar encobrir os seus próprios atos.

Fiona olhou para mim. Esta era uma batalha que eu tinha de travar sozinho, e ela sabia disso. Respirei fundo. Expliquei que tinha ouvido Olive e Sue a discutirem na noite anterior, que Olive tinha afirmado que não tinha sido ela, mas que a mãe parecia não estar convencida. Vi os rostos dos seus maridos mudarem quando mencionei a anotação no computador de Alec. Era

a primeira vez que ouviam falar disso.

– Andavas a dormir com o morto? – gritou o padrasto da noiva à sua mulher.

– Não, juro que não andava – respondeu Sue.

– Então o quê? A Olive andava?

– Isto não tem nada que ver comigo – interveio Olive.

– Então de que é que este velho está a falar? – exigiu saber Patrick.

– Ele está a mentir! – respondeu Olive na defensiva.

– Sim! O velho está a mentir! – espicaçou uma das gémeas... Oksana, acho eu. – Ele é o assassino e está a inventar histórias para te incriminar.

– Como é que explicam as botas de mulher no labirinto com a arma do crime? – interveio Fiona.

– Ele colocou-as lá para despistar a polícia – disse a outra gémea com desdém.

A conversa prosseguiu em mais uma ou duas rondas. Cada marido interrogava a sua esposa sobre a bomba que eu tinha acabado de largar. Os outros hóspedes começaram a espreitar para fora das suas suítes para perceberem a razão de tanto alarido. Um deles usou o seu telemóvel para filmar a discussão, que acabou por aparecer nas notícias.



[Nota do editor: O conteúdo seguinte foi inserido durante a edição e foi gravado fora de sequência.]

Fala Hector. Mas você sabe isso. Helen sugeriu que revisitássemos esta parte do livro. Ela disse que daria uma ótima cena se voltássemos atrás e encontrássemos as imagens que acabaram nas notícias. Ela está aqui agora, com o portátil aberto e tudo. Comprou um *cheesecake* de framboesa da pastelaria Maude's pelo caminho. Não posso dizer que normalmente optasse por um *cheesecake*, mas este parece-me delicioso. Primeira dentada. Sim, delicioso. Obrigado, Helen.

Bem, Helen diz-me que este *website* em que ela está armazena vídeos de todo o mundo. De alguma forma, ela conseguiu encontrar o vídeo da discussão no corredor. Não o vejo desde que deu nas notícias e, mesmo assim, escondi-me atrás de uma almofada, sem querer reviver o momento. Agora que a poeira já assentou, vou voltar a ver a cena por causa do livro. O vídeo intitula-se «Pessoas chiques enlouquecidas após o homicídio no Hotel Cavengreen». Tenho a certeza de que não se estão a referir a mim com a palavra «chique».

Certo, estou pronto, Helen. Devo falar por cima do vídeo, ou devemos vê-lo primeiro e depois faço os meus comentários? OK, eu digo-te quando é que deves colocar em pausa. De qualquer forma, é um vídeo de apenas vinte segundos. Carrega no *play*.

[O vídeo é reproduzido.]

Certo, pausa. Vê-se, pelo ângulo, que foi filmado a partir da porta de uma das suítes. A perspectiva era boa. É o Patrick que se está a ver. Vês como ele está a gritar com Olive? Como estão todos a gritar uns por cima dos outros, é difícil perceber o que estão a dizer. Depois, aquele é o padraço de Olive, ali, e a mãe dela, Sue. Lembro-me de que ele estava a repreendê-la por causa do caso. Foi o máximo que o ouvi falar durante todo o confinamento. Carrega no *play* outra vez.

[O vídeo é reproduzido.]

Para aqui. Aqueles dois cachorrinhos idiotas ali são os padrinhos do noivo. Estão na lateral da cena, a ver o desenrolar das coisas. E aquelas duas raparigas são as gémeas. Aquela é a Ruby, e aquela é a Oksana. Carrega no *play*.

[O vídeo é reproduzido.]

Pausa. Acabámos de ver Patrick a agarrar Olive pelo braço. Foi um bocado agressivo, não foi? Muito mais do que me recordo. Mas, também, estava a acontecer muita coisa. Ele começou a puxá-la pelo corredor, na direção da câmara. Ele ainda não viu a câmara mas, pelo que me lembro, vai ver dentro de uns segundos. Carrega no *play*.

[O vídeo é reproduzido.]

Pausa. Estás a ver como estão perto da câmara? O homem que estava a filmar obviamente a escondê-la; vê-se que a mão dele passa pela lente algumas vezes. O som está um pouco abafado, mas quase se consegue ouvir Patrick a exigir – de forma bastante agressiva, devo dizer – que Olive lhe diga a verdade. Ele está a olhar atentamente para os olhos dela, com as mãos a agarrar cada um dos seus ombros para que ela não possa afastar-se.

Ao fundo, veem-se as gémeas a entrar e a sair do enquadramento, tentando ver melhor Olive e Patrick. Abelhudas. Olhando com atenção, vê-se que estão a sorrir. Maças podres, as duas! Carrega no *play*.

[O vídeo é reproduzido.]

E acabou. Não é muito longo, pois não? No final, Patrick vê a câmara e atira-se a ela, com uma expressão de raiva. O vídeo termina com uma imagem estática da sua mão, com uma aliança de ouro nova e reluzente, prestes a arrancar o telemóvel ao seu dono.

Obrigado por isto, Helen. Podes inserir esta parte logo antes de Fred aparecer a dizer que tinha andado à nossa procura por todo o lado.

[Nota do editor: Fim da cena fora de sequência.]



– Aqui estão todos – disse Fred, com as bochechas vermelhas. – Tenho andado à vossa procura por todo o lado. Viro as costas por um segundo e já

não está ninguém no Lavender Plates, como num truque de magia. – Ele sorriu, completamente alheio ao que se estava a passar. – O que é que estão todos a fazer aqui em cima?

A discussão rebentou de novo, todos falando por cima uns dos outros, tentando explicar o que se estava a passar e de quem era a culpa.

Fred parecia, no mínimo, atónito. Olhou para mim e eu encolhi os ombros, sem saber como começar a descrever a situação. Mas, afinal, não precisava de o fazer. O detetive Raj apareceu no corredor, com quatro agentes da polícia a marchar atrás dele.

– calados! – ordenou.

Um dos agentes acompanhou esta exigência com um assobio alto, daqueles que se fazem com os dedos na boca. Nunca percebi bem como é que isso se faz. No entanto, funcionou. Toda a gente parou de gritar.

– Biblioteca – gritou o detetive Raj. – Todos. agora!



O ambiente na biblioteca era tenso. Fiona e eu sentámo-nos no banco sob a janela. Era o nosso território. Os maridos estavam ambos sentados em silêncio num sofá, enquanto as suas mulheres sussurravam uma para a outra no canto da sala. As gémeas estavam coladas aos telemóveis, com os dedos a tocar freneticamente nos ecrãs. Os dois padrinhos do noivo, por sua vez, estavam a rir-se junto às estantes.

O detetive Raj andava de um lado para o outro, com as mãos enfiadas nos bolsos das calças, olhando do assento da janela para o sofá, para o canto e para a estante.

– Não sei sobre o que era aquela agitação, mas vão dizer-me... sem mentiras, sem encobrimentos, sem evasivas. Você, Harrow.

Então, contei-lhe o que estava no portátil de Alec, a conversa no terraço entre Olive e a mãe, e a discussão que ouvira entre Olive e o marido. O detetive não ficou impressionado. Eu tinha descoberto mais sobre este caso de homicídio num dia do que ele em três. Ameaçou mandar prender-me por retenção de provas, mas assegurei-lhe que o portátil de Alec só se tornara prova meia hora antes, quando tínhamos conseguido decifrar a palavra-passe. Isso calou-o de vez.

A versão de Fiona era igual à minha, mas as coisas mudaram quando ele pediu aos outros que dessem a sua versão. Na verdade, as gémeas respondiam sempre «não comento» a todas as perguntas, mesmo que não fossem dirigidas a elas. Assim que o fizeram um par de vezes, todos os outros lhes seguiram o exemplo. O detetive Raj estalou o pescoço de um lado para o outro, frustrado. Ninguém ia falar. E era a minha palavra contra a do resto dos presentes.

Tínhamos chegado a um impasse quando se ouviu uma batida na porta da biblioteca.

– Entre! – trovejou o detetive Raj.

A porta abriu-se e entrou um homem com uma pasta. O seu nome era Leon Black, informou-nos, e era o advogado das gémeas. Ele agradeceu ao detetive por lhe ter dado autorização para entrar. O detetive Raj respondeu que, depois das ameaças que recebera do patrão de Leon, não tinha grande alternativa. Leon parecia muito jovem. O meu palpite é que o advogado habitual da família não estava disponível, por isso a empresa tinha enviado este tipo. Tinha um cabelo castanho escorrido e sobrancelhas grossas. Os seus dentes eram tortos e o cinto tinha dificuldade em conter a barriga. Quando entrou, já estava nervoso, suado, vermelho e com os olhos arregalados. Percebi que não estava confortável.

Puxou o detetive Raj para um lado e tiveram uma conversa sussurrada, com Leon a fazer um ou outro comentário de vez em quando. Ouvi o advogado perguntar se a detenção de hóspedes num hotel era classificada como «protocolo normal», ou não. Nessa altura, já todos sabíamos que a situação não tinha nada de normal. O detetive Raj deu instruções a Leon para se sentar.

Como se já não tivéssemos egos suficientes na sala, Dave Americano escolheu aquele momento para se intrometer. Queria saber o que se passava; nas suas palavras, o hotel era dele e, por isso, tinha de estar a par de tudo. Parecia muito aborrecido ao ver-me entre os presentes, claramente irritado por eu estar envolvido e ele não. Ter-lhe-ia cedido o meu lugar de bom grado. Estava a ser arrastado para aquela confusão de todas as direções, quando tudo o que eu queria era ajudar a descobrir quem era o assassino, para poder ir para casa, beber um chá e ir para a cama com umas palavras cruzadas. No entanto, ali estava eu.

Nunca na minha vida alguém teve inveja de mim. Também, porque é que haviam de ter? O que é que tenho que motive inveja? Vivo uma vida simples. Mas Dave Americano tinha sempre uma pontinha de inveja de mim, porque eu estava por dentro da investigação e ele era deixado de parte. Eu digo-lhe onde preferia estar, e não era minimamente perto da ação. Preferia estar a dez mil quilómetros de distância. Dave Americano teria adorado ter sido quem encontrou o corpo.

Uma batida. Duas batidas. Três batidas.

Ele nem sequer ficaria marcado por essa memória; provavelmente, usá-la-ia como uma anedota para enganar mulheres num dos seus bares de *cowboys*.

Dave Americano instalou-se no sofá, tomando o lugar ao lado de Leon, o advogado. Deram um aperto de mão. Depois, todos olharam para o detetive Raj como se ele estivesse a dar uma aula.

– Alguém quer confessar para podermos ir todos para casa? – questionou o detetive Raj, exausto.

– Não comento – responderam as gémeas em uníssono.

Até o advogado delas parecia embaraçado com isso. Houve trocas de olhares entre todos os presentes. Alguém do grupo ia sair algemado muito em

breve.

Dave Americano tomou a iniciativa de dar a volta à sala, olhando-nos a todos nos olhos, um a um, e perguntando se éramos o assassino. Eu devo ter pestanejado quando ele me perguntou, porque ele declarou que eu tinha ar de culpado. Isso foi o suficiente para que as gémeas comesçassem a falar do meu comportamento, supostamente ameaçador, para com elas. O advogado delas apertou a cana do nariz e levantou a outra mão para as calar. Ele só estava no hotel há dez minutos, mas já parecia mais exasperado com a situação do que nós.

– Vá-se foder – disse Olive quando Dave Americano lhe fez a pergunta.

– Temos aqui uma com garra, detetive! – disse ele, apontando para Olive.

Olive afastou-lhe a mão com uma bofetada e cuspiu-lhe na cara. Dave Americano limpou a saliva da bochecha e chamou-lhe cabra. Olive avançou para lhe bater, a mãe agarrou-lhe o braço e o marido avançou para intervir. A situação estava a deteriorar-se rapidamente.

Olive soluçava no peito do marido, aparentemente envergonhada pelo que tinha feito. Não consigo imaginar que ela já tivesse cuspidido na cara de alguém. Não estou a tentar defendê-la, mas aquele hotel era uma panela de pressão e, como já admiti, por vezes até eu agi de uma forma de que não me orgulho. Além disso, estava secretamente satisfeito por alguém ter posto Dave Americano no seu lugar.

Dave Americano exigiu que Olive fosse acusada de agressão, mas o detetive Raj apenas revirou os olhos. Disse que não tinha visto o que aconteceu, e todos os presentes na sala concordaram com um aceno de cabeça. Para que conste, o advogado das gémeas não acenou com a cabeça, mas na verdade não vira o que acontecera, pois estava a olhar para o chão, em desespero. Dave Americano tentou contratá-lo para processar Olive, mas Leon recusou, alegando conflito de interesses.

Entretanto, o tempo estava a passar. Eram onze da noite; à meia-noite o assassino declarar-se-ia. Por isso, acho que vou fazer uma pausa aqui. Para efeito dramático. Por favor, vá dormir, ou faça o almoço, o que quer que seja que precise de fazer. Vemo-nos aqui em breve.

Capítulo

25



Se continuou diretamente do capítulo anterior, fico contente por ainda estar interessado no que estou a dizer. Eu preocupo-me. Sei que estou a tagarelar e a divagar; é a única forma de conseguir contar a história. Cabe a Helen limpá-la, mas, por outro lado, disse-lhe para a deixar o mais próximo possível das minhas palavras originais. De qualquer forma, tenho esperança de que a versão final do livro, a que está a ler, seja um pouco menos desorganizada do que a que está neste gravador. Talvez um dia lance os áudios. Se o livro vender bem e as pessoas estiverem interessadas. Helen diz que isso se chamaria audiolivro. Tomei nota aqui para gravar uma das sessões de edição com Helen, se ela me deixar. Ela não mostrou muito interesse, no passado. Dessa forma, pode ouvir, ver, o que quer que seja, por si próprio, como funciona este processo.

Mas tenho a certeza de que não está interessado nisso neste momento. Está aqui porque quer saber quem é o assassino. Está na altura da grande revelação. Não tenho a certeza se é bom ou mau caso você tenha acertado no culpado. Quer dizer, houve pistas pelo caminho, por isso, se acertou, parabéns por ter apanhado as minhas pequenas migalhas. Mas Helen também disse que, para se escrever um bom livro, não se pode deixar *demasiado* óbvio quem é o assassino, por isso tentei enganá-lo aqui e ali. Talvez quando o livro for lançado, eu faça uma digressão com ele. Depois, todos podem dizer-me se adivinharam ou não. Eu gostaria muito.

De regresso ao hotel. Como pode imaginar, nesta altura todos estavam a

ficar cansados. Dave Americano não parava de dizer que o assassino tinha de confessar. A tática dele não funcionou com este grupo. No *Cluedo*, não se vê um jogador simplesmente a gritar na cara dos outros até que alguém confesse ser o assassino. Aquilo era muito parecido. Tínhamos a maioria das peças do *puzzle*. O crime foi cometido com uma faca, na suíte sete. Só precisávamos de saber por quem.

No fim de contas, a equipa forense já tinha decidido o «quem» por nós. Um homem suado, com um daqueles fatos de plástico, entrou na biblioteca. Fez um gesto ao detetive Raj para se juntar a ele no *lobby*. Deviam ter encontrado alguma coisa na suíte nupcial. Patrick pôs o braço à volta da mulher, puxando-a para junto de si. Apesar de tudo o que tinha sido dito, ele ainda queria protegê-la.

O detetive Raj voltou a entrar, com alguma cor a regressar ao seu rosto cansado e desbotado. Pôs-se em frente à lareira e tirou, lentamente, umas algemas do bolso de trás. Dois polícias estavam parados como cães de guarda à entrada da biblioteca. Todos os olhos estavam postos no detetive Raj. Ele não disse nada. Apenas ergueu as algemas, provocando-nos. E, de repente, virou a cabeça na direção do seu alvo.

– Olive Nixon, estou a detê-la por suspeita no homicídio de Bruno Tatterson. Não é obrigada a dizer nada, mas pode prejudicar a sua defesa se não mencionar, quando interrogada, algo que mais tarde venha a invocar em tribunal. Tudo o que disser pode ser usado como prova.

Olive foi algemada. Gritou que não tinha sido ela. Patrick teve de ser agarrado pelos padrinhos; não havia como salvá-la. Olive gritava pela mãe, que parecia em pânico, como se um milhão de pensamentos lhe varressem a mente. O detetive Raj segurou o antebraço de Olive e escoltou-a até ao *lobby*. Olive não parava de olhar para trás. Ficámos todos à entrada da biblioteca a vê-la a ser levada. A mãe pôs as mãos sobre a boca. Não parava de olhar entre o marido e a filha. Os seus pés avançaram. E ela foi em frente.

– esperem! – gritou a mãe, atirando-se para o caminho do detetive. – fui eu! Eu matei-o – disse ela, entre lágrimas. As suas mãos tremiam enquanto estendia os pulsos para as algemas. Depois, levou uma mão à face da filha e acariciou-a com ternura. Não consegui ouvir as suas palavras, mas percebi pelo movimento dos seus lábios que ela dizia: – Desculpa.

– Mãe, não! – soluçou Olive.

O detetive Raj parecia surpreso. O seu olhar não parava de se deslocar de uma mulher para a outra.

– Oh, caramba! – exclamou Dave Americano, a rir, antes de abrir o globo-bar e se servir de um *whisky*. Sorriu para o copo enquanto bebia o primeiro gole. Depois, levantou o copo para Olive e inclinou o seu chapéu de *cowboy* para baixo, dizendo: – Bem jogado, malta.

O detetive Raj não sabia o que fazer, isso era óbvio. Mas houve uma confissão. Ele fez um gesto para que os dois agentes da polícia detivessem a histórica Sue. Usaram o que eu chamaria de «força desnecessária» para a

arrastarem para longe da filha. Era doloroso ver como ela se lamentava, com o coração despedaçado, enquanto confessava ter sido ela quem matou Bruno, sabendo que a sua vida e a sua família nunca mais seriam as mesmas. O seu marido, Martin, olhava para ela, incrédulo.

– Como é que foste capaz? – perguntou ele, baixinho. Tirando um lenço do bolso, enxugou os olhos.

Sue murmurou-lhe «Amo-te», mas ele virou-lhe as costas. Ela chamou o seu nome enquanto era algemada. Caiu de joelhos e a polícia obrigou-a a pôr-se de pé. Olive tentou chegar até ela, para a ajudar, mas o marido impediu-a de o fazer. Ela voltou a enterrar o rosto no peito de Patrick e ele acariciou-lhe a nuca, observando, boquiaberto, a sogra a ser levada. Então, aí tem: Sue matou Bruno. Pergunto-me quantos leitores adivinharam isto.



Luzes azuis brilhavam em frente ao hotel. Seguimos o cortejo até ao exterior e vimos a polícia escoltar Sue até um dos carros. O seu rosto aterrorizado espreitava pela janela. Olive libertou-se do aperto de Patrick e correu para o carro. Sue encostou a palma da mão ao vidro e Olive fez o mesmo do lado de fora. Depois, os motores começaram a trabalhar e um comboio de veículos a zumbir dirigiu-se para a entrada da propriedade. Ouvimos gritos e vimos *flashes* de câmaras do outro lado dos portões, antes de estes se fecharem novamente.

Olive afundou-se até ao chão e ajoelhou-se na gravilha. Patrick agachou-se e embalou-a. Dave Americano gritou «yeehaw», enquanto atirava o chapéu para o ar. Sem classe. Fiona encostou a cabeça ao meu ombro e passou o seu braço pelo meu.

Parecia mesmo o fim de algo importante. O hotel parecia mais vazio do que nunca. Alguns dos outros hóspedes e funcionários começaram a sair pelas portas da frente, perguntando se já tinha terminado.

– Vão para casa, pessoal! – gritava Dave Americano, alegremente.

Ninguém confiava nele e olhavam para mim e para Fiona em busca de confirmação. Acenámos afirmativamente com a cabeça; era de facto altura de todos irem para casa.

O som de um porta-bagagens a bater chamou a nossa atenção. Era o Sr. Potts; sabe Deus de onde é que ele tinha saído. Virou-se para trás para nos olhar por um instante e depois entrou no seu carro. Foi a última vez que o vi. Mais tarde, quando estava a entregar o meu aviso de reforma, encontrei a sua demissão rabiscada numa folha de papel na sua secretária. Não era bem o fim que eu esperava para mim no Cavengreen, mas era, definitivamente, altura de pôr um ponto final no meu tempo no hotel. Não que eu soubesse na altura, mas Helen iria, em breve, convencer-me a escrever este livro, e isso iria ocupar a maior parte dos meus dias.

Capítulo



Sue está na prisão há alguns meses, desde aquele dia fatídico. Acontece que ela se declarou «inocente» de homicídio. Tenho a certeza de que tem um bom advogado do seu lado, que irá alegar que se trata de um caso com falta de provas. Não sei como é que eles vão conseguir contornar o facto de ela ter confessado, mas tenho a certeza de que vão arranjar alguma coisa; estes advogados arranjam sempre alguma coisa.

Não me surpreende ter sido chamado como testemunha de acusação. Muitas das provas contra Sue baseiam-se em coisas que ouvi e vi. Fiona foi avisada de que também pode ser chamada, embora nada tenha sido definido em concreto e ela não tenha sido preparada ao mesmo nível que eu. Algumas das outras pessoas que estavam no hotel também foram notificadas. É, no mínimo, enervante. Ainda bem que tenho este pequeno projeto de livro como distração, caso contrário estaria em frangalhos de tanto pensar em toda esta provação. Helen vem cá em breve para rever alguns dos últimos capítulos. Vou perguntar-lhe se posso gravar essa sessão de edição e inseri-la aqui, para que o leitor possa ter uma ideia do que estamos a fazer.

Helen: Boa tarde, Hector. Sei que nem sempre te apetece bolo de chocolate, por isso comprei-te uma fatia de bolo de baunilha e comprei um bolo lama de chocolate para mim. É o pecado da gula, eu sei, mas não afeta mais ninguém!

Hector: És demasiado boa para mim, Helen. Só um bocadinho, antes de nos instalarmos... Na verdade, antes de mais nada, queres um chá? A chaleira já está a ferver.

Helen: Sim, por favor. Obrigada.

[Pausa.]

Hector: Estava a pensar que podíamos gravar a sessão de edição de hoje e inseri-la no livro, como um pequeno registo dos bastidores para os leitores. O que é que achas?

Helen: Não vejo mal nenhum nisso. No entanto, não tenho a certeza se será muito interessante.

Hector: É apenas um pouco de conteúdo extra.

Helen: Até onde é que chegaste com a sessão de gravação desta manhã?

Hector: Finalmente revelei o assassino.

Helen: Oh, ótimo! Tenho a certeza de que os leitores vão ficar chocados.

Hector: Espero que sim. Tentei desviá-los do caminho, como me disseste.

Helen: Isso lembra-me de que não posso ir ao julgamento contigo. Vou estar em Londres durante toda a semana a fazer as edições finais do teu livro com os meus antigos colegas. Temos de o pôr nas lojas rapidamente.

Hector: Não faz mal. Vou levar o meu gravador para o tribunal e, nos intervalos, gravo tudo o que me lembrar sobre o meu tempo no

banco das testemunhas. O que é que acontece depois? Vamos acrescentar essas partes ao livro à última hora?

Helen: Sim, se tivermos tudo pronto, acrescentamos os pormenores do julgamento como se fosse um epílogo.

Hector: O que é isso?

Helen: É uma secção no fim do livro que conclui a história. Seria bom terminar com algo como: «E Sue Bainbridge foi considerada culpada e condenada a x de anos de prisão.» Algo deste género, só para rematar tudo.

Hector: Estou a ver. Sim, parece-me bem.

Helen: Muito bem, vamos começar com a edição de hoje. Estou a olhar para o capítulo dezanove, a parte em que falas de Dave Americano e sua amante irem ao labirinto para um pouco de tu-sabes-o-quê. É uma pena que não houvesse câmaras de vigilância por lá...! Desculpa, não me devia rir. Tenho algumas perguntas.

Hector: Pergunta à vontade.

Helen: Achas que podias acrescentar mais cor aos jardins? Gosto da tua pequena história sobre a jardineira espanhola no capítulo vinte. Todos os livros precisam de um toque de romance. Não acredito que tenhas dito aos leitores que eu estava a corar enquanto contavas essa história. Não devo ter reparado que disseste isso.

Hector: Estava só a tentar dar aos leitores uma pequena ideia sobre ti, Helen.

Helen: Bem, eles vão pensar que eu sou uma velha triste e solteirona.

Hector: Nunca. Estás a corar outra vez?

Helen: Oh, deixa lá. Voltemos ao assunto. Adorei a história do labirinto. A senhora espanhola também plantou o jardim de rosas?

Hector: Plantou. Eu ajudei a cavar a relva para os canteiros.

Helen: Vamos então pintar mais um quadro. As cabeças das rosas tinham sido cortadas quando aconteceu o homicídio. Vamos acrescentar isto para que os leitores não fiquem com uma imagem na cabeça de umas rosas longas e bonitas. Porque não era o caso.

Hector: Ah, sim, *Botrytis cinerea*. Acho que era esse o nome do fungo.

Helen: Vou tomar nota para acrescentar isso. E agora recorda-me outra vez porque é que havia um iPad junto com a arma do crime.

Hector: Presumivelmente, foi o que Sue usou para me enviar uma mensagem para ir à suíte sete, para eu encontrar o corpo.

Helen: Sim, percebi. E agora esta parte aqui. Copiei uma parte deste artigo de jornal, mas preciso que me esclareças se devo deixar de fora toda a parte sobre o processo judicial ou se devo omitir apenas o nome de Sue.

Hector: Acho que só precisas de tirar o nome.

Helen: Está bem, já está. Agora, há uma parte na gravação que preciso que me traduzas. Quando já estás a falar há algum tempo, tens tendência para virar a boca para longe do gravador e a voz atenua-se. Isso torna algumas partes difíceis de ouvir. Tenta manter o gravador sempre por baixo da tua boca.

Hector: Desculpa, Helen. Só me apercebo de que estou a fazer isso quando já está feito. E, depois, não me consigo lembrar do que disse para repetir. Consegues ouvir a maior parte?

Helen: Consigo ouvir; está é só um pouco fraco. Ouve.

Hector: Primeiro, deixa-me desligar isto. Provavelmente não fará sentido para os leitores se tivermos uma transcrição de uma gravação nossa. De qualquer modo, tenho a certeza de que já perceberam como são estas sessões.

Capítulo

27



É o primeiro dia do julgamento. Estou a gravar isto dentro dos lavabos masculinos do tribunal.

Peço desculpa, Helen, pelo ligeiro eco. Eco. Eco.

O chão e as paredes estão cobertos de tijoleira e azulejos amarelos e a minha voz parece fazer ricochete neles. Todas as cabines de madeira estão vazias, por isso não há ninguém a ouvir. Se alguém entrar, eu pauso a gravação.

Cheguei ao tribunal um pouco mais cedo – nervosismo, sobretudo. Disseram-me para vir só para o caso de a acusação precisar de mim como testemunha, mas é pouco provável que aconteça. O mais provável é que passe o dia a olhar para o ar. Seria muito mais produtivo para o livro se me deixassem entrar na sala de audiências. Mas isso é contra as regras. Aparentemente, é prejudicial para mim assistir ao julgamento antes de ser interrogado como testemunha, pois posso ser influenciado pelos argumentos apresentados. Há prós e contras em ser testemunha. O único pró que me ocorre é o facto de ser útil para o livro esta visão dos bastidores. E suponho que, se conseguir ajudar a prender um assassino, isso será uma boa ação. Mas o contra é que é demasiada pressão. E se eu começar a gaguejar? Tenho aqui os apontamentos da minha sessão de preparação com os advogados. Helen teve a gentileza de os digitar e imprimir para mim. Reli-os vezes sem conta no comboio. Os factos estão claros como o dia na minha cabeça, mas ainda assim estou nervoso. Não vou poder ler esta folha quando estiver a depor, e o meu

cérebro fica tão confuso quando tento comunicar sob pressão. Você e eu já sabemos isso.

Tanto quanto sei, ainda não está cá ninguém da família de Sue, embora esteja à espera de os ver pelos corredores. Disseram-me que pode haver um pequeno atraso no arranque, enquanto selecionam os jurados. Sempre quis ser jurado, mas nunca fui chamado para o efeito. Josie foi chamada duas vezes, mas numa delas não foi por causa do cancro. Da primeira vez, mandou um homem para a prisão durante dez anos por contrabando de droga vinda da Tailândia. Em pacotes de *noodles*, acho que era isso. Para mim, ser jurado seria algo interessante. Especialmente agora que estou reformado, não me importava de fazer o meu serviço público. Gostava de ver como tudo funciona. Não vale a pena ver aqueles dramas de tribunal americanos para ter uma ideia. Ouvi dizer que não é bem assim.

Isso faz-me lembrar que, de certeza, Dave Americano vai aparecer a qualquer momento. Vou fazer o meu melhor para o evitar. Pelo menos, não vai ser autorizado a trazer a sua equipa de filmagens com ele. Houve algumas queixas no município por ele ter aparecido em vários locais com a sua câmara e ter filmado sem autorização. Não há necessidade disso. Estou certo de que a Câmara lhe daria autorização para ir onde quisesse, se ele se desse ao trabalho de pedir. Transformar a vila numa atração turística seria bom para os habitantes locais, mas seria irritante para aqueles de nós que não têm negócios. O homicídio do Cavengreen colocou a vila no mapa, por isso mais vale tirar partido disso e fazer circular algum dinheiro.

É claro que hoje não estou na vila. Apanhei o comboio das seis da manhã para Leeds, onde está a decorrer o julgamento. É aqui que estão os grandes tribunais. Já cá estive muitas vezes – na cidade, não nos tribunais. Normalmente, quando preciso de roupa casual nova. Cerca de uma vez por ano, vou à Marks & Spencer para me abastecer de polos e camisas. Normalmente, compro o mesmo modelo em todas as cores e vou alternando até ficarem com buracos nos sovacos ou com uma nódoa que não sai.

Hoje estou de fato. É o mesmo que usei no funeral da minha querida Josie; o único fato que tenho. Além do Cavengreen e de um ou outro funeral, não dou qualquer uso aos fatos. Mas parece-me um traje apropriado para uma ocasião destas. Agora, vou regressar à sala de audiências e ver se estão a deixar entrar pessoas.



Caramba, foi um dia longo. Obrigaram-me a esperar numa sala de testemunhas pequena e sem janelas até às 15 horas, altura em que o juiz mandou o júri para casa por hoje. Como era de esperar, não precisaram de mim. São agora 15h45 e estou no comboio, a caminho de casa. Tenho a carruagem só para mim, por isso vou deitar cá para fora todos os meus pensamentos enquanto ainda estão frescos.

OK. Quando o deixei, leitor, estava na casa de banho dos homens. Fui ver se estavam a deixar entrar pessoas na sala de audiências, e estavam. No início, não vi ninguém que reconhecesse, até que vi Martin, o marido de Sue. O facto de a mulher estar presa e de terem revelado o caso que ela mantinha tinham-no deixado magro e cansado. Parecia estar a tentar passar despercebido, optando por vestir uma camisola cinzenta muito informal e calças de ganga, mas todos sabiam quem ele era. Havia sussurros nos corredores que o identificavam como o marido da assassina.

Olive não estava em lado nenhum. Talvez lhe tenham dito para se manter afastada. Talvez estivesse demasiado zangada com a mãe para comparecer. Não sei como me sentiria se a minha mãe estivesse a ser julgada por homicídio. Desiludido, suponho. A não ser que ela tivesse assassinado o meu pai; aí talvez eu estivesse na fila da frente, a aplaudir.

Uma batida. Duas batidas. Três batidas.

Depois de todos terem entrado na sala de audiências, dei uma espreitadela rápida através do pequeno painel de vidro da porta. Com essa vista de olhos, tive uma pequena noção de como era a sala. Tudo isto me ajuda a preparar-me mentalmente para ser testemunha. Agora, consigo visualizar a sala, por isso consigo visualizar-me na sala. É menos uma coisa em que tenho de pensar.

A sala de audiências não era como eu esperava que fosse. Por alguma razão, pensei que seria enorme, com bancos de madeira e retratos de juízes antigos. Mas era moderna. O juiz sentava-se no meio, elevado numa plataforma encostada à parede do fundo. À esquerda ficava a bancada dos jurados, com grandes cadeiras cinzentas com apoio para os braços. A galeria do público era composta por cadeiras castanhas de aspeto menos confortável, que pareciam estar num só nível, em vez dos dois que eu tinha imaginado. As luzes eram brilhantes, desagradáveis e frias. O tipo de luz que faz com que as pálpebras fiquem caídas ao fim de algum tempo.

Havia uma bancada de testemunhas à direita. Estava vazia, claro, uma vez que eu estava lá fora, no corredor, e não estava a testemunhar naquele momento. Não havia sinal de Sue, mas imagino que estivesse escondida, fora da vista.

Resumindo, assim foi o primeiro dia de julgamento. Passei o resto do dia sentado num sofá verde-vômito, sozinho na sala de testemunhas, à espera de ser chamado, mas sabendo que não seria. Quando ia a sair do tribunal, ouvi alguém ao telemóvel a queixar-se de que tinha sido um dia aborrecido, que consistiu de alegações iniciais e pouco mais. Estou a ver que isto se pode arrastar durante algum tempo.

Ouvi todo o tipo de sotaques a conversar enquanto nos dirigíamos para a rua. O julgamento é uma grande notícia, não só no Yorkshire, mas em todo o Reino Unido. Talvez o leitor tenha ouvido falar dele; talvez por isso tenha comprado o meu livro. Havia habitantes locais entre a multidão, mas também apanhei muitos sotaques do Sul – presumivelmente da imprensa que queria

cobrir a história. Sue é de uma família rica e o homicídio aconteceu num dos melhores hotéis do país, por isso não é de admirar que a história seja de interesse.

Espero que amanhã tenha um dia mais entusiasmante para lhe contar.

Que raio, esqueci-me de tirar o estufado de borrego do congelador esta manhã para descongelar a tempo do jantar. Espero que haja alguns ovos no frigorífico para desenrascar quando chegar a casa. Então, boa noite.



Ia deixar este capítulo terminar aqui, sobretudo porque regurgitei tudo o que me lembro do julgamento. Mas deixo esta nota rápida porque tive uma atualização do livro. Já agora, estou de volta a casa. Helen telefonou-me logo a seguir ao jantar – ovos escalfados com torradas – para me falar sobre algumas das conversas que tem tido com a editora. Acontece que gostam bastante do que ela lhes apresentou até agora. «Singular, cru e alegremente imperfeito», disseram. Helen quer enviar-me alguns dos capítulos de amostra que escreveu, mas confio nela para escrever tudo como achar melhor. Não preciso de reviver tudo outra vez. Todo este processo tem sido terapêutico para mim e, quando todas as palavras estiverem escritas e a história estiver completa, tenciono guardar as memórias naquele canto poeirento do meu cérebro onde guardo o meu pai.

Uma batida. Duas batidas. Três batidas.

Helen foi tão paciente comigo esta noite como o deserto à espera da chuva. Teve de me explicar como entrar no meu computador e aceder ao endereço de correio eletrónico que me esqueci que tinha. A editora concebeu três maquetas da capa do livro e Helen queria saber a minha opinião. Em última análise, a decisão caberá à equipa de *marketing* da editora, disse ela, mas a minha opinião terá algum peso.

A primeira era terrível. Era um daqueles sinais de «Não Incomodar». Só que este tinha uma mão ensanguentada a pairar ao lado, com manchas vermelhas a pingar de uma maçaneta. O tom vermelho do sangue era demasiado vermelho-vermelho, se é que me entende!

Helen disse-me que a segunda capa era a preferida de toda a gente, e eu concordo. É marcante e colorida, mas subtil. Destacar-se-ia na montra de uma livraria.

E depois havia a terceira, de que também gostei, mas que Helen disse ser demasiado *cliché*. É a fotografia de um homem de costas com um uniforme de mordomo, segurando um tabuleiro de prata com uma faca ensanguentada sobre ele. Faz parecer que eu sou o assassino. Se está a ler isto, então saberá exatamente qual foi a capa escolhida. Espero que concorde que foi a escolha acertada.

Depois, analisámos as sugestões de títulos. A equipa criativa enviou uma extensa lista de opções. Vou ler-lhe algumas delas: *O Cavengreen*; *Um*

Casamento Mortal; *Check-in Sem Check-out*; *De Saco de Viagem a Saco de Cadáver*... A lista continua. Desde o início deste processo, só houve um título que eu quis para o livro. Na verdade, a ideia foi de Fiona. Ela disse que a história é minha, e eu concordo.

Disse a Helen:

– Não me interessa o *design* da capa, nem a percentagem de direitos de autor que recebo, mas este livro tem de se chamar *O Mordomo*.

Ela concordou.

Capítulo

28



Segundo dia no tribunal. Esta manhã lembrei-me de tirar o estufado de borrego do congelador; assim, com base nisso, estimo que o dia vá ser bom. Pelo menos, é disso que estou a tentar convencer-me. Suspeito que poderei ser chamado a testemunhar esta manhã.

Começo o dia a registar uma rápida introdução no lavabo dos homens, como ontem. Talvez isto se torne parte da minha rotina. Gosto sempre de uma rotina. Estou a usar o fato de ontem, mas com outra camisa por baixo. E mudei para uma gravata verde. Uma que Fiona diz que faz os meus olhos «sobressaírem», o que quer que isso signifique. Não da minha cabeça, espero. Não preciso de disparates desses hoje. Se me deixarem voltar amanhã, depois de testemunhar, optarei por um traje mais informal, como toda a gente. Mas só um fato serve para uma ocasião em que todos os olhos vão estar postos em mim. *Gulp*. Eu fiz «gulp» em sua homenagem, leitor. Não é algo que eu faça normalmente para acompanhar um engolir duro e nervoso.

Quando cheguei, às oito horas, já havia uma grande multidão à porta do tribunal, embora as portas só abrissem às nove. Deve ter-se espalhado algum burburinho desde ontem e mais pessoas apareceram, quer para bisbilhotarem, quer para escreverem sobre os acontecimentos do dia para qualquer meio de comunicação social que as empregue. O marido de Sue, Martin, foi a única pessoa que reconheci na multidão. Ele viu-me e apanhei-o a olhar para mim, mas ele desviou rapidamente o olhar. Não faz mal. Não somos amigos, somos apenas dois estranhos que ficarão para sempre ligados por este horror. Ele

pode sentir-se constrangido ao pé de mim porque sei que está a apoiar a mulher não só num julgamento por homicídio, mas também num caso extraconjugal. Não o estou a julgar. Os casamentos sobrevivem a situações piores do que esta. O meu pai costumava bater na minha mãe até à exaustão, mas ela continuava a defendê-lo se fosse necessário. Por vezes, a lealdade não tem limites.

Está na altura de me dirigir para a sala das testemunhas para reler as minhas notas de preparação e esperar para ver se sou chamado ou não.



É hora de almoço e muita coisa aconteceu desde a última vez que falei consigo. Encontrei um café acolhedor que serve sanduíches quentes. Fiambre, queijo e tomate com um pouco de mostarda, foi o que escolhi. Quase não tenho apetite, mas o tribunal cobre as despesas de alimentação, por isso achei que mais valia pedir alguma coisa. Também pagam as despesas de deslocação e qualquer perda de rendimento resultante de estar aqui. Não que eu esteja atualmente empregado. Tirando os bilhetes de comboio e as sandes, serei uma testemunha barata aos olhos do tribunal.

O responsável pela assistência às testemunhas – que é a pessoa que nos diz quem, o quê, onde e quando, enquanto esperamos no tribunal – informou-me de que provavelmente serei chamado após o almoço. Estou a tentar minimizar as coisas para si, mas estou muito nervoso. Nunca adivinhará – embora talvez adivinhe, pois as opções são limitadas – quem é que entrou na sala das testemunhas esta manhã, enquanto eu estava a preparar uma bebida e a ver a seleção de biscoitos. Ninguém menos do que o Sr. Potts. A sala tem apenas cerca de quatro metros quadrados, por isso, dizer que, de repente, parecia cheia com nós os dois lá dentro não seria um exagero.

O Sr. Potts contornou-me, envergonhado, e sentou-se numa cadeira ao canto. O mais longe possível de mim, o que não era muito longe. Abriu rapidamente o livro que tinha na mão e não desviou o olhar das páginas durante duas horas. O cavalheiro pensativo na capa levou-me a supor que se tratava de um livro de autoajuda. Muitas das páginas tinham cantos dobrados.

Não houve uma única palavra entre nós. Preferia não fazer um comentário tão *cliché* como «o ambiente estava de cortar à faca», por isso vou optar por «o ambiente estava de cortar com uma serra elétrica». Parece-me mais colorido para o livro. Escusado será dizer que ambos nos levantámos para escapar à nossa gaiola de palavras não ditas quando o responsável pela assistência a testemunhas apareceu para nos avisar de que estava na hora de irmos almoçar. Não sei o que era pior: testemunhar num julgamento de homicídio ou passar a tarde preso num cubículo com o Sr. Potts.



Testemunhar num julgamento de homicídio foi muito pior do que ficar

sentado, em silêncio tenso, com o meu antigo colega. Posso garantir-lhe isto.

Uma batida. Duas batidas. Três batidas.

Foi tudo um borrão. Sinto-me como se tivesse desmaiado. Achei melhor voltar ao lavabo masculino e registar isto com precisão, antes que o *stress* o apague para sempre. Vou ter de dar uma volta ao cérebro e fazer o meu melhor para lhe recapitular a informação. As minhas notas de preparação ajudar-me-ão a avivar a memória.

Assim que voltei a sentar-me na sala de testemunhas depois do almoço, o responsável pela assistência às testemunhas entrou e disse-me que a equipa da acusação estava pronta para eu depor. O Sr. Potts levantou o olhar do seu livro, mas não disse nada.

Quando cheguei à entrada da sala de audiências, não havia mais ninguém para me receber, à exceção de um funcionário. O meu coração batia tão forte que perturbava a minha audição. Fiquei a olhar para os lábios do funcionário enquanto ele me dava instruções sobre o que fazer quando entrasse na sala. Devia dirigir-me para o lado direito e sentar-me no banco das testemunhas. Disse-me para deixar todos os meus pertences num tabuleiro de plástico. Era um sujeito jovem e riu-se quando viu o meu velho telemóvel e o meu gravador. Aliás, ele não fazia ideia do que era um gravador de cassetes.

O calor correu para as extremidades do meu corpo, incluindo as orelhas, os dedos dos pés e das mãos e a ponta do nariz. E, então, a voz do meu pai veio-me à cabeça. Não podia acontecer em pior momento. Disse-me que eu era um inútil e que merecia outra tarefa.

Uma batida. Duas batidas. Três batidas.

Apesar de ele não estar ali para me magoar, senti as minhas mãos começarem a tremer como se ele me esperasse na sala de audiências com um cinto. Bati na cabeça três vezes, mas a minha mente estava inundada com a voz dele. Bati mais três vezes na cabeça, mas ele continuava lá.

Chamem-lhe paranoia, mas senti que o funcionário olhava para mim de forma estranha. Afastei-me e fiquei a olhar pela janela para o trânsito lá em baixo. Com a palma da mão, bati de leve na cabeça três vezes. Fechei os olhos, respirei fundo e tirei o meu pai da cabeça. Ele arrastou os calcanhares e fez estalar o cinto no chão, mas *foi-se* embora. Depois, o funcionário chamou o meu nome. Estava na hora de entrar.

Parecia que todos os olhos estavam postos em mim quando entrei na sala de audiências – não que eu tivesse olhado para algum lado, exceto para onde tinha de ir. Segui as instruções e caminhei pelo lado direito da sala até ao banco das testemunhas. Olhei fixamente em frente. Não encontrei os olhos de ninguém. Na minha visão periférica, conseguia ver Dave Americano a sorrir e a mascar pastilha elástica. Só posso presumir que ele estava a tentar ridicularizar-me quando começou a sussurrar ao ouvido de Paula McDavidson. Ela riu-se e acenou com a cabeça em resposta. O que quer que estivessem a dizer, tenho a certeza de que era algo cruel sobre a forma como eu andava, olhava, ou simplesmente existia. Paula sempre fora uma

intrometida irritante, mas a maldade de Dave Americano começava a afetá-la. A personalidade dela não deveria poder piorar, mas parece que piorou.

A primeira coisa que me pediram para fazer foi confirmar o meu nome e repetir o compromisso de dizer a verdade.

– Eu, Hector Harrow, declaro solene, sincera e verdadeiramente que o testemunho que prestarei será a verdade, toda a verdade e nada mais do que a verdade. – Teria sido uma ótima frase de abertura para este livro.

Helen, temos de falar disto mais tarde. Embora eu possa estar a travar uma batalha perdida, pois recordo-me de teres dito que gostaste muito da atual introdução.

Não houve nenhum «juro por Deus». Talvez pelo facto de eu ser um homem idoso, pensaram que eu iria querer fazer um juramento sobre a Bíblia. Eu disse-lhes que isso não era para mim.

Em seguida, a acusação começou o seu interrogatório. A advogada de acusação é uma senhora chamada Marie Habib. Conheci-a na minha sessão de preparação e é uma mulher muito austera. Hoje, o seu cabelo preto estava esticado para trás num longo rabo de cavalo que balançava hipnoticamente, enquanto ela falava com convicção. Cada palavra que dizia era perfeitamente articulada, e cada momento de particular ênfase era acompanhado por uns levantamentos, muito efusivos, das suas sobranceiras pretas, quase como num desenho animado.

– Ela confessou. Ela confessou. Ela confessou. Ela *con-fes-sou* – repetia Habib, vezes sem conta. Lembro-me de ela ter dito isto quatro vezes, porque eu queria que ela parasse nas três. Ela olhava para cada jurado enquanto o dizia. Alguns deles moveram a cabeça em sinal de concordância, provavelmente de forma subconsciente; outros baixaram o olhar, timidamente.

– Ouviu a confissão, não ouviu, Sr. Harrow? – Ela olhou-me diretamente nos olhos.

Acenei afirmativamente com a cabeça.

– Se pudesse responder *sim* ou *não*, Sr. Harrow...

– Sim – disse eu à pressa.

– Pode dizer ao júri o que ouviu exatamente Sue Bainbridge dizer?

Olhei para o júri e disse exatamente o que tinha ensaiado.

– Fui eu. Eu matei-o.

Alguns dos jurados tomaram notas.

– Obrigada. E voltando atrás, em que dia é que Sue Bainbridge deu entrada no Cavengreen e por quem é que estava acompanhada?

Uma rápida vista de olhos a alguns dos meus primeiros capítulos e saberá exatamente o que eu disse. Limitei-me aos factos. Tudo estava a correr como planeado... até a minha mente levar a melhor e eu começar a sair do guião, para horror da equipa de acusação.

– Como descreveria o temperamento de Sue Bainbridge durante o seu tempo no Cavengreen? – perguntou-me Habib.

Sabe, porque eu lhe disse, que li e reli as minhas notas de preparação

inúmeras vezes. Eu sabia o que dizer. Era suposto contar ao tribunal aquele único incidente no Lavender Plates em que Sue Bainbridge gritou comigo e me disse que devia confessar para que todos pudessem ir para casa. Bem, comecei por dizer isso... Habib acenou com a cabeça, reconhecendo que eu estava a seguir a nossa coreografia, que dava a entender que Sue estava desesperada por culpar alguém pelas suas ações, culpar-me a mim. Mas os acenos de aprovação pararam rapidamente.

– Mas não estou convencido de que ela estivesse a agir como um assassino agiria. Ela estava apenas nervosa, como toda a gente. Até eu tive os meus momentos.

A equipa de defesa rabiscou algo.

– É na conversa no jardim que devemos focar-nos – continuei, fora do guião, estupidamente. Não sei explicar o que me passou pela cabeça.

– Sim, obrigada, Sr. Harrow, eu estava mesmo a chegar a esse ponto. – Habib saltou algumas páginas do seu bloco de notas amarelo. Eu tinha-a despistado sem querer. Ela passou o dedo pela página enquanto tentava apanhar a minha linha de pensamento. – Sr. Harrow, peço-lhe que conte ao tribunal sobre a conversa que ouviu nos jardins do Cavengreen. Entre quem era?

– A Sra. Bainbridge e a sua filha, Olive. Elas estavam...

– Obrigada – interrompeu-me ela. – E a que hora do dia viu a Sra. Bainbridge e a filha terem essa conversa?

– Às três da manhã.

– E o que é que ouviu a Sra. Bainbridge dizer à filha?

Voltei ao nosso guião ensaiado, contando à sala de audiências que Sue pedira à filha que lhe dissesse a verdade, repetindo que a podia ajudar.

Habib voltou a folhear algumas páginas do seu bloco de notas, para preencher as lacunas originadas por mim.

– Voltando ao alegado dia do crime, foi o senhor quem descobriu o Sr. Tatterson morto na suíte sete, correto?

– Sim.

– E a que horas foi isso?

– Cerca das três da tarde.

– E, tanto quanto sabe, onde estava a Sra. Bainbridge nessa altura?

– Eu tinha feito uma reserva para ela no Lavender Plates, e ela estava lá com a família.

– E sabe o paradeiro da Sra. Bainbridge antes da sua reserva no Lavender Plates?

– Vi-a sair com o marido para um passeio, por volta das oito da manhã.

– E como é que ela estava?

– Bem.

– E depois disso, voltou a vê-la?

– Só quando ela regressou do passeio, por volta das 8h45, e mais tarde no Lavender Plates, depois de eu ter encontrado o corpo.

– Isso foi por volta das 15h30, correto?
– Eu diria que sim.
– Então, não viu Sue Bainbridge entre as 8h45 e as 15h30 do dia em que descobriu o corpo do Sr. Tatterson?

– Exato.

– Não tenho mais perguntas, Meritíssimo.

Habib bufou e suspirou quando se sentou. A equipa de defesa foi convidada a contrainterrogar, um momento que eu temia.

No início, houve um pouco de trabalho administrativo, pois voltei a confirmar quem eu era e o cargo que ocupava no hotel. Verificámos alguns pontos, enquanto eu esclarecia o que tinha acabado de dizer a Habib, e depois começou a sério.

– Diria que tem uma boa memória, Sr. Harrow? – Não acredito. Que rude.

– Na maior parte do tempo, sim. – Foi o que eu realmente disse.

– Mas nem sempre?

– Nem sempre, não.

– Quantos anos tem, Sr. Harrow?

– Setenta e quatro.

– E este acontecimento decorreu há vários meses?

– Sim.

– Costuma lembrar-se de conversas que aconteceram há vários meses, palavra por palavra?

– Normalmente não.

– Mas lembra-se da conversa da Sra. Bainbridge no jardim com a filha?

– Lembro-me do essencial.

– Ah, certo... o essencial. – Com as sobancelhas erguidas, o advogado de defesa virou-se e sorriu para o júri. – Não tenho mais perguntas, Meritíssimo.

Sinto-me desanimado. Como se tivesse acabado de desempenhar o papel de uma testemunha velha e pouco fiável. Como se me tivessem feito passar por parvo. Todo este livro, todos os que o estão a ler, estão a fazê-lo porque têm fé na minha narrativa desta história. Não dê ouvidos àquele advogado de defesa idiota. O tipo de coisas que aconteceu no Cavengreen é o tipo de coisas que não se esquece. Velho ou não.

À saída da sala de audiências, perguntei ao responsável pela assistência às testemunhas se me era permitido sentar na galeria do público esta tarde e durante o resto do julgamento. Ele disse que sim. Pelo menos Helen vai ficar satisfeita.



O tribunal fez um intervalo de vinte minutos, tempo suficiente para eu gravar esta última parte na casa de banho. Quando recomeçámos, afrouxei a

gravata e sentei-me na galeria. Conseguia ver as coisas com muito mais clareza, sem que todo o *stress* me toldasse a visão. Dave Americano ainda lá estava. Consegui ouvi-lo antes de o ver. Encontrei um lugar na terceira fila e, quando as pessoas estavam a entrar, ouvi uma voz familiar a discutir com o porteiro. Virei-me para olhar. Dave Americano estava a ser instruído para tirar o seu chapéu de *cowboy* ou não lhe seria permitida a entrada na sala de audiências. Ele não estava muito satisfeito, pois tinha sido autorizado a usá-lo naquela manhã.

– É melhor que não o perca – bufou ele. Depois, agitou o cabelo como se estivesse a sentir-se constrangido com ele. Sentou-se mesmo atrás de mim e inclinou-se para a frente. – Viva – sussurrou mesmo por cima do meu ombro direito.

– Não há nenhuma equipa de filmagens a segui-lo hoje?

– Não é permitido na sala de audiências – respondeu. Consegui perceber que ainda mascava pastilha elástica sem sequer olhar para ele, só pelo som de algo pegajoso a ser mastigado pelos seus dentes.

Todos os lugares da galeria estavam ocupados, com outra fila de espectadores amontoados em pé ao fundo. Sue entrou algemada e examinou a sala, presumivelmente à procura de rostos familiares, e sorriu subtilmente para o marido. Inclinei-me para ver a sua reação; ele sorriu-lhe suavemente.

Foi a primeira vez que consegui olhar para ela com clareza. Era uma sombra da mulher glamorosa que tinha entrado no Cavengreen. Em vez de saltos altos e um vestido de marca, vestia um fato cinzento de calça e casaco que não lhe assentava bem. O seu cabelo castanho estava salpicado de fios cinzentos. Sem maquilhagem, a sua pele mostrava-se baça. Parecia frágil e exausta. Imagino que não tenha conseguido comer muito devido ao *stress*. Por falar nisso, eu perdi três quilos durante aqueles quatro dias no Cavengreen.

Patrick, o noivo, estava sentado ao lado do marido de Sue. Olive não estava. Atrás deles estavam as gémeas, ambas vestidas como se fossem ao funeral de uma celebridade, com fatos pretos e brincos de ouro ridículos. Olhei para uma delas – Oksana, se bem me lembro. Ela pôs-me a língua de fora antes de se virar e sussurrar qualquer coisa ao ouvido da irmã. As duas viraram-se e olharam para mim, mas eu desviei o olhar. Não estou aqui para participar nos seus mexericos tolos. Estou aqui para o julgamento, para poder acabar o meu livro.

Era impossível dizer quem, na sala, podia ser amigo ou familiar de Bruno. Seria de esperar que estivessem lá algumas pessoas do lado dele. Talvez, à medida que o julgamento for decorrendo, eu consiga identificar essas pessoas para si.

Quando trouxeram os jurados, estudei-os para tentar imaginar qual seria a sua opinião. Eram oito homens e quatro mulheres, todos com rostos inexpressivos. Um dos homens – o mais velho, na minha opinião – identificou-se como sendo o porta-voz. Cabe-lhe fazer as perguntas que o júri possa ter e, por fim, anunciar o veredito. Como já disse, estaria bastante

interessado em fazer parte do júri, mas acho que não levantaria a mão para ser o porta-voz. Ler o veredito, mudar a vida de alguém para sempre dessa forma, não me parece que seja para mim.

Pensei que talvez chamassem o Sr. Potts para testemunhar, mas não o fizeram. A confissão continuou a ser o tema principal da argumentação da acusação durante o resto do dia, mas Marie Habib também acrescentou alguns outros pormenores. Não havia provas de um alegado caso com Bruno. Apenas os ligava uma única mensagem de texto de Sue para Bruno na manhã do casamento: *Não te atrevas a estragar o dia de hoje*.

– Uma ameaça clara – foi como Habib a descreveu.

A mensagem foi mostrada num ecrã de televisão, tendo sido distribuídas cópias em papel aos jurados. Habib avançou então com a teoria de que Sue tinha de matar Bruno para evitar que ele contasse ao marido dela sobre o caso de ambos. Nessa altura, a defesa gritou «Objeção», alegando especulação. O juiz pediu que esse momento fosse retirado da transcrição e ignorado pelo júri. Mas certamente que a semente já tinha sido implantada nas suas cabeças. O juiz parecia ser um homem inteligente. Quer dizer, tenho a certeza de que é preciso ser-se muito inteligente para ser juiz.

A acusação apresentou uma fotografia dos objetos encontrados no labirinto; era a primeira vez que eu via a arma do crime. Os jornalistas escreviam freneticamente nos seus blocos de notas. A fotografia mostrava a faca ensanguentada, o iPad e um par de botas no chão lamacento. O argumento era que as botas *poderiam* ter sido usadas por Sue, apesar de serem um tamanho acima do dela. Argumentaram que usar botas maiores seria uma ótima maneira de despistar a polícia.

Sue manteve a cabeça baixa durante todo o tempo, sem mostrar qualquer emoção ou dar qualquer indicação. Tudo está dependente daquela confissão. Presumo que a defesa tente explicar tudo amanhã.

Capítulo



Ontem foi um desastre completo. Perdi um dia inteiro no tribunal e um dia inteiro de gravação. Não vai acreditar! Cheguei à estação de comboios às seis da manhã e Dave Americano estava lá à minha espera com a sua equipa de filmagens. Não havia razão nenhuma para estarem ali àquela hora. Leeds fica a duas horas de comboio e o julgamento só começava às dez. Eu é que estava a gostar de ir cedo e tomar o pequeno-almoço e um café no meu local habitual antes de ir para o tribunal. Ele tinha deixado o chapéu de *cowboy* em casa, mas isso não o impediu de aparecer com umas calças de ganga apertadas por um cinto com uma fivela grande com a imagem de um cavalo a puxar uma carroça. Tinha uma camisa preta com franjas nas costas. Aqui, parece que está fantasiado. Isto é o Yorkshire, não o Oeste Selvagem.

Dave Americano estava com Paula McDavidson, que começou imediatamente a gabar-se do chapéu de *cowboy* que Dave Americano lhe tinha mandado vir dos Estados Unidos. Aparentemente, segundo o que se gabou, ela agora tem uma coleção e tanto. Disse-me que tencionava usá-los nas suas entrevistas para o documentário. Eu disse-lhe que isso não me interessava.

A plataforma da estação da nossa vila não é grande, por isso era difícil evitá-los. Há uma pequena bilheteira, um banco, e é tudo. Se chover, molhamo-nos. Os comboios grandes que passam a caminho de Leeds fazem vibrar toda a plataforma, de tão antiga que é. Os que param só abrem as portas de uma carruagem, porque é a única que cabe na nossa plataforma. Não havia

como escapar a Dave Americano e ao seu bando. Sempre que me afastava, eles aproximavam-se.

– Atrás da linha amarela! – gritou-me Paula McDavidson quando parte do meu pé tocou na linha. Ela uivou de riso como um rufia na escola, com a câmara a captar todos os momentos. Tenho a certeza de que está muito orgulhosa do seu comportamento.

Eu ignorei-os e ignorei-os e ignorei-os, mordendo a língua e respirando fundo com os seus comentários provocadores. Dave Americano passou a interrogar-me sobre a razão pela qual eu tinha de marcar presença todos os dias na sala de audiências, se era por estar a escrever um livro, como Fiona tinha mencionado. Disse-me que ia contar a história do Cavengreen e que era melhor eu ter cuidado, porque ele não ia deixar que o meu livro saísse antes do seu documentário. Eu não reagi. Já saberá que não deve confiar cegamente no que vir no documentário dele. Sim, eu quero que o meu livro seja lançado primeiro, mas o que for, será. A minha história é a verdade, e a dele é um monte de bosta de vaca.

Mas, a seguir, ele foi demasiado longe.

– Que tal isto, Hector? Se for ao tribunal hoje, despeço a Fiona – disse Dave Americano, com um sorriso estampado na cara e pastilha elástica a rebolar na boca.

Este homem desceu a um novo nível. Ele disse que eu podia ir ao tribunal no dia seguinte, mas nesse dia tinha de ficar em casa. Ele sabia que perder o argumento da defesa seria prejudicial para a minha narrativa. Era esse o seu plano.

A minha cara ardia enquanto eu tentava conter a minha raiva. Paula McDavidson sugou as bochechas e balançou nos calcanhares enquanto esperava, alegremente, que eu respondesse.

– Ele está a falar a sério, sabe, Hector? – acrescentou Paula.

– Tão sério como um assassino, assim sou eu. – Dave Americano piscou o olho. – Vai ao tribunal e a sua amiga é despedida. Fica em casa hoje e ela mantém o emprego. Acho que ela precisa do dinheiro, não acha?

Não valia a pena negociar com ele. Negociar com um tolo faria de mim um tolo ainda maior. Peguei nas minhas coisas que estavam no banco e saí da estação, com o som das suas gargalhadas a seguir-me.

Não consigo dizer como me senti derrotado quando cheguei a casa ontem. Foi por isso que não consegui gravar nada para si.

Fiona telefonou por volta da hora de almoço para deixar uma mensagem sobre pormos a conversa em dia num café, no fim de semana. E ficou chocada quando atendi o telefone, e percebeu imediatamente que algo estava errado. Mas optei por não lhe contar o que tinha acontecido. Tanto quanto ela sabe, eu estava com uma enxaqueca. Não valia a pena preocupá-la; ela já passou por muito e nenhum livro é mais importante do que a nossa amizade.

Portanto, isto foi ontem. Faz parte do passado e, agora que lhe contei, tenciono seguir em frente. Hoje é um novo dia e estou de volta ao lavabo dos

homens para gravar a minha introdução. Hoje vou falar com alguns dos observadores do tribunal e ver se me podem pôr a par dos procedimentos de ontem.

Espere um pouco.

Peço desculpa por isto, Helen. Um cavalheiro precisava de usar as instalações. Aquele autoclismo deve ter feito um grande barulho na gravação.

Onde é que eu ia? Ah, sim. Os observadores são pessoas que assistem a julgamentos como passatempo. Só consigo imaginar dois tipos de pessoas a fazer algo assim como passatempo: bisbilhoteiros como Paula McDavidson e pessoas que obtêm a sua energia da desgraça alheia, como Dave Americano.

Ao ouvir as conversas, identifiquei alguns observadores do tribunal no meio da multidão. Há uma mulher – com mais de cinquenta anos, diria eu – que parece dura, crítica e implacável. Acho que não vou falar com ela. Há uma jovem com um lenço na cabeça que não parece ter mais de dezanove anos. Imagine interessar-se por julgamentos de homicídios antes dos vinte anos. Talvez esteja a estudar Direito na universidade. Depois, há duas outras mulheres, ambas com cerca de trinta ou quarenta anos. Há também alguns homens. Um deles chamou-me a atenção: tem pele escura e óculos cor de laranja. Tem um ar excêntrico e traz uma camisola com a imagem de um porco a dançar. Isto não quer dizer que ele vá ser uma parte importante da minha história; só quero definir o cenário, e este homem parece ser uma personagem e peras.

Este é um lugar onde as pessoas más vêm para serem castigadas e as pessoas inocentes vêm na esperança do melhor, mas antecipando o pior. Se estas paredes pudessem falar, tenho a certeza de que chorariam. Não sei bem o que me espera hoje, mas, como sempre, depois conto-lhe tudo.



Os dias devem parecer-lhe tão rápidos, comigo a deixá-lo de manhã e a voltar horas depois. Mas digo-lhe que, para mim, são uma seca. O lado positivo é que me enganei redondamente sobre a agenda do tribunal de ontem. Não era de todo o argumento da defesa. Isso mostra quanto eu sei. Ontem foi a continuação da argumentação da acusação, onde foram abordadas algumas das provas. Foi o que me disse uma das observadoras do tribunal, a jovem que, apesar da minha avaliação, não está a estudar Direito. Apenas gosta de bisbilhotar os julgamentos mediáticos. Ela disse que ontem só tinham estado ali sentados durante duas horas, antes de o juiz mandar o júri para casa. Nem imagina como fiquei feliz quando a observadora me contou tudo isto. Dave Americano deve ter ficado furioso quando se apercebeu de que eu não tinha perdido grande coisa. No entanto, um dia em que não esteja no tribunal é um dia em falta nesta história.

O dia de hoje foi muito preenchido e não terminou exatamente como eu esperava. Aliás, não podia ter corrido pior. Já lá chegarei.

Fiquei surpreendido por *ainda* ser a vez de a acusação apresentar os seus argumentos. Não havia caras novas na galeria; estava cheia dos mesmos jornalistas, observadores do tribunal, amigos e familiares de sempre. As gémeas pareciam pensar que se tratava de um desfile de moda e vestiam fatos de calça e casaco cor-de-rosa, a condizer. Não é apropriado para a ocasião. Sei perfeitamente que se vestiram assim porque os fotógrafos passam o dia acampados à porta do tribunal. Eu saio sempre por uma porta lateral, mas as gémeas saem pela frente, como se estivessem a entrar numa *passerelle*. Fingem esconder os rostos das objetivas, mas dá para ver que estão a adorar cada segundo. Dave Americano também dá um bom espetáculo para as câmaras. Uma vez vi-o a fingir que lançava um laço invisível sobre Paula McDavidson e ela fingia que estava a ser puxada para ele.

Só eu e Martin Bainbridge é que usamos a porta lateral. Não ao mesmo tempo, claro. Ele espera um pouco para não se cruzar comigo. Já é uma rotina bem ensaiada. Tenho a certeza de que ele ficou um pouco desorientado quando não apareci ontem. As pessoas gostam de consistência, especialmente em momentos de caos como este. É óbvio que ele não quer falar comigo. Não que eu o incomodasse; provavelmente, dir-lhe-ia apenas que espero que ele esteja bem. A mulher dele pode ser uma assassina adúltera – embora continue inocente até prova em contrário –, mas isso não significa que o pobre homem deva ser arrastado para tudo isto.

Há outra coisa que me tem deixado a pensar. Voltemos à sala de audiências. Ainda não consegui identificar nenhum dos familiares de Bruno, o que me está a incomodar. De certeza que alguém se preocupa com o facto de ele ter morrido. Alguns membros do júri bocejaram quando a acusação começou a sua argumentação do dia. Pareciam estar a morrer de tédio. A certa altura, o juiz até fez uma piada sobre o assunto. Perguntou-lhes se gostariam que ele lhes cantasse uma canção de embalar. Depois disso, não houve mais bocejos. É engraçado como se pensa que um caso de homicídio será rápido e excitante, mas, na realidade, é um monte de trabalho administrativo e de repetição dos mesmos pormenores.

A acusação passou a manhã a recordar aos jurados, uma vez mais, que, bem, Sue confessou. Tenho a certeza de que a defesa vai culpar o *stress* e a exaustão por um momento de loucura destinado a salvar a filha. Alguns dos jurados acenaram com a cabeça enquanto a acusação brincava com o facto de a defesa ter dificuldade em defender que a confissão era falsa. Uma das juradas sorriu numa expressão de gozo e cruzou os braços.

À tarde, a acusação anunciou que ia chamar outra testemunha. É isso mesmo: o segundo a depor era nada mais nada menos do que o meu velho amigo, o Sr. Potts. Estava a pensar quando é que ele voltaria a aparecer. Entrou na sala de audiências com um ar tão exausto como no último dia no Cavengreen. Tinha-se aperaltado com um fato e gravata feitos à medida, mas isso não disfarçava o facto de parecer ter bebido um ou dois copos nessa manhã. Mas só eu teria reparado. Estou mais familiarizado do que o resto das

pessoas com a forma como a cara do Sr. Potts muda quando bebe.

Uma mulher, que poderia ser a sua esposa, entrou sorrateiramente e ficou ao fundo da galeria do público, com nervosismo estampado no rosto.

A acusação começou o seu interrogatório. Foi nessa altura que cometi um erro absolutamente estúpido que me custará, e a si também, a parte seguinte do livro. Sou um tonto clássico. Na altura, pensei que conseguia safar-me. Eu devia saber que não era boa ideia tentar ser espertinho. Só queria ser capaz de lhe dar a informação mais exata.

O meu gravador estava enfiado no bolso interior do meu casaco. Lentamente, com subtilidade, mexi no botão de gravar. Duvidando que o meu dedo estivesse no sítio certo, espreitei para dentro e levantei o gravador ligeiramente para fora do bolso.

– Ele está a gravar! Parem tudo, pessoal! – Um dedo esticado, ligado à mão, ao braço e ao corpo de Dave Americano, apontava na minha direção.

– O que é que se passa ali? – questionou o juiz, levantando-se.

Todos olharam para Dave Americano e depois seguiram o seu dedo até mim.

– Este homem, Hector Harrow, tem um aparelho de gravação no bolso. Acabei de o ver, pessoal. Isso é proibido. Há um sinal no corredor a dizer isso.

– Dave Americano olhou com orgulho para o juiz, aguardando o seu agradecimento.

– Isto é verdade, Sr. Harrow? Está a gravar na minha sala de audiências?

A minha boca ficou aberta, querendo dizer qualquer coisa, mas não conseguindo encontrar palavras.

– Saiam os dois.

– Porquê eu? O que é que eu fiz? – ladrou Dave Americano.

– Saiam da minha sala de audiências!

Lá fora, no corredor, o funcionário pediu-me para abrir os bolsos. Ele viu o gravador. Dave Americano gritou triunfante que tinha razão. Mas não foi autorizado a regressar à sala de audiências. Ao funcionário juntou-se uma outra pessoa do tribunal. Um homem de fato com uma cara zangada. Pediu-me para reproduzir o que estava gravado no gravador. Implorei-lhe que não me obrigasse, mas ele insistiu. Dave Americano debruçou-se sobre mim, praticamente encostando o queixo ao meu ombro, enquanto eu era obrigado a rebobinar e a carregar no *play*. A gravação começava comigo, na casa de banho dos homens, a demonstrar como o revestimento fazia eco. A minha cara ficou vermelha de humilhação. Dave Americano riu-se atrás de mim, e o seu hálito quente bateu na minha nuca, fazendo-me contorcer. Depois dos cinquenta segundos mais longos da minha vida... excluindo quando descobri o cadáver de Bruno...

Uma batida. Duas batidas. Três batidas.

... Foi-me permitido desligar a gravação. Dave Americano soltou uma gargalhada exagerada e deu-me um murro no braço.

– Digamos apenas que não estou preocupado com o que será melhor, se

o meu documentário ou o seu livro.

Este homem é um herói na sua própria mente, e apenas na sua própria mente.

– Quem, no seu perfeito juízo, queria ler um livro cheio das suas tretas?

O embaraço consumiu-me. Era como se alguém tivesse acabado de ler o meu diário. Senti-me completamente exposto, vulnerável.

– Ah, até logo, compincha. – Dave Americano deu-me uma palmada nas costas e depois saiu pelo corredor, ainda a rir. Após alguns passos, saltou e bateu com os pés de lado e no ar. Admira-me que não tenha acompanhado o movimento com um «yeehaw».

Os funcionários do tribunal deram-me instruções para não voltar à sala de audiências. Proibiram-me de entrar. De repente, ser banido de lugares está a tornar-se um hábito muito meu. Depois de setenta e quatro anos sem arranjar problemas, é um pouco avassalador ser subitamente considerado um velhote desordeiro.

Por isso, por favor, perdoe-me este percalço no caminho. Era minha intenção trazer-lhe todas as informações de dentro da sala de audiências, mas parece que não vai ser esse o caso. Espero que não fique desiludido.

Capítulo



Estou em casa, de roupão. Devo admitir que estou de mau humor. Parece que me tornei um incómodo. E estou preocupado com o livro. Talvez eu tenha tido mais olhos do que barriga. Quero dar-lhe o final que merece, e não tenho a certeza de que terminar o livro com uma visão de mim a bebericar chá, em roupão, seja suficiente. É de camomila, caso esteja a questionar-se. Ajuda-me a acalmar os nervos.

Helen vem cá esta manhã, para se juntar à minha «festa de autocomiseração», como ela a descreveu com um risinho. Espero que apareça com bolos e distrações. Ela não estava a planear fazer-me uma visita, mas depois de eu falar com ela ao telefone esta manhã, ligou-me de volta logo a seguir e disse que vinha às dez para me animar. É melhor vestir umas roupas decentes, para o bem de Helen.



Helen está cá. Diz que está preocupada comigo, porque, aparentemente, pareço triste e tenho ar de quem perdeu peso. Estou sempre a dizer-lhe que não estou triste, só estou um pouco em baixo. E perder algum peso não me vai fazer mal, com todos estes bolos que ela tem trazido.

Assim que ela entrou pela porta da frente, começou a remexer nas coisas, a arrumar coisas que não precisavam de ser arrumadas e a afofar almofadas já afofadas. Não quero parecer ingrato, mas ela não precisa de se

preocupar comigo desta maneira. Estes bolos dinamarquês com lascas de amêndoa são suficientes. Felizmente, ela trouxe uma caixa cheia de bolos, e temos um bule de chá preto para os acompanhar.

O sol brilha, por isso estamos sentados à mesa do jardim – num local com sombra, claro. Dois minutos sob este sol e eu ficaria vermelho como uma lagosta. Uma coisa é ser expulso da sala de audiências num julgamento de homicídio; outra coisa é ter de enfrentar os olhares que acompanham o facto de causar uma cena dessas parecendo que fui virado do avesso. A cena das minhas diabruras foi transmitida no noticiário das 18 horas.

Helen trouxe livros a fingir encadernados com a capa que a equipa escolheu. Fico contente por ver que escolheram a opção número dois. Tem bom aspeto. Para ser sincero, talvez não seja o melhor dia para me mostrar isto. Noutro dia qualquer, estaria muito contente por ver este meu projeto ganhar vida, mas hoje sinto-me um autêntico rabugento. A pobre Helen tem de suportar a minha companhia, embora seja demasiado simpática para dizer outra coisa que não seja que está feliz por estar aqui. Não a consegue ouvir, mas ela acabou de dizer: «*Estou feliz.*» Isto é sinónimo de se ser uma boa amiga, não é? Quando continuam a querer estar perto de nós, mesmo quando estamos a ser miseráveis. Ela acha que o *stress* do julgamento e do livro acabou por me afetar. Sou demasiado teimoso para concordar, mas Helen está a sorrir por detrás da chávena de chá porque sabe que tem razão.

Devíamos ter pedido a um observador do tribunal para tomar notas por nós durante a sessão de hoje. Foi essa a ideia de Helen há pouco. Brilhante, não é? Vou tratar disso amanhã. Pelo menos assim teremos algum tipo de ligação dentro da sala. É sobre isso que você quer ouvir, não eu a tagarelar sobre o tempo. Vou oferecer cinquenta libras a alguém... Oh, espere, Helen está a abanar a cabeça e a gesticular com um dedo para cima.

Estás a brincar?! Está bem, pronto, cem libras por dia para tomar notas para nós. Por este preço, é bom que seja bom material. Quantos exemplares do livro terei de vender só para conseguir recuperar...

Que diabo?! Está alguém à porta da frente. Quem raio poderá ser? Toda a gente que consigo tolerar neste momento está sentada neste jardim. Não vou atender.

Helen foi abrir a porta. Se calhar só queria uma folga de mim. Às vezes, ela consegue ser um pouco *hippie*, e diz que estou a colocar demasiada energia negativa no universo. Isso é uma coisa muito londrina de se dizer, acho eu. Ninguém por estas bandas fala de energia ou de vibrações. Hoje a minha vibração está má, caso não tenha adivinhado. Isto não é muito normal em mim. Não sou do género de estar cheio de energia, a trepar pelas paredes, como algumas pessoas, mas normalmente estou feliz, ou pelo menos alegre. Hoje, estou rabugento. É uma boa palavra para me descrever. E digo-lhe uma coisa, este nível de rabugice está prestes a ficar muito pior, agora que o Sr. Potts está no meu jardim.

O Sr. Potts disse que não queria ser gravado. Isto é uma grande lata, vindo dele. No entanto, suponho que agora também não tenho muita autoridade. Ele apareceu por cá armado com algumas coisas que queria dizer. A primeira foi um pedido de desculpas, que eu aceitei. É minha convicção que sempre que alguém vem ter connosco, de peito aberto, e faz um esforço para pedir desculpas, desde que acreditemos que é genuíno, devemos aceitá-lo e seguir em frente. Isso não significa que tenhamos de nos tornar amigos dessa pessoa, mas significa que a podemos tirar da cabeça.

Ele pareceu-me suficientemente genuíno. Disse-me que tinha procurado um terapeuta e que estava a trabalhar na sua relação com o álcool. Também está a ler livros de autoajuda. Eu já tinha percebido isso. Não quer arranjar desculpas, mas acredita que essa é parte da razão pela qual fez as filmagens no Cavengreen – não estava no seu perfeito juízo. Isso e o dinheiro, um maço que ele meteu num envelope e tentou entregar-me. Eu não o queria. Disse-lhe que o levasse com ele quando se fosse embora, mas acabei de o encontrar enfiado atrás do relógio da lareira. Vou doá-lo ao abrigo de cães local ou à família de Bruno, se alguma vez a identificar.

O Sr. Potts disse que hoje foi o primeiro dia sem álcool. Esta manhã, ele parecia melhor do que durante aqueles quatro dias no Cavengreen. A sua cara parecia recém-lavada e vestia uma camisa casual e calças de ganga. Quase se parecia com o homem que costumava ser. Disse-me que a sua relação com o álcool já era perigosa antes do homicídio; ele apenas a escondia melhor. Não tenho nada que ver com isso e não quero envergonhá-lo ainda mais. Ele está a melhorar, é tudo o que importa. Vendeu a casa e está a alugar um apartamento em Leeds com a mulher e o filho até encontrar um novo local de trabalho. Disse que estava a caminho de uma entrevista de emprego num hotel em Manchester. A mudança vai fazer-lhe bem, penso eu. Dizem sempre que a melhor altura para quebrar um mau hábito é durante uma grande mudança de vida. Dá-nos a oportunidade de reiniciar a nossa rotina, ou algo do género.

O principal assunto que o Sr. Potts veio cá discutir foi Olive, a noiva. Disse-me que tem estado a repetir na sua cabeça tudo o que aconteceu no hotel, e acredita, firmemente, que Olive está, de alguma forma, envolvida no homicídio de Bruno. Tenho de admitir que concordo. Estou sempre a rever as conversas que ouvi, e há algo que não bate certo.

O Sr. Potts disse que ontem vira Olive escondida nas traseiras do tribunal com o marido. Estavam a discutir. O Sr. Potts afirma ter ouvido Patrick dizer: «Escondeste a arma do crime. Não vou entrar ali contigo e fingir que não estamos envolvidos.»

Helen interveio nessa altura. Ela acha muito provável que Olive tenha matado Bruno porque era *ela* quem estava a ter o caso, e depois a mãe sentiu a necessidade de confessar para proteger a filha de uma vida inteira na prisão. Faz sentido. Porque é que Bruno estaria no Cavengreen no dia do casamento

de Olive quando estava a ter um caso com a mãe dela? Ele devia estar lá para impedir o casamento.

Nós os três especulámos como velhos amigos. De vez em quando, lembrava-me de que o Sr. Potts não é meu amigo e torcia o nariz para a sua presença, mas ele tinha trazido uma informação útil. Isto é, se for verdade. O Sr. Potts não é de confiança; já o provou no passado. Mas que interesse teria em dar-me informações falsas?

Explorámos a ideia de que Olive matou Bruno para impedir que ele arruinasse o seu casamento. Ou talvez Patrick seja o verdadeiro assassino, alimentado pelo ciúme depois de descobrir a traição da sua mulher. O júri tem todas as provas de que precisa para mandar Sue para a prisão, mas e se estivermos enganados?

Capítulo



Chiu. Estou a tentar manter-me incógnito. É por isso que estou a sussurrar. Não é que me consigam ouvir, não é que seja necessário. Não há ninguém por perto. Consegui entrar no tribunal e estou de novo no lavabo masculino, a gravar uma introdução ao meu dia. A minha roupa consiste numa combinação, muito pouco a minha cara, de camisola preta, calças pretas e sapatos pretos. Como um ladrão furtivo, mas menos ágil e com uma anca defeituosa. Tecnicamente, não estou a infringir nenhuma regra. Os funcionários do tribunal disseram que eu não devia regressar à sala de audiências. Não disseram nada sobre eu estar no edifício. Passei sem problemas pela segurança. Admito que estava nervoso. Imagino que seja como os traficantes de droga se sentem na segurança do aeroporto. Mas o espetáculo, ou o livro, tem de continuar!

Helen encorajou-me a vir até aqui para contratar um observador do tribunal. Eu disse a Helen que seria mais fácil se ela viesse cá e tomasse as notas, mas ela não quer confundir as linhas entre criador e editor. Teria sido bom ter alguém da minha confiança nesta tarefa, mas percebo a posição de Helen. Ela não quer intrometer-se demasiado na minha história.

Nervosismo. Tenho imenso. O meu plano é observar de longe a multidão reunida à porta do tribunal, fixar o meu alvo e depois aproximar-me rapidamente dele com a minha oferta, antes que a notícia da minha presença se espalhe. Tenho um bloco de notas e uma caneta no meu saco para entregar ao observador do tribunal, mais cem libras em dinheiro. Se não concordar em

ajudar-me, peço a outro e depois deixo o assunto. Não quero chamar demasiada atenção e não tenho a certeza absoluta de que o que estou a fazer é legal. No mínimo, tenho a certeza de que seria malvisto. No entanto, do meu ponto de vista, não é diferente dos jornalistas que vêm cá e tiram notas.

Certo, regresso em breve para lhe dizer como me estou a sair. Deseje-me sorte.



– Não estava proibido de estar aqui? – questionou a observadora do tribunal quando a abordei com a minha proposta.

Pedi-lhe educadamente que falasse mais baixo, mas algumas cabeças já tinham começado a virar-se. Ela rejeitou abruptamente a minha proposta, sublinhando que este era o seu passatempo; coisas como tomar notas para outras pessoas transformavam-no num trabalho e não era isso que ela queria.

Agindo rapidamente, procurei o excêntrico observador do tribunal de que vos falei, aquele com a camisola do porco dançarino. Ele descreveu a minha oferta como «escandalosa» e aceitou de bom grado o meu dinheiro em troca de notas sobre os procedimentos do dia. Espero que este sistema funcione bem. Estou interessado em saber o que será dito hoje naquela sala. Depois da minha conversa com o Sr. Potts, não estou totalmente convencido de que Olive não tenha estado envolvida, bem como – ou mesmo em vez de – a sua mãe. Mas essa decisão cabe ao júri, no fim de contas. Além da dúvida razoável e tudo isso.

Estou a gravar isto no beco atrás do tribunal. Este é o sítio onde combinei encontrar-me com o observador do tribunal para trocar os bens pelo dinheiro, dentro de algumas horas. Agora que os dados estão lançados, tudo isto me deixa um pouco zozinho. Tenho algumas horas para queimar entre agora e o nosso encontro. Talvez vá ao Marks & Spencer comprar um polo... Não acredito... O que é que ela está a fazer aqui?



De volta a casa, de roupão, com uma chávena de chá na mão. Tenho de gravar isto esta noite. Tem de saber o que aconteceu há pouco.

Nas traseiras do edifício, havia carros estacionados ao longo do passeio e muitos ruídos de trânsito das ruas circundantes, mas só havia duas pessoas: eu e Olive.

Ela trazia um vestido verde comprido e, quando a vi pela primeira vez, estava a pontapear pedras com a parte lateral das sandálias. O seu cabelo loiro estava preso num rabo de cavalo. Os seus olhos estavam vermelhos e inchados. Quando me viu, franziu o sobrolho e desviou o olhar. Isso não me impediu de me aproximar para a cumprimentar. Na minha opinião, era a última oportunidade de conseguir algum conteúdo em primeira mão para o livro.

Quando me aproximei, ela virou-se e caminhou na direção oposta.

– Olive, espere! – chamei-a.

– Deixe-me em paz! – gritou ela, acelerando o passo até ficar bastante rápida.

Se não fosse o pavimento irregular, nunca a teria alcançado, mas a sua sandália ficou presa num buraco no cimento e ela aterrou no chão, com a mala de mão a deslizar à sua frente, espalhando o seu conteúdo por todo o lado.

Quando me aproximei, reparei que tinha um arranhão sangrento no Joelho e alguns cortes nas palmas das mãos. Ignorou-me quando lhe perguntei se estava bem e, novamente, quando lhe ofereci a mão para a ajudar a levantar-se. Então, baixei-me para recolher os pertences que estavam espalhados pela estrada. Consegui apanhar um batom e ia pegar numa caneta quando a minha anca travou e eu rolei para o lado, aterrando com um baque entre dois carros estacionados.

Olive levantou-se e ajudou-me a abeirar do passeio, onde nos sentámos na borda, lado a lado, a tratar dos nossos ferimentos.

– A minha mãe está inocente, sabe? – disse Olive, com a voz derrotada.

– Mas ela confessou, Olive – lembrei-lhe.

Ambos olhávamos para a estrada em vez de olharmos um para o outro.

– Ela confessou para me proteger.

– Então, matou Bruno? – perguntei-lhe. Pareceu-me uma pergunta impetuosa no momento, mas sabia que nunca mais teria outra oportunidade de falar com ela.

– Não – respondeu Olive. – Mas ela também não. Foi outra pessoa que o fez e está a safar-se. Um tom ligeiramente zangado tinha-se insinuado na sua voz.

– Quem estava a ter o caso? – perguntei.

– Eu – respondeu. – Mas acabou quando Deborah, a mulher de Bruno, descobriu. Ouça, você não nos pode ajudar, Hector. A não ser que tenha sido você e que queira confessar. – Olive virou-se para mim enquanto eu abanava a cabeça de um lado para o outro.

– Tem de saber como tudo isso soa, Olive – foi o que eu lhe disse.

– Se eu tivesse matado Bruno – disse ela –, nunca deixaria que a minha mãe ficasse com as culpas. Alguém naquele hotel o matou e eu vou descobrir quem foi. – Enfiou o resto dos seus pertences na mala de mão, levantou-se e afastou-se a correr pela rua.

Mantive-me sentado no passeio por mais algum tempo.

– Ali está ele! – Eram as gémeas, que apareceram de repente ao virar da esquina com um enxame de fotógrafos a segui-las. Marcharam na minha direção.

Não valia a pena tentar fugir. A minha anca estava empenada e não me conseguia levantar sem ajuda. Mantive-me no passeio, impotente, à espera de que me enfiassem as câmaras na cara.

Foi então que vi um dos batons de Olive preso debaixo da roda de um

carro. A parte de cima tinha-se soltado e não estava à vista. O som das câmaras a dispararem e das pessoas a gritarem na minha cara era cada vez mais alto.

– O que está a fazer aqui, Sr. Harrow? Não o expulsaram? – gritou um dos fotógrafos, enquanto clicava na sua câmara.

As gémeas pairavam atrás de mim, certificando-se de que estavam em todas as fotografias. Mas os meus olhos estavam focados noutra coisa. Inclinando-me ligeiramente para a frente, tirei o batom de Olive de baixo do pneu. E, então, uma revelação atingiu-me como uma tonelada de tijolos.

Preciso de falar com Fiona esta noite.

Capítulo



Fiona acabou de quebrar o protocolo do hotel. Disse-lhe que precisava do número de telefone de Olive do sistema de reservas, e ela anotou-o e veio entregá-lo. É absolutamente contra a política do hotel partilhar informação dos hóspedes, mas quando disse a Fiona o que pensava saber, ela deu-mo logo. E desejou-me sorte. Por Deus, como eu preciso dela.

O número de telefone esteve na minha mesa de cabeceira nos últimos dois dias, enquanto eu refletia sobre o que fazer. Se eu fizer isto bem, uma mulher inocente evitará a prisão. Para ser sincero, não tenho estado a acompanhar o processo em tribunal. A meu ver, já nada disso importa. Eles estão a agarrar-se a migalhas, e eu estou a agarrar-me a pedras sólidas. Vi alguns excertos nas notícias sobre o argumento da defesa. Estão a basear-se na falta de provas físicas – impressões digitais e coisas do género. Certamente que isso lançará suficientes dúvidas razoáveis na mente do júri. Mas o tempo está a passar. Dependendo do meu próximo passo, talvez consiga que o caso seja anulado antes de o júri começar a deliberar. Isso poupará Sue do *stress* do veredito. Ela está inocente, tenho a certeza disso agora. Mas quem acreditaria nas ideias loucas de um velho que é expulso de tribunais? Ninguém, especialmente quando a mulher que está a depor fez uma confissão verbal em frente a testemunhas. Preciso de provas concretas para levar à polícia.

Acabei de falar ao telefone com Olive. Como podem imaginar, eu caminhava nervosamente para um lado e para outro no jardim, de roupão, com uma chávena de chá de menta numa mão e o telefone na outra. Tocou três vezes antes de ela atender. Sorte. As minhas palavras saíram num murmúrio; aliás, não tenho a certeza se o que disse foi em inglês correto. Demorei um pouco a recompor-me e, depois de respirar fundo, disse:

– É o Hector, do Cavengreen, preciso de falar consigo.

Olive ficou zangada no início. Disse-me para a deixar em paz. Mas não desligou. Se ela quisesse mesmo que eu a deixasse em paz, teria desligado. Eu insisti. Disse-lhe que queria ajudar a tirar a mãe dela da prisão. Claro que ela ficou interessada na minha proposta. Mas não podíamos falar sobre ela pelo telefone. Pedi-lhe para vir cá. Esta era uma conversa que precisávamos de ter pessoalmente.

Como eu disse, preciso de provas concretas. Por isso, vou gravar a minha conversa com Olive. Mas isso levanta um problema: preciso que Olive autorize que seja gravada. Fiona foi inflexível quanto a isso. Disse-me que é ilegal gravar alguém sem a sua autorização e que, por isso, a gravação nunca poderia ser usada como prova. Mesmo que eu gravasse Olive a confessar o homicídio, a polícia nunca poderia usá-la.

Não havia hipótese de ela confessar nada se soubesse que eu estava a gravar. Vai ser complicado, mas Fiona teve uma boa ideia. Disse-me para dizer as palavras: «Estou a gravá-la, pode ser?», mas para fazer com que pareça uma piada parva relacionada com as minhas recentes peripécias no tribunal. Isso deve dissuadi-la de pensar que posso ter um dispositivo de gravação escondido debaixo dos meus livros de palavras cruzadas ou no meu bule de chá. Ela vem cá às onze. Isso dá-me tempo suficiente para tomar um duche. Se tudo correr bem, este pode ser o último capítulo do meu livro.



Olive deve chegar a qualquer momento. É muito emocionante, não acha? E inquietante ao mesmo tempo. Todos os meus ovos estão nesta cesta, e se não correr bem, então estou em apuros. De facto, se isto der para o torto, não haverá livro. Não vou publicar algo que acabe com a mulher errada atrás das grades. Para isso, pode ver o documentário de Dave Americano. O meu será a história completa. Helen vai transcrever a minha conversa com Olive para si.

Hector: Então? Olá, quero dizer.

Olive: O táxi não fazia ideia para onde estava a ir nestas ruas pequenas.

Hector: Está sempre a acontecer. Entre. Entre.

Olive: Estou um pouco arranjada de mais; é que vou encontrar-me com Patrick e as gémeas para almoçarmos em Leeds, mais tarde.

Hector: Bem, é um lindo vestido amarelo. Sente-se. Quer uma bebida?

Olive: Uma bebida?

Hector: Uma chávena de chá.

Olive: Claro. Obrigada. A sua casa é tão... acolhedora. E pitoresca.

Hector: Tenho a certeza de que é minúscula comparada com o sítio onde vive em Londres. Tem uma daquelas divisões só para o vinho, como o Cavengreen tinha? Eu tenho a mesma garrafa de tinto atrás do meu cesto do pão desde o ano passado. Já para não dizer que o tempo é muito melhor no Sul.

Olive: Fiquei surpresa com o frio que faz aqui, mesmo no verão. No entanto, houve alguns dias adoráveis. Como hoje.

Hector: Aposto que mal pode esperar por chegar a casa.

[Pausa.]

Hector: Biscoitos? Aqueles são Hobnobs e os outros são digestivos de chocolate.

Olive: Não, obrigada.

Hector: Só quero que saiba que estou a gravar esta conversa. Pode ser?... Ups, tenho migalhas nas calças.

Olive: Uh... claro. Oh, estou a perceber. Depois do que aconteceu no tribunal.

Hector: Não foi o meu melhor momento.

[Pausa.]

Olive: Porque é que estou aqui, Hector?

Hector: Preciso de lhe dar uma informação que acho, ou melhor, sei que vai libertar a sua mãe.

Olive: Continue...

Hector: Sei que matou Bruno.

Olive: Outra vez isso, não. Pensei que tinha algo de concreto para ajudar a provar a inocência da minha mãe.

Hector: E tenho.

Olive: Bem, então que provas tem?

Hector: A sua culpa é a minha prova. Vá lá, Olive. Porque é que matou Bruno?

Olive: Eu...

Hector: Está na altura de dizer a verdade, Olive.

Olive *[fungando]*: Não vai compreender.

Hector: Não preciso de compreender. Mas, se trabalharmos juntos,

podemos libertar a sua mãe. Não pode deixar que ela leve com a culpa pelos seus erros. Não é correto.

Olive: Eu sei.

Hector: Porque não me conta o que aconteceu?

Olive: Bem, está bem... mas tente não me julgar. Tudo começou há cinco anos. O Bruno era um dos meus professores na universidade. Apesar da diferença de idades, criámos uma amizade por causa da nossa paixão mútua por poesia clássica. Essa ligação amigável em torno da poesia rapidamente evoluiu para uma ligação amigável em torno da poesia e do bom vinho. Encontrávamo-nos às quintas-feiras à noite num pequeno bar de vinhos com apenas dez lugares sentados e luzes difusas. Partilhávamos uma taça de batatas fritas com trufa e uma garrafa do vinho que nos apetecesse. O meu preferido era o *chardonnay*, o dele era o *pinot*. Eu deixava-o sempre escolher o vinho.

Depois do vinho, íamos a um bar de *jazz*, onde nos perdíamos no som sensual do saxofone e nos olhos um do outro. A ligação entre nós era elétrica. Já para não dizer que o achava tão charmoso! Costumávamos conversar e beijar-nos no canto do bar de *jazz*. Eu tentava convencer Bruno a irmos para o meu apartamento, mas ele dizia sempre que não. Fazia questão de estar em casa às dez horas da noite, o mais tardar. Em vez disso, tínhamos encontros rápidos entre as aulas no seu gabinete.

Eu sabia perfeitamente que Bruno andava a sair com uma pessoa nessa altura, uma mulher chamada Deborah. Ele dizia que não era nada sério e que não tinha qualquer intenção de a pedir em casamento. Ele e Deborah partilhavam um apartamento em Camden, mas tinham praticamente vidas separadas durante a semana e, ao fim de semana, estavam ocupados a conviver com os amigos. Era raro passarem algum tempo sozinhos, apenas os dois.

Na altura, eu era solteira e, devo admitir, pressionei Bruno para que deixasse Deborah por mim. Mas ele questionava a nossa diferença de idades. Sendo quarenta anos mais velho do que eu, Bruno dizia-me que nunca me daria filhos e temia que um dia eu me cansasse dele e conhecesse outra pessoa... E foi o que aconteceu.

Conheci Patrick quando éramos recém-licenciados e trabalhávamos para o [nome do banco omitido por razões legais]. Ele era

bonito e carismático, e eu senti-me imediatamente atraída por ele. No entanto, não me precipitei. Bruno ainda me fazia feliz, mesmo que não pudesse dar-me tudo de si. Em vez disso, provoquei Patrick, rejeitando os seus avanços, mas namoriscando-o escandalosamente. Ele seguia-me como um cachorrinho. Até que um dia, mais ou menos um ano depois de nos termos conhecido, Patrick disse-me que tinha conhecido alguém. Antes disso, eu nunca tinha pensado no que sentia por ele. Ele estava sempre presente quando eu queria que ele estivesse. Nesse dia, arrastei-o para a sala de arquivo e beijei-o. Fomos viver juntos seis meses depois, e ele pediu-me em casamento um ano depois.

Tenho a certeza de que tudo isto parece muito romântico, mas recordo que estive com Bruno durante todo esse tempo. De facto, só no dia em que Patrick me pediu em casamento é que terminei o nosso caso. Bruno ficou muito ciumento e tentou reconquistar-me. Contou tudo a Deborah e deixou-a. Mas já era tarde de mais e eu disse-lhe várias vezes que estava tudo acabado. Porém, depois, começámos a encontrar-nos em segredo, para tentarmos encontrar um desfecho, e esses momentos levavam sempre a um beijo partilhado.

Sempre que isso acontecia, sentia-me tão culpada. Sinceramente, queria passar o resto da minha vida com Patrick. E ainda quero. Ele faz-me feliz. Ele é de uma boa família, quer ser pai e tem uma carreira promissora. Mas era muito difícil porque, apesar de todas as coisas boas de Patrick, ele não era Bruno.

À medida que o dia do casamento se aproximava, fui ficando cada vez mais ansiosa quanto à minha relação com Bruno. Deixei de atender os seus telefonemas e não respondia às suas mensagens. Ele ameaçou aparecer no casamento e contar tudo a Patrick. Escondi a minha ansiedade de toda a gente – exceto da minha mãe, a quem fiz confidências. Só a minha mãe sabia da confusão em que eu me tinha metido.

Estávamos ambas em alerta máximo quando chegámos ao Cavengreen, com medo de que Bruno aparecesse a qualquer momento. Tentei afastar essa ideia da minha mente, ignorando as suas ameaças, como se não passassem disso. Há uma semana que não tinha notícias dele e esperava que tivesse recuperado o juízo e se tivesse acalmado. Mas, na manhã do casamento, eu estava extremamente nervosa. Até à noite, não fazia ideia de que ele estava no hotel.

Mas, mesmo antes da minha primeira dança com Patrick, recebi uma mensagem de Bruno, dizendo-me que estava no Cavengreen, na suíte sete. Disse-me que queria ver-me. Respondi-lhe, pedindo-

lhe que esperasse. Mas ele ameaçou que, se eu não fosse ter com ele, ia estragar o casamento. Então, disse-lhe que mais tarde sairia às escondidas para o ver. Ele tinha de deixar a porta do terraço destrancada para mim.

Depois de... você sabe... consumir o meu casamento, vesti um roupão e saí à socapa enquanto Patrick dormia. Desci ao terraço e abri a porta da suíte sete. Bruno esperava-me lá dentro com uma taça de champanhe na mão. Deu-me uns parabéns sarcásticos antes de beber o copo todo de uma só vez. Lembro-me de o ver a estremecer com as bolhas.

Sentámo-nos na ponta da cama e Bruno fez o seu melhor para me reconquistar. Olhou para mim com aqueles olhos e, estupidamente, deixei-o beijar-me. Mas travei-o antes que nos deixássemos levar.

Para mim, Bruno parecia seguro e masculino, enquanto o meu marido era jovem e inexperiente. Bruno pediu-me para fugir com ele. Agarrou na minha mão e puxou-me em direção à porta. Eu tirei a minha mão e fugi para o terraço. Ele agarrou-me por trás e eu caí ao chão. Ele virou-me e prendeu-me. Eu debati-me, mas ele era demasiado forte, por isso... Eu rendi-me.

Naquele momento, soube que tinha de jogar um jogo diferente. Disse-lhe que me ia embora com ele, mas só se fizéssemos as coisas como deve ser. Sem Patrick, sem Deborah. Bruno concordou: ele tinha finalmente conseguido o que queria.

Deu-me um beijo nos lábios. Aquele último beijo fez-me sentir enojada, mas tentei não deixar transparecer os meus verdadeiros sentimentos. Estava uma faca pousada no minibar de Bruno; eu tinha reparado nela quando entrei no quarto. Era uma faca de carne que Bruno tinha obviamente usado para o seu jantar. Aproximei-me dela, sorrindo docemente para Bruno enquanto ele juntava as suas coisas. Peguei na faca e segurei-a atrás das costas. Bruno abriu os braços para me abraçar. Estava tão feliz.

As minhas mãos tremiam enquanto me dirigia para ele. Sabia que só tinha uma hipótese. Esperei até estar a uma distância perfeita e depois rodei o braço e enfiei a faca no coração de Bruno. Os seus olhos arregalaram-se e ele agarrou-se ao peito enquanto o sangue jorrava por todo o lado. Dei um salto para trás para evitar os salpicos. O meu coração partiu-se quando o meu primeiro amor caiu no chão.

Não havia tempo a perder. Agarrei Bruno pelos braços e arrastei-o para a casa de banho. Não sei explicar o que me passou pela cabeça; talvez tenha pensado que se alguém entrasse na suíte para o procurar, pensaria que ele tinha saído. Depois, peguei no iPad e na faca e saí pela porta do terraço.

De volta à minha suíte, entrei em pânico. Corri para a casa de banho do andar de baixo e embrulhei o iPad e a faca numa toalha, colocando-os na banheira. Depois voltei a deitar-me na cama. Foi nessa altura que Patrick acordou, querendo consumir o nosso casamento outra vez.

Hector: E foi só isso? Pensou que se ia safar com o homicídio de um homem?

Olive: Tinha esperança. O Patrick ressonava ao meu lado, mas eu não dormi nada nessa noite. Estava sempre a pensar em ter de ir para a prisão. Não me ia aguentar muito bem. Não com o meu sotaque e aparência. Estava decidida a não ir parar lá, por isso comecei a pensar num plano para me livrar da arma do crime.

Hector: Mas, primeiro, o chá da tarde?

Olive: Mas, primeiro, o chá da tarde. Sentia-me completamente entorpecida enquanto colocava um vestido branco esvoaçante, esticava o cabelo e aplicava um batom cor-de-rosa. Cada momento parecia imerecido, agora que tinha matado alguém. Patrick estava de ressaca, à procura de analgésicos. Eu sabia que estavam na casa de banho do andar de baixo, por isso fui lá buscá-los, dizendo a Patrick que queria passar o resto da minha vida a cuidar dele.

Foi enquanto estava lá em baixo que usei o iPad para lhe enviar uma mensagem para a secretária de mordomo, pedindo gelo para a suíte sete. A culpa tinha-me dominado. Queria que Bruno fosse encontrado por alguém, para que, pelo menos, já não estivesse sozinho.

Hector: E diga-me, o que lhe passou pela cabeça quando me viu entrar no Lavender Plates num estado tão terrível?

Olive: Você estava tão frenético, mal conseguia respirar. Eu era a única outra pessoa naquela sala que sabia a razão. Estava preocupada consigo, mas acima de tudo estava aliviada por

Bruno já não ser um cadáver escondido, mas uma pobre alma assassinada. Fiquei reconfortada quando uma equipa inteira de polícias apareceu para fazer justiça ao meu antigo amante. Mas eu tinha de me certificar de que não descobriam que tinha sido eu.

Quando o chá da tarde terminou, fiz uma confidência à minha mãe. Como a maioria das mães faria, ela prometeu proteger-me – acontecesse o que acontecesse. Juntas, inventámos histórias de autodefesa, mas eu sabia que não tinha havido luta. Disse à minha mãe que tinha matado Bruno num momento de loucura.

[Helen para a gravação e pergunta a Hector sobre o momento em que ouviu Olive dizer à mãe que não tinha sido ela. Hector responde que não sabe o que Olive quis dizer com aquilo. Ele sugere que talvez estivessem a ensaiar as mentiras que iam contar.]

Olive: As coisas complicaram-se quando eu e a mãe voltámos à suíte nupcial. Patrick tinha descoberto a arma do crime na banheira e eu tinha de pensar depressa. Então, disse a Patrick que a minha mãe tinha matado Bruno em legítima defesa, porque ele estava a ameaçar expor o caso deles. A minha mãe ficou alarmada quando eu disse isto, mas aceitou. Assim, durante todo este tempo, Patrick acreditou que era a minha mãe que tinha um caso com Bruno. E como meu marido, prometeu ajudar a proteger-nos às duas.

Hector: E como se sente agora, sabendo que se se entregar para salvar a sua mãe da prisão, Patrick vai descobrir o seu caso?

Olive: Devastada. Eu amava os dois homens e agora perdi-os.

Hector: Algum arrependimento?

Olive: Muitos. Gostava de ter terminado a minha relação com Bruno antes de ela ter realmente começado. Gostava de ter sido mais sensata e de ter percebido que ele nunca deixaria a sua companheira por mim. Gostava de o ter excluído da minha vida quando conheci Patrick. Mas, acima de tudo, gostava de não o ter matado. Na altura, parecia ser a única forma de lhe escapar. Ele não queria deixar-me ir e eu pensei que matá-lo o tiraria da minha vida sem que Patrick tivesse de descobrir o caso. Mas agora ele vai descobrir na mesma.

Patrick queria chamar os advogados para nos ajudarem a sair da confusão em que nos encontrávamos, mas eu consegui convencê-lo de que não podíamos contar nada a ninguém. A minha mãe alinhou em tudo, mas tenho a certeza de que agora se arrepende.

O plano era agir normalmente durante o máximo de tempo possível. Não dizer nada à polícia. Mas ainda tínhamos a arma do crime. No terceiro dia, a polícia estava a preparar-se para revistar a nossa suíte. Precisávamos de fazer a nossa jogada. Patrick certificou-se de que a costa estava livre para que a mãe e eu pudéssemos esconder a faca. Tenho a certeza de que, agora, se vai sentir um tolo por me ter ajudado. Só espero que a polícia não seja dura com ele.

De manhã cedo, Patrick saiu para o jardim, vestido com o seu roupão de banho, para verificar se não havia lá ninguém; e, quando nos deu o sinal, pegámos na faca, no iPad e nas botas, que tínhamos embrulhado numa toalha, e dirigimo-nos para o centro do labirinto, receando esbarrar com outro hóspede em cada beco sem saída ou curva apertada.

Quando chegámos ao centro, pousei o embrulho, agarrei na mão da minha mãe e, cheias de adrenalina, saímos juntas a correr. Estava aliviada por me ter livrado das provas e a minha mãe também parecia estar. Olhando para trás, sei agora que a minha mãe estava assustada com aquilo em que se tinha metido. Sinto-me tão egoísta. Mas não pensei que chegasse a este ponto.

Bem, agora já sabe a história toda. O que é que acontece agora?

Hector: Vamos publicar este livro e pô-lo nas lojas, e depois podemos pôr a mulher certa atrás das grades, onde ela pertence.

Fim.

Capítulo



Acredite, consigo imaginar o seu grau de surpresa ao chegarmos aqui. Mas, como vê, eu tinha de o fazer parecer convincente – o fim do livro. Helen enviou o rascunho final para os editores na semana passada. Mas receio que o livro não esteja terminado. Helen está a caminho para conversar e ajudar-me a descobrir o verdadeiro final desta história. Helen tem feito um trabalho maravilhoso neste último mês. No outro dia, estávamos a brincar sobre a graça de alguns poderem ler este livro junto a uma piscina durante as férias, ou no comboio para o trabalho, quando, para mim, foi um período tão intenso da minha vida. Para si, é apenas mais um livro que em breve esquecerá.

Deixe-me dizer-lhe como estamos enquanto espero que Helen chegue. Não passou muito tempo desde a última vez que falei consigo. Aliás, o julgamento de Sue ainda está a decorrer. Pelo que vi nas notícias, as alegações finais deverão ter lugar no final desta semana. Mas nada disso vem ao caso. Só é importante porque quero que *O Mordomo* esteja nas lojas logo após a conclusão do caso, se não antes. Não ouvi mais nada de Olive, não que estivesse à espera de ouvir. Tanto quanto sei, ela fugiu para Espanha, mas isso não impedirá que a verdade venha ao de cima neste livro.

Tudo o que leu até agora já foi digitado pela adorável Helen e passou por uma grande revisão. A equipa da editora tem trabalhado dia e noite para o conseguir, abençoados sejam. Gostaram do final. Acharam que foi uma grande reviravolta, expor Olive como a verdadeira assassina, e o facto de o meu livro ter esse exclusivo deve torná-lo bastante popular. Mesmo que venda

um exemplar, desde que seja ao detetive Raj ou a outra pessoa da polícia do Yorkshire, ficarei muito contente.

Helen disse-me que gostou muito de voltar a trabalhar num livro. Agora que está reformada, tem saudades da sua vida antiga. Eu compreendo. Helen é que tem estado a liderar todo este processo. Acho que ela pensa que eu preciso do dinheiro imediatamente. Por isso, é melhor pô-lo nas lojas o mais depressa possível. Sempre achei que ser lançado antes do Natal seria bom. Gosto da ideia de ser enfiado numa meia sobre a lareira. Mas vai sair muito antes disso.

Helen está aqui; estou a ouvir o portão. Digo-lhe o que vou fazer: vou pôr o gravador na mesa, para que possa ler exatamente o que é dito entre nós. É mais fácil do que eu explicar tudo mais tarde e esquecer-me de algumas partes.

Hector: Para efeitos do gravador, gostaria de anunciar que Helen chegou. Isto fez Helen rir um pouco. Não te importas que eu grave isto...

Helen: Está bem, Hector. E bom dia.

Hector: Para ambientar a cena, Helen está vestida com uma blusa lilás e umas calças de ganga azul-claras. Fico contente por ver que ela tem na mão uma caixa da pastelaria Maude's.

Helen: Muito bem, Hector. A preparar a cena. Já és um grande profissional, não és? Trouxe o meu portátil, mas não consigo imaginar que tipo de final alternativo estás a considerar. A editora adora-o como está. Está tudo pronto, por isso... o que é que se passa?

Hector: Eu sei, eu sei, peço desculpa por ser tão picuinhas. Mas lembrei-me de mais alguns pormenores que são cruciais para a história. Preciso da tua ajuda para juntar as coisas, porque está tudo um pouco confuso no meu cérebro.

Helen: Bem, então desembucha, Hector. Vamos lá. O tempo urge. Podes arranjar-me uma faca para estes bolos? Pensei que hoje podíamos partilhar uma tartelete de maracujá e uma fatia de tarte de limão e merengue.

[Pausa.]

Hector: Aqui tens. Obrigado, Helen. Obrigado por toda a tua ajuda a contar a minha história. Ambos sabemos que não o teria conseguido sem ti.

Helen: Não tens de quê, Hector. Foi um prazer enorme.

Hector: Vamos sentar-nos aqui no sofá. Chá?

Helen: Sim, por favor. Vai ser ótimo com a fatia da tarte de limão e merengue. Sabes que é uma das minhas preferidas.

Hector: Eu sei.

Helen: Então, o que é que, de repente, te apercebeste que deixaste fora do livro?

Hector: Essa é uma pergunta difícil, Helen. Somos amigos há muito tempo. Mas na última semana, aproximadamente, apercebi-me de que, afinal, não estava a escrever a *minha* história.

Helen: O que queres dizer com isso, Hector?

Hector: Apercebi-me de que estava a escrever o *teu* álibi.

[Pausa.]

Hector: Para efeitos do gravador, Helen parou de cortar o bolo e está a franzir o sobrolho...

Helen: Oh, cala-te com isso do gravador, Hector! Não faço a mínima ideia do que estás a dizer. O *meu* álibi?

Hector: Sim, o *teu* álibi. Há uma razão para teres insistido tanto em que eu escrevesse o meu livro, dizendo que me ajudarias e que, uma vez terminado, farias tudo o que pudesses para o publicar, para expor Olive como assassina.

Helen: Sim, porque somos amigos, Hector. Faria tudo para te ajudar e pensei que ficarias entusiasmado com a oportunidade. Sabes quanto gosto de livros; esta história parecia ser maravilhosa.

Hector: Pode ser esse o caso, Helen. Mas passar tanto tempo com um velho rabugento como eu, sem qualquer benefício para ti...

Helen: Gosto da tua companhia, Hector. E gosto de ajudar novos autores a encontrar o seu lugar.

Hector: E eu também gostei muito deste processo. Mas sempre o disse: isto teria de ser uma história *verdadeira*. E, neste momento, não é. O livro está inacabado.

Helen: Desculpa, Hector, mas estou completamente perdida. O livro está terminado. Sue está a ser julgada. Confessou o homicídio para proteger a filha, a verdadeira assassina, que foi desmascarada no último capítulo do teu livro. Não podia haver um final mais perfeito.

Hector: Só que Olive não matou Bruno.

Helen: Ela... não foi ela?

Hector: Não. Foste tu.

Helen: Do que estás a falar, Hector? Perdeste completamente a cabeça.

Hector: Também começava a pensar isso. Mas foi depois de uma coisa que disseste durante uma das nossas últimas sessões de

edição que tudo começou a fazer um pouco mais de sentido. A conversa que testemunhei entre Olive e Sue, quando a noiva insistia que não tinha nada que ver com o homicídio: ela estava a dizer a verdade, mas a mãe não acreditava nela.

Helen: E o que é que eu disse exatamente que te faz pensar que me podes apontar o dedo? Eu nem sequer estava lá.

Hector: Só que *estavas* lá, Helen. Há duas terças-feiras, estávamos aqui sentados a discutir alguns pormenores sobre o livro. Eu comi uma fatia de bolo de baunilha e tu de bolo de chocolate. Estávamos a falar dos jardins do hotel, do cenário, e tu sugeriste que incluíssemos um pormenor de que eu sei que não tinha falado. Disseste que devíamos mencionar que as cabeças das rosas tinham sido cortadas.

Helen: E, de repente, eu sou a assassina? Porquê falei das rosas?

Hector: Não há maneira de saberes que as rosas tinham sido cortadas na manhã anterior por causa de um tipo de fungo chamado *Botrytis cinerea*. Provavelmente, o fungo foi resultado de um tempo particularmente húmido nas semanas que antecederam o casamento. Não é possível que soubesses isso. Só eu e os jardineiros é que sabíamos. Mas, de alguma forma, *tu sabias*.

Helen: Isto é ridículo, Hector. Vou-me embora. Depois diz-me se queres continuar com o livro ou não.

Hector: No início, não pensei em nada disto, mas depois de Olive ter mencionado que Bruno tinha tido uma relação durante dez anos, mas nunca pedira a companheira em casamento, lembrei-me de que era exatamente o caso do teu ex-companheiro. Tu queixavas-te sempre a Josie de que ele nunca te pedia em casamento – e ela contou-me tudo. O que despertou outra memória. Uma recordação de ti e dele no hotel.

Helen: Que disparate. Nunca estive no Cavengreen.

Hector: Estiveste. Fiona confirmou-me isso no sistema. Os registos dizem que ficaste no hotel durante duas noites há cerca de oito anos. Estavas a celebrar o segundo aniversário de relação com o teu companheiro.

Helen: Oh, claro. Agora já me lembro. Hector, não é nada de especial; tinha-me esquecido, só isso.

Hector: Ninguém se esquece do Cavengreen. Foi então que me ocorreu: eu nunca esqueço uma cara, só esqueço de onde conheço as pessoas.

Helen: De que é que estás a falar?

Hector: Da vítima, Bruno. Tinhas uma relação com ele.

Helen: Percebeste tudo mal, Hector.

Hector: Lembro-me de reconhecer Bruno quando o vi. Durante este tempo todo, pensei que ele fosse uma celebridade ou alguém da televisão. Quando percebi quem ele era, soube que tinha de voltar a falar com Olive.

Helen: Mas e a conversa que tiveram? Ela confessou que era a verdadeira assassina.

Hector: Isso foi encenado. Falso.

Quando pensei em convidar Olive para vir cá, foi com a intenção de a expor como a verdadeira assassina e conseguir o nosso final. Mas depois de Fiona ter confirmado a vossa estadia no Cavengreen, e de eu ter reavivado memórias, concebi um novo plano.

Quando Olive chegou, contei-lhe o que sabia e mostrei-lhe uma fotografia tua. Ela confirmou que eras a companheira de Bruno e

que tinhas ido vê-la, ameaçando expô-la, na semana antes do casamento. Sabias que o caso deles tinha recomeçado no ano anterior e, quando Bruno te trocou por ela, ficaste zangada. Sabias que ele ia tentar impedir o casamento de Olive, por isso nessa manhã entraste sorrateiramente no quarto dele no Cavengreen e mataste-o.

Sabias que não havia câmaras de vigilância nas portas do terraço. Encorajaste-me a escrever a minha história para solidificar as tuas mentiras nas páginas deste livro. Este era o teu álibi. Foi por isso que me pediste para mudar o teu nome para poderes ser um escritor fantasma, não foi, Deborah?

[Nota de Hector: Devo acrescentar que este último capítulo foi passado a texto por Fiona. Um grande obrigado a Fiona. Ela ofereceu-se, muito gentilmente, para me ajudar a acabar o meu livro. E também gostaria de acrescentar que convidei Fiona para um encontro na semana passada e ela aceitou. Esta parte não é realmente relevante para a história, mas achei que devia informar os leitores de que a minha vida após o homicídio está a melhorar. Não precisam de se preocupar comigo. Estou ótimo.]

Helen (Deborah): Mas Olive confessou! Está na cassete que vamos entregar à polícia.

Hector: Como já te disse, nada daquilo foi real. Foi encenado. Olive concordou em ajudar-me se isso significasse que podíamos expor-te como a verdadeira assassina. Ela contou o suficiente da sua própria história para a tornar credível; a verdade sobre a sua relação com Bruno, como se esgueirou para a sua suíte para o ver na noite do homicídio, e como teve de se desfazer da arma do crime que colocaste no quarto dela, inventando uma história para o marido sobre o caso da sua mãe com a vítima, para que ele a ajudasse. Mas eu pus outro gravador a funcionar ao mesmo tempo, e esse tem a conversa completa, incluindo a parte em que falámos sobre fingir a nossa conversa para ti. Ela também gravou a conversa no telemóvel dela. Tinhas de acreditar que o livro estava terminado, que ninguém te estava a seguir. Olive ajudou-me com isso.

Helen (Deborah): Não acredito que me tenhas feito isso.

Hector: Por certo, ter-te-ás questionado sobre a razão por que Olive confessou um crime que *tu* cometeste. Não acredito que não tenhas notado todas as inconsistências e falhas na história dela. Como editora, devias ter perguntado. Mas não o fizeste. Estavas demasiado desesperada para escrever «fim» e ter a confissão de Olive gravada nestas páginas para sempre. Nem sequer perguntaste porque é que ela não conseguia explicar o que estava a pensar quando arrastou o corpo para a casa de banho, já para não falar do porquê de ela não conseguir explicar as botas ou o iPad. Talvez possas preencher estes espaços em branco para o leitor.

Helen (Deborah): Enganaste-me, Hector!

Hector: Desculpa, Deb. Mas está na altura de dizeres a verdade. A polícia está a caminho, por isso, que tal começares agora? Vamos lá. Dá a *O Mordomo* o final que ele merece.

Helen (Deborah): Ele deixou-me, Hector. O amor da minha vida deixou-me por uma mulher quarenta anos mais nova do que ele. Fiquei de coração partido e humilhada... e *furiosa*.

Quando ele disse que ia ao Cavengreen para impedir o casamento, eu sabia que era a minha oportunidade. Fui lá com a intenção de o matar. Lembrei-me de me teres falado uma vez sobre a falta de câmaras de videovigilância no terraço, por isso escondi-me no labirinto de sebes logo às cinco da manhã, sabendo que Bruno fuma sempre, sem falhar, um cigarro às seis, antes de tomar banho. Durante uma longa hora, fiquei a olhar para aquelas rosas cortadas. Depois, Bruno saiu e fumou o seu cigarro, revelando ao mesmo tempo qual era a sua suíte. Esperei mais um pouco, depois corri para o quarto dele. Quando Bruno saiu do duche, eu estava lá à espera com a faca. Ele nem sequer teve oportunidade de dizer alguma coisa antes de eu a cravar no seu peito, apontando para o coração. Ele tentou agarrar os meus pulsos e lutar comigo, mas era tarde de mais; já estava a ficar fraco.

Quando caiu de joelhos, olhou para mim com desespero. Olhei-o nos olhos pela última vez, sem sentir nada enquanto via a vida a esvair-se dele. Senti-me reconfortada por saber que ele tinha morrido. Mas, depois, tive de me certificar de que não era

apanhada.

Hector: Então, tramaste a noiva?

Helen (Deborah): Queria que ela sofresse como eu tinha sofrido. Sabia que não seria difícil fazer com que parecesse que tinha sido ela a fazê-lo. Ela tinha um motivo. Só não estava à espera de que a mãe assumisse as culpas por ela. Não era isso que eu queria.

Hector: Diz-me como o fizeste, Deborah.

Helen (Deborah): Hector, não sei se estou em condições...

Hector: Já guardas este segredo há tempo suficiente. Não queres desabafar?

Helen (Deborah): Bem, não tenho alternativa, agora que fui tramada pelo *Botrytis cinerea*! Desculpa, suponho que não tenha piada.

Hector: Estamos a chegar ao fim da história, Deb. Porque é que não preenches os espaços em branco?

Helen (Deborah): Pus o sinal de «Não incomodar» na porta e planeei esperar no quarto até às 15 horas, altura em que eu sabia que o hotel oferecia o chá da tarde no Lavender Plates. Eu própria já tinha ido a um quando me hospedara lá há muitos anos. E sabia que precisava de esperar mais de oito horas, para dificultar a determinação da hora exata da morte pela equipa forense. Isso era necessário para me ajudar a incriminar Olive.

Sentei-me na ponta da cama, a olhar para o corpo, durante mais de duas horas. Arrastei-o para a casa de banho quando o *rigor mortis* começou a aparecer no seu rosto. Não conseguia suportar olhar para ele assim. E tens sorte de eu o ter feito. Se não tivesse arrastado o corpo dele, talvez estivesses agora na prisão, Hector.

Hector: Sorte? *Hmph.*

Helen (Deborah): Sabes o que é estar sentado num quarto com um cadáver o dia todo? Não, acho que não sabes. Bem, é horrível. Parece que estamos a ser assombrados.

Hector: Tinhas acabado de o matar, Deb. Não me surpreenderia se Bruno te estivesse a assombrar.

Helen (Deborah): Pouco antes das três, ouvi gente a tagarelar enquanto passava pela suíte a caminho do chá da tarde. Pelo óculo vi-a – ao vivo – a passar com o novo marido e o que presumo serem os padrinhos dele. Parte de mim queria sair a correr e matá-la também, mas tive de me controlar. Esperei mais quinze minutos e, depois, tirei o sinal de «Não incomodar» da porta e usei o iPad para enviar uma mensagem ao serviço de mordomo a pedir um balde de gelo. Eu sabia que serias tu a encontrar o corpo.

[Nota de Hector: Foi nesta altura que parei o gravador e saí da divisão. Levei-o comigo, claro, por precaução. Precisava de respirar um pouco na cozinha. A chaleira ainda estava quente, por isso fiz outra infusão. Deborah – que é Helen para si – significava e continua a significar muito para mim, mas foi aí que percebi que ela não era minha amiga. Colocar-me numa situação em que encontraria um homem assassinado, uma visão que me assombraria para o resto da vida... ela sabia o que estava a fazer, e não se importava. Esperava que Deborah tivesse fugido enquanto eu preparava o meu chá, mas quando voltei à sala de estar ela ainda lá estava.]

Helen (Deborah): Lamento, Hector, mas tinhas de ser tu a encontrar o corpo. Eu sabia que eles nunca suspeitariam de ti e que, com tudo o que vês e ouves no hotel, de alguma forma os levarias até Olive.

Hector: Mas eles suspeitaram de mim, Deb. Tornaram a minha vida num inferno durante aqueles quatro dias. Chamaram-me assassino. No hotel a que dediquei a minha vida nos últimos

cinquenta e tal anos.

[Hector bate na cabeça três vezes.]

Helen (Deborah): Para de fazer isso, Hector. As pancadas não o vão fazer desaparecer. E nunca foi minha intenção meter-te em sarilhos.

Hector: Então, como é que tramaste Olive?

Helen (Deborah): Na última vez que estive com Bruno, ele pediu-me o portátil emprestado para uma videochamada de trabalho. De alguma forma, o telemóvel dele ligou-se ao meu portátil e comecei a receber os *e-mails* dele. Eram sobretudo coisas aborrecidas, atualizações de trabalho e contas. Mas, na noite do casamento de Olive, começaram a chegar *e-mails* com o nome dela. Bruno e Olive estavam a trocar mensagens. Ele disse-lhe que estava no hotel e que queria vê-la. Ela implorou-lhe que se fosse embora, mas, como ele recusou, disse que iria visitá-lo ao quarto depois da meia-noite. Por volta da 1h45, Bruno recebeu outro *e-mail* de Olive, dizendo que tinha sido bom vê-lo, mas que tinha de seguir em frente. Ela terminou o *e-mail* com: *Vou amar-te para sempre*. O plano era quase demasiado perfeito. Pensei que a polícia encontraria os *e-mails*, a prenderia e acabaria com o assunto. Não esperava que o detetive Raj fosse tão incompetente. Da forma como planeei tudo, devia ter sido um caso fácil de resolver. Graças a Deus que coloquei a arma do crime no quarto dela.

Hector: Oh, Deb...

Helen (Deborah): Eu sei. Eu sabia que só tinha alguns minutos antes de chegares à porta, por isso peguei rapidamente na faca e no iPad e corri para o terraço, depois corri para a suíte nupcial e espreitei pela janela para me certificar de que não estava ninguém por perto. Felizmente, a porta estava destrancada. Descalcei as minhas botas ensanguentadas e entrei. Coloquei as botas, o iPad e a arma do crime na banheira e deitei uma toalha por cima. Os objetos tinham de ser fáceis de encontrar. Era o

sítio perfeito para esconder a arma à vista de todos. Depois, corri descalça pelos jardins. Surpreende-me que ninguém me tenha visto, mas consegui sair pelo portão das traseiras sem ser vista. Não podia ter corrido melhor.

Hector: Até agora.

Helen (Deborah): Até agora.

Hector: Não achaste que os teus amigos da editora iam juntar dois mais dois quando se apercebessem de que o meu livro, o livro que me ajudaste a escrever, era sobre o homicídio do teu companheiro?

Helen (Deborah): Eles nunca o conheceram. Ninguém o conheceu. Tínhamos vidas muito separadas.

Hector: Podias tê-lo deixado ir embora. Não precisavas de o matar.

Helen (Deborah): Eu sei disso. E acredita em mim, tentei manter-me afastada. Mas fui consumida por este desejo de o fazer pagar. Quando meti na cabeça que o queria matar, sabia que o ia fazer. Ele tinha-me feito passar por idiota.

Hector: Isso não é razão para tirar a vida a alguém.

Helen (Deborah): Nem sempre. Mas, neste caso, era. Pelo menos para mim.

Hector: E quem diria que seria eu – apenas um velho mordomo – a desvendar o crime?

Helen (Deborah): És mais brilhante do que pensas, Hector.

Hector: Acho que acabei de ouvir um carro a parar lá fora. Parece que

os nossos amigos chegaram.

Helen (Deborah): A polícia. Ah, sim. Bem, então acho que ficamos por aqui.

Hector: Acho que sim. Fica bem, Deb.

Helen (Deborah): Foi uma aventura maravilhosa, Hector. Acho que tens um *bestseller* nas mãos.

Hector: É melhor deixá-los entrar. Estás pronta?

Helen (Deborah): Tanto quanto possível.

Hector: Uma última coisa antes de ires, Deb. Porque é que estás a ser tão transparente com a verdade agora?

Helen (Deborah): Sabes que faço qualquer coisa por um bom livro, Hector. E, agora, este tem certamente o final que merece.

Fim. A sério.

NOTAS E AGRADECIMENTOS

Se ao menos eu pudesse entrar na sua imaginação e ver a sua versão do Cavengreen... Adorava poder bisbilhotar a forma como dispôs as mesas e as cadeiras no Lavender Plates, e como era o seu *lobby*. Se está curioso, o sítio mais próximo que encontrei no mundo real do mundo na minha cabeça é um hotel bastante agradável nos Yorkshire Dales chamado Grantley Hall.

A sua versão de Dave Americano também me interessaria. Para mim, ele tem a cara do ator Stephen Dunham com a voz de Matthew McConaughey. Coroadado com um grande chapéu de *cowboy*, claro.

Há uma pequena referência a Manchester no livro. Foi lá que eu nasci e cresci. As pessoas do norte de Inglaterra têm imensa personalidade sem sequer o saberem. Obrigada aos meus pais, Jackie e John, por me terem criado num lugar cheio de futuras personagens de livros.

Também deve ter reparado na referência à Austrália. A minha família do Reino Unido concordaria com Hector quando ele diz que é demasiado longe. Atualmente, vivo em Melbourne com Philip e a nossa filha, Sienna. E quando estiver a ler isto, a nossa segunda filha, que me está a dar pontapés nas entranhas enquanto escrevo, já terá chegado.

Quero agradecer infinitamente a Robert Watkins, da Ultimo Press, por ter apostado no primeiro manuscrito não solicitado da sua carreira. Estou grata por ele ter visto algo de especial nele. O que me leva à minha leitora beta, que se tornou revisora de texto (que encontrei no Airtasker, imaginem!), Sophie Bellotti, por me ter ajudado a preparar a minha submissão.

Esta história está marcada na minha mente como tendo sido criada durante a minha licença de maternidade. Este é o livro de Sienna. Obrigada por dormires sextas maravilhosas para que eu tivesse tempo de fazer isto.

Table of Contents

1. Capa
2. Ficha Técnica
3. Capítulo 1
4. Capítulo 2
5. Capítulo 3
6. Capítulo 4
7. Capítulo 5
8. Capítulo 6
9. Capítulo 7
10. Capítulo 8
11. Capítulo 9
12. Capítulo 10
13. Capítulo 11
14. Capítulo 12
15. Capítulo 13
16. Capítulo 14
17. Capítulo 15
18. Capítulo 16
19. Capítulo 17
20. Capítulo 18
21. Capítulo 19
22. Capítulo 20
23. Capítulo 21
24. Capítulo 22
25. Capítulo 23
26. Capítulo 24
27. Capítulo 25
28. Capítulo 26
29. Capítulo 27
30. Capítulo 28
31. Capítulo 29
32. Capítulo 30
33. Capítulo 31
34. Capítulo 32
35. Capítulo 33
36. NOTAS E AGRADECIMENTOS

Landmarks

1. [Cover](#)
2. [Title-Page](#)
3. [Table of Contents](#)